A HISTÓRIA NÃO CONTADA DE PEDRO

A Refutação do Papado de Pedro e seu Primado em Roma

Agradecimentos

A todos os meus leitores, pelo apoio imprescindível sem o qual não existiria este livro, e também a todos os que me odeiam, pois sem eles meu trabalho seria menos divertido. Ao meu amigo Matheus Carrel, pelo prefácio e pela amizade tão valiosa. A Rafael Paris, pela proveitosa troca de e-mails sobre o assunto, que também me foi útil. A Cristiano Macabeus, por sempre se empenhar em aumentar o número de visitas do meu site. À minha família, meu bem mais precioso na terra. A Deus, por quem eu vivo e em quem existo.

Sumário

Prefácio 4

O Pedro de Roma e o Pedro da Galileia 6

Quem é Pedro? 9

Seria Pedro um presbítero superior aos demais presbíteros? 17

Pedro era a cabeça dos apóstolos? 30

Qual discípulo era o maior? 34

Quem liderou o Concílio de Jerusalém? 39

Paulo contra Pedro em Antioquia 50

O papa é o Sumo Pontífice? 55

Nenhum enviado é maior do que aquele que o enviou 63

Paulo reconhecia Pedro como o Sumo Pontífice? 66

Mateus 16:18 70

Agostinho e a pedra de Mateus 16:18 96

Outros Pais da Igreja sobre Mateus 16:18 103

Refutações 115

205 Provas contra o primado de Pedro 129

A Missão Secreta de Pedro 155

De que "Babilônia" Pedro escrevia? 172

Pedro nunca foi bispo de Roma 179

Cronologia histórica da vida de Pedro 204

A primazia do bispo romano através dos séculos 212

O título de blasfêmia do precursor do anticristo 247

Considerações Finais 255

A HISTÓRIA NÃO CONTADA DE PEDRO

Prefácio

A Palavra de Deus diz em 2ª Timóteo 1:13-14:

"Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e no amor que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós´´

Nessa passagem, Paulo, inspirado por Deus, instrui Timóteo a conservar o que recebera de Cristo, pelo poder do Espírito Santo. Muitos cristãos, em nossos dias, se opõem àquilo que a Bíblia apresenta como verdade única e incontestável, dando primazia a ensinamentos oriundos de sua Infância e colocando preceitos humanos acima das verdades divinas como regra de fé.

A história sobre a vida do apóstolo Pedro, aqui exposta nessa obra, não é especulativa ou teologicocêntrica, e sim dogmática e biblicocêntrica. Afinal, renunciar a autoridade da Bíblia para exercitar o raciocínio a bel-prazer, com o intuito de formular teorias e ensinamentos não claros nas Escrituras, é o mesmo que forçar a Palavra de Deus a dizer o que não disse.

Conquanto essa obra apresente alguns pontos extra-bíblicos, como as citações de vários Pais da Igreja, digo de alto e bom som, mesmo que eu fique só, que esses escritos dos Pais só têm relevância quando se harmonizam, plenamente, com o conteúdo das páginas sagradas. Se isso não ocorre, decorre a teologia especulativa, da qual muitos se valem para chegar a lugar algum, como fazem os católicos romanos recortando textos patrísticos e isolando versículos bíblicos para tentar negar o óbvio: que Pedro nunca foi papa e nem bispo de Roma.

Nesta obra, o autor Lucas Banzoli trata com profundidade bíblica e, sobretudo, temor e tremor do Senhor, acerca da vida de Pedro e da doutrina antibíblica que o romanismo fez acerca de tal pessoa, colocando-a numa posição jamais defendida por qualquer apóstolo, Jesus Cristo e muito menos ensinada na Igreja primitiva. Que o Senhor continue abençoando a vida de meu amigo Lucas Banzoli, um homem de Deus de verdade que sempre busca ser impecável e imparcial quando se trata de heresias que contrapõem a verdade bíblica tão claramente revelada nas Escrituras Sagradas. Este livro reúne muito mais do que ele já escreveu e falou sobre o assunto.

Glorifiquemos a Deus pela vida do autor e por mais esse valiosíssimo trabalho que chega e chegará às mãos de muitas pessoas, tirando-as de uma cegueira espiritual imposta por uma falsa Igreja, que se intitula a única Igreja de Cristo, mas que há séculos vem levando e arrastando pessoas ao erro e a perdição.

MATHEUS CARREL

1

O Pedro de Roma e o Pedro da Galileia

Durante trinta e três anos o nosso Senhor Jesus Cristo andou por esta terra ensinando as boas novas do evangelho, exortando ao caminho da verdade e doutrinando os seus doze discípulos que foram por ele instituídos. Após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus, os seus discípulos tiveram o encargo de levar este mesmo evangelho aos perdidos, como verdadeiros embaixadores de Cristo.

Um destes doze, em especial, chamado Simão Pedro, é o foco deste livro. Um homem que, desde o início, mostrou personalidade firme, caráter notório dentre os apóstolos, alguém que sempre tomava a palavra, embora nem sempre com a palavra certa. Ele tinha a iniciativa, era o mais participativo e um dos que mais deviam conversar com Jesus – e às vezes até incomodá-lo com palavras não muito edificantes, de vez em quando (Mt.16:23).

Mas é exatamente essa personalidade forte de Pedro que mais me chama a atenção. Ele errava como nenhum outro, mas acertava como ninguém. Chegou a negar o Senhor três vezes, mas reafirmou o seu amor por seu Mestre por três vezes (Jo.21:15-17).

Era repreendido por Jesus e por Paulo (Mc.8:33; Gl.2:11-14), mas exortava a muitos outros (1Pe.5:1-3).

Temos muito a aprender com Pedro, em muitos aspectos. A maioria de nós não é como um discípulo quieto, sossegado, que não arrisca, que não toma iniciativas nem para o bem, nem para o mal. Somos quase sempre como Pedro: queremos entrar na conversa, falar com Jesus, tomar a iniciativa.

Cometemos muitos erros, assim como Pedro errava. Acertamos outras tantas vezes também. Não somos perfeitos. Pedro não era perfeito. Não somos infalíveis. Pedro não era infalível. Reconhecemo-nos como pecadores (Lc.5:8), choramos amargamente quando cometemos um pecado (Lc.22:62). Muito de mim mesmo eu consigo enxergar na pessoa de Pedro. Muitas características dele fazem parte de cada um de nós – tanto dos erros, como dos acertos.

Infelizmente, com o passar do tempo, esse Pedro humano, pecador e falível como todos nós, foi *substituído* por um *outro* "Pedro", alguém que a Igreja de Roma quer passar a ideia de um ser infalível, chefe de todos os cristãos, o supra-sumo da cristandade, a própria rocha sobre a qual a Igreja (todos nós) está edificada.

Ao invés de Pedro ser um cristão igual a nós, fomos obrigados a crer que não apenas nós, mas também todos os apóstolos, profetas, e pasme: o próprio Senhor Jesus Cristo(!), estão todos edificados sobre uma pedra humana, falível e pecadora. Ao invés de a Igreja estar edificada sobre um fundamento inabalável, infalível e impecável como Jesus Cristo, ela estaria sendo sustentada por um alguém tão humano e falível quanto qualquer um de nós.

Mas não é só neste aspecto que Pedro foi imortalizado pela história. Não estou falando mais do Pedro da Galileia – estou falando do "Pedro" da Igreja Católica Apostólica Romana. Este sim é um Pedro super-poderoso. Um Pedro que colocava todos os outros apóstolos na sola do sapato, que liderava sobre tudo e sobre todos, que era o "príncipe dos apóstolos", o "vigário de Cristo", o "representante de Deus na terra".

Foi-se criada uma imagem de Pedro que jamais existiu no Cristianismo apostólico. Um Pedro que, longe de ser como todos nós, é exaltado *acima* de qualquer um de nós. E pior: um Pedro que deixa "sucessores" para continuarem perpetuando tal desigualdade. Um Pedro infalível, que manda e que desmanda, que cria dogmas e que ai de quem vai contra ele ou ousa questionar a sua autoridade!

O principal objetivo deste livro é *desmistificar* as lendas que foram criadas em torno da pessoa de Pedro. É fazer com que o Pedro real volte a ser aquela pessoa humilde da

Galileia. É fazer com que o primado, o pilar e o fundamento voltem a ser Cristo Jesus. É destrinchar com uma série de mitos que foram se amontoando com o passar dos séculos, tais como:

- Pedro é a pedra fundamental sobre a qual a Igreja está fundamentada.
- Pedro é o Chefe dos Apóstolos – exercia uma *primazia* sobre todos eles.
- Pedro (e seus sucessores) era infalível e inerrante quando falava em *ex cathedra*.
- Pedro era o único vigário ou representante de Deus na terra.
- Pedro era a autoridade máxima da Igreja Cristã.
- Pedro era bispo da Igreja de Roma.
- Pedro esteve 25 anos liderando a comunidade de Roma.
- Pedro era "papa".
- Pedro era o "Sumo Pontífice" (ou "Sumo Sacerdote") dos cristãos.
- Os bispos de Roma (papas atuais) são sucessores de Pedro.
- O bispo de Roma tinha primazia sobre todos os demais nos primeiros séculos.

Ufa! Você já está cansado de ver sempre estes mesmos mitos sendo propagados de todas as formas pelos clérigos romanos? Pois é, eu também. Por isso, chegou a hora de *desmistificá-los*. Se o leitor que começou crendo em todos estes itens citados acima (ou em parte deles) deixar de crer inteiramente neles ao terminar a leitura deste livro, o meu objetivo aqui será alcançado.

Tudo o que é necessário é ter perseverança e persistência em ler esta obra até o fim. Vai valer a pena. Mitos irão cair. Barreiras serão destruídas pelo poder das Escrituras e pela História cristã. "Tradições" antibíblicas serão refutadas. "Véus" espirituais serão desfeitos. "Pedros" que não sejam o original serão desmascarados. E um povo sábio e consistente na Palavra de Deus será erguido.

2

Quem é Pedro?

Antes de desmistificarmos as lendas que foram criadas em torno da figura de Pedro, será necessário primeiramente esclarecermos, biblicamente, *quem era Pedro*. Não será exatamente neste capítulo que faremos uma análise *teológica* mais profunda sobre Pedro. Iremos apenas fazer uma abordagem *biográfica* de Pedro a partir dos escritos bíblicos e dos escritos cristãos dos primeiros séculos.

Simão era originalmente um pescador (Lc.5:10), nasceu em Betsaida (Jo.1:44) e morava em Cafarnaum (Mt.8:5,14). Era filho de Jonas (Jo.1:42) e tinha um irmão chamado André, que também era discípulo de Jesus (Lc.6:14). Possivelmente eram discípulos de João Batista antes de tornarem-se discípulos de Cristo (Jo.1:40,41). Pedro era casado (1Co.9:5), tinha sogra (Mt.8:14) e filhos, como atesta Clemente de Alexandria, no século II:

"Ou também vão desaprovar os apóstolos? Porque Pedro e Felipe criaram filhos; e mais, Felipe deu maridos a suas filhas"[1]

[1] Stromatta III, VI.

O historiador da Igreja primitiva, Eusébio de Cesareia (265 – 339), confirma essa informação em sua famosa "História Eclesiástica", dando-nos "uma lista dos apóstolos que comprovadamente foram casados"[2], mencionando Pedro junto a seus filhos[3].

Pedro seguiu Jesus quando este lhe pediu que utilizasse uma de suas barcas para ensinar a uma multidão de pessoas (Lc.5:1-11). Ele estava junto a Tiago (o primeiro apóstolo mártir da Igreja) e João (o evangelista e escritor do Apocalipse). Em outras várias ocasiões eles aparecem juntos, tais como na cena do monte da transfiguração (Mc.9:2), na cura da filha de Jairo (Mc.5:37) e no Getsêmani, momentos antes da condenação e morte de Jesus (Mc.14:32).

Quando Pedro reconheceu Jesus, teve consciência de sua própria condição pecadora que servia como uma barreira entre ele e o Mestre. Reconhecendo-se como pecador, pediu para que o próprio Cristo se afastasse dele, pois a plenitude da santidade não pode conviver com o impuro:

"Vendo isso Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador" (Lucas 5:8)

Mas, para o bem de Simão, o Cristo não se afastou dele. Ao contrário, ele veio para os pecadores oferecer-lhes a cura, e não para os sãos que não necessitam de arrependimento (Lc.5:32). Não apenas continuou com Simão, como também deu-lhe o nome de Cefas, que significa Pedro[4].

Um engano bem popular diz respeito à crença de que Jesus *mudou* o nome de Pedro no sentido de *substituição*. Jesus não "trocou" o nome de Simão, mas *adicionou* o nome "Pedro". Há uma grande diferença entre *substituição* e *acréscimo*. Pedro continuou sendo chamado de Simão mesmo depois de Jesus ter-lhe dado o nome de Pedro. Foi pelo nome de "Simão" que o anjo informou a Cornélio sobre Pedro (At.10:32), e por "Simão" que os apóstolos o chamaram *depois* da ressurreição de Cristo (Lc.24:34).

Devido ao uso de mais de um idioma, era comum as pessoas possuírem mais de um nome. Pedro era o *sobrenome* de Simão, e não uma *substituição* deste. Isso fica muito claro na Escritura, que diz: "envia a Jope e manda chamar a Simão, que tem por *sobrenome* Pedro" (At.11:13). E também: "indagavam se ali estava hospedado Simão, que tinha por *sobrenome* Pedro" (At.10:18).

[2] História Eclesiástica, Livro III, 30:1.
[3] Ibid.
[4] "Simão" significa "aquele que ouve". "Pedro" (ou "Cefas", em aramaico) significa "pedra".

Portanto, diferentemente de outros personagens bíblicos (como Abraão, Sara, Jacó e outros) que tiveram os seus nomes *trocados*, no caso de Pedro apenas foi adicionado um *sobrenome*. É importante salientar tal distinção, pois um argumento católico que é muitas vezes utilizado diz respeito ao fato de Jesus supostamente ter substituído o nome de Pedro quando, na realidade, tudo o que ele fez foi acrescentar mais um.

Em seus momentos de fraqueza, Pedro era chamado de "Simão" (Lc.22:31; Mc.14:37; Jo.21:15-17). Era o velho Simão que entrava em ação, com todas as suas fraquezas e debilidades naturais. Quando, porém, Pedro reconhece Jesus como sendo o Cristo, o Filho do Deus vivo, ele é chamado de Pedro (pedra), para ressaltar a sua fé firme e inabalável de sua confissão (Mt.16:16-18).

Esse contraste entre "Pedro" e "Simão" em um mesmo indivíduo é ressaltado outras inúmeras vezes na vida e ministério de Pedro. Simão cometia os mais trágicos erros; Pedro mostrava uma fé que não provinha de carne e sangue. Simão negava a Cristo três vezes; Pedro confessava o seu amor por Ele três vezes. Simão era covarde; Pedro foi corajoso até o martírio.

Simão Pedro passou por muitas experiências marcantes em sua vida. Ele andou sobre as águas (Mt.14:29), ressuscitou Dorcas (At.9:40), curou um paralítico (At.9:34), curava enfermos com a sua sombra (At.5:15), testemunhou a transfiguração de Cristo (Mt.17:1), testemunhou a ressurreição da filha de Jairo (Lc.8:51), teve a sua fé ressaltada como uma firme rocha (Mt.16:16-18), obteve o poder de ligar e desligar no Reino dos céus (Mt.16:19).

Muitos alegam que, por causa dessas experiências marcantes de Pedro, ele deve ter tido uma importância superior aos demais, e talvez até liderasse sobre eles. Porém, o próprio Senhor Jesus afirmou aos seus discípulos que "entre os que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. **Mas não será assim entre vocês**" (Mc.10:42).

Logo, não existia uma supremacia entre os apóstolos, nem tampouco um primado de um em relação aos outros. As experiências e vivências de Pedro são certamente muito valiosas e destacam um papel muito importante que Pedro exerceu, mas se elas fossem alguma "prova" de primazia sobre os demais, então o inverso também deveria ser verdadeiro.

Se os méritos de Pedro servem de prova de "primado", então presume-se que os *deméritos* deveriam ser uma "contra-prova". Os católicos terão que usar de critério aqui: ou as experiências pessoais de Pedro não o fundamentam como o líder máximo, ou,

então, os seus fracassos também podem ser utilizados como um contra-argumento. E, se tem alguém que errou muito, esse alguém foi Pedro:

- Pedro repreendeu o Senhor Jesus (Mt.16:22)
- Pedro foi repreendido como Satanás: "...para trás de mim, *Satanás*" (Mt.16:23)
- Pedro negou a Cristo três vezes, até mesmo sob juramento (Mc.14:66-72)
- Pedro, no nervosismo, cortou a orelha de Malco e foi repreendido novamente por causa disso (Jo.18:10,11)
- Pedro foi temporariamente contrário à evangelização dos gentios[5] (At.10)
- Pedro foi repreendido por Paulo na face, "porque era repreensível" (Gl.2:11)
- Pedro "não estava agindo de acordo com a verdade do evangelho" (Gl.2:14), mas com hipocrisia (Gl.2:13)
- Pedro duvidou e começou a afundar (Mt.14:30)
- Pedro foi repreendido por Jesus por ser um "homem de pequena fé" (Mt.14:31), porque ele duvidava (Mt.14:31)

Muitas outras observações poderiam ser explanadas, e de fato serão mais a frente. Porém, o meu objetivo aqui de forma alguma é denegrir a imagem de Pedro ou dizer que ele era o menor de todos os apóstolos. Os fatos apresentados acima simplesmente indicam que não podemos usar os *méritos* de alguém para colocá-lo *acima* dos demais, pois o mesmo poderia ser feito com os *deméritos* desta mesma pessoa e rebaixá-la até o mais baixo nível, se usarmos o mesmo tipo de critério que os católicos se utilizam para colocarem Pedro acima de todos.

A única forma deste critério dos méritos ser levado em consideração seria no caso deste alguém só apresentar pontos positivos e nunca negativos, de sempre acertar e nunca errar, de sempre ser elogiado e nunca corrigido, de sempre ter méritos e nunca deméritos (como é o caso de Jesus Cristo). Porém, isto está muito, mas muito longe de ser o tipo de pessoa que Pedro era.

Pelo estilo que Simão Pedro possuía, ele costumava sair na frente dos discípulos em qualquer situação, fosse para acertar, fosse para errar. Isso lhe trazia grandes elogios e também grandes repreensões. Não é a toa que os maiores elogios e também as maiores repreensões bíblicas são dirigidas a Pedro. Isso fazia de Pedro alguém certamente mais *destacável* entre os apóstolos (por seu muito falar, pelo seu temperamento e pelas suas iniciativas), mas nunca alguém mais *importante* do que os demais.

Em um dos colégios que eu estudei, havia um rapaz chamado Eduardo. Ele era simplesmente elétrico. Raramente conseguía parar quieto em um só lugar. Sempre

[5] "Gentios" são os não-judeus.

quando a professora perguntava alguma coisa, ele era o primeiro a levantar a mão e sair na frente com as respostas. Muitas vezes ele acertava, outras muitas ele errava. Muitas vezes ele falava até mesmo quando ninguém perguntava nada para ele – simplesmente tomava as iniciativas.

Por seu temperamento, ele era o aluno que mais se *destacava* dentre os demais. Isso tornava ele o "líder" da turma? É claro que não. Isso fazia dele a pessoa mais importante ou a mais inteligente da classe? Também não. Ele não exercia *domínio* (i.e, soberania, primazia, liderança) sobre os demais alunos; simplesmente se destacava por ser o mais falador. As histórias mais trágicas, as mais engraçadas e também as mais dignas daquele ano tiveram alguma relação com ele, diretamente ou indiretamente.

Com Pedro era a mesma coisa. Ele era o mais mencionado entre os doze? Sim, pois era o que mais tinha iniciativa. As maiores experiências envolviam Pedro? Sim, e as piores também. Jesus elogiou Pedro várias vezes? E o repreendeu não poucas. De fato, o perfil de Pedro é único e singular. Ele não pode ser utilizado como prova de primado ou de um lugar rebaixado dentre os apóstolos. Ele simplesmente era o que mais se destacava. Só isso.

Veremos mais adiante que é uma *falácia* utilizar as experiências e méritos de Pedro como prova de primado, pois poderíamos usar exatamente esta mesma lógica para colocar o primado para qualquer um, se realmente este fosse um método qualificável de definir "superioridade". Vejamos rapidamente alguns deles:

- Pedro curava com a sua sombra? Paulo curava até mesmo com os seus lenços e aventais, mesmo sem estar presente (At.19:12)!
- Pedro era uma coluna da Igreja? Tiago e João também, e Tiago é mencionado por primeiro (Gl.2:9).
- Pedro podia "ligar e desligar"? ***Todos*** os discípulos podiam fazer o mesmo (Mt.18:18).
- Pedro estava no monte de transfiguração, presenciou a ressurreição da filha de Jairo e foi com Jesus na agonia do Getsêmani? Tiago e João também (Lc.9:28; Mc.5:37; Mc.14:33). João, aliás, foi o único que *permaneceu* com Cristo até o pé da cruz, enquanto Judas o traía e Pedro o negava (Jo.19:26).
- Pedro escreveu duas epístolas de grande importância? Paulo escreveu treze.
- Pedro pregou o evangelho? Paulo pregou "mais do que todos os demais apóstolos" (1Co.15:10).
- Pedro ressuscitou Dorcas? Paulo ressuscitou Êutico (At.20:10).
- Pedro se destacava dentre os demais? Paulo tanto mais se destacou que, desde quando entra em cena no livro de Atos, a atenção se volta só para ele, e Pedro ***desaparece completamente*** de cena e nem sequer é *mencionado* ao longo de *toda* a

segunda metade do livro (Atos 16 a 28)!

- Pedro não era inferior aos demais? Paulo não se julgava "nem um pouco inferior aos mais excelentes apóstolos" (2Co.11:5).
- Pedro viu Jesus? Paulo não apenas viu Jesus, mas foi arrebatado até o terceiro céu (2Co.12:2).
- Pedro tinha visões? A maior, mais importante e mais abrangente visão divina concedida a um apóstolo foi designada ao apóstolo João, na revelação do Apocalipse (Ap.1:1).
- Pedro dava ordens a alguém? Não, ele mesmo era enviado pelos outros apóstolos (At.8:14).

É melhor pararmos por aqui. Como eu expliquei no início deste capítulo, o objetivo a tal altura não é de fornecer argumentos *teológicos* contra o primado de Pedro, mas sim de fazer uma *descrição* de Pedro. Porém, foi necessária uma breve refutação de alguns argumentos utilizados pelo catolicismo (que serão tratados mais abrangentemente nos outros capítulos do livro), apenas para demonstrar o quanto *falaciosos* são os seus argumentos.

Os argumentos utilizados pelos papistas falham sempre em quatro pontos principais:

1. Ignoram os deméritos de Pedro, focando sempre apenas nos méritos.

2. Creem que a única explicação plausível para os méritos de Pedro seja um suposto primado que exerceria sobre os demais, quando, na verdade, isso não provém de um primado que o próprio Cristo negou que existia entre os discípulos (Mc.10:42), mas sim pelo próprio caráter de Pedro, que sempre era o primeiro em tomar as iniciativas, seja para acertar, seja para errar.

3. Ignoram o fato óbvio de que, se os méritos devem ser encarados como prova de primado, então os deméritos (que Pedro possuía tanto quanto os méritos) devem ter um valor contrário. Ou os méritos e deméritos não servem de prova de *superioridade*, mas apenas de *destacabilidade* (que é o que tudo nos indica) ou, então, ambos devem ser levados em conta para cima e para baixo (não poderíamos arbitrariamente apenas nos focarmos nos méritos, ignorando absolutamente todos os deméritos como se não existissem, apenas porque não se amoldam a um determinado sistema de crenças).

4. Ignoram que todas as supostas "provas" a favor do primado de Pedro (que se baseiam em méritos e experiências pessoais) também podem ser igualmente utilizadas para provar o "primado" de qualquer um, pois os mesmos fatos, méritos e experiências de Pedro ocorrem em medidas até maiores com outros apóstolos. Assim

sendo, ou tais argumentos são falaciosos (como o são de fato), ou então deveríamos abandonar o critério e fecharmos os nossos olhos para o conteúdo total das Escrituras, fazendo de conta que experiências assim só aconteciam com Pedro.

O resumo deste capítulo pode ser encontrado nas sábias palavras de Anísio Renato de Andrade:

"E não acontece assim também conosco? Num momento estamos '*andando sobre as águas*' e, 'no próximo versículo' já começamos a afundar. Talvez também tenhamos muitas vezes negado a Cristo através das nossas ações e palavras... Os registros dos erros de Pedro são bastante oportunos, pois, além de evidenciarem a sinceridade dos escritores bíblicos, servem para derrubar a tese de uma suposta infalibilidade apregoada por alguns. Tantas falhas deveriam ter sido suficientes para que Pedro não viesse a ser idolatrado por tantas pessoas. Contudo, todos os seus erros não foram bastante. O escritor de Atos dos Apóstolos concentrou-se na pessoa e nas obras de Pedro até o capítulo 12. Afinal, foi considerado como uma das '*colunas da igreja*' (Gálatas 2.9)"[6]

Em resumo, podemos definir que Pedro era um humilde pescador da Galileia, humano, pecador e falível, que tinha um temperamento que o destacava dentre os demais. Com todas as suas fraquezas, ele apresentava uma vontade maior ainda de aprender com o Mestre, de crescer com Ele e de depositar a sua fé e confiança nEle. Isso lhe concedeu muitos acertos em sua vida, mesmo em meio a muitos tropeços.

Pedro é uma figura de todos nós. Quando colocamos a nossa fé em Cristo Jesus, somos "*petros*" (Pedro), edificados sobre a rocha principal, que é Jesus Cristo (1Co.3:11). Quando, porém, passamos a repreender Jesus com nossas atitudes, voltamos a ser apenas "Simão" – alguém desprovido daquela fé como uma rocha que tanto o destacava.

Não, Pedro não exercia um primado sobre os demais, assim como Eduardo não mandava nos outros alunos da classe por ser o que mais falava e tomava iniciativas. Pedro tem uma importância singular na fé cristã. Um caráter forte, às vezes até explosivo, dependendo das circunstâncias. Mas nem por isso, nem por ter andado com Jesus, deixou de ser aquele "pescador de homens" que, longe de estar sentado em um trono de ouro dando ordens aos seus súditos, é antes de tudo alguém que, como nós, tinha muito a corrigir de seus próprios defeitos e a aprender com os demais – e não *mandar* neles.

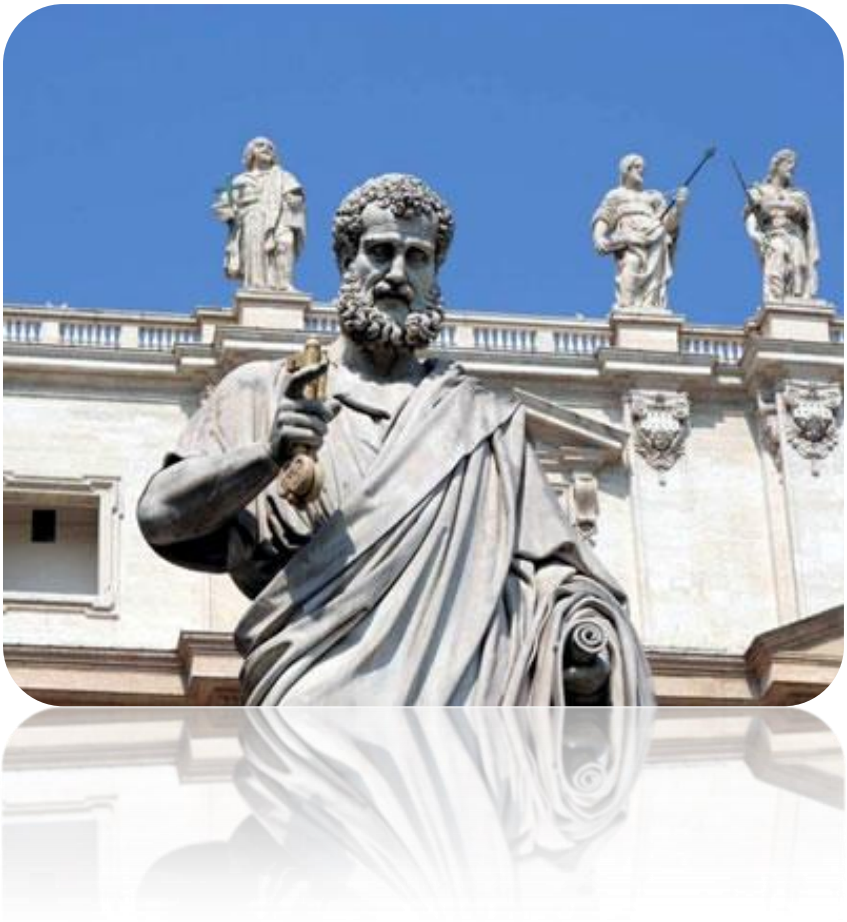
A partir do próximo capítulo, iremos explorar mais profundamente o aspecto teológico acerca das considerações Escriturísticas sobre o ministério de Pedro e o seu

[6] Texto de Anísio Renato de Andrade. Leia a abordagem completa em: <http://www.portalnovavida.org.br/edificando/estudos-biblicos/3200-o-apostolo-pedro-.html>

suposto "primado" alegado pela Igreja Católica. Teria Pedro exercido um ministério superior a todos os outros apóstolos? Teria sido ele o eleito para liderar individualmente o grupo apostólico e os demais cristãos? Como devemos responder às objeções católicas comumente enfrentadas? É sobre isso que veremos a seguir.

3

Seria Pedro um presbítero superior aos demais presbíteros?



Se Pedro era mesmo papa, então a primeira pessoa que devia saber disso era ele. Porém, ao olharmos a Escritura – especialmente os escritos de Pedro – não encontramos qualquer afirmação (direta ou indireta) que qualifique Pedro como um apóstolo em nível superior aos demais ou como um presbítero em nível superior aos outros. O que realmente vemos é Pedro se identificando como um simples presbítero, na *mesma condição* dos demais presbíteros:

"Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, **e o faço na qualidade de presbítero como eles** e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. **Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados**, mas como exemplos para o rebanho" (1ª Pedro 5:1-3)

Na epístola de Pedro, ele em momento algum se identifica por qualquer um dos termos designados a ele pela Igreja Romana. Vamos relembrar alguns deles:

1º Papa.
2º Príncipe dos Apóstolos.
3º Vigário de Cristo.
4º Sumo Pontífice.
5º Bispo universal.
6º Bispo dos bispos.
7º Cabeça dos apóstolos.

Temos aqui sete termos que Pedro poderia perfeitamente ter tomado para si mesmo, em total conformidade com as teses católicas. Porém, o que vemos é uma história diferente, uma *história não contada* pelos nossos amigos católicos. Pedro, ao invés de identificar a si mesmo com qualquer destes termos que a Igreja Católica atribui a ele, chama a si mesmo de:

1º Apóstolo:

"Pedro, **apóstolo** de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia" (1ª Pedro 1:1)

2º Servo:

"Simão Pedro, **servo** e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo" (2ª Pedro 1:1)

3º Presbítero:

"Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de **presbítero** como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada" (1ª Pedro 5:1)

É digo de nota que em *momento nenhum* Pedro se identifica por *qualquer um* dos quatro termos mostrados acima e que poderiam ter sido perfeitamente aplicados a ele, caso ele realmente detivesse tais cargos na Igreja. Não somente Pedro não se chama assim, como também em *lugar nenhum* da Bíblia vemos qualquer apóstolo – ou mesmo o Senhor Jesus Cristo – chamando Pedro desta maneira.

Um católico poderia tentar contra-argumentar, alegando que não seria necessário Pedro ter escrito os títulos que ele detinha – talvez ele tivesse se esquecido, mas

lembrasse em outra oportunidade. Essa "refutação" falha em inúmeros aspectos fundamentais que iremos analisar a partir de agora.

1º Porque Pedro se identifica de outras formas

O argumento de que Pedro poderia deter todos aqueles títulos sem ter se reconhecido como tal, somente porque preferiu abrir mão de relatar as suas "credenciais", falha primeiramente no fato óbvio de que Pedro realmente *apresentou as suas "credenciais"*! Note que Pedro chama a si mesmo de "apóstolo" (1Pe.1:1), de "servo" (2Pe.1:1) e de "presbítero" (1Pe.5:1). Ainda que a designação de "servo" não seja um cargo eclesiástico (pois *todos* nós devemos ser servos de Cristo), temos pelo menos duas funções de Pedro expressamente declaradas por ele acerca dele mesmo: a de apóstolo e presbítero.

Em resumo, se Pedro quisesse *esconder* ou *omitir* as suas "credenciais" (e por isso que não se define como "papa" ou "sumo pontífice"), então ele não teria *se identificado* da forma que claramente fez duas vezes, nas duas cartas. Se Pedro quisesse esconder seus títulos, ou não tivesse a intenção de mostrá-los naquela oportunidade, ele não teria se descrito como apóstolo e presbítero (que são cargos na Igreja) – ele simplesmente não teria dito nada!

Mas, uma vez sendo que Pedro *quis* apresentar as suas funções na Igreja, é inócuo e sem sentido crermos que ele *omitiu* bem exatamente aquilo que seria o mais importante e mais fundamental – e certamente o mais ressaltado pelos católicos – que seria a sua função de "Sumo Pontífice" (papa), como o "Príncipe dos Apóstolos".

Teria Pedro se esquecido do *mais importante* e se lembrado exatamente das suas funções *menores*? É claro que não. Simplesmente não faz sentido. Vamos dar um exemplo prático que pode elucidar tal situação. O homem mais rico do mundo, o norte-americano Bill Gates, é reconhecido mundialmente por ser o Presidente da Microsoft. Mas o que poucos sabem é que ele também atua como *chairman* da Microsoft e como conselheiro no desenvolvimento de projetos-chave da empresa.

Imagine, então, Bill Gates descrevendo a si mesmo em suas cartas, e em absolutamente nenhuma delas ele se identifica como sendo o Presidente da Microsoft, mas *somente* como sendo o *chairman* e um conselheiro da empresa. Quando alguém pergunta o que ele tem a ver com a Microsoft, ao invés de ele responder que é o presidente da empresa, ele responde: "*Sou um conselheiro*".

Isso faz sentido pra você? É óbvio que Bill Gates identificaria a si mesmo pelo cargo mais importante que ocupa – o de Presidente da Microsoft – podendo talvez até lembrar dos outros cargos de menor importância, ainda que não necessariamente. Dito em termos simples, o cargo de *maior* importância – o de presidente – é *necessariamente citado*, enquanto que os cargos de *menor* importância – como o de conselheiro – é lembrado apenas se ele quiser, mas não necessariamente. Porém, se Bill Gates não fosse o Presidente da Microsoft, *mas somente um conselheiro*, então deveríamos presumir que ele realmente se identificaria desta forma: como um conselheiro!

É a mesma ilustração que ocorre no caso de Pedro. Se ele fosse o Sumo Pontífice dos cristãos, ele iria se identificar necessariamente como tal, por ser o cargo máximo (e, portanto, o mais importante a ser ressaltado) que ele ocupava. Mas se ele não fosse "papa", ele iria então se identificar pelas funções eclesiásticas que ele ocupa (como apóstolo e presbítero, por exemplo).

E é isso mesmo o que ocorre. Pedro era apóstolo? Sim, e se identifica como tal. Pedro era presbítero? Sim, e se identifica como tal. Pedro era o Sumo Pontífice? Não, e nem sequer faz menção de tal função, embora fosse a mais importante e, portanto, a mais credenciada a ser mencionada por ele, caso ele realmente ocupasse esse cargo.

O fato é que, se Pedro quis se identificar como apóstolo e presbítero, então ele *não quis esconder as suas funções na Igreja*. E, se ele não quis esconder as suas funções na Igreja, então muito menos iria omitir a que seria certamente a mais importante de todas as funções: aquela onde a Igreja Católica o coloca, como papa ou Sumo Pontífice dos cristãos. A Igreja Católica atribui a Pedro funções que ele jamais sonhou em ocupar e quer forçá-lo a se tornar algo que ele nunca disse que era!

2º Porque os cargos de Pedro são partilhados por outras pessoas da Igreja

Esta segunda linha de raciocínio também é muito importante, pois é aqui que vemos melhor que Pedro não ocupava um cargo *superior* aos demais líderes cristãos de sua época, mas sim um cargo de *igualdade* com eles. Isso fica nítido a partir do fato de que tais funções relatadas por Pedro são partilhadas por muitas outras pessoas. O cargo de apóstolo, por exemplo, era partilhado pelos onze demais apóstolos (contando Matias no lugar de Judas Iscariotes), por Paulo (Cl.1:1), por Tiago (o irmão do Senhor – Gl.1:19), por Andrônico e Júnias (Rm.16:7) e por Barnabé (At.14:14).

Pedro não estava numa condição de apostolado *superior* aos demais, mas em *igualdade* com eles. Ele não se classifica de "*supremo* apóstolo", de "*sumo* pontífice" ou de "*príncipe* dos apóstolos". Ao contrário, ele se identificou tão somente e

unicamente como "apóstolo", e fez isso em suas duas epístolas (1Pe.1:1; 2Pe.1:1). Em momento algum ele se identificou como um apóstolo "sumo" (i.e, *superior*) aos demais.

Algum católico poderia objetar dizendo que Pedro poderia ser apóstolo superior mesmo sem ter se chamado assim. Talvez Pedro não tivesse o costume de aplicar o "sumo" para as autoridades maiores da Igreja. Porém, essa tentativa de refutação falha à luz de 1ª Pedro 5:4, onde Pedro aponta Cristo como sendo o "Sumo Pastor" (1Pe.5:4), ou seja, um Pastor *superior* aos demais. A versão Almeida Corrigida, Revisada e Fiel traduz o verso por "Sumo Pastor", enquanto que a versão católica Ave Maria traduz o mesmo verso por "Supremo Pastor".

O sentido é precisamente o mesmo. Pedro estava identificando Jesus não como um pastor no *mesmo nível* dos demais pastores, mas sim como um pastor em nível superior – um *sumo* (ou "supremo") Pastor. Se Pedro identificasse Cristo somente como "pastor", ele poderia estar no mesmo nível dos demais pastores. Porém, ao longo de toda a Escritura vemos Jesus sendo chamado de "Sumo Sacerdote" (Hb.5:10; 4:14; 8:1; 3:1; 5:1; 5:5; 10:21; 6:20; 4:15; 9:11; 2:17; 7:26) e de "Sumo Pastor" (1Pe.5:4).

Só o autor de Hebreus fala *doze vezes* que Jesus é Sumo Sacerdote, sempre fazendo questão de ressaltar o "sumo", para frisar que Cristo é um sacerdote *superior* aos demais sacerdotes, assim como é um pastor *superior* aos demais pastores. O "*sumo*" sempre é apontado para alguém que detém uma posição superior – nunca é ignorado ou esquecido!

O sentido é sempre o mesmo: os autores bíblicos faziam questão de ressaltar o "*sumo*" antecedendo o cargo com relação a alguém que ocupava uma posição superior aos demais. Tal fato ocorre com Cristo – um Pastor e Sacerdote superior aos demais – mas **absolutamente nunca ocorre com Pedro!** Isso é muito importante, pois, tendo em vista o costume bíblico e do próprio Pedro em aplicar o "*sumo*" como um antecedente de autoridade superior em relação ao cargo normal exercido pelos demais, seria evidente que ele se referiria a si mesmo como sendo o "*sumo* apóstolo" ou "*sumo* pontífice", e não *apenas* e *somente* como "apóstolo"!

O fato de nem Pedro nem qualquer outro escritor da Bíblia aplicar o termo de autoridade superior ("sumo") a Pedro, mas sempre colocá-lo no *mesmo patamar* dos demais, nos deixa claro e evidente que ele era, de fato, de autoridade *igual* aos demais apóstolos, e não de autoridade *superior* ("sumo") em relação a eles. Exatamente o mesmo pode ser dito com relação ao presbitério. Pedro não se coloca na posição de "*sumo* presbítero", mas de um presbítero comum – em igualdade com os demais (1Pe.5:1).

Quando eu aplico o "comum" a Pedro, não estou dizendo que ele era uma "pessoa qualquer", de acordo com o significado vulgar e popular que essa palavra ganhou significado. Com isso eu estou apenas dizendo que Pedro, embora sendo um apóstolo de grande importância, não ocupava um *patamar* de superioridade em relação aos outros apóstolos e presbíteros.

Pedro não era um "*Sumo* Pontífice" enquanto que os demais eram apenas "pontífices normais". Pedro não era um "papa" enquanto que os demais eram "simples apóstolos". Todos os apóstolos tinham uma importância singular na obra de Deus e ocupavam cargos em igualdade, e não em inferioridade ou superioridade entre si mesmos. Os apóstolos eram todos apóstolos, e não "mini-apóstolos" ou "super-apóstolos". Paulo, inclusive, repudiou a atitude de alguns em se considerarem assim, pois não existia um "super-apóstolo" na Igreja primitiva (2Co.11:5).

A Igreja Católica equivoca-se grandemente quando atribui tais títulos a Pedro, quando nem a Escritura, nem os demais apóstolos e nem o próprio Pedro se refere a ele desta maneira. Pedro era presbítero ***como*** os demais, e não ***acima*** dos demais. Aqui está a chave de toda a questão: "...o faço na qualidade de presbítero ***como*** eles" (1Pe.5:1). Este **"como"** não tem qualquer ligação com *superioridade*, mas com *igualdade*. Pedro está dizendo: "Eu vos estou admoestando, não como alguém superior a vocês que manda em todo mundo, mas sim como alguém que está na mesma condição que vocês estão, alguém assim ***como*** vocês"!

Como vemos, Pedro afirma que escrevia aos presbíteros "na qualidade de presbítero *como* eles" (1Pe.5:1). Irei analisar aqui essa expressão "*como*" eles, mostrando que ela tem ligação com uma *igualdade*, e nunca com *superioridade*. Quem mais prova que exegeticamente este termo não pode ser empregado no sentido de superioridade é o próprio Senhor Jesus Cristo, que afirmou:

"O discípulo não está **acima** do seu mestre, nem o servo **acima** do seu senhor. Basta ao discípulo ser **como** o seu mestre, e ao servo, **como** o seu senhor" (Mateus 10:24,25)

Note que Jesus emprega o termo **"como"** no sentido de igualdade, enquanto que o termo **"acima"** denota superioridade. Em outras palavras, Jesus está dizendo:

"O discípulo não está ***acima*** **[superioridade]** do seu mestre, nem o servo ***acima*** **[superioridade]** do seu senhor. Basta ao seu discípulo ser ***como*** **[igualdade]** o seu mestre, e ao servo, ***como*** **[igualdade]** o seu senhor" (Mateus 10:24,25)

Em Lucas 6:40 encontramos algo semelhante a isso, quando Cristo disse:

"O discípulo não está ***acima*** **[superioridade]** do seu mestre, mas todo aquele que for bem preparado será ***como*** **[igualdade]** o seu mestre" (Lucas 6:40)

Portanto, a partir disso podemos afirmar que exegeticamente falando:

"Acima" = Superioridade
"Como" = Igualdade

Por meio desta mesma lógica, se Pedro quisesse dizer que ele era um presbítero em nível eclesiástico *superior* aos demais presbíteros, ele evidentemente teria dito que era um presbítero **"acima"** (=*superioridade*) deles, e não um presbítero **"como"** (=*igualdade*) eles. Quando o "como" no texto é uma *conjunção* (como é o caso de 1Pe.5:1), ele significa basicamente "do mesmo modo que, da mesma forma que, no grau de"[7]. Trata-se de um grau de igualdade, do mesmo modo que outra coisa. No caso de 1Pe.5:1, ele estava dizendo que estava *no mesmo grau* dos demais presbíteros, *do mesmo modo* que eles, e não em grau de superioridade ou de uma forma superior.

Pedro se colocou em igualdade em relação aos demais presbíteros não porque ele estivesse sendo tão humilde ao ponto de mentir a este respeito, mas porque *realmente* os outros presbíteros estavam no mesmo patamar dele. Pedro estava escrevendo a líderes de igrejas locais residentes "no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia" (1Pe.1:1), e ele não escreve na qualidade de alguém que está em um patamar de liderança sobre eles para lhes passar ordens, mas faz questão de ressaltar que era um presbítero no mesmo grau daqueles aos quais ele estava escrevendo.

Isso é muito importante, pois se Pedro apenas passasse regras e instruções sem especificar nada, poderia dar entender aos leitores que estava escrevendo como uma *liderança sobre eles*. Então, Pedro faz questão de deixar nítido e evidente o fato de que:

"...apelo para os presbíteros que há entre vocês, ***e o faço na qualidade de presbítero como eles*** e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada" (1ª Pedro 5:1)

Pedro poderia perfeitamente ter escrito que fazia aquilo na qualidade de papa, Sumo Pontífice ou líder sobre eles, como uma autoridade que deveria ser obedecida incondicionalmente em função de suas prerrogativas especiais. Ele teria essas opções prontas, a mão, que poderiam perfeitamente ter sido utilizadas caso ele quisesse. Mas ele faz questão de se chamar de "*sumpresbuteros*", que é o equivalente grego para "*co-*

[7] Disponível em: <http://pt.wiktionary.org/wiki/como>. Acesso em: 20/09/2013.

presbítero". Pedro adicionou o "*sum*" à palavra "*presbuteros*" (presbítero), assim como um português adiciona o "co" à palavra "presbítero".

Mas o que isso tem a ver com o nosso estudo sobre a *igualdade* de Pedro em relação aos demais presbíteros? Simplesmente que no grego existem palavras que são colocadas como prefixos para designarem *superioridade* ou *liderança*, enquanto existem também prefixos que designam *igualdade*. **Pedro deliberadamente fez uso daquilo que designa igualdade, e não superioridade!**

A palavra no grego que designa autoridade, superioridade ou liderança é "*arche*". A palavra "*arche*" no grego significa "o líder, primeiro lugar, magistrado, reinado"[8]. Um derivado dessa palavra (*archegos*) significa "líder principal, príncipe... alguém que toma a liderança sobre algo... pioneiro"[9]. Os outros derivados dessa mesma palavra também indicam sempre liderança.

Por exemplo, "*archomai*" significa "ser o chefe, o líder, o principal"[10]. A palavra "*archo*", por sua vez, significa "ser o chefe, governar, liderar"[11]. Os exemplos bíblicos são abundantes e esclarecedores. Você quer dizer que um sacerdote (*hiereus*[12]) é maior do que os sacerdotes comuns? Então empregue "***arch****iereus*" (sumo-sacerdote)[13]. Você quer dizer que um pastor (*poimen*[14]) é superior aos demais? Então empregue "***arch****ipoimen*" (sumo-pastor)[15]. Você quer destacar um anjo (*aggelos*[16]) como maior em relação aos demais? Então empregue "***arch****aggelos*" (chefe dos anjos ou "arcanjo")[17].

Em resumo, em qualquer situação em que você queira designar que o texto não está se tratando de alguém em um cargo no mesmo nível de liderança dos demais, mas sim em um nível de superioridade, empregue o prefixo "*arch*", que você dará exatamente o sentido de autoridade (liderança) sobre os demais pastores, presbíteros, apóstolos, sacerdotes, anjos ou qualquer outra coisa que o texto queira tratar.

[8] De acordo com o Léxico da Concordância de Strong, 746.
[9] De acordo com o Léxico da Concordância de Strong, 747.
[10] De acordo com o Léxico da Concordância de Strong, 756.
[11] De acordo com o Léxico da Concordância de Strong, 757.
[12] *"Hiereus"*, no grego, significa "sacerdote".
[13] Como ocorre em inúmeros casos no Novo Testamento, tais como em Hb.5:10; 4:14; 8:1; 3:1; 5:1; 5:5; 10:21; 6:20; 4:15; 9:11; 2:17; e 7:26 (se tratando de Jesus), além de outras incontáveis referências tratando-se dos sumo sacerdotes do povo israelita.
[14] "*Poimen*", no grego, significa "pastor".
[15] Tal como ocorre em 1ª Pedro 5:4. Não parece incrível que quando se trata de Jesus o termo de superioridade entra em cena, mas poucos versos antes, quando se trata de Pedro, ele simplesmente não aparece?
[16] "*Aggelos*", no grego, significa "anjos".
[17] Isso ocorre em 1ª Tessalonicenses 4:16 e em Judas 1:9. Neste último caso, o arcanjo Miguel é destacado como superior aos demais anjos, pelo mesmo prefixo.

Mas, no caso da pessoa realmente não ser superior aos outros, mas estar no mesmo patamar de autoridade eclesiástica, basta não colocar nada antecedendo; ou, melhor ainda: empregue a palavra "*sum*", que significa *igualdade*. E foi exatamente isso o que Pedro fez! Ele não empregou qualquer prefixo indicativo de liderança ou autoridade, mas sim um de igualdade!

Ele se chamou de "***sum****presbuteros*" (presbítero no **mesmo nível** dos demais), e não de "***arch****ipresbuteros*" (presbítero em **nível superior** aos demais)! Isso é extremamente revelador e esclarecedor. O original grego simplesmente não deixa qualquer chance para aqueles que insistem em dizer que Pedro ocupava na Igreja um cargo eclesiástico de liderança sobre os demais cristãos, como o Sumo (*arche*) Pontífice ou algo do tipo.

É digno de nota que nem a palavra "arche" e nem os seus derivados – que sempre são expressos para ressaltar liderança e autoridade superior – são alguma vez mencionados com relação a Pedro!

Isso mesmo: não somente em 1ª Pedro 5:1, mas também em *todo* o restante da Escritura, os adjetivos de liderança são sempre omitidos quando com relação a Pedro. Nas poucas vezes em que o "primeiro" é mencionado tratando-se de Pedro, a palavra utilizada no grego é "*protos*", que, diferentemente de "*arche*", não significa "primeiro" no sentido de autoridade superior ou liderança, mas sim "em alguma sucessão de coisas ou pessoas"[18]. "*Arche*" e seus derivados ***absolutamente nunca são dirigidos a Pedro***, e ele mesmo faz questão de se colocar em pé de igualdade com os demais presbíteros, fazendo uso de palavras que designam igualdade, ao invés de autoridade ou superioridade.

Já vimos como a palavra grega "*arche*" e seus derivados são aplicados no sentido de *liderança* a alguém, como prefixo ou sufixo, denotando este alguém como uma autoridade superior aos demais. Tal palavra jamais foi dirigida a Pedro, do início ao fim da Bíblia. Antes, o que foi dirigido a Pedro foi "*sumpresbuteros*". O nosso próximo passo, agora, é provar que sem exceções essa palavra designa *igualdade*, e nunca a superioridade de alguém sobre outro, quando tal palavra é aplicada. Isso fica visivelmente evidente quando a analisamos em cada contexto bíblico em que ela está inserida. Comecemos com Efésios 3:6, em que Paulo afirma:

"A saber, que os gentios são **co-herdeiros**, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho" (Efésios 3:6)

[18] De acordo com o léxico da Concordância de Strong, 4413.

A palavra "co-participante" é uma tradução do original grego que traz a palavra "*sugkleronomos*". O prefixo "*su*" (correspondente ao "*sum*" de 1ª Pedro 5:1) é a nossa observação especial neste verso. Ele está claramente evidenciando uma **igualdade**, tendo em vista que os gentios, na Nova Aliança, estão unidos em igualdade com os judeus, e não em superioridade ou inferioridade a eles. Se tal prefixo significasse superioridade, o texto estaria dizendo que os gentios são herdeiros *superiores* aos israelitas, o que evidentemente é uma mentira, visto que "ambos são um" (Ef.2:14) e que o evangelho "derrubou a parede de separação que estava no meio" (Ef.2:14).

Na Nova Aliança, não existe mais superioridade ou inferioridade entre judeus e não-judeus. Todos são "um" por meio de Cristo, pois em Cristo todos nós (cristãos) estamos unidos em igualdade, independentemente de nossa nação ou do local onde moramos. Nisso fica nítido que o prefixo "*su*" (equivalente ao "*sum*" de 1ª Pedro 5:1) significa igualdade. Se significasse "superioridade", bagunçaria todo o evangelho! Outra passagem que iremos analisar é a de 1ª Pedro 5:13, em que Pedro afirma:

"A vossa **co-eleita** em babilônia vos saúda, e meu filho Marcos" (1ª Pedro 5:13)

A palavra "co-eleita" é uma tradução do grego "*suneklektos*". O prefixo "*sun*" aparece antecedendo a "eleição" dos que estavam junto a Pedro. Se este prefixo significasse superioridade, isso significaria nada a mais e nada a menos que a Babilônia seria *mais eleita* do que as outras comunidades cristãs! Será mesmo que isso é verdade? É claro que não. Sabemos que o local de onde Pedro escrevia a carta (independente de qual seja) é tão eleito quanto qualquer outra comunidade cristã – em igualdade – e não mais eleito que os demais. Mais uma vez "*sum*" aparece como *igualdade*, e não como *superioridade*.

Por fim, temos o texto de 1ª Pedro 3:7, em que o apóstolo diz:

"Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e **co-herdeiras** do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas as suas orações" (1ª Pedro 3:7)

Desta vez a palavra utilizada por Pedro é "*sugkleronomos*", significando a *igualdade* entre homens e mulheres na herança da vida eterna. Se o termo representasse superioridade, isso estaria refletindo que as mulheres são herdeiras *superiores* aos homens no dom da graça da vida. Isso é certamente antibíblico, visto que a Bíblia não prega que a mulher é superior ao homem ou que o homem é superior a mulher, mas sim que, "aos olhos do Senhor, nem o homem existe sem a mulher, nem a mulher sem o homem" (1Co.11:11).

Ambos estão em *igualdade* – nenhum é superior ao outro[19] (1Co.11:11). Em resumo, tendo em vista *todas* as aplicações do prefixo "*sum*" e suas variantes ("*su*" e "*sun*"), em *absolutamente todas as vezes* em que ele é aplicado na Bíblia é para representar a **igualdade** entre as partes que estão postas no texto. Será que bem exatamente 1ª Pedro 5:1 seria diferente? Será que este seria o único texto que "fugiria à regra"? Será que Pedro "se esqueceu" de deixar nítido os prefixos de liderança para lançar mão de um de igualdade *por desatenção*? Creio que não.

Aliás, não apenas eu, mas a própria exegese. Não é um método aplicável de exegese cegar os seus próprios olhos para o conteúdo total da Escritura apenas por causa de uma noção pré-concebida em torno de um texto bíblico isolado. O texto, assim como a palavra e o próprio prefixo, devem estar de acordo e em conformidade com a regra básica expressa em torno de todas as outras passagens do original grego do Novo Testamento – jamais os contextos podem ser ignorados. Vimos que em todas as ocasiões em que ela é aplicada é para designar **igualdade**, e que **nunca** é para significar **superioridade**, **liderança** ou **autoridade superior**.

Por sinal, vimos também que a exegese não apenas *exclui* as possibilidades deste termo se tratar de superioridade, como também torna *absurdo* o próprio texto bíblico, caso a palavra significasse isso. Ele simplesmente perderia completamente a coerência e o bom senso. E é exatamente essa mesma coerência e bom senso que os católicos terão que abrir mão caso queiram se segurar em 1ª Pedro 5:1, tentando convencer-nos de que ali Pedro não estava igualmente dizendo que estava no mesmo grau, padrão, patamar de autoridade que todos os demais presbíteros aos quais ele estava escrevendo.

Ele abre mão do recurso que tinha completamente disponível (e usado por ele mesmo em outros casos, se referindo a outras pessoas) de aplicar um prefixo de superioridade, para deliberadamente lançar mão de um que designa igualdade.

Podemos resumir da seguinte forma:

"Archipresbuteros" = Presbítero "acima" (liderança) dos demais presbíteros.

"Sumpresbuteros" = Presbítero "como" (igualdade) os demais presbíteros.

Tal fato não é verdadeiro apenas no caso do presbitério, mas, como vimos, com *todos* os ramos que o Novo Testamento aborda. De acordo com aquilo que já foi

[19] A Nova Versão Internacional traduz este mesmo verso mostrado acima de uma forma que traz igualmente um sentido muito claro: "a mulher não é *independente* do homem, nem o homem*independente* da mulher" (1Co 11:11). Ambos são *dependentes* um do outro, e, portanto, não estão em grau de superioridade ou de inferioridade entre si mesmos.

abordado, podemos traçar o seguinte quadro para sermos mais exatos, aplicando o contraste entre *arche* e *sum* nos mais diversos ramos da língua grega:

CARGO OU OCUPAÇÃO	EM SUPERIORIDADE	EM IGUALDADE
Sacerdote (*Hiereus*)	Archierus	Sumhiereus
Pastor (*Poimen*)	Archipoimen	Sumpoimen
Presbítero (*Presbuteros*)	Archipresbuteros	Sumpresbuteros

Qualquer estudioso do grego que estude a respeito dos prefixos e seus significados entenderá que Pedro de modo algum se identificou como "*archipresbuteros*" (presbítero maior em autoridade), mas somente como "*sumpresbuteros*" (no mesmo grau dos demais presbíteros):

"presbuterous a=oun tsb=tous en umin parakalô o ***sumpresbuteros*** kai martus tôn tou christou pathêmatôn o kai tês mellousês apokaluptesthai doxês koinônos" (1ª Pedro 5:1, no grego)

Isso por si só já deveria bastar para que o clero romano parasse de propagar aos seus fieis a ideia de uma inimaginável liderança (*arche*) de Pedro sobre os demais (apóstolos e presbíteros), o que jamais ocorreu na Igreja primitiva, que trabalhava em termos de igualdade entre os cargos eclesiásticos e não debaixo de uma liderança imposta por uma autoridade humana superior aos demais. As ordens, por isso, eram sempre tomadas "pelos apóstolos e presbíteros" (At.16:4), e não por Pedro de forma especial.

Seria muito estranho que Pedro fosse o líder máximo e principal, mas nem ele mesmo (nem qualquer outro apóstolo) se lembrasse de aplicar o *arche* que sempre ressalta a liderança de quem está à frente de algum projeto ou em algum cargo. Seria mais estranho ainda que ele fosse um "Sumo (*arche*) Pontífice" (como a Igreja Católica afirma), que seria "*archieratikos*", sendo que nem sequer como um simples presbítero Pedro é declarado como "***arch****ipresbuteros*", mas como "***sum****presbuteros*".

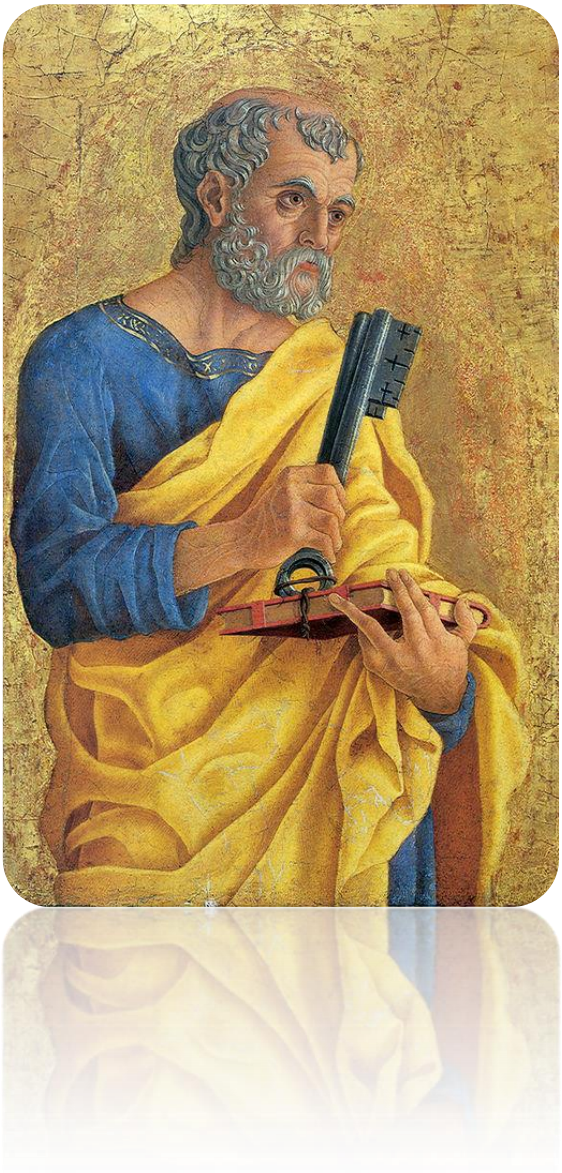
Em outras palavras, se nem sequer com relação ao presbitério Pedro se declara como "*arche*", quanto menos com relação ao pontificado! Se Pedro não era maior nem mesmo que os presbíteros, então certamente não seria superior também aos apóstolos e bispos em geral.

Portanto, Pedro não pode ser Sumo Pontífice (*archieratikos*), pela mesma razão pela qual ele não é um *archipresbuteros*. "*Arche*" é definitivamente aplicada para sacerdotes superiores, para pastores superiores, para anjos superiores, para pontífices superiores... mas para Pedro, nunca! Ao invés disso, os prefixos e sufixos que denotam

igualdade são abundantes para Pedro. A clareza da informação bíblica nos deixa tão esclarecidos que são precisos verdadeiros malabarismos teológicos para negar tal fato.

4

Pedro era a cabeça dos apóstolos?



De acordo com a Igreja Católica, Pedro não apenas era o líder da comunidade cristã, mas a ***cabeça*** dos apóstolos:

"Pedro, cabeça dos Apóstolos"[20]

"No colégio dos Doze, Simão Pedro ocupa o primeiro lugar"[21]

[20] Catecismo Católico, P. 32.5.
[21] Catecismo Católico, §552.

"Há antes de tudo a escolha dos Doze, com Pedro como seu chefe"[22]

Isso entra em flagrante contradição com a afirmação paulina, de que a cabeça da Igreja é Cristo:

"Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo" (Efésios 4:15)

Paulo poderia perfeitamente ter dito que a cabeça da Igreja é Pedro, como ensina a Igreja Católica, mas, ao invés disso, faz questão de dizer que essa cabeça não é Pedro, mas Jesus. Isso corrobora com o fato que vimos no capítulo anterior: não há autoridade superior entre os apóstolos, senão a de Jesus Cristo. Além disso, se Pedro fosse a maior liderança cristã da época, Atos 24:5 estaria certamente com o seu nome ali, e não com o de Paulo:

"Temos achado que este homem é uma peste, e promotor de sedições entre todos os judeus, por todo o mundo, **e chefe da seita dos nazarenos**" (Atos 24:5)

Pelo contexto, vemos que esse que é considerado "o chefe da seita dos nazarenos" (cristãos) é Paulo (v.2), e não Pedro, que sequer é mencionado em qualquer lugar da segunda parte do livro de Atos (nos capítulos 16 a 28). Essa declaração registrada por Lucas no livro de Atos foi feita por um famoso advogado chamado Tértulo, que estava tentando incriminar Paulo (v.1). Tértulo, como advogado, devia ter bom conhecimento sobre os cristãos, o que era decididamente necessário para conseguir acusar Paulo, um cristão, que estava sendo acusado por causa de sua fé.

Para os católicos, Pedro já se fazia presente em Roma exercendo toda a autoridade de seu primado naquela época, e, portanto, seria ele o líder dos cristãos. Mas quem é que Tértulo aponta como sendo esse chefe? **Paulo!** Isso nos leva a concluir que não existia uma primazia de Pedro, o que o tornaria um reconhecido líder dos cristãos, mas vários nomes proeminentes, dentre os quais se destacava o do apóstolo Paulo.

A palavra empregada no original grego neste texto de Atos 24:5 foi *protostates*, que, de acordo com a Concordância de Strong, significa:

4414 πρωτοστατης protostates
de 4413 e 2476; n m
1) um que se encontra na liderança.
1a) líder, chefe, campeão.

[22] Catecismo Católico, §765.

Tudo isso a Igreja Católica diz que se aplica a Pedro, mas Atos dos Apóstolos aplica a Paulo. Era Paulo o que mais se destacava dentre todas as lideranças cristãs da época. Numa tentativa de mascarar essa evidência, algumas versões católicas optaram por traduzir o texto com um artigo indefinido, como a Ave Maria e a versão da CNBB, que traduziram por "*um dos* líderes", e a Bíblia de Jerusalém que traduziu por "*um dos* da linha-de-frente", conquanto que outras versões católicas, como a versão espanhola da Bíblia de Jerusalém, coloquem o artigo definido, vertendo por "*es el* jefe principal".

Com essa sutil adulteração bíblica, eles querem passar a ideia de que Tértulo identificou Paulo não como um nome principal (o que o colocaria acima de Pedro), mas apenas como *mais um* nome, dentre vários outros. Porém, o original grego diz:

"Επειδη ευρομεν τον ανθρωπον τουτον οτι ειναι φθοροποιος και διεγειρει στασιν μεταξυ ολων των κατα την οικουμενην Ιουδαιων, **και ειναι πρωτοστατης της αιρεσεως των Ναζωραιων**"

Traduzindo a parte que estamos abordando, vemos que Lucas escreveu:

και = **e**
ειναι= **é**
πρωτοστατης = **principal líder**
της = **da**
αιρεσεως = **seita**
των = **de**
Ναζωραιων = **Nazaré**

Ou seja:

"...e é principal líder da seita de Nazaré"

Paulo era o principal líder da "seita de Nazaré"! Note que não é nos dito que Paulo era somente "um dos principais líderes". O termo grego πρωτοστατης (*protostates*), que pode ser traduzido de várias formas diferentes expressandio liderança (como "líder", "chefe", "primeiro" ou "principal"), não está colocado no plural, mas no singular, e com o artigo definido que o antecede:

"eurontes gar ton andra touton loimon kai kinounta a=staseis tsb=stasin pasin tois ioudaiois tois kata tên oikoumenên prôtostatên te **tês tôn** nazôraiôn aireseôs"

De acordo com a Concordância de Strong, trata-se de um artigo definido:

3588 o ho que inclue o feminino η he, e o neutro το to
em todos as suas inflexões, o **artigo definido**; artigo
1) este, aquela, estes, etc.

Se Lucas colocou o artigo definido, é porque ele estava dizendo que Paulo era ***o*** principal líder, e não apenas ***um dos*** líderes. Isso fulmina com a tese do primado de Pedro, o que o tornaria superior em autoridade em relação a qualquer outro cristão da época, incluindo Paulo. O fato é que Paulo trabalhou muito mais do que todos os outros apóstolos (1Co.15:10), o que o elevou a uma grande posição de destaque dentro da Igreja, a ponto de até mesmo os não-cristãos identificarem na pessoa dele uma liderança proeminente no Cristianismo, o que implica que não havia um outro nome oficialmente aceito como líder de todos os cristãos em algum lugar de Roma.

5

Qual discípulo era o maior?

Certa vez, os discípulos perguntaram a Jesus: "quem é o maior no reino dos céus" (Mt.18:1)? Que perfeita oportunidade para Cristo dizer que era Pedro! Mas Cristo não disse nada disso.

Em outra oportunidade, o Senhor Jesus perguntou aos discípulos:

"E chegou a Cafarnaum e, entrando em casa, perguntou-lhes: Que estáveis vós discutindo pelo caminho? Mas eles calaram-se; **porque pelo caminho tinham disputado entre si qual era o maior**. E ele, assentando-se, chamou os doze, e disse-lhes: Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos" (Marcos 9:33-36)

Percebam que interessante: os discípulos estavam discutindo entre eles sobre qual deles era o maior! Podemos imaginar Pedro argumentando como os católicos, talvez com base em Mateus 16:18. Podemos imaginar João dizendo que ele era o único "discípulo amado" do Mestre, que se reclinava ao seu peito na Mesa do Senhor. Podemos imaginar Natanel alegando que ele era o único a quem Cristo havia dito que era um verdadeiro israelita, em quem não há falsidade. Podemos imaginar os outros discípulos fazendo

menções a algum fato em especial que tenha marcado a vida deles com Jesus, como se isso significasse alguma posição especial e mais elevada em relação aos demais.

Mas então descobrem que Jesus estava ouvindo tudo. Desde o início. Constrangidos, eles ficam quietos. Ninguém mais tem coragem de mostrar seus argumentos para o Mestre, todos ficaram calados na expectativa de ouvirem do próprio Senhor deles a resposta para essa questão, sobre qual deles era o maior. Se Jesus fosse católico, certamente ele teria dito que aquela discussão era inútil, pois ele já teria falado que era Pedro. O "sobre esta pedra" e o poder das chaves foram ditos por Cristo a Pedro em Marcos 8:29, e essa discussão era *posterior*, em Marcos 9:33-36. Podemos imaginar o "Cristo católico" respondendo asperamente, dizendo:

"Como assim vocês ainda estão discutindo sobre quem de vocês é o maior? Não me ouviram dizendo agora há pouco que era Pedro? Não sabem que eu entreguei só a Pedro as chaves do Reino dos Céus? Não entenderam que vocês todos estão edificados 'sobre esta pedra' que é Pedro, e não eu? Então parem de discutir bobagens. O primado é de Pedro e ponto final!"

É assim que os católicos costumam reagir aos argumentos protestantes, mas como foi que *o próprio Cristo reagiu* a este respeito? Ele disse mesmo que aquela discussão era inútil, pois já estava decidido que era Pedro? É claro que não! Ele, ao contrário, disse isso:

"Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações **as dominam**, e as pessoas importantes **exercem poder** sobre elas. **Não será assim entre vocês**" (Marcos 10:42)

Fantástico! Ao invés de Cristo dizer que Pedro iria exercer domínio (primado, autoridade superior, jurisdição universal) sobre eles, ele diz que **não seria assim entre eles!** Ao contrário dos "governantes das nações", que tinham autoridade sobre os que eram governados, Jesus diz que isso não aconteceria na comunidade cristã! Este verso é um golpe de morte na doutrina romanista do primado de Pedro, pois eles pensam exatamente o contrário: que Pedro e "seus sucessores" exerceriam autoridade sobre todos os demais bispos da comunidade cristã!

Note que Cristo estava traçando um contraste entre as nações e a Igreja. Ele diz que nas nações existem "governantes" (naquela época reis, hoje presidentes) que exerciam domínio (autoridade) sobre quem era governado, mas que isso **não** aconteceria entre os cristãos! Não obstante, a Igreja Católica pisa em cima das palavras de Cristo e faz exatamente o inverso: elege Pedro como exercendo primado sobre todos os demais da

mesma forma que os governantes das nações governam as nações, e é dona de um poder temporal com o papa sendo o governante máximo do Estado do Vaticano!

Em outras palavras, Cristo fala para a Igreja ser **o inverso** daquilo que ocorre entre as nações, e a Igreja Católica faz **exatamente igual** ocorre nas nações, com um "rei" (papa) governando um Estado (Vaticano) e exercendo domínio temporal e espiritual sobre seus "súditos" (outros clérigos e leigos). Quando conferimos o significado das palavras usadas pelo evangelista Marcos, constatamos ainda mais fortemente o contraste entre o ensino de Cristo e o da Igreja Católica:

"a=kai tsb=o tsb=de tsb=iêsous proskalesamenos autous a=o a=iêsous legei autois oidate oti oi dokountes **archein** tôn ethnôn **katakurieuousin** autôn kai oi megaloi autôn katexousiazousin autôn"

Marcos usa duas palavras para traduzir aquilo que Jesus originalmente disse, expressando aquilo que, como vimos, era para os cristãos ***não*** serem. São elas:

2634 κατακυριευω katakurieuo
de 2596 e 2961; TDNT - 3:1098,486; v
1) colocar sob o seu domínio, sujeitar-se, subjugar, dominar.
2) manter em sujeição, domínio sobre, exercer senhorio sobre.

757 αρχω archo
uma palavra primária; TDNT - 1:478,81; v
1) ser o chefe, liderar, governar.

Ele disse que as nações tinham um governante terreno que as "dominavam" (*archo*) e "exerciam poder" (*katakurieuo*) sobre elas, e que **não** seria assim entre os cristãos, com alguém que exercesse *archo* ou *katakurieuo* sobre os demais cristãos. Ocorre que *archo* e *katakurieuo* são exatamente aquilo que os católicos designam a Pedro: *archo* designa exatamente **liderança, governo, ser o chefe**. A Igreja Católica diz oficialmente que Pedro é o **chefe** dos apóstolos, o **líder** dos cristãos e que o papa é quem **governa** o Estado do Vaticano, que é um país.

Da mesma forma, Cristo disse que entre os cristãos não haveria alguém que exercesse *katakurieuo* sobre os demais cristãos. E *katakurieuo* significa exatamente ter domínio sobre alguém, ter alguém *sujeito* à sua autoridade máxima. E é precisamente isso o que a Igreja Católica faz na figura do papa: diz que todos devem se sujeitar ao Sumo Pontífice porque as suas palavras são infalíveis em *ex cathedra* e seus dogmas não contém erro.

Portanto, a Igreja Católica atribui a Pedro e aos bispos de Roma tanto *archo* como *katakurieuo*, que são duas coisas que Cristo disse que **não era para existir entre os cristãos!** Se Jesus fosse favorável ao domínio que o papa exerce sobre os demais (tanto clérigos como leigos), ele obviamente teria dito exatamente o contrário, isto é, que Pedro exerceria liderança na Igreja, assim como os governantes das nações exerciam liderança sobre as nações. Não seria uma *antítese*, mas uma *analogia*.

O próprio fato de os discípulos terem disputado entre si acerca de qual eles era o maior nos mostra que não existia a ideia de primado entre eles, pois se eles cressem que Pedro era papa não estariam discutindo quem era o maior, **mas no máximo estariam disputando o segundo lugar**. Isso nos revela que eles não interpretaram as palavras de Cristo a Pedro em Mateus 16:18 (e outras semelhantes a essa) como um sinal de primado deste, mas continuavam discutindo sobre quem era o maior exatamente porque sabiam que as "evidências" criadas pelos católicos não significam nada em termos de autoridade superior de um apóstolo sobre os demais, mas são interpretadas corretamente de outra forma.

Finalmente, também é importante destacar a afirmação clara de Cristo, de que **havia um só Chefe e todos os demais eram irmãos**:

"Mas vós não queirais ser chamados mestres; porque só um é vosso mestre, e todos vós sois irmãos" (Mateus 23:8)

A palavra "mestres" neste texto vem do grego *kathegetes*, que, de acordo com a Concordância de Strong, significa:

2519 καθηγητης kathegetes
de um composto de 2596 e 2233; n m
1) guia.
2) mestre, professor.

No The NAS New Testament Greek Lexicon ela é usada como significando "um líder"[23]. Essa seria a palavra perfeita para designar Pedro, caso fosse ele o guia terreno dos cristãos, o mestre dos demais, o líder deles. Porém, dois versos à frente vemos Cristo dizendo que isso se referia a **ele mesmo**, e não a Pedro:

"Nem queirais ser chamados mestres, porque **só um** é vosso mestre, **o Cristo**" (Mateus 23:10)

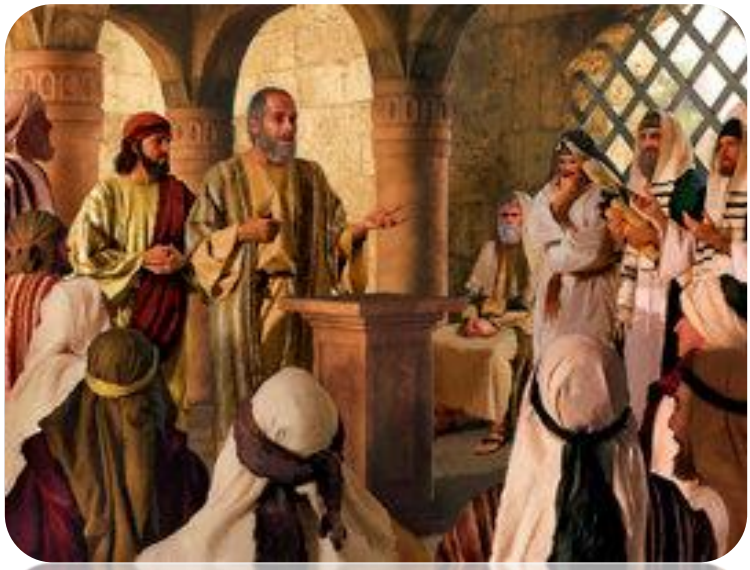
[23] Disponível online em: <http://www.biblestudytools.com/lexicons/greek/nas/kathegetes.html>. Acesso em: 05/10/2013.

Portanto, existe **um só** guia, um só mestre e líder que governa a Igreja em matéria de fé, e este alguém não é Pedro nem nenhum "papa", mas Jesus Cristo. Quando Cristo disse que só há um guia (chefe) da Igreja (que é ele mesmo) e **todos os discípulos são "irmãos"**, ele nada mais está dizendo senão que o único que exerceria um primado sobre os demais era ele próprio, e que todos os discípulos teriam a mesma autoridade na terra. Um seria superior (Cristo); todos os demais estariam em igualdade (irmãos). Se Cristo fosse católico romano, teria dito que ele seria o guia espiritual, líder e mestre da fé no Céu, mas que aqui na terra deixaria Pedro e os pontífices romanos assumindo tal posto.

Felizmente ele não era.

6

Quem liderou o Concílio de Jerusalém?



Em Atos 15:6-31 temos um evento de enorme importância na história da Igreja cristã primitiva: o primeiro concílio já realizado, conhecido como o "Concílio de Jerusalém". Tudo começou quando alguns crentes que haviam deixado a Judeia para pregar em outros lugares começaram a ensinar os gentios a praticarem a circuncisão (v.1). Paulo e Barnabé sabiam que no tempo da graça já não havia a necessidade de se circuncidar, e entraram em grande contenda com tais pessoas (v.2). Como essa contenda não pôde ser resolvida entre eles, decidiram levar a questão "aos apóstolos e aos anciãos" (v.2).

Chegando a Jerusalém, eles foram recebidos pelos apóstolos e pelos anciãos e começaram a considerar o assunto, pois os fariseus que haviam se convertido continuavam crendo que a circuncisão era necessária para a salvação (v.5). Primeiramente, é importante ressaltar que, para decidirem a questão, eles não foram consultar alguma autoridade infalível que pudesse decidir a questão por si mesma. O texto não diz que eles foram levar a questão para Pedro, mas para todos os apóstolos e anciãos, o que nos mostra que havia na Igreja da época um espaço democrático onde todos estão em pé de igualdade e podem dar seu parecer, e não onde um em detrimento dos demais exerce uma primazia e detém infalibilidade.

Creio que, para analisarmos a questão corretamente e a respondermos satisfatoriamente, devemos, antes de tudo, estabelecer alguns *critérios* pelos quais podemos sustentar que alguém exerceu um papel mais importante no Concílio. Sem estabelecermos critérios, ficará apenas a nossa palavra contra a deles, e não estaremos sendo melhores que nossos oponentes. Portanto, devemos responder as seguintes questões que destacam um ***líder***:

-Quem foi que teve a palavra final?

-A palavra de quem que foi sumariada na própria carta escrita às igrejas?

-Quem falou em nome do corpo de apóstolos?

-Quem deu o veredicto?

-Quem mais discursou?

-Quem o autor do livro deu mais ênfase ao discurso?

-O julgamento de quem foi o efetivo?

Iremos analisar cada um dos pontos apresentados acima. Se o leitor tiver paciência e estiver com a mente aberta à verdade, verá que é necessário um verdadeiro assassinato e sepultamento da lógica para não colocar Tiago no papel de liderança do Concílio da Igreja, o que desmonta com a pretensão romanista de que Pedro era o papa e que foi aquele que liderou tal Concílio. Vamos começar pelo primeiro ponto.

-Quem foi que teve a palavra final?

Essa primeira questão é muito importante, pois chega a ser determinante a fim de identificarmos quem exerceu a liderança. Até os dias de hoje é comum a pessoa mais importante discursar por último. A pessoa mais importante é a última a discursar pelas seguintes razões:

a) É aquela que dá a palavra final, a decisiva, a irrefutável. A pessoa mais importante é a última a falar para concertar o erro de alguém que discursou antes, ou a fim de confirmar o pensamento de alguém que discursou anteriormente. O mais importante é sempre o último a discursar porque, se alguém de escala inferior der a palavra final e não for a palavra mais correta, ninguém poderia concertar o erro depois.

Então, o papel do líder é esperar todos discursarem para, depois de analisar todos os lados, dar o seu veredicto e decidir entre quem está com a razão e quem está errado na questão abordada. Nunca você vai chegar a alguma reunião de negócios, concílio, mesa diretiva, ou qualquer reunião importante e ver alguém de escala inferior dando a palavra final e definitiva, colocando um ponto final a toda uma discussão.

É sempre o líder que tem a palavra final, por ser o detentor da autoridade máxima ali dentro. É ele quem corrige ou confirma os discursos anteriores. É ele quem dá a reunião por encerrada e decide a questão por completo e em definitivo. No caso de Atos 15, vemos que Pedro já havia discursado nos versos 7 a 11, **mas mesmo assim a questão ainda não havia sido decidida e nem a discussão dada como encerrada:**

"Depois de muita discussão, Pedro levantou-se e dirigiu-se a eles (...) Toda a assembléia ficou em silêncio, enquanto ouvia Barnabé e Paulo falando de todos os sinais e maravilhas que, por meio deles, Deus fizera entre os gentios (...) Quando terminaram de falar, Tiago tomou a palavra e disse: Irmãos, ouçam-me..." (Atos 15:7,12,13)

Isso seria muito estranho no caso de Pedro ter sido "papa" ou o "príncipe dos apóstolos", pois a decisão dele é a que deveria ser a decisiva, a definitiva, a que iria determinar a questão e dar o tema por encerrado. Porém, vemos que depois de Pedro ainda houve debate na assembleia (v.12), e foi **somente quando Tiago tomou a palavra que a questão foi decidida**. Note que Tiago não discordou da posição de Pedro – ele concordou com ele (vs.13-21). Se fosse Pedro o líder e Tiago fosse seu subordinado, então Pedro não precisaria ter esperado Tiago dar a decisão final, ainda mais sendo a opinião de Tiago tão semelhante à de Pedro!

Se Tiago tivesse posição hierárquica inferior a Pedro, a discussão teria acabado com Pedro, sem a necessidade do discurso de Tiago, ainda mais se levando em conta que Tiago concordou com as palavras de Pedro. Note também que, após Tiago ter concluído seu discurso, **ninguém mais ousou discordar dele e nem sequer levantar qualquer tipo de oposição!**

Não foi necessário mais debate, mais contenda ou mais discussão. Tiago falou, está falado. Tiago disse, questão encerrada. Os católicos bem que gostariam que Pedro tivesse o papel exercido por Tiago neste concílio, mas não teve. Queriam que Pedro fosse tão decisivo assim, mas não foi. Depois que Pedro falou, a questão ainda teve que passar por Paulo e Barnabé, para depois chegar ao veredicto de Tiago e só então ser encerrada – com a palavra de Tiago, e não de Pedro!

-A palavra de quem que foi sumariada na própria carta escrita às igrejas?

Essa questão também é de fundamental importância, pois, uma vez sendo Pedro o "líder" da Igreja (de acordo com os apologistas católicos), a carta com as recomendações aos irmãos das igrejas sobre a decisão do Concílio deveria estar baseada nas palavras de Pedro, e não na de algum outro.

Já imaginou um concílio mais recente, em que o papa está presente mas é um mero bispo quem é levado em maior consideração e fala tudo aquilo que o papa não falou, decidindo a questão por si mesmo? Inacreditável, não é mesmo? Mas foi bem isso o que teria acontecido. Note a semelhança marcante entre o discurso de Tiago e a carta enviada às igrejas:

a) O Discurso de Tiago:

"Quando terminaram de falar, Tiago tomou a palavra e disse: Irmãos, ouçam-me. Simão nos expôs como Deus, no princípio, voltou-se para os gentios a fim de reunir dentre as nações um povo para o seu nome. Concordam com isso as palavras dos profetas, conforme está escrito: 'Depois disso voltarei e reconstruirei a tenda caída de Davi. Reedificarei as suas ruínas, e a restaurarei, para que o restante dos homens busque o Senhor, e todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas' conhecidas desde os tempos antigos'. Portanto, julgo que não devemos pôr dificuldades aos gentios que estão se convertendo a Deus. Pelo contrário, devemos escrever a eles, dizendo-lhes que **se abstenham de comida contaminada pelos ídolos, da imoralidade sexual, da carne de animais estrangulados e do sangue**. Pois, desde os tempos antigos, Moisés é pregado em todas as cidades, sendo lido nas sinagogas todos os sábados" (Atos 15:13-21)

Agora, notem a semelhança com o conteúdo da carta que foi enviada às igrejas com a decisão do Concílio presente em Jerusalém:

b) A Carta enviada às Igrejas:

"Então os apóstolos e os presbíteros, com toda a igreja, decidiram escolher alguns dentre eles e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé. Escolheram Judas, chamado Barsabás, e Silas, dois líderes entre os irmãos. Com eles enviaram a seguinte carta: Os irmãos apóstolos e presbíteros, aos cristãos gentios que estão em Antioquia, na Síria e na Cilícia: Saudações. Soubemos que alguns saíram de nosso meio, sem nossa autorização, e os perturbaram, transtornando suas mentes com o que disseram. Assim, concordamos todos em escolher alguns homens e enviá-los a vocês com nossos amados irmãos Paulo e Barnabé, homens que têm arriscado a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

Portanto, estamos enviando Judas e Silas para confirmarem verbalmente o que estamos escrevendo. Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias: **Abster-se de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual**. Vocês farão bem em evitar essas coisas. Que tudo lhes vá bem" (Atos 15:22-29)

A semelhança é irrefutável e mostra que a carta enviada às igrejas de Antioquia, da Síria e da Cicília é **inteiramente baseada no discurso de Tiago, e não no de Pedro!** Aliás, deve-se notar que o discurso de Pedro nem sequer consta na carta enviada às igrejas!

Isso seria um completo absurdo caso fosse Pedro o líder máximo da Igreja, pois deveríamos esperar que coubesse a ele o papel proeminente no concílio, bem como na carta oficial entregue às igrejas sobre as decisões ali tomadas. O discurso de Pedro foi importante, mas não o decisivo, nem o *mais* importante, nem tampouco o que ficou fixado na carta oficial às igrejas. Vejamos o discurso de Pedro:

"Depois de muita discussão, Pedro levantou-se e dirigiu-se a eles: Irmãos, vocês sabem que há muito tempo Deus me escolheu dentre vocês para que os gentios ouvissem de meus lábios a mensagem do evangelho e cressem. Deus, que conhece os corações, demonstrou que os aceitou, dando-lhes o Espírito Santo, como antes nos tinha concedido. Ele não fez distinção alguma entre nós e eles, visto que purificou os seus corações pela fé. Então, por que agora vocês estão querendo tentar a Deus, impondo sobre os discípulos um jugo que nem nós nem nossos antepassados conseguimos suportar? De modo nenhum! Cremos que somos salvos pela graça de nosso Senhor Jesus, assim como eles também" (Atos 15:7-11)

Note que Pedro incluiu várias coisas em seu discurso. Ele falou sobre:

a) Deus tê-lo levantado para pregar aos gentios.

b) Deus ter concedido o Espírito Santo aos gentios.

c) Deus não fazer distinção entre judeus e gentios.

d) Deus purificar os corações de ambos (judeus e gentios) pela fé.

e) A salvação pela graça, tanto para judeus quanto para os gentios.

Note que houve no mínimo cinco pontos no discurso de Pedro. Em contrapartida, como vemos na carta enviada às igrejas, qual desses pontos levantados por Pedro foram

escritos por oficial na carta? Eu respondo: **Absolutamente nenhum!** Isso pode soar forte para quem já ficou abitolado a crer cegamente que Pedro era o líder, o líder, o líder.

Mas como pode "o líder" não ser sequer mencionado na carta enviada às igrejas, **e seu discurso completamente ignorado?** Isso seria logicamente impossível no caso de Pedro ser papa! Imagine um importante concílio da Igreja, em que o próprio papa é um dos que discursam, ele fala, fala, fala... mas no final nada do que ele disse é levado em efetivo na carta sobre a decisão do concílio, mas somente a fala de um outro indivíduo que disse que:

a) Os cristãos deveriam se abster da comida sacrificada aos ídolos.

b) Se abster também do sangue.

c) Da carne de animais estrangulados.

d) E da imoralidade sexual.

Este foi o conteúdo da carta enviada às igrejas (vs.22-29), curiosamente **exatamente as mesmas palavras de Tiago no verso 20!** Se Pedro fosse papa, as suas opiniões e o seu discurso seriam muito mais levados em conta do que as de Tiago. O mais lógico de se esperar seria obviamente que o relatado na carta estivesse baseado nas palavras de Pedro, e não nas de algum outro. Que os pontos levantados por Pedro fossem exatamente os que foram levantados na carta.

Mas os apóstolos, em comum acordo, decidiram não escrever na carta **nenhuma** palavra dita por Pedro e ainda por cima colocaram *exatamente as mesmas palavras proferidas por Tiago*. Se depois disso tudo os católicos ainda conseguem imaginar que Pedro era o papa infalível, a autoridade máxima, o "príncipe dos apóstolos", o detentor do primado, da primazia jurisdicional, da liderança na Igreja... só cabe lamentar, pois então não há nada que possa convencê-los do contrário, sendo a Bíblia tão clara e enfática em negar que ele tenha liderado o primeiro concílio da história da Igreja.

-Quem falou em nome do corpo de apóstolos?

Essa questão está diretamente relacionada à anterior, mas com a ênfase de que o corpo apostólico não apenas *aceitou* a palavra de Tiago, como também *tomou para si as suas palavras*, baseando-se em seu discurso e não admitindo posições contrárias a isso. Dito em termos simples, Tiago, ao discursar, ***discursou em nome de todo o corpo apostólico***.

Quando Barack Obama discursa sobre uma hipotética entrada dos Estados Unidos em alguma guerra, ele não está discursando apenas sobre si mesmo ou sobre a sua própria opinião sobre o caso, mas está discursando ***em nome de todos os Estados Unidos da América***. São os Estados Unidos quem estão entrando na guerra, e não Obama. Por mais que o discurso tenha sido dele, não será ele quem lutará sozinho, mas todo o exército norte-americano.

A mesma coisa acontece no Concílio de Jerusalém. Quando Tiago discursou, ele não estava apenas mostrando tão somente uma opinião particular sua, mas tomando a decisão final em nome de todo o corpo apostólico, que adotou com unanimidade o seu veredicto (v.22, 28). Se Tiago estivesse somente relatando uma opinião particular – como fez Pedro – poderíamos não levar isso tão em consideração. Mas quando vemos que as palavras de Tiago foram adotadas como as palavras do concílio, **isto é, como a palavra do corpo apostólico**, vemos que Tiago teve o poder de falar por todo o corpo de apóstolos, o que cremos que não seria possível se ele não passasse de uma "sombra" de Pedro!

-Quem mais discursou?

Por mais que esta questão por si só não seja um argumento definitivo, ela também é importante, pois na maioria das vezes o chefe ou líder comanda a reunião e tem o maior tempo de fala (e não somente o discurso mais importante e o veredicto final, como já demonstramos aqui). No caso de Pedro, foram somente cinco versículos, do verso 7 até o verso 11. Já com Tiago, foram nove versículos, do verso 13 até o verso 21, além do fato de que a carta foi praticamente que uma repetição do seu discurso.

Como já disse, o fato de discursar mais não significa necessariamente que a pessoa é a mais importante da mesa, mas na maioria das vezes é isso o que acontece, e, para variar um pouco, novamente Pedro fica atrás de Tiago nisso também! Na verdade, em ***todos*** os quesitos que respaldam o papel de um líder, Pedro fica desaparecido e Tiago toma a proeminência.

Pedro só foi começar a falar "depois de muita discussão" (At.15:7). A sua fala, ainda que importante, não foi decisiva. Precisou de Paulo e de Barnabé discursarem depois, com toda a assembleia em silêncio absoluto diante deles (At.15:12), e fechou com a posição definitiva e o veredicto de Tiago. Nenhuma das posições levantadas por Pedro foram adotadas nas prescrições da carta enviada às igrejas e ele não foi o que mais discursou. Não teve nenhum papel que pudesse pela lógica e coerência identificá-lo como o líder.

-Quem o autor do livro deu mais ênfase ao discurso?

O autor do livro de Atos dos Apóstolos foi Lucas, o médico e escritor do evangelho de Lucas, como historicamente se aceita em todas as comunidades cristãs. Em todos os pontos anteriores explanamos o concílio *em si*, mas não sobre a ênfase que o autor de livro dá, o que também é de crucial importância. Afinal, se Pedro fosse papa, Lucas saberia muito bem disso e daria uma maior ênfase a ele e ao seu discurso.

Entretanto, além de em momento nenhum ter escrito qualquer coisa sobre uma suposta "liderança de Pedro", ele foca-se praticamente inteiramente no papel exercido por Tiago e sempre faz questão de respaldar que a decisão foi aprovada "pelos apóstolos e presbíteros" (At.16:4), e não por Pedro. Evidentemente, Pedro faz parte deste grupo de "apóstolos e presbíteros", mas note que Lucas não faz qualquer questão de ressaltar Pedro em aspecto particular, ou como exercendo um papel mais fundamental que os outros.

Ao invés de dizer que "*o papa fulano decidiu isso*", ele simplesmente escrevia que a decisão passou pelo consentimento de todo o corpo apostólico sumariado no discurso de Tiago. Não há qualquer visão mais particular em Pedro, nenhuma menção de sua suposta "infalibilidade" (que seria imprescindível em um concílio tão importante e impossível de ser passada "despercebida"!), nenhuma ênfase na pessoa de Pedro ou em seus vários "atributos de papa", que a Igreja Católica Romana atribuiu a ele muitos séculos depois (sem ele ficar sabendo disso).

Além disso, desde quando Lucas passa a se focar inteiramente no ministério de Paulo (no capítulo 16), Pedro **desaparece completamente de cena e nem sequer é mencionado até o final do livro!** Isso seria um completo absurdo e um disparate sem precedentes no caso de Pedro ter sido o papa da Igreja primitiva, mas é isso o que temos que aceitar diante do quadro evidente presente no livro de Atos, que pelo seu conteúdo pode ser dividido em três partes:

Capítulo 1 ao 12	**Capítulo 13 ao 15**	**Capítulo 16 ao 28**
Atos dos Apóstolos	Atos de Paulo e Barnabé	Atos do apóstolo Paulo

Aceitar que Pedro era o papa significa dizer que Lucas, o maior historiador da história da Igreja cristã primitiva e que conviveu com os apóstolos, preferiu dirigir as suas atenções completamente a alguém "inferior", deixando o papa de lado, abandonado na galeria do esquecimento, sem sequer fazer citação dele durante 13 capítulos, até o fim do livro!

Como podemos aceitar que as pessoas menos importantes pudessem ser muito mais evidenciadas do que a que deveria exercer exatamente este papel? Como podemos admitir que o "papa" tivesse sido ignorado completamente desde o término do capítulo 15, até o final do livro? Ao que todas as evidências nos demonstram, fica óbvio que Pedro, embora fosse importante na Igreja, está muito longe de exercer toda a primazia que a Igreja Católica mistificou em cima dele. A figura quase mitológica de Pedro tomou o lugar da figura real do Pedro bíblico, que não liderava concílios e que muitas vezes era colocado em segundo plano ou praticamente ignorado.

-O julgamento de quem foi o efetivo?

Já vimos detalhadamente como que foi Tiago quem exerceu o papel de liderança no Concílio de Jerusalém, mas agora cabe também destacarmos um ponto importante do seu discurso, especialmente em cima daquilo que foi dito no verso em que ele próprio se define como o juiz que define o Concílio. Ele diz no verso 19:

"Portanto, **julgo** que não devemos pôr dificuldades aos gentios que estão se convertendo a Deus" (Atos 15:19)

Este "*julgo*" não está ali no sentido de "*acho que*", mas sim no sentido de **exercer juízo [veredicto] sobre um determinado tema**. De acordo com o grego, significa determinar, resolver, decretar algo. O maior léxico grego que temos a nossa disposição, a respeitadíssima Concordância de Strong, traduz a palavra "*krino*" (traduzida por "julgo", no verso acima), entre outros significados, como sendo "parte daqueles que atuam como juízes ou árbitros em assuntos da vida comum, ou emitem julgamento sobre as obras e palavras de outros"[24].

Com essa palavra, Tiago está tomando para si mesmo a posição de árbitro ou juiz daquele concílio. Prova disso é que depois ninguém ousa discutir sobre a posição levantada por ele. Se Tiago estivesse somente dizendo "*eu acho isso*", a sua opinião não teria maior valor que a dos outros e a discussão não iria se dar por terminada.

Mas a palavra no grego tem uma raiz profunda, ela nos mostra que Tiago exerceu o papel de juiz, de árbitro, decidindo a questão em definitivo. A mesma palavra também tem, de acordo com o mesmo léxico, o sentido de "reinar, governar" (novamente ressaltando-se o papel da liderança), e também de "presidir com o poder de emitir decisões judiciais, porque julgar era a prerrogativa dos reis e governadores".

[24] Concordância de Strong, 2919.

Essa mesma palavra (*krino*) era utilizada para o papel dos reis e governadores nas tomadas de decisões judiciais, e ela foi aplicada a Tiago no contexto de Atos 15:19! Ela significa, ainda de acordo com o léxico de Strong, "determinar, resolver, decretar". Tiago não deu somente uma "opinião" ao concílio; ele de fato determinou a questão, resolveu o problema, decretou o que deveria ser feito!

Ora, decretar significa ordenar algo que não pode ser revogado. A única pessoa que tem poder para fazer isso seria uma autoridade ali presente. O papel para tal coube a Tiago, e não a Pedro. Tendo em vista essas definições conclusivas sobre o papel de Tiago à luz da Bíblia, fica claro que sua posição não foi somente a de acrescentar mais uma ideia às demais, mas aquela que decretou e determinou toda a questão. Tiago tomou a palavra, decretou a questão e encerraram-se as discussões. Ele atuou como um árbitro ou juiz para decidir o assunto, como a palavra no grego nos mostra.

-Conclusão e Considerações Finais

O resumo de tudo o que foi dito é que uma exegese aprofundada em cima de Atos 15 nos mostra que todos os critérios válidos para determinar quem exerce um papel proeminente em uma discussão cabem perfeitamente dentro da pessoa de Tiago em todo o contexto, mas absolutamente nenhum deles se aplica também a Pedro.

Tiago foi o que mais discursou, foi quem deu o veredicto, a palavra final, quem determinou a questão e decretou o assunto, quem teve suas palavras admitidas e aceitas como parte integrante da carta enviada às igrejas, quem falou em nome de todo o corpo apostólico, quem foi alvo da maior ênfase pelo narrador da cerimônia, quem se colocou como juiz ou árbitro na questão. Não há dúvidas de que Pedro também teve o seu papel no concílio, assim como Tiago e Barnabé também tiveram, mas não chegou nem perto da importância daquilo que foi o discurso de Tiago.

Diante disso, os católicos são obrigados a aceitar – se estiverem realmente dispostos a abraçarem a verdade – que Pedro não liderou concílio nenhum; ao contrário, foi submisso ao papel de líder exercido por outro. Se Pedro fosse o papa, o príncipe dos apóstolos, o infalível, o chefe do grupo apostólico, o que exercia a primazia, ou tantos outros títulos atribuídos pela Igreja Católica ao longo dos séculos, seria obviamente ele quem exerceria a sua primazia absoluta naquele lugar, que tomaria as decisões, que escreveria a carta, que daria a palavra final, que decretaria o assunto fazendo uso da sua suposta infalibilidade.

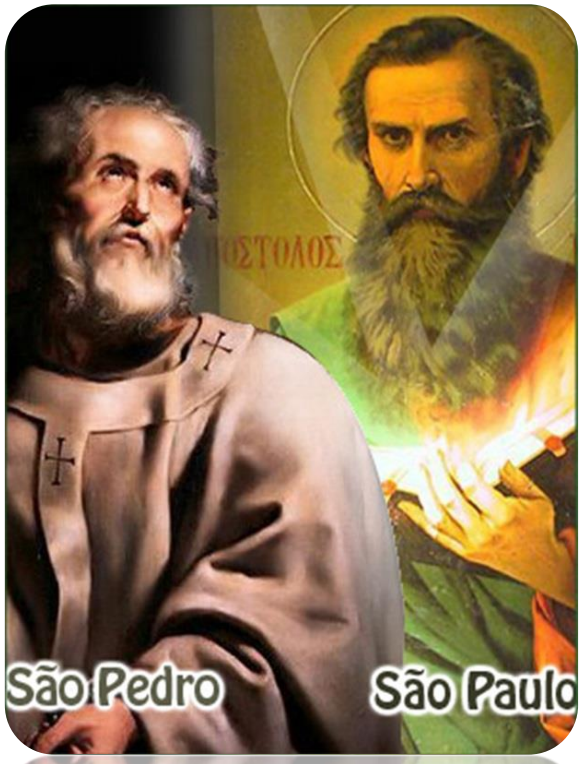
Pedro, porém, foi sombra de Tiago no concílio. Tiago estava longe de ser um "papa", mas tinha autoridade suficiente para deixar Pedro em segundo plano em um

debate. De fato, a Igreja não é formada por uma coluna que se sobressai às outras e que se chama de "papa" ou "príncipe dos apóstolos", mas sim por várias colunas, como Paulo escreve em Gálatas 2:9, mencionando Tiago, Pedro e João, colocando Tiago em primeiro lugar. Nada de Pedro ou algum outro sendo uma coluna única acima dos demais!

Mas, acima de tudo, temos Cristo Jesus como o nosso único fundamento. Porque "ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo" (1Co.3:11). E é esse alicerce que tantas vezes é tão esquecido pelos apologistas católicos, que preferem se sujeitar à obediência passiva a um mero mortal na terra – o papa – do que a estarem dispostos a seguirem e andarem na Verdade que liberta: Jesus Cristo, nosso único Caminho (Jo.14:6), nosso único Mediador (1Tm.2:5), nosso único Sumo Pontífice (Hb.10:21).

7

Paulo contra Pedro em Antioquia



Na epístola de Paulo aos gálatas, vemos o conflito que ele teve com Pedro em Antioquia, que também nos ajuda a compreender que Pedro não era uma espécie de autoridade infalível, mas um homem no mesmo patamar de autoridade de Paulo, sujeito às mais duras críticas e repreensões:

"Quando, porém, Pedro veio a Antioquia, **resisti-lhe na cara, porque era repreensível**. Pois antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios; mas quando eles chegaram, se foi retirando e se apartava deles, **temendo os que eram da circuncisão**. Os demais judeus também se uniram a ele nessa **hipocrisia**, de modo que até Barnabé se deixou levar. Quando vi que **não estavam andando de acordo com a verdade do evangelho**, disse a Pedro perante todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, como é que obrigas os gentios a viverem como judeus?" (Gálatas 2:11-14)

Note que Paulo não apenas *critica* a atitude de Pedro, mas diz que o **resistiu na cara, porque era repreensível!** Qual católico nos dias atuais seria corajoso o suficiente para dizer que viu o papa face a face e lhe resistiu na cara porque o papa é repreensível? A submissão dos católicos ao papa é tão subserviente que apenas são capazes de dizer que o papa é maravilhoso, amável, bondoso, caridoso, que é uma honra vê-lo face a face e que tem todos os frutos do Espírito descritos na Bíblia... e ninguém tem coragem de repreendê-lo ou resistir-lhe na cara, por uma simples razão: isso seria subalterno.

Se um católico, por mais importante que seja, repetisse com o papa exatamente o mesmo que Paulo fez com Pedro, seria considerado insolente, subalterno, insubmisso, talvez até mesmo "protestante". Pois o papa é tratado como sendo autoridade máxima, o Sumo Pontífice, aquele que é dotado de infalibilidade em *ex cathedra*, o bispo dos bispos, quem está acima de tudo e de todos, talvez abaixo apenas de Deus. E, portanto, só poderia ser repreendido por Deus, e não por alguém de autoridade inferior. Paulo certamente não via em Pedro toda essa autoridade, razão pela qual não hesitou em repreendê-lo tão fortemente e ainda por cima registrar isso por escrito aos gálatas!

Paulo não iria querer passar aos gálatas um "exemplo de insubmissão". Se os gálatas devessem obediência incondicional ao "papa" Pedro, é evidente que Paulo faria questão de ressaltar essa liderança absoluta de Pedro para que os gálatas não faltassem com a "liderança" petrina, e não faria comentários que pudessem colocar em dúvida a autoridade pessoal do "líder máximo e infalível da Igreja", no conceito católico. Toda essa repreensão de Paulo frente a Pedro seria um completo disparate caso este assumisse algum cargo muito superior ao do próprio Paulo, pois seria Pedro que deveria repreender Paulo por insubmissão e desacato a autoridade, e não Paulo a Pedro por "não estar andando de acordo com a verdade do evangelho" (v.14).

Nenhum católico seria capaz de dizer que o papa não está andando de acordo com a verdade do evangelho. Protestantes dizem isso. Católicos são subservientes. Não são capazes de dizer que o papa não anda de acordo com a verdade do evangelho, pois têm em mente uma ideia totalmente deturpada e antibíblica, de que o papa seria uma espécie de representante de Deus na terra, e, como tal, estaria acima das críticas, ainda mais de repreensões tão duras como as que Paulo fez com Pedro. O "papa infalível" e "vigário de Cristo" não estar andando de acordo com a verdade do evangelho é algo totalmente sem sentido numa visão católica.

A palavra usada no original grego para aquilo que Paulo fez com Pedro foi *anthistemi*, que significa: "colocar-se contra, opor-se, resistir"[25]. Paulo pôs-se *contra* Pedro, ele se *opôs* a ele, *resistiu-lhe* na face, porque Pedro era "condenável"

[25] De acordo com a Concordância de Strong, 436.

(*kataginosko*). E isso não é tudo, pois há um detalhe que muitos não percebem: o *medo* de Pedro. Isso fica claro no verso 12, que diz:

"Pois, antes de chegarem **alguns da parte de Tiago**, ele comia com os gentios. Quando, porém, eles chegaram, afastou-se e separou-se dos gentios, **temendo os que eram da circuncisão**" (v.12)

Como vemos, Pedro não se afastou dos gentios sem qualquer razão, mas **porque temia os que eram da parte de Tiago**. Antes que esses que eram da parte de Tiago chegassem, ele comia tranquilamente com os não-judeus, mas se afastou depois de vê-los chegando. Já observamos que foi Tiago quem liderou o primeiro concílio da história da Igreja, exercendo um papel muito mais influente e decisivo do que o de Pedro naquele concílio. Então, o que é que Pedro faz quando vê chegando alguns que eram "da parte de Tiago"? Afasta-se imediatamente!

Isso nos deixa claro que Pedro ***temia*** a liderança de Tiago, não sabendo o que este iria pensar a respeito, caso soubesse que os seus enviados o viram comendo com os gentios. Para não causar dúvidas quanto ao seu comportamento, preferiu se ausentar do grupo dos gentios e se unir ao dos judeus. O detalhe é que não era nem *o próprio Tiago*, mas os *enviados da parte dele*, e mesmo assim Pedro ficou com tanto medo que censurou aqueles incircuncisos com quem antes comia tão amigavelmente, temendo a opinião que Tiago teria sobre aquilo!

Se Pedro fosse a autoridade máxima e suprema da Igreja cristã na terra, obviamente não teria qualquer razão para temer ninguém, nem Tiago e muito menos os "da parte" dele! Afinal, ele seria o papa infalível, o bispo dos bispos, o chefe dos apóstolos, o Sumo Pontífice... quem era Tiago para que ele lhe devesse submissão? Seria Tiago e os demais que deveriam temer Pedro, e não o contrário. Pedro deveria ditar as regras do jogo, e não Tiago. Seria completamente inadmissível de se pensar que Pedro de fato exercesse uma primazia na Igreja primitiva, mas temesse a opinião de Tiago, que estaria "abaixo" dele! **Pedro estaria temendo os seus próprios liderados!**

Seria o mesmo que um chefe de uma grande empresa mudasse radicalmente sua atitude por medo da opinião que um simples empregado seu teria sobre algum assunto! Onde foi parar a infalibilidade papal? A autoridade suprema de Pedro sobre o próprio Tiago? O primado universal? Temer aqueles que você manda e discriminar os outros por medo dos seus próprios liderados é algo que só existe dentro da lógica católica, pois nós sabemos que o primado de Pedro só existe mesmo na imaginação fértil dos clérigos romanos, desesperados em darem algum suporte à usurpação de seu bispado universal.

Nessa mesma epístola aos gálatas, Paulo também deixa clara a igualdade entre o ministério dele e o de Pedro, ao dizer:

"Quanto aos que pareciam influentes — o que eram então não faz diferença para mim; Deus não julga pela aparência — tais homens influentes não me acrescentaram nada. Pelo contrário, reconheceram que a mim havia sido confiada a pregação do evangelho aos incircuncisos, assim como a Pedro, aos circuncisos. Pois Deus, que operou por meio de Pedro como apóstolo aos circuncisos, também operou por meu intermédio para com os gentios" (Gálatas 2:6-8)

Além de dizer que os "homens influentes" de Jerusalém (dentre os quais obviamente estava Pedro) não acrescentaram *nada* a Paulo, ele ainda afirma que Deus operou com ele da mesma forma que fez com Pedro. Nota-se claramente o tom de igualdade entre Paulo e Pedro. Ele não coloca Pedro *acima* dele, como sendo um bispo universal e bispo dos bispos ao passo que ele mesmo era apenas mais um bispo comum; ao contrário, induz a uma posição de *igualdade*, o que está de acordo com aquilo que ele mesmo afirmou em outra oportunidade, dizendo que "em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos" (2Co.11:5).

A Pedro havia sido confiada a pregação do evangelho aos circuncisos (judeus), assim como Paulo aos incircuncisos (gentios). Novamente, não vemos nenhum indício de um "primado universal", visto que Pedro não é bispo de gentios e judeus, mas é indicado por Paulo como tendo um ministério voltado para os judeus, enquanto que ele (Paulo) para os gentios. Além do fato de que se Pedro fosse bispo em Roma ele seria dos incircuncisos (gentios), também temos a indiscutível constatação de que ele não exercia uma jurisdição universal, mas apenas um ministério local no mesmo nível de Paulo (Gl.2:6-8).

E ele completa esse pensamento no verso seguinte, dizendo:

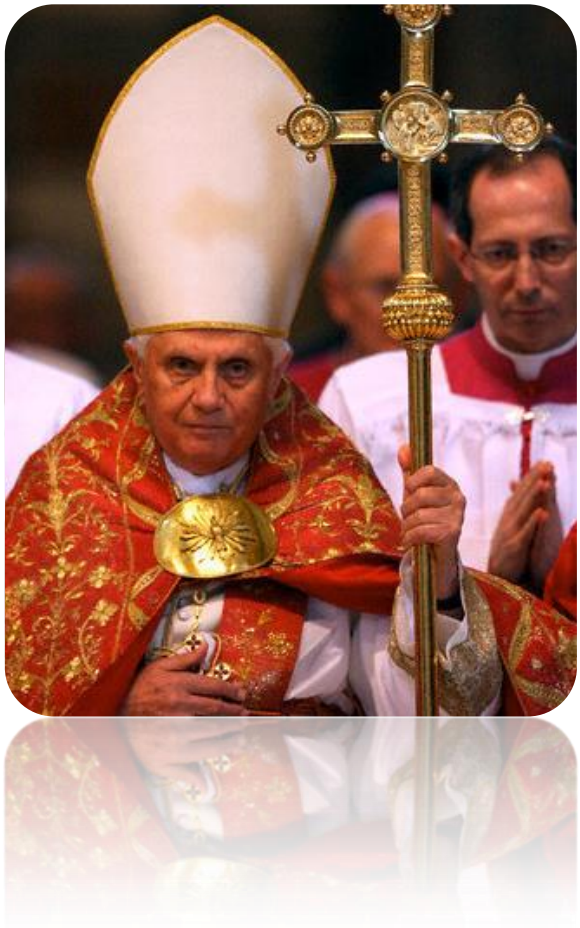
"Reconhecendo a graça que me fora concedida, **Tiago**, Pedro e João, **tidos como colunas**, estenderam a mão direita a mim e a Barnabé em sinal de comunhão. Eles concordaram em que devíamos nos dirigir aos gentios, e eles, aos circuncisos" (Gálatas 2:9)

Paulo não diz que existia uma só coluna na Igreja, que seria Pedro, um bispo de bispos e chefe de todo o corpo apostólico, mas coloca ***três nomes*** em posição de igualdade, e ainda situa Tiago em primeiro lugar! Tiago é a primeira coluna da Igreja em Gálatas 2:9, e é citado antes de Pedro que só aparece em segundo. Aqui vemos que Pedro não era a coluna *principal* da Igreja ou a *única* coluna, mas que dividia a posição com outros, e Paulo nem mesmo fez questão de citá-lo por primeiro, mas coloca Tiago como tal.

Essa evidência é ainda mais importante porque ela não está relacionada apenas a uma ordem cronológica ou sucessão de nomes como vemos várias vezes ocorrendo ao longo da Escritura onde o nome de Pedro é colocado por primeiro, mas se refere a uma *posição hierárquica na Igreja*, uma vez sendo que essas "colunas" representam *autoridade*. Paulo está simplesmente dizendo que Pedro não era a *única* autoridade, mas que havia pelo menos outras duas autoridades além dele, no mesmo patamar, e se pensasse mesmo que dentre elas se destacava Pedro teria obviamente colocado seu nome por primeiro, o que ele não fez.

8

O papa é o Sumo Pontífice?



"Papa" não é um nome oficial dado pela Igreja Católica, mas um "apelido" que significa "pai". Por isso, não deveríamos esperar encontrar a palavra "papa" na Bíblia como designação a Pedro. Isso, porém, não muda o fato de que existe um título oficial dado ao bispo de Roma, que é o de Sumo Pontífice[26]. Portanto, se existia um "papa" (Sumo Pontífice) na Igreja cristã da era apostólica, seria lógico que encontraríamos os apóstolos fazendo referência a tal cargo eclesiástico.

Mas não fazem.

Ao contrário, o apóstolo Paulo cita apenas cinco cargos na Igreja, **sem fazer qualquer questão de mencionar o de Sumo Pontífice**:

[26] Catecismo Católico, S.65.1-5.

"E ele mesmo deu uns para **apóstolos**, e outros para **profetas**, e outros para **evangelistas**, e outros para **pastores** e **mestres**, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo" (Efésios 4:11,12)

Há, portanto, apenas cinco cargos eclesiásticos na Igreja, que é o de apóstolo, de profeta, de evangelista, o de pastor e o de mestre. **O de Sumo Pontífice não é mencionado, simplesmente porque não existe**. Se existisse, Paulo estaria fazendo uma baita desfeita com Pedro, pois Sumo Pontífice seria o cargo mais elevado e importante na Igreja, visto que estaria acima de todos os demais. Sendo o mais importante, é lógico que não passaria despercebido por Paulo, mas seria mencionado em primeiro lugar. Contudo, os primeiros a serem mencionados são os apóstolos, e o título de Sumo Pontífice não aparece em lugar nenhum.

Assim sendo, de duas, uma: ou Paulo não citou o cargo de Sumo Pontífice porque se "esqueceu" exatamente daquele título que seria o mais elevado e o mais importante na Igreja, ou ele não citou porque realmente ele não existia naquela época. Porque Jesus nunca instituiu algum cargo de Sumo Pontífice na Igreja. Porque não existia qualquer autoridade suprema entre os apóstolos. Porque o papa é uma invenção da Igreja Católica.

Seria ainda mais difícil de explicar a ausência do Sumo Pontífice em Efésios 4:11 à vista de seu contexto imediato, que diz que Deus instituiu esses ministérios **para o aperfeiçoamento dos santos** com vista à **edificação do Corpo de Cristo**. Ora, o Sumo Pontífice Romano estaria no topo de toda a escala ministerial, seria o principal deste Corpo, aquele que seria o símbolo da unidade da Igreja e o mais importante. Assim sendo, seria imprescindível a sua menção em Efésios 4:11 caso ele realmente existisse na Igreja da época. A sua ausência aqui e em todos os outros lugares da Escritura ressoa o fato de que ele inexistia na época.

O mesmo ocorre em 1ª Coríntios 12:28, em que Paulo diz:

"E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas" (1ª Coríntios 12:28)

Aqui, vemos que Deus constitui **primeiramente** apóstolos. Os apóstolos estão em **primeiro lugar** na escala de importância dentre os cargos eclesiásticos que são dirigidos por homens, o que implica logicamente que **não existe o cargo de Sumo Pontífice**, o que estaria *acima* de apóstolo. Para os católicos, Pedro não era meramente um apóstolo, ele era muito mais do que isso: era o *Sumo* Pontífice, o *príncipe* (primeiro) dos apóstolos, alguém que está *acima* deles. Faltou avisar isso a Paulo, que colocou os apóstolos (no

plural) em primeiro lugar, sem fazer qualquer questão de mencionar Pedro individualmente como detendo uma posição hierárquica acima deles!

E isso explica a razão porque Pedro **nunca** é chamado de "Sumo Pontífice" nas Escrituras e o porquê que tal designação é dada **exclusivamente a Cristo**. Porque o que está acima de todos os apóstolos não é Pedro, nem nenhum outro ser humano, mas **Jesus Cristo**. É por isso que esse termo nunca é aplicado a qualquer ser humano na terra na Nova Aliança, mas unicamente a Jesus Cristo:

"Onde **Jesus** entrou por nós como precursor, **Pontífice eterno**, segundo a ordem de Melquisedec" (Hebreus 6:20)

"O ponto essencial do que acabamos de dizer é este: **temos um Sumo Sacerdote**, que está **sentado à direita do trono da Majestade** divina nos céus" (Hebreus 8:1)

"Temos, portanto, um grande **Sumo Sacerdote** que penetrou nos céus, **Jesus**, Filho de Deus. Conservemos firme a nossa fé" (Hebreus 4:14)

"Porém, já veio **Cristo, Sumo Sacerdote** dos bens vindouros. E através de um tabernáculo mais excelente e mais perfeito, não construído por mãos humanas {isto é, não deste mundo}" (Hebreus 9:11)

"E dado que **temos um Sumo Sacerdote** estabelecido sobre a casa de Deus" (Hebreus 10:21)

"Ao nosso **Sumo Sacerdote**, entretanto, compete ministério tanto mais excelente quanto ele é mediador de uma aliança mais perfeita, selada por melhores promessas" (Hebreus 8:6)

Como vemos, o Sumo Pontífice (ou Sumo Sacerdote[27]) da Nova Aliança não é nenhum ser humano (razão pela qual não é citado por Paulo como um cargo eclesiástico que Deus instituiu aos homens em Efésios 4:11), mas o Senhor Jesus Cristo. Aqui reside uma tipologia precisa com o Antigo Testamento, que tinha um Sumo Sacerdote que se apresentava no Santo dos Santos até o dia de sua morte, quando esse sumo sacerdócio era transmitido ao seu sucessor. O primeiro Sumo Sacerdote do Antigo Testamento foi Arão. Depois dele, outras pessoas foram assumindo o sumo sacerdócio, com a morte daquele que era o Sumo Sacerdote até então.

[27] Sumo Sacerdote ou Sumo Pontífice é a mesma coisa, razão pela qual as versões católicas como a Ave Maria vertem textos como Hebreus 3:1 (que as versões protestantes traduzem por "sacerdote") como "pontífice".

Esse mesmo autor de Hebreus afirma que "a lei é uma sombra dos bens vindouros" (Hb.10:1), ou seja, que tudo aquilo que o Antigo Testamento diz tem alguma aplicação prática neotestamentária. E ele próprio explica a aplicação do sumo sacerdócio da Antiga para a Nova Aliança. Antes, pensem comigo: se existiu um momento perfeito para alguém dizer que o sumo sacerdócio humano da Antiga Aliança foi transferido para outro sumo sacerdócio humano na Nova Aliança, era esse.

Isso porque o sistema que atua na Igreja Católica é exatamente o mesmo que atuava nos sumos sacerdotes do Antigo Testamento. Cada papa se torna Sumo Pontífice pela duração de sua vida, e ao morrer esse cargo de Sumo Sacerdote é transferido a outro, assim como acontecia na Antiga Aliança. Portanto, se era essa a aplicação prática da "sombra" veterotestamentária, é óbvio que o escritor de Hebreus faria questão de ressaltar tal fato. Pedro seria para o Novo Testamento aquilo que Arão era para o Antigo Testamento, e os sucessores de Pedro seriam na Nova Aliança aquilo que os sucessores de Arão eram na Antiga Aliança.

Porém, ao chegarmos neste ponto, quando os católicos mais esperam que o escritor de Hebreus dissesse que era isso mesmo, ele muda tudo: **o Sumo Sacerdote não é Pedro ou algum outro humano, mas Jesus Cristo!** Ou seja: que a aplicação prática neotestamentária à sombra do Antigo Testamento não é de um Sumo Sacerdote *terreno*, mas de um *celestial*, e que não seria um *mortal*, mas um *imortal*!

"E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque pela morte foram impedidos de permanecer. Mas este, **visto que vive para sempre**, Jesus tem um sacerdócio permanente. Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, pois vive para sempre para interceder por eles" (Hebreus 7:23-25)

"O ponto essencial do que acabamos de dizer é este: **temos um Sumo Sacerdote**, que está **sentado à direita do trono da Majestade** divina nos céus" (Hebreus 8:1)

"Temos, portanto, um grande **Sumo Sacerdote que penetrou nos céus**, Jesus, Filho de Deus. Conservemos firme a nossa fé" (Hebreus 4:14)

"Tal é, com efeito, o Pontífice que nos convinha: s**anto, inocente, imaculado, separado dos pecadores e elevado além dos céus**" (Hebreus 7:26)

Como vemos, as razões pela quais Jesus é o Sumo Sacerdote da Nova Aliança é porque:

• Jesus vive para sempre (é imortal), diferentemente dos sumos sacerdotes do Antigo Testamento, que ***morriam***.

• Jesus está assentado à direita da Majestade nos céus, ao contrário dos outros sumos sacerdotes terrenos do Antigo Testamento.

• Jesus penetrou os céus, diferentemente dos outros sumo sacerdotes do Antigo Testamento.

• Jesus é plenamente santo, imaculado, separado dos pecadores e elevado além dos céus, diferente dos sumos sacerdotes terrenos que eram pecadores.

Com efeito, podemos constatar que o sumo sacerdócio da Nova Aliança é bem distinto do sumo sacerdócio do Antigo Testamento. O sumo sacerdócio da Nova Aliança é **realizado por Cristo no Céu**, enquanto que o sumo sacerdócio da Antiga Aliança era **realizado por um homem na terra**. Há um *contraste* estabelecido aqui, que o autor de Hebreus faz questão de ressaltar. O cumprimento neotestamentário não é Pedro, é Jesus. Não é um homem mortal, é o Deus imortal. Não é na terra, é no Céu. O contraste é tão forte que seria um absurdo algum católico alegar que Pedro era o Sumo Sacerdote (Sumo Pontífice), pois ele não é nada disso!

Sumo Sacerdote no Antigo Testamento	Sumo Sacerdote no Novo Testamento
Mortal	Imortal
Terreno	Celestial
Pecador	Imaculado
Realizado na terra	Realizado no Céu
Realizado por homens	Realizado por Deus (Jesus Cristo)

Se Pedro fosse o Sumo Sacerdote na Nova Aliança, como pensam os católicos, o autor de Hebreus não teria dito que o Sumo Pontífice do Novo Pacto deveria ser alguém que não poderia morrer (Hb.7:23-25), que estivesse no Céu (Hb.4:14), que fosse imaculado (Hb.7:26) ou que estivesse à direita da Majestade (Hb.8:1), **pois Pedro não era nenhuma dessas coisas!** Aliás, nem mesmo haveria qualquer *contraste* entre o sumo sacerdócio do Antigo com o do Novo Testamento, pois, como vimos, o sumo sacerdócio de Pedro e seus sucessores seria ao mesmo modo do de Arão e seus sucessores.

E é mais estranho ainda que nada nos seja dito pelo autor de Hebreus sobre existir um Sumo Pontífice na terra, assim como era na Antiga Aliança. Por que ele só fala de Jesus como sendo o nosso Sumo Sacerdote? **Porque Jesus é o único! Não existe outro**

além dele! O Sumo Pontífice da Igreja Católica nada mais é senão uma usurpação de Cristo, que é o nosso verdadeiro e único Sumo Sacerdote. É digno de nota que em todo momento o autor de Hebreus deixa claro o fato de que nós, da Nova Aliança, possuímos apenas Jesus como Sumo Pontífice, e não "dois sumos pontífices", um na terra (Pedro) e outro no Céu (Jesus). Foi por isso que ele disse:

"Portanto, irmãos santos, participantes da vocação que vos destina à herança do céu, considerai **o mensageiro e pontífice** da fé que professamos, Jesus" (Hebreus 3:1)

O artigo definido e o emprego do **singular** nos deixa claro que nós não temos dois sumos pontífices, mas apenas um, que é o Senhor Jesus. Ele não diz que nós temos "pontífices", no plural, mas **"o"** (singular e artigo definido para tratar de uma única pessoa) pontífice, que é Cristo. Ele não diz que nós temos "pontífices", mas um único pontífice, que é plenamente santo:

"Tal é, com efeito, **o Pontífice** que nos convinha: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e elevado além dos céus" (Hebreus 7:26)

Ele não fala de "dois" pontífices, mas de "um":

"Portanto, visto que temos **um** grande sumo sacerdote que adentrou os céus, Jesus, o Filho de Deus, apeguemo-nos com toda a firmeza à fé que professamos" (Hebreus 4:14)

Até mesmo quando ele traça um paralelo entre os pontífices da terra e o pontífice do Céu, ele nada fala sobre um suposto pontificado que Pedro exercia na terra, mas sobre os sacerdotes terrenos da época do Antigo Testamento, que já não tem mais validade na Nova Aliança:

"E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque pela morte foram impedidos de permanecer. Mas este, visto que vive para sempre, Jesus tem um sacerdócio permanente. Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, pois vive para sempre para interceder por eles" (Hebreus 7:23-25)

O verso mais claro de que Cristo é o nosso **único** Sumo Pontífice na Nova Aliança é o de Hebreus 7:28, onde ele diz:

"Pois a Lei constitui sumos sacerdotes a homens que têm fraquezas; mas o juramento, que veio depois da Lei, constitui o Filho, perfeito para sempre" (Hebreus 7:28)

Este versículo é um verdadeiro golpe de morte na tese católica de que Pedro e os bispos romanos são sumos pontífices, pois o autor de Hebreus fala que na Lei existiam

vários sumos sacerdotes, coloca o termo no plural e diz que eram **"homens"** com fraquezas, mas logo em seguida afirma que na Nova Aliança nós temos Jesus. A partícula grega δε é o que marca o ***contraste*** entre um e outro, pois ela significa: "*mas; porém; contudo*". Ela ressalta um nítido contraste entre um grupo (sumos sacerdotes da Antiga Aliança) e outro (Sumo Sacerdote da Nova Aliança).

Com este contraste que é aqui estabelecido, o escritor de Hebreus nada mais está dizendo senão que o Sumo Sacerdote da Nova Aliança é ***diferente*** do que foi apresentado anteriormente na Antiga. Lá, eram "sumos sacerdotes" (plural para várias pessoas, pois se refere a um cargo que era transmitido de geração em geração) e "homens com fraquezas", ***mas*** na Nova Aliança é apenas Cristo, que difere de tudo isso. Ora, os sumos pontífices romanos são exatamente como no Antigo Testamento: já se passaram vários, é um cargo transmitido de geração em geração e é detido por homens que têm fraquezas. Assim sendo, o texto deveria estar escrito assim:

"Pois a Lei constitui sumos sacerdotes a homens que têm fraquezas; e o juramento que veio depois da Lei também!"

É evidente que o autor de Hebreus está deixando claro que não existe mais transferência de sumo sacerdócio entre humanos na Nova Aliança como havia na Antiga, mas que este cargo é ocupado unicamente por Jesus Cristo, aquele que venceu a morte e ressuscitou, que adentrou os céus e que é imaculado, e que por isso pode exercer essa função de Sumo Pontífice na Nova Aliança.

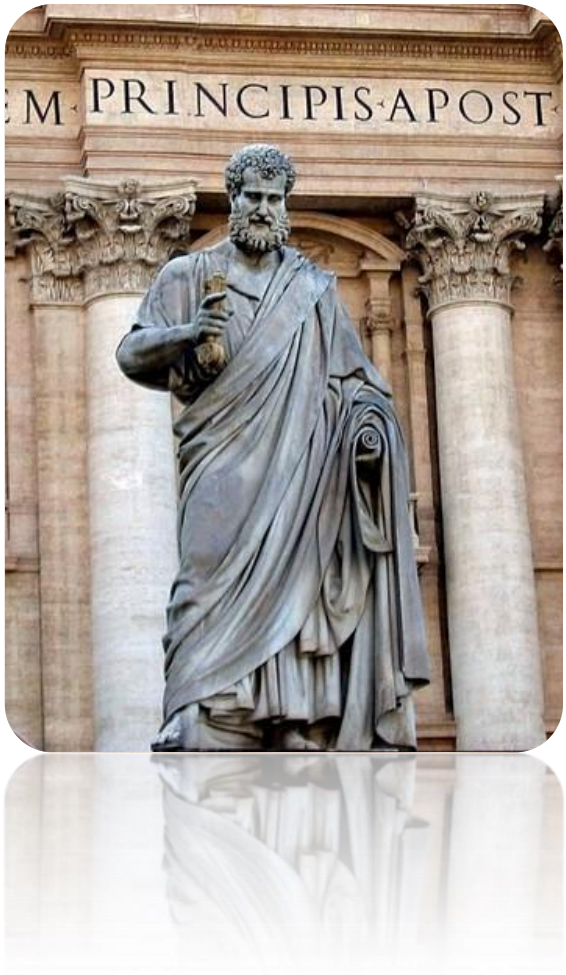
Isso significa que, **com a Nova Aliança, chegou ao fim o tempo de sumos sacerdotes humanos aqui na terra, transmitindo esse cargo de geração a geração, por homens que têm fraquezas**, pois ele hoje é ocupação exclusiva de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que deu a Sua vida por nós exatamente para este fim: se tornar o Sumo Sacerdote da fé que professamos (Hb.3:1).

Quando os católicos dizem que o papa é o Sumo Pontífice, eles estão simplesmente blasfemando contra a obra de Cristo. Este se deu por amor para se tornar o Sumo Sacerdote, botando um fim no sumo sacerdócio terreno por pessoas humanas, mas os católicos permanecem com sumos pontífices terrenos, **tomando o lugar que é de Cristo**. O título de "Sumo Pontífice" e sua condição de bispo dos bispos (i.e, de pontífice dos pontífices) é uma **usurpação** daquilo que é somente de Jesus Cristo, que a Bíblia diz que é o nosso Supremo Pastor (1Pe.5:4), único Sumo Pontífice (Hb.5:10; 4:14; 8:1; 3:1; 5:1; 5:5; 10:21; 6:20; 4:15; 9:11; 2:17; 7:26), Rei dos reis (Ap.19:16; 1Tm.6:15) e Senhor dos senhores (1Tm.6:15; Ap.19:16).

O Sumo Pontífice romano não é uma autoridade que provém de Deus, é uma **usurpação de Satanás**, que sempre quis tomar o lugar que é de Deus (veja: Is.14:13; 2Ts.2:4). Criador dessa falsa religião chamada catolicismo romano, ele decidiu criar também um cargo na Igreja que, além de nunca ter existido na Igreja primitiva, ainda *usurpa* o lugar que é de Jesus, o nosso único e verdadeiro Sumo Pontífice. Trata-se de um **título de blasfêmia**, uma usurpação, apoderando-se daquilo que pertence a Cristo, se colocando como um deus na terra, e se dizendo "vigário" (que significa substituto) dele.

9

Nenhum enviado é maior do que aquele que o enviou



Jesus disse um princípio universal em João 13:16:

"Digo-lhes verdadeiramente que nenhum servo é maior do que o seu senhor, **como também nenhum enviado é maior do que aquele que o enviou**" (João 13:16)

Da mesma forma que o servo não é maior (em autoridade) que o seu senhor, o enviado também não é maior (em autoridade) do que aquele que o enviou. Como já vimos nos textos de Mateus 10:24-25 e de Lucas 6:40, o discípulo não pode ser maior em autoridade que o seu mestre, mas no máximo pode ser "como" (em igualdade) o seu mestre. Jesus estende em João 13:16 o mesmo ensino que ele disse nestes dois textos bíblicos também ao servo e seu senhor e ao enviado e quem o enviou. Assim, fica claro

que no máximo alguém que é enviado por outro pode ser "como" (igualdade) quem o enviou, mas nunca "maior" (acima em autoridade).

Então, cabe a nós respondermos a pergunta: **Pedro era enviado ou ele que enviava?** A resposta a essa questão se encontra em Atos 8:14:

"Os apóstolos em Jerusalém, ouvindo que Samaria havia aceitado a palavra de Deus, **enviaram para lá Pedro e João**" (Atos 8:14)

Como vemos, não era Pedro que dava ordens na Igreja primitiva enviando seus liderados aos outros lugares do mundo, **mas ele próprio que recebia ordens dos demais e era enviado a outros lugares!** Isso destroi a tese do primado petrino por duas razões principais. A primeira é que, como o texto nos mostra, Pedro não era um "mandatário" da Igreja primitiva, um líder máximo, que estava acima de todos como o papa é hoje; ao contrário, ele próprio era enviado pelos demais apóstolos, ou seja, recebia ordens deles. Como pode Pedro ter sido o líder da Igreja, se ele próprio era enviado pelos demais apóstolos, em vez de ele mesmo estar à frente enviando os missionários? Que bispo hoje na Igreja Católica pode enviar o bispo de Roma para qualquer outra diocese?

E, em segundo lugar, de acordo com o que vimos no texto de João 13:16, nenhum enviado por ser maior do que aquele que o enviou. Isso implica que Pedro, que era **enviado** pelos outros apóstolos, não poderia ser ***maior*** do que eles. No máximo, poderia estar no *mesmo nível* de autoridade deles, mas não *maior*, ou Cristo estaria mentindo ao dizer que nenhum enviado pode ser maior que aquele que o enviou.

O detalhe ainda mais interessante de tudo isso é que o texto do original grego traz a palavra αποστολος (*apostolos*) onde é traduzido por "enviado" pela maioria das versões. Ela é exatamente a **mesma palavra** que é usada em todos os textos que falam dos apóstolos de Cristo:

652 αποστολος apostolos
de 649; TDNT - 1:407,67; n m
1) um delegado, mensageiro, alguém enviado com ordens.
1a) especificamente aplicado aos doze apóstolos de Cristo.
1b) num sentido mais amplo aplicado a outros mestres cristãos eminentes.
1b1) Barnabé.
1b2) Timóteo e Silvano.

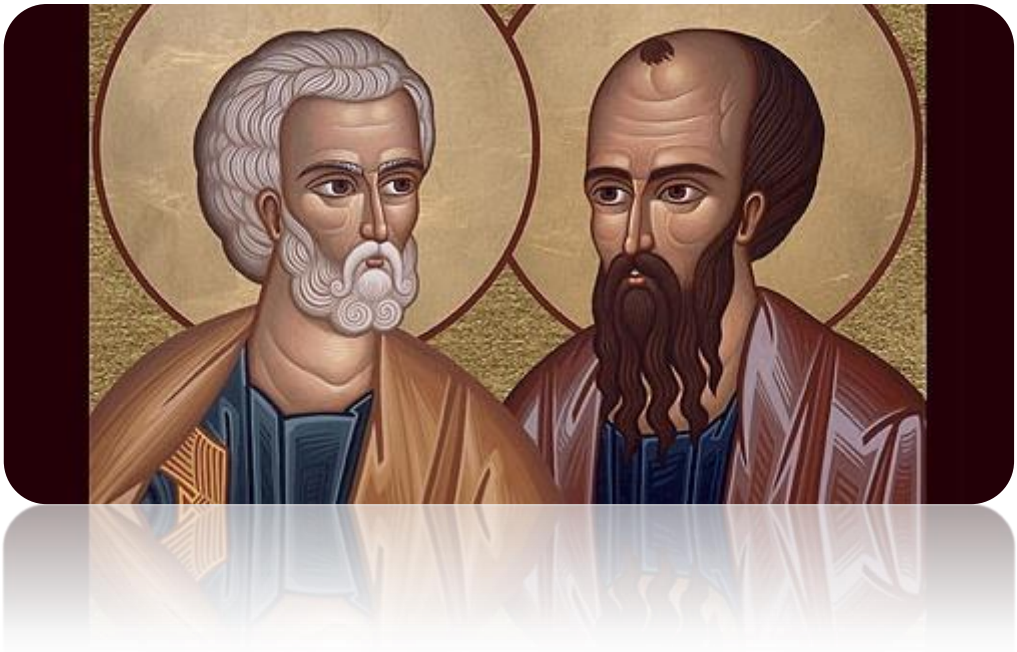
Em outras palavras, ao dizer que nenhum enviado (*apostolos*, que significa "apóstolo") é maior do que aquele que o enviou, ele nada a mais está dizendo senão que **nenhum apóstolo (enviado) pode ser maior do que aquele que o enviou!** E o que vemos

em Atos 8:14? Exatamente a confirmação de que **os apóstolos enviaram** Pedro e João em missão evangelística. Ou seja: um caso claro do que Cristo disse em João 13:16 – um apóstolo sendo enviado por outro apóstolo!

Portanto, de acordo com a regra imposta aqui (que o enviado-*apostolos* não pode ser maior do que aquele que o enviou), Pedro não poderia ser maior do que os apóstolos que enviaram ele e João a Samaria, **o que aniquila a tese do primado universal de Pedro como o "chefe dos apóstolos"**.

10

Paulo reconhecia Pedro como o Sumo Pontífice?



Será que o próprio apóstolo Paulo, escritor de pelo menos 13 epístolas neotestamentárias de enorme importância, reconhecia a autoridade de Pedro como acima da dele, ou ao menos admitia a existência de um "príncipe dos apóstolos", como diz a Igreja Católica? A isso ele responde em 2ª Coríntios 11:5, dizendo:

"Porque penso que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos" (2ª Coríntios 11:5)

Paulo não iria ter dito isso caso existisse um "chefe dos apóstolos" em Roma, em posição de autoridade superior a de todos eles. Ele não se colocava em posição de inferioridade em relação a nenhum deles, nem mesmo aos "mais excelentes". Nem mesmo a Pedro, supõe-se.

Aos coríntios, Paulo escreve sobre a autoridade dele, de Pedro e de Apolo naquela comunidade. E diz:

"Meus irmãos, fui informado por alguns da casa de Cloe de que há divisões entre vocês. Com isso quero dizer que cada um de vocês afirma: 'Eu sou de Paulo'; 'eu de Apolo'; 'eu de Pedro'; e 'eu de Cristo'. Acaso Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vocês? Foram vocês batizados em nome de Paulo?" (1ª Coríntios 1:11-13)

"Pois quando alguém diz: 'Eu sou de Paulo', e outro: 'Eu sou de Apolo', não estão sendo mundanos? Afinal de contas, quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servos por meio dos quais vocês vieram a crer, conforme o ministério que o Senhor atribuiu a cada um. Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fazia crescer; de modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento" (1ª Coríntios 3:4-7)

Nestes dois textos que Paulo diz na mesma epístola aos coríntios, ele mostra que aquela igreja local estava tendo divisões, porque estavam olhando muito para os homens e pouco para Jesus. Colocavam-se debaixo da autoridade de Paulo, de Apolo e de Pedro, mas não de Cristo. Paulo corrige esse equívoco e diz várias coisas que nos passam claramente a noção de que ele não cria num primado jurisdicional de Pedro sobre todos os cristãos. Primeiro, porque a Igreja de Corinto parecia não fazer diferença entre a autoridade de Paulo, Apolo e Pedro.

De fato, o texto deixa claro que a opinião daquela igreja estava dividida sobre a quem servir, ou seja, sobre qual destes três detém maior autoridade na Igreja. Se estivesse tão claro que o maior destes três era Pedro, não haveria discussões a este respeito. Seria o mesmo de um católico atual discutir sobre quem tem mais autoridade, se é o papa Francisco, o cardeal Odilo Scherer ou o padre Paulo Ricardo. Pois, para os católicos, seria exatamente assim: Pedro seria o Sumo Pontífice, Paulo seria um apóstolo e Apolo nem isso.

Assim sendo, estaria tão clara a primazia de Pedro que não haveria qualquer discussão entre eles sobre qual destes três nomes era maior, porque já estaria óbvio que era Pedro. Além disso, ao invés de Paulo dizer que o maior era Pedro, ele aponta para Cristo como sendo a única autoridade superior! Ele não faz qualquer diferença entre ele, Apolo e Pedro, pois estavam no mesmo patamar de autoridade na Igreja, o único que ele realça é Jesus Cristo, porque, como vimos, Cristo é o nosso **único** Sumo Pontífice.

Mais do que isso, ele ainda diz que eles são apenas servos por meio dos quais os coríntios vieram a crer (1Co.3:5), de modo que "nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus" (1Co.3:7). Isso entra em direto contraste com o catecismo católico, que afirma que o papa "possui na Igreja poder pleno, supremo e universal, e ele pode exercer sempre livremente este seu poder"[28].

Outro texto que corrobora com isso é quando Paulo passa a argumentar a favor da validade de seu verdadeiro apostolado, que estava sendo contestado por alguns, porque

[28] Catecismo Católico, §882.

Paulo não tinha estado com Jesus para ser apóstolo como os outros doze eram. Então, Paulo passou a defender a veracidade de seu apostolado. Para um católico, seria muito fácil ele provar que era apóstolo de verdade. Bastava que ele dissesse que **tinha o reconhecimento do papa Pedro**, e essa questão estaria decidida. Mas como é que Paulo defende seu ministério? Ele responde isso em 1ª Coríntios 9:1-3:

"Não sou livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor? Não são vocês resultado do meu trabalho no Senhor? Ainda que eu não seja apóstolo para outros, certamente o sou para vocês! Pois vocês são o selo do meu apostolado no Senhor. Esta é minha defesa diante daqueles que me julgam" (1ª Coríntios 9:1-3)

Em outras palavras, ao invés de Paulo se fundamentar no fato de ser reconhecido por algum Sumo Pontífice terreno, ele nada fala sobre isso, mas defende a autoridade de seu ministério com base no fato de ter visto o Senhor Jesus (em Damasco) e de ter os frutos de seu trabalho, que eram os próprios coríntios, que foram ganhos a Cristo por Paulo. É marcante que em momento nenhum, nem aqui e nem em qualquer outro lugar onde ele defendeu a veracidade de seu apostolado, ele disse que tinha o reconhecimento do papa, **porque isso nunca foi critério na Igreja primitiva**.

Se um católico é "cardeal" nos dias de hoje e algumas pessoas contestam se ele é cardeal mesmo, ele irá usar como argumento para a veracidade de seu ministério eclesiástico o fato de ser reconhecido pelo papa e ordenado pelo Vaticano. Mas Paulo em momento nenhum fez isso, simplesmente porque **não existia nenhum papa naquela época**. Por isso, ele sempre se defendia com argumentos lógicos e racionais, com o fruto do seu ministério e com o fato de ter visto a Cristo. Não por alguma autoridade ou Magistério humano!

Por fim, devemos pensar racionalmente: se existisse mesmo um Sumo Pontífice terreno na Igreja primitiva, por que Paulo **nunca** fez menção a tal autoridade humana em suas epístolas? Seria normal um católico escrever várias cartas doutrinárias e de admoestação à fé para as igrejas e **nunca** citar a autoridade papal, nem sequer uma única vez? Uma análise mais cuidadosa nos escritos de Paulo nos mostra que **ele nunca reconheceu Pedro como uma autoridade infalível e suprema dentre os apóstolos**.

Paulo citou Pedro em seus escritos somente em duas cartas, citando quatro vezes o nome de Pedro aos coríntios (1Co.1:12; 3:22; 9:5; 15:5) e seis vezes aos gálatas (Gl.1:18; 2:7; 2:8; 2:9; 2:11; 2:14). Uma leitura de todas essas passagens nos mostra que **em nenhuma delas Paulo se refere a Pedro como a uma autoridade acima dele ou de todos os demais**, muito pelo contrário. O contexto de 1ª Coríntios 1:12 e 3:22, como acabamos de ver, mostra muito mais um mesmo nível de autoridade entre Paulo, Apolo e Pedro. O texto de 1ª Coríntios 9:5 mostra que Pedro era casado, diferente dos papas atuais que não

podem se casar, e o de 1ª Coríntios 15:5 somente diz que Jesus apareceu a Pedro após ressuscitar, do mesmo modo que apareceu também a Tiago (1Co.15:7) e a todos os apóstolos (1Co.15:5).

Da mesma forma, o que ele disse sobre Pedro aos gálatas prova muito mais fortemente que ele não via Pedro como uma autoridade máxima na Igreja. Em Gálatas 1:18 Paulo diz que conheceu Pedro e Tiago em Jerusalém, mas somente depois de três anos (Gl.1:18,19), pois diz que, ao se converter, "não subi para ver os que já eram apóstolos antes de mim, mas de imediato parti para a Arábia, e tornei a voltar a Damasco" (Gl.1:17). Isso nos mostra que Paulo tinha um ministério independente, e não dependente da aprovação ou autoridade dos demais apóstolos.

Em Gálatas 2:7-8, ele fala de Pedro num contexto em que este é enviado por Deus aos judeus e ele é enviado por Deus aos gentios. Mais uma vez, não há qualquer sinal de uma jurisdição *universal* de Pedro, mas de um ministério local, assim como o de Paulo. Ele não diz que Deus levantou Pedro para exercer um primado universal e ele para exercer um ministério menor, mas mostra igualdade. Em Gálatas 2:9, vemos Pedro como sendo a *segunda* coluna da Igreja, atrás de Tiago, e, finalmente, em Gálatas 2:11-14 vemos ele repreendendo a Pedro por sua atitude condenável. **E nada mais é dito por Paulo sobre Pedro em nenhuma de todas as suas outras epístolas**.

Isso nos mostra que Paulo citou Pedro poucas vezes, e, quando citou, **nunca** fez qualquer alusão a um primado universal que este supostamente exercia, mas, ao contrário, o repreende, o coloca no mesmo nível dele e de Apolo, o situa atrás de Tiago como coluna da Igreja junto também ao apóstolo João e diz que ele era casado. Se Paulo reconhecia uma autoridade infalível e suprema de Pedro, como chefe dos apóstolos, bispo dos bispos e Sumo Pontífice, ele deve ter tido bastante cuidado para esconder isso de todos.

11

Mateus 16:18

Quando todos os seus argumentos para o primado de Pedro fracassam e são sistematicamente derrubados, eles apelam para um último texto bíblico que seria a salvação da tese do primado petrino: Mateus 16:18. O texto é usado pelos católicos de forma isolada, quando se recorta metade do versículo e se omite completamente seus versos antecedentes, e desta forma pegam fora de contexto a parte que diz "tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja", para daí tirarem a ideia do papado.

Mas será mesmo que Mateus 16:18 oferece algum suporte sobre a tese do primado de Pedro e da sucessão papal?

É claro que não. Em primeiro lugar, há teólogos evangélicos que creem que Pedro é a pedra de Mateus 16:18, e **mesmo assim negam o primado de Pedro e o papado do bispo romano**. Embora o número de intérpretes que creem que a pedra em questão seja Cristo ou a confissão de fé de Pedro em Cristo seja muito maior, há uma parte que crê que de fato se trata de Pedro, e mesmo assim permanecem evangélicos, pois sabem que esse texto, mesmo se lido da forma católico-romana, não implica em absolutamente nada de primado de Pedro nem dá margens para alguma tese de papado.

Um dos mais respeitados teólogos protestantes que crê que Pedro é a pedra é o Dr. Samuele Bacchiocchi, que não deixa de se opor fortemente à tese do primado de Pedro e do papado por causa disso. Portanto, por mais importante que seja refutar a tese de que Pedro seja a pedra de Mateus 16:18, devemos ter bem em mente que esse argumento católico não implica em nada. As *chaves* sim poderiam implicar em uma posição de autoridade superior, caso tivessem sido entregues *exclusivamente a Pedro*, mas veremos nos capítulos seguintes deste livro que *todos* os discípulos eram detentores do poder das chaves, não somente Pedro.

Sendo assim, mostraremos que a pedra em questão é Cristo, o Filho do Deus vivo, não porque se fosse Pedro isso implicaria em alguma coisa, mas porque muitos católicos têm usado isso como argumento, como o carro-forte do catolicismo romano. Não é preciso fazer muito esforço para refutar tal pretensão católica, pois o próprio contexto deixa claro que a pedra era a confissão de fé de Pedro em Cristo, ou seja, que a pedra é "Cristo, o Filho do Deus vivo" (v.16):

Mateus 16
13 E, chegando Jesus às partes de Cesaréia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?
14 E eles disseram: Uns, João o Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas.
15 Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou?
16 E Simão Pedro, respondendo, disse: **Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo**. **[a declaração de fé de Pedro]**
17 E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque **isto** **[a declaração de fé de Pedro]** não foi lhe foi revelado pela carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus.
18 Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre **esta pedra** **[a declaração de fé de Pedro]** edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Como vemos, todo o contexto aponta que a pedra em questão se trata da declaração de Pedro sobre Cristo ser o Filho do Deus vivo. Em outras palavras, se ***tirarmos o verso 18 de seu contexto*** (como os católicos fazem) a pedra realmente parecerá se tratar de Pedro, mas quando ***contextualizamos o texto bíblico*** (como os católicos *não* fazem) aparece uma outra sugestão, que parece muito mais condizente com o contexto e com o todo das Escrituras, que é a pedra sendo aquilo que Pedro havia confessado. Ou seja: a pedra era Cristo!

Quando deixamos os recortes católicos de lado e revelamos todo o contexto, desde o início vemos que a pedra era a declaração de fé de Pedro em Cristo Jesus. O que estava em jogo era **quem era o Filho do homem, e não quem era Pedro.** Pedro, então, é o

primeiro a se adiantar e responder aquilo que seria a pedra fundamental da Igreja – **tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo**. Cristo, em seguida, começa a trabalhar através desta mesma confissão de Pedro. Ele afirma que **"isso"** (referindo-se ainda ao fato de Cristo ser o Filho de Deus) havia sido revelado por Deus a ele (Pedro), e que sobre **"esta pedra"** (i.e, essa mesma confissão) a Igreja estaria edificada.

O **"esta pedra"** não é, diante dos versos que antecedem, uma referência *distinta* do **"isso"** que Jesus falava no verso anterior (v.17) e diante de todo o contexto. O foco não saiu de Cristo e se voltou para Pedro; ao contrário, *continuou* com Cristo: sobre aquilo que Pedro confessou sobre Cristo, e que seria a pedra fundamental da Igreja!

Sem dúvidas, se isolarmos o verso 18 de seu contexto e lermos apenas a linguagem *em português*, o "esta" sempre vai se referir ao antecedente mais próximo, que, em Mateus 16:18, se trata de Pedro. Ocorre, porém, que **o Novo Testamento não foi escrito em português, foi escrito em grego**. E a forma de expressão da língua grega é diferente do nosso português. W. C. Taylor, em sua gramática, nos dá uma importante informação para a compreensão desse uso em grego. Ele diz: "não há pronome grego correspondente ao nosso 'esse'"[29].

O "sobre este" do tradutor faz muita gente pensar que esteja se referindo a Pedro, visto que todos nós aprendemos que em português se deve usar "este" para se referir ao que está mais perto e "esse" para o que está mais longe, mas em grego não existe essa distinção. Como não há um equivalente exato para "esse" em grego, ainda que possamos traduzir por "esta" pedra, a referência pode ser não ao antecedente mais próximo, mas ao mais distante. No caso de Mateus 16:18, a pedra seria a confissão de fé de Pedro em Jesus, dizendo que "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo", no verso 16.

Neste caso, Pedro teria confessado que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo, e Jesus afirmou a Pedro em seguida que seria sobre esta pedra (que ele havia confessado) é que a Igreja estaria edificada. Isto é, não sobre Pedro como pessoa, mas sobre a *confissão* de Pedro, sobre "Cristo, o Filho do Deus vivo" (v.16), o que foi confessado por ele. Tal entendimento é provado em versículos como Atos 7:17-19, em que o "este" se refere não ao antecedente mais próximo, mas ao mais distante:

"À proporção que se aproximava o tempo da promessa que Deus fez a Abraão, crescia o povo, e multiplicava-se no Egito, até que se levantou ali outro rei, que não conhecia a José. **Este** rei usou de astúcia contra a nossa raça e afligiu nossos pais, ao ponto de fazê-los enjeitar seus filhos, para que não vivessem" (Atos 7:17-19)

[29] Taylor W. C. Op cit, pág. 293.

No caso acima, o tradutor preferiu incluir a palavra "rei" no verso 19 para deixar claro que a menção não é a José, mas ao Faraó. Ocorre, porém, que a palavra "rei" não existe no verso 19, que diz: "ἄχρι οὗἀνέστη βασιλεὺς ἕτερος ἐπ' Αἴγυπτον ὃς οὐκ ᾔδει τὸν Ἰωσήφ, οὗτοςκατασοφισάμενος τὸ γένος ἡμῶνἐκάκωσεν τοὺς πατέρας". A tradução literal seria: **"este usou de astúcia..."**. Embora o antecedente direto seja José, a referência evidentemente não é a ele, mas ao antecedente mais distante, o Faraó. O mesmo podemos observar em outros casos, como, por exemplo, o de Atos 4:10-11:

"Seja conhecido de vós todos, e de todo o provo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, em nome desse é quem este está são diante de vós. **Ele** é a pedra que foi rejeitada por vós..." (Atos 4:10,11)

Aqui, os tradutores optaram por colocar "ele" no verso 11, quando o original traz "este", e não "ele". Literalmente, o texto bíblico diz: "***este*** é a pedra que foi rejeitada por vós...". Evidentemente, a referência não é imediatamente ao mais próximo no relato (o paralítico curado), mas ao antecedente mais remoto, Jesus, que foi citado no início do verso anterior, que é a *pedra* de que Pedro fala no verso 11. E, se usássemos a mesma lógica católica, deveríamos crer que Jesus é o anticristo, pois João diz:

"Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? **Este** mesmo é o anticristo, que nega o Pai e o Filho" (1ª João 2:22)

No original grego lemos:

"Τίς ἐστιν ὁ ψεύστης εἰ μὴ ὁ ἀρνούμενος ὅτι Ἰησοῦς οὐκ ἐστιν ὁΧριστός
οὗτος ἐστιν ὁ ἀντίχριστος ὁἀρνούμενος τὸν πατέρα καὶ τὸν υἱόν"

Perceba que οὗτος (traduzido por "este" na grande maioria das vezes em que se encontra no NT) segue imediatamente a Χριστός (traduzido por Cristo), mas seria completamente descontextual, e até mesmo blasfêmia, considerarmos que o **"este mesmo"** se referia ao antecedente mais direto, que é Jesus, quando na verdade é uma referência ao antecedente mais remoto, o "mentiroso" que aparece no início do verso.

A própria Concordância de Strong mostra que a palavra grega traduzida por "esta" em Mateus 16:18 (*taute*) pode ser vertida por "esta", como **também pode ser traduzida por "aquela"**:

5026 ταυτη taute e ταυτην tauten e ταυτης tautes
caso dativo, acusativo e genitivo respectivamente do feminino singular de 3778; pron.
1) a este, **a aquela**, o mesmo.

O The NAS New Testament Lexicon grego dá o mesmo significado abrangente a *taute*, podendo significar "isto ou aquilo"[30], ou seja, o antecedente mais próximo ou o mais remoto.

Em outras palavras, *taute* é uma palavra abrangente, com uma extensão muito maior do que o "este" da nossa língua portuguesa, que sempre vai se referir ao antecedente mais próximo. Ao contrário do português, o *taute* do grego pode significar "este" como o mais próximo, como também pode significar **"aquele"**, passando claramente a ideia de um referencial mais distante. Assim, o verso de Mateus 16:18 poderia ser perfeitamente traduzido (ou *entendido*) como sendo:

"Tu és Pedro, e sobre ***aquela pedra*** edificarei a minha Igreja..."

Em outras palavras, o *taute*, que tem como um de seus significados principais "aquela", estaria dando nitidamente o sentido de que a pedra de edificação da Igreja é aquilo que Pedro havia anteriormente confessado, dizendo que Cristo é o Filho do Deus vivo. O problema é que nós estamos tão viciados à leitura do texto em português, com as regras gramaticais que regem a língua portuguesa, que nem pensamos em outra possibilidade quando lemos o "esta". Mas um grego do século I teria uma mentalidade bem diferente em ler o "esta" (*taute*) na língua dele, com as regras gramaticais de seu idioma, porque sabia que em sua língua essa palavra poderia significar o antecedente mais distante, "*esta*" no sentido de "*aquela*".

Tendo isso em mente, embora a tradução por "esta pedra" não seja uma tradução errônea, isso não significa que se refira ***necessariamente*** ao antecedente mais direto, que é Pedro, podendo sim se referir a um antecedente mais remoto, ***aquela*** pedra, que no caso é "Cristo, o Filho do Deus vivo" (v.16), como demonstrado pelo contexto que envolve Mateus 16:13-18. O "sobre esta pedra" não define a questão à luz do original grego, pois ainda sobrariam, pelo menos, duas opções possíveis sobre quem é essa pedra, a saber:

1º O próprio Pedro, o antecedente direto.

2º "Cristo, o Filho do Deus vivo", o antecedente remoto.

Portanto, o argumento católico de que Pedro tem que ser a pedra de Mateus 16:18 por causa do "sobre esta pedra" morre aqui. Mas como podemos saber qual dessas duas

[30] NAS New Testament Lexicon grego, disponível online em: <http://www.biblestudytools.com/lexicons/greek/nas/taute.html>.

alternativas acima é a correta? Se analisarmos *apenas* Mateus 16:18, essa resposta está em aberto, mas se analisarmos o *todo* das Escrituras, há uma resposta óbvia a essa questão. Para tanto, é necessário fazer uso da *hermenêutica* bíblica, que tem por princípio básico o fato de que os textos mais claros da Bíblia explicam e lançam luz sobre os textos mais obscuros.

Ora, nenhuma doutrina bíblica importante se fundamenta sobre um único verso bíblico, muito menos em um de dupla interpretação. Se Pedro é a pedra de Mateus 16:18, sobre a qual a Igreja está edificada, esperaríamos ver a confirmação disso em vários outros locais da Escritura. Mas, para a infelicidade dos católicos, o que a Escritura diz é uma coisa totalmente diferente: que a pedra é Cristo! Do Antigo ao Novo Testamento, vemos que todos os escritores bíblicos inspirados sabiam muito bem disso:

-Perguntaremos a Moisés:

"**Ele é a Rocha**, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos justos são; Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e reto é" (Deuteronômio 32:4)

"Como poderia ser que um só perseguisse mil, e dois fizessem fugir dez mil, **se a sua Rocha** os não vendera, e o Senhor os não entregara?" (Deuteronômio 32:30)

-Perguntaremos a Samuel:

"Não há santo como o Senhor; porque não há outro fora de ti; e **rocha nenhuma há como o nosso Deus**" (1ª Samuel 2:2)

"Disse pois: **O Senhor é a minha rocha**, e o meu lugar forte, e o meu libertador" (2ª Samuel 22:2)

"**Deus é a minha rocha**, nele confiarei; o meu escudo, e a força da minha salvação, o meu alto retiro, e o meu refúgio. O meu Salvador, da violência me salvas" (2ª Samuel 22:3)

"Por que, quem é Deus, senão o Senhor? **E quem é rocha, senão o nosso Deus?**" (2ª Samuel 22:32)

"Vive o Senhor, e bendito seja o meu rochedo; e exaltado seja Deus, **a rocha da minha salvação**" (2ª Samuel 22:47)

-Perguntaremos a Davi:

"**O Senhor é a minha rocha**, e o meu lugar forte, e o meu libertador; o meu Deus, a minha

fortaleza, em quem confio; o meu escudo, a força da minha salvação, e o meu alto refúgio" (Salmos 18:2)

"Porque quem é Deus senão o Senhor? **E quem é rocha senão o nosso Deus?"** (Salmos 18:31)

"O Senhor vive; e bendito seja **a minha rocha**, e exaltado seja o Deus da minha salvação" (Salmos 18:46)

"Para anunciar que o Senhor é reto. **Ele é a minha rocha** e nele não há injustiça" (Salmos 92:15)

-Perguntaremos a Isaías:

"Confiai no Senhor perpetuamente; porque **o Senhor Deus é uma rocha eterna"** (Isaías 26:4)

"Portanto assim diz o Senhor Deus: Eis que eu assentei em Sião **uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina**, que está bem firme e fundada; aquele que crer não se apresse" (Isaías 28:16)

-Perguntaremos a Paulo:

"Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor, e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica. **Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo"** (1ª Coríntios 3:10,11)

"Por quê? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da lei; **tropeçaram na pedra de tropeço"** (Romanos 9:32)

"Como está escrito: Eis que eu **ponho em Sião uma pedra de tropeço**, e uma **rocha de escândalo**; e todo aquele que crer nela não será confundido" (Romanos 9:33)

"E beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; **e a pedra era Cristo"** (1ª Coríntios 10:4)

"Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, **de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina"** (Efésios 2:20)

-Perguntaremos a Jesus:

"Ainda não lestes esta Escritura: a pedra, que os edificadores rejeitaram, **esta foi posta por cabeça de esquina**" (Marcos 12:10)

"Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: **a pedra, que os edificadores rejeitaram, assa foi posta por cabeça do ângulo**; pelo Senhor foi feito isto, e é maravilhoso aos nossos olhos?" (Mateus 21:42)

-Perguntaremos ao próprio Pedro:

"**Este Jesus** é pedra rejeitada por vós, os construtores, **a qual se tornou a pedra angular**" (Atos 4:11)

"**Chegando-vos para ele, a pedra que vive**, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo. Pois está na Escritura: **eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa**; e quem nela crer não será de modo algum envergonhado. Para vós outros, portanto, que crerdes, é preciosidade; mas para os descrentes, **a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a pedra principal, angular**" (1ª Pedro 2:4-7)

Portanto, a crença unânime dos escritores bíblicos inspirados do Antigo Testamento é que a pedra é Deus, que aponta para Cristo (que é Deus) no Novo Testamento. Há um cumprimento pleno dessa tipologia veterotestamentária no Novo Testamento, quando Cristo é estabelecido como sendo a pedra de alicerce, o fundamento, a rocha sobre a qual a Igreja está edificada. Afirmar que a pedra é Pedro significa negar todo o cumprimento profético do Antigo Testamento, além de tornar inócuo o fato de Cristo ser apontado o tempo todo como sendo a pedra, até mesmo com a mesma palavra *petra* que é usada em Mateus 16:18.

Quando os católicos se deparam com essa evidência incontestável, eles tentam contornar o fato afirmando que tanto Pedro como Jesus são pedras, mas que seria Pedro a pedra específica de Mateus 16:18. Usam como argumento o fato de Jesus ter dito em outra ocasião que ele é a luz do mundo (Jo.8:12), e depois disse que *nós* somos a luz do mundo (Mt.5:14). Contudo, essa analogia é falha por inúmeros motivos.

Primeiro, porque nem tudo o que Cristo é também pode ser aplicado aos seres humanos. Os cristãos podem refletir a luz de Cristo com a pregação do evangelho, mas nada indica que eles *tomem* o posto de luz principal que é de Cristo. Da mesma forma,

Pedro disse que **todos nós** (e não apenas ele) somos "pedras vivas", edificados sobre a rocha principal, que é Cristo (1Pe.2:4-7).

Note que não há qualquer indicação de que a pedra principal, sobre a qual a Igreja está edificada, seja Pedro e não Jesus. A pedra principal de fundamento continua sendo Cristo, da mesma forma que a luz principal de onde nós refletimos luz é Jesus, e não qualquer outro ser humano. Assim, vemos que a alegação católica torna ainda mais sem sentido a afirmação de que Pedro seja a pedra de fundação da Igreja, pois o fundamento é a pedra principal de um edifício, e o principal sempre tem que ser Cristo. **Todos** os outros humanos são luz em sentido *secundário*, da mesma forma que **todos** os cristãos são pedra em sentido *secundário*. A pedra de Mt.16:18 não deixa de ser Cristo por esse argumento!

Segundo, porque em **todas** as ocasiões onde essas "pedras secundárias", isto é, pedras *humanas* que provém do fundamento principal (Cristo) são destacadas, é **sempre** para falar de todos os cristãos ou de todo o grupo apostólico, **nunca** para se referir a Pedro de forma particular. Isso fica patente nas observações dos textos bíblicos a este respeito, como o do próprio Pedro em 1ª Pedro 2:4-7 e daquilo que Paulo diz em Efésios 2:20:

"**Chegando-vos para ele, a pedra que vive**, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, **também vós mesmos, como pedras que vivem**, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo. Pois está na Escritura: **eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa**; e quem nela crer não será de modo algum envergonhado. Para vós outros, portanto, que crerdes, é preciosidade; mas para os descrentes, **a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a pedra principal, angular**" (1ª Pedro 2:4-7)

Aqui vemos Pedro dizendo que Cristo é a pedra principal, a "pedra que vive", que foi rejeitada pelos homens e foi estabelecida como **"pedra principal"** (v.7), como diz claramente o verso 7, deixando claro que Cristo é a pedra principal de fundamento da Igreja. E *sobre* Cristo, como pedras *secundárias*, provenientes da pedra principal que é Jesus, ele não diz que está ***ele mesmo***, mas *vós mesmos*, no plural, indicando que **todos** os cristãos são pedras secundárias edificadas sobre a pedra principal de edificação da Igreja, que é Cristo. Paulo faz o mesmo em sua epístola aos efésios:

"Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (Efésios 2:20)

Mais uma vez, aqui vemos que **"Jesus Cristo é a pedra principal"**, e que os demais fundamentos edificados sobre essa pedra principal são "os apóstolos" (novamente vemos o plural sendo empregado como referência a todos os apóstolos, e não somente a Pedro!), o que fulmina com a tese de que a Igreja está edificada somente sobre Pedro como pedra principal ou secundária. O texto é muito claro em dizer que Cristo é a pedra principal e que as pedras secundárias são ***todos*** os apóstolos e profetas. Pedro não recebe uma posição de destaque nem quanto à pedra principal e nem quanto à pedra secundária!

Portanto, o argumento católico, ao invés de refutar alguma coisa, apenas serve para *fortalecer* o argumento dos evangélicos. Ele demonstra que não existe outra pedra principal além de Cristo, assim como não existe outra luz principal além dEle. Isso é evidente através de textos como o de 2ª Samuel 22:32, onde a pergunta retórica que diz – "e quem é rocha, senão o nosso Deus?" – indica obviamente que não há nenhuma outra rocha senão Ele. O mesmo é repetido ao pé da letra pelo salmista, no salmo 18:31. E Paulo, escrevendo aos coríntios, deixa claro que "ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Cristo Jesus" (1Co.3:11).

Assim, vemos que **é impossível existirem duas pedras principais onde a Igreja esteja edificada.** Ou essa pedra principal de edificação da Igreja é Cristo ou é Pedro. Cristo não pode dividir esse papel com Pedro, porque nenhum outro fundamento pode ser posto além dEle (1Co.3:11) e não há nenhuma outra rocha principal senão Deus (2Sm.22:32; Sl.18:31). Se esse papel fosse *dividido*, dado tanto a Cristo quanto a Pedro, esses textos perderiam o sentido e estariam errados ao mostrarem que não podem existir duas pedras principais, ou dois fundamentos onde a Igreja estaria edificada.

A isso deve-se acrescentar que Jesus não diz que ***somente*** ele é a luz em João 8:12, mas a Bíblia diz claramente que ***somente*** ele é o fundamento principal da Igreja (1Co.3:11). Por isso, esse papel não pode ser dividido, nem com Pedro e nem com mais ninguém. Os demais podem ser, como vimos, no máximo "pedras secundárias", isto é, pedras edificadas sobre o fundamento principal que é Cristo, **mas esse fundamento continua sendo Cristo e mais ninguém além dEle!** E, como vimos, até mesmo quando o assunto em questão são essas pedras secundárias, mesmo assim Pedro nunca aparece em posição de destaque ou em singularidade, mas sempre se trata de *todos* os cristãos ou de *todos* os apóstolos, indistintamente.

O fundamento da Igreja

Que Jesus é a **única** pedra fundamental da Igreja, isso fica evidente a partir daquilo que Paulo diz:

"Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo" (1ª Coríntios 3:11)

E o mesmo apóstolo define novamente a questão ao dizer sobre quem que nós (a Igreja) estamos edificados:

"Como, pois, recebestes o **Senhor Jesus Cristo**, assim também andai nele, arraigados e **edificados nele**, e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, nela abundando em ação de graças" (Colossenses 2:6,7)

Portanto, nós, como Igreja, estamos **edificados nele**, isto é, em Jesus (C.2:6,7), que é o **único** fundamento da Igreja (1Co.3:11). Por que Paulo não diz que era Pedro a pedra sobre a qual a Igreja estaria fundamentada, mas diz que é Cristo? Será que ele não conhecia Mateus 16:18? A verdade é que Paulo conhecia suficientemente bem o evangelho para compreender Mateus 16:18 e saber que Cristo, o Filho do Deus vivo – que foi a confissão de Pedro – é a pedra fundamental da Igreja, e não o próprio Pedro.

Sendo que é tão claro biblicamente que a Igreja está edificada sobre "Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt.16:16), o que Pedro é, afinal de contas? Sabemos que Pedro não pode ser a pedra de fundação da Igreja sob a qual nós estamos edificados, pois essa pedra é somente Cristo, e ninguém pode pôr outro fundamento além dEle (1Co.3:11). Para resolver essa questão, é o próprio apóstolo Paulo que nos responde qual era a posição de Pedro na Igreja:

"Reconhecendo a graça que me fora concedida, Tiago, **Pedro** e João, tidos como **colunas**, estenderam a mão direita a mim e a Barnabé em sinal de comunhão. Eles concordaram em que devíamos nos dirigir aos gentios, e eles, aos circuncisos" (Gálatas 2:9)

Vemos, portanto, que Pedro não era a pedra de fundamento da Igreja, **ele era apenas uma coluna, assim como Tiago e João**. E existe uma gigantesca e colossal diferença entre ser a pedra de fundamento e ser uma coluna, pois a coluna não é o fundamento, mas está edificada ***sobre*** o fundamento, que é Cristo.

Pedro era considerado uma ***coluna*** da Igreja, e não a ***pedra fundamental!*** A única pedra de fundamento da Igreja era Cristo, pois Paulo declarou que ninguém mais pode colocar outro fundamento além dEle (1Co.3:11). Portanto, os católicos que dizem que existia mais de um fundamento na Igreja e que Pedro era a pedra fundamental mesmo com Paulo dizendo que Cristo era esse fundamento estão redondamente enganados, pois o texto bíblico de forma clara afirma que ninguém pode pôr outro fundamento além do

que já está posto, o qual é Cristo Jesus. Então, não temos "duas pedras" de fundamento da Igreja: temos apenas uma, que é Cristo!

Pedro, como Paulo dizia, era uma **"coluna"** da Igreja (Gl.2:9), que sabemos que é algo muito diferente de pedra de fundamento. A pedra fundamental era a base na qual um edifício estava construído, e não existia mais de uma. As colunas, no entanto, são *várias*, e não uma só. Foi por isso que Paulo disse que Cristo é o **único** *fundamento*, mas mostrou **várias** *colunas*. O quadro abaixo ilustra isso muito bem:

Portanto, Paulo não colocava Pedro como a pedra fundamental da Igreja, ***mas apenas como mais uma das colunas***, no mesmo nível de Tiago e João, e nem mesmo Pedro é citado por primeiro (Gl.2:9)! Pedro nem mesmo era a *única* coluna da Igreja, mas dividia este espaço (no mínimo) com Tiago e João. Não havia, portanto, uma posição especial ou privilegiada para Pedro. Paulo, inclusive, citou Tiago em primeiro lugar na lista das colunas da Igreja, colocando Pedro em segundo (Gl.2:9). E Cristo era, por sua vez, superior a estes três, pois era o único fundamento que sustentava todos os demais.

Se Pedro fosse o fundamento, seríamos levados a crer que ele é *superior* a Jesus, pois não seria Pedro que estaria edificado sobre Cristo, mas Cristo sobre Pedro! Isso implicaria que Jesus é *dependente de Pedro*, assim como a coluna é *dependente do fundamento*. Se Pedro é o fundamento da Igreja e Jesus está sobre ele, então é Jesus que está dependente de Pedro, e não o contrário! O fato de Cristo ser o nosso único fundamento, como mostra as Escrituras, ilustra mais uma vez que o único que tem um primado sobre os cristãos é Jesus, e o papa é um *usurpador* dessa posição que é de Cristo.

Desta forma, vemos que a Igreja está bem construída da seguinte maneira: Cristo é o único fundamento no qual a Igreja está edificada (1Co.3:11), e os apóstolos eram, em igualdade, colunas que estavam edificadas sobre o único e superior fundamento (Gl.2:9). Ou seja: existe um único superior e fundamento da Igreja, que é Cristo, e vários outros que estão em posição de ***igualdade*** como colunas, sem uma se sobressair às demais ou sustentá-las como fundamento.

Sendo assim, Deus estava mostrando a superioridade e primazia **única** e **singular** de Cristo na Igreja, e mostrando **igualdade** entre as colunas. Isso refuta a tese do primado de Pedro, pois faria dele uma coluna única e superior a todas as demais, ou o próprio fundamento que sustenta todos os outros. Não apenas vemos que Pedro não era o fundamento da Igreja, como também constatamos que não existia primazia entre as colunas (apóstolos).

Tentando refutar o quadro acima, certo católico tentou montar um quadro onde coloca Pedro como a pedra de fundamento da Igreja, com Jesus aparecendo em cima de Pedro como *outra* pedra fundamental, com Pedro aparecendo de novo em cima de Jesus (desta vez como coluna) e com Cristo aparecendo outra vez em cima de Pedro como pedra angular. Essa pérola é bizarra não apenas por construir múltiplos "Pedros" e "Cristos" (quando só existe um), mas também porque quem a fez demonstra não saber nada sobre construção, pois deveria saber que cada edifício tem **um único fundamento e nenhum outro além dele**, e não *vários* fundamentos (para que Cristo dividisse esse papel com Pedro).

E para saber qual fundamento é este e que nenhum outro pode ser posto quando se trata da Igreja basta analisarmos mais uma vez o texto de 1ª Coríntios 3:11, que diz que Jesus é o **único fundamento** e que nenhum outro pode ser posto além dele. Pedro, em particular, não é um fundamento, é uma *coluna*, como vimos em Gálatas 2:9. Portanto, devemos observar que:

1. Coluna é coluna e não fundamento.

2. Fundamento existe só um e este é Cristo.

3. Existe apenas um Pedro e um Jesus, e não milhares deles para cada um ocupar uma parte diferente nessa construção da Igreja.

4. Pedro é ***uma das*** colunas, junto com Tiago e João, e não uma coluna única ou principal.

5. Em uma edificação, não se colocam dois fundamentos. Na Bíblia, Paulo diz que ninguém pode por outro que não seja Cristo (1Co.3:11).

Os Evangelhos Sinópticos

Outra informação importante que passa despercebida por muitos é o fato de que não foi apenas Mateus que escreveu tal relato, mas Marcos e Lucas também o fizeram. Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são evangelhos sinópticos, que repetem boa parte daquilo que já é dito nos outros evangelhos, embora muitas vezes com um destaque maior ou menor para uma ou outra parte.

Assim sendo, se de fato Pedro é a pedra de fundamento da Igreja e essa é a mensagem principal e mais importante que aquele acontecimento tem a nos dizer, esperaríamos que isso fosse reiterado com exatidão e sem falta pelos outros evangelistas, mas o fato é que **todos eles omitem o verso 18**, onde supostamente a Igreja estaria edificada sobre Pedro, de acordo com a concepção católica.

Em Marcos:

"Jesus e os seus discípulos dirigiram-se para os povoados nas proximidades de Cesaréia de Filipe. No caminho, ele lhes perguntou: 'Quem o povo diz que eu sou?' Eles responderam: 'Alguns dizem que és João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, um dos profetas'. 'E vocês?', perguntou ele. 'Quem vocês dizem que eu sou?' Pedro respondeu: 'Tu és o Cristo'. Jesus os advertiu que não falassem a ninguém a seu respeito" (Marcos 8:27-30)

Em Lucas:

"Certa vez Jesus estava orando em particular, e com ele estavam os seus discípulos; então lhes perguntou: 'Quem as multidões dizem que eu sou?' Eles responderam: 'Alguns dizem que és João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, que és um dos profetas do passado que ressuscitou'. 'E vocês, o que dizem?', perguntou. 'Quem vocês dizem que eu sou?' Pedro respondeu: 'O Cristo de Deus'. Jesus os advertiu severamente que não contassem isso a ninguém" (Lucas 9:18-21)

A pergunta que não quer calar é: por que Marcos e Lucas fizeram questão de **não escrever nada sobre o verso 18, se era no verso 18 que a pedra estaria sendo identificada?** Ora, Marcos conviveu de perto com Pedro. Dificilmente iria ignorar o "tu és Pedro", se não fosse por uma boa razão. Ele foi o primeiro evangelista a escrever um evangelho canônico, quando nenhum antes já havia feito. Então, por que omitir o verso 18, que seria o mais importante? Afinal, com tantos versos dizendo que a pedra é Cristo e sem **nenhum** outro dizendo que é Pedro, seria totalmente necessário e imprescindível

que o evangelista fizesse questão de destacar este tão importante fato de que "Pedro é a pedra".

O caso de Lucas é ainda mais interessante, pois ele escreveu depois de Marcos e Mateus, e disse que recolheu as informações contidas nos outros evangelhos para passar por escrito em seu próprio evangelho, passando aquilo que seria de mais valioso (Lc.1:1-4). Portanto, podemos ter certeza que ele tinha conhecimento do evangelho de Marcos (que não fala nada sobre o verso 18) e do de Mateus (que contém o relato completo com o verso 18). Se Lucas cresse que o mais importante estivesse no acréscimo contido em Mateus, certamente ele não iria hesitar em mencioná-lo também em seu evangelho. **Mas ele também omite totalmente o verso 18!**

À luz de tudo isso, a causa mais razoável para a omissão de Marcos e Lucas, que citaram todo o contexto mas omitiram bem exatamente o verso 18, é porque o mais importante estava nos versos anteriores, e não no verso 18. Porque a "pedra" em questão **já havia sido descrita no verso 16 de Mateus**, e, portanto, não era necessário repetir isso. Eles obviamente criam que a confissão de Pedro, de que "tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt.16:18), era a pedra onde a Igreja está edificada. O verso 18 apenas *reitera* isso, não conta uma *novidade*. A pedra em questão já havia sido achada. Por isso, eles fizeram questão de mencionar a confissão de fé de Pedro, mas omitiram absolutamente o "tu és Pedro e sobre esta pedra", porque a pedra é a confissão de Pedro e não o próprio Pedro como pessoa.

Os católicos, para sustentar a tese de que Pedro é a pedra, são obrigados a crerem que Marcos e Lucas se "esqueceram" de mencionar o mais importante da passagem. Que pelos evangelhos de Marcos e Lucas seria impossível saber quem é a pedra, já que eles não mencionam o verso 18, que eles dizem que se trata de Pedro. Que a Igreja estaria edificada sobre uma incógnita, se dependesse desses dois evangelhos. Que eles teriam **deixado o texto pela metade**, pois para eles os versos 13 a 16 seriam apenas uma "introdução" ao ponto mais importante daquele relato, que seria onde Cristo diz que Pedro é a pedra. Ou seja: que eles passaram uma introdução para algo maior, mas ***cortaram*** o relato pela metade e deixaram de mencionar aquilo que seria o ponto central do relato!

Os evangélicos, contudo, estão bem mais seguros em sua posição, pois tudo aquilo que Cristo disse no verso 18 de Mateus 16 já estava implícito em todo o contexto – a "pedra" já estava no verso 16. Então, o ponto alto da história está no próprio verso 16, na confissão de Pedro, pois a pedra é **Cristo, o Filho do Deus vivo**, que é o que foi confessado por ele. Passar o relato completo era uma *opção*, e não algo *necessário*, pois o ponto alto e mais importante do relato já havia sido dito – razão pela qual dois de três

evangelistas optam por transmitir a confissão de Pedro sem a afirmação seguinte do verso 18.

A Gramática

Quando analisamos o texto em grego, vemos o evangelista Mateus fazendo um jogo de palavras entre *petrus* e *petra*. Quando disse "tu és Pedro", a palavra utilizada no grego foi *petrus*, que não é a mesma palavra repetida a seguir, quando Jesus diz "sobre esta pedra", que é *petra*. Há uma diferença leve, porém significativa, entre um termo e outro no original grego. O conceituado dicionário de Liddel and Scott[31] dá ao vocábulo *petra* o significado de:

-Petra:
Rocha fixa, maciça, recife, rochedo, penhasco.

Já para o nome *petros*, dá o significado de:

-Petros:
Pedra solta.

E elucida:

"Não há exemplos de bons autores do emprego de *petra* no sentido de *petros*, isto é, um seixo"

O léxico da Concordância de Strong também faz essa mesma diferenciação:

4074 πετρος *Petros*
Aparentemente, palavra primária; um pedaço de rocha; como um nome, Petrus, um apóstolo: Pedro.[32]

4073 πετρα *petra*
Feminino da Petrov – Petrus 4074, uma massa de rocha, literalmente ou figurativamente.[33]

[31] An Intermediate Greek-English Lexicon-American Book Company, seventh edition.
[32] Esse significado pode ser conferido no léxico online de Strong neste link: <http://www.bibliaonline.net/bol/sg.cgi?acao=4074&lang=pt-BR>.
[33] Este significado por ser conferido no léxico online de Strong neste link: <http://www.bibliaonline.net/bol/sg.cgi?acao=4073&lang=pt-BR>.

Ou seja, *petros* (Pedro) é um *pedaço de rocha*, enquanto que *petra* (Jesus) é uma *massa rochosa*. John Groves, em seu dicionário do grego, apresenta a mesma diferença fundamental:

-Petra:
Uma rocha, grande pedra, uma massa de pedra.

-Petros:
Uma pedra, pedaço de pedra, fragmento da rocha.

Até o dicionário Manual Grego-Latino-Espanhol dos Padres Escolapios[34] diz que os romanos traduziram para o latim o nome *petrobolos* como "*machina que saxum emittitur*" – "uma máquina com que se arremessam seixos".

Logo, nem mesmo os próprios católicos podem fugir da real distinção entre *petrus* e *petra* que foi estabelecida por Mateus. Como vemos, *petrus* não é a mesma coisa de *petra*, mas significa um "fragmento de pedra", ao passo em que *petra* significa uma "macha de rocha". Novamente vemos, neste jogo de palavras, a distinção entre a **pedra principal** (Cristo-*petra*) e as **pedras secundárias** que estão edificadas *sobre* a pedra principal, e são *fragmentos* desta (como Pedro-*petrus*). O contraste entre um e outro nos deixa claro, mais uma vez, que Cristo é a pedra principal (*petra*), enquanto Pedro é uma pedra secundária edificada *sobre* a rocha principal.

O demonstrativo *taute* (esta) antecede à *petra* (pedra – "esta pedra" – v.18), referindo-se à pessoa de quem se fala, isto é, à pessoa da qual Cristo e Pedro falavam, a **terceira pessoa gramatical**, que no caso é o próprio Cristo diante da confissão de Pedro, que disse que "tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (v.16). Digno de nota também é o fato de que tal demonstrativo (*taute*) encontra-se **no feminino**, ligando-se, portanto, gramatical e logicamente à palavra *feminina* (petra) à qual imediatamente antecede, que não pode se referir a *petrus*, que é **masculino**.

É impossível, gramaticalmente falando, relacionar-se um demonstrativo feminino com um vocábulo masculino, pois deve prevalecer a concordância de número e gênero. *Petrus* (Pedro) é um nome masculino e *petra* é um feminino para pedra, e, portanto, não pode ter relação com aquele. Se o feminino *petra* não pode ser uma referência ao masculino *petrus*, pela impossibilidade gramatical no grego, então a que se refere? Obviamente, ao antecedente *feminino* do verso 16, isto é, a confissão de Pedro acerca de Cristo. Fica claro, portanto, que a pedra que o texto se refere é **a** confissão de Pedro, e não **o** Pedro.

[34] Buenos Aires, Editorial Albatros, 1943.

Considerar o masculino *petrus* como sendo a *petra* de Mateus 16:18 quando tanto o demonstrativo *taute* quanto *petra* estão no feminino seria o mesmo que dizer que "tu és um *aluno* e sobre esta *aluna*", ou "tu és um *traidor* e sobre esta *traidora*", ou ainda "tu és um *cantor* e sobre esta *cantora*". É óbvio que o segundo, em cada um destes e de muitos outros exemplos semelhantes que poderíamos passar, não está relacionado ao primeiro, mas a algum ***antecedente*** deste primeiro, pois o demonstrativo feminino não pode ser uma referência ao vocábulo masculino.

Notemos que Mateus, que escreveu em grego seu evangelho, tinha três opções prontas, a mão, que poderiam perfeitamente ter sido utilizadas. Ele poderia ter empregado *touton*, que é o **singular masculino**[35]; poderia ter empregado *touto*, que é o **singular neutro**[36], e também poderia ter empregado *taute*, que é o **singular feminino**[37]. De todas essas opções que ele tinha em mãos, ele fez questão de passar o pronome *feminino*, porque sabia que a pedra não era uma referência ao *masculino*, Pedro.

Essa distinção deixa nítido que a pedra em questão não é Pedro, mas algum feminino que vem antes e que pode se relacionar com o demonstrativo feminino *petra*, que, neste caso, vimos que se trata da confissão de fé no verso 16. Além disso, vemos que o masculino está na segunda pessoa, enquanto que o feminino está na terceira pessoa. Toda essa distinção feita pelo evangelista Mateus serve para deixar claramente óbvio que a pedra em questão não se trata de Pedro, mas de um antecedente feminino, como nos mostra a tabela abaixo:

Pedro – *Petrus*	**Pedra – *Petra***
Masculino	Feminino
Segunda pessoa	Terceira pessoa
Um fragmento de pedra (pequena pedra)	Uma massa de rocha (grande rocha)

À luz de tudo isso, vemos que a *petra* se encontra na confissão de fé de Pedro no verso 16, que é o ponto alto da fé cristã – "tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo", o que levou Jesus a dizer a Pedro:

"...tu és *Petrus* (fragmento de pedra, vocábulo masculino, segunda pessoa), e sobre esta (ou "aquela-*taute*") *petra* (massa de rocha, feminino, terceira pessoa) edificarei a minha Igreja..."

Portanto, parafraseando temos:

[35] De acordo com a Concordância de Strong, 5126.
[36] De acordo com a Concordância de Strong, 5124.
[37] De acordo com a Concordância de Strong, 5026.

"Tu és PETRUS..." – Um fragmento de pedra, uma pedra secundária que está edificada sobre a rocha principal.

E sobre a sua confissão:

"E sobre esta PETRA" – Uma rocha firme, uma massa de rocha.

Alguns católicos tentam se opor a isso alegando que Jesus estaria ***diminuindo*** a importância de Pedro ao invés de elevá-lo, como o sentido do verso indica. Eles dizem que, por este ponto de vista, Cristo estaria desprezando Pedro, ao afirmar que ele era apenas um fragmento de pedra, mas que a rocha de fundação da Igreja não seria ele, mas uma pedra maior, *confessada* por ele. Isso não é verdade. Cristo não estava *rebaixando* Pedro ao colocá-lo como pedra secundária, *ao contrário*, estava ressaltando que Pedro era *de fato* uma pedra edificada sobre a rocha principal, que é Cristo.

Nenhum cristão – incluindo Pedro – pode *tomar* o lugar de Cristo como pedra principal, mas pode ter a honra de ser uma "pedra viva" edificada *sobre* o fundamento que é Cristo (1Pe.2:4-7). Pedro teve essa honra, recebeu de Jesus a confirmação de que ele era uma dessas pedras que estariam fundadas nEle, ou seja, estava engrandecendo a fé do apóstolo, ressaltando que ela é o ponto alto do Cristianismo e que o próprio Pedro em pessoa (*Petrus*) seria um fragmento (uma parte) da pedra principal, assim como *todos* os cristãos são um "fragmento" (uma parte) do Corpo de Cristo (1Co.12:12,27).

Isso não é de forma alguma rebaixar o papel de Pedro, mas elevá-lo da mesma forma que a todos os demais cristãos como sendo pedras vivas, partes de uma grande rocha onde está a Igreja, segmentos de um grande Corpo que é Cristo, porque "o corpo é de Cristo" (Cl.2:17) e "a pedra-*petra* é Cristo" (1Co.10:4).

Por isso é de consenso universal que a grande rocha que destruiu todos os outros reinos do mundo em Daniel 2:34 é Jesus Cristo, e que o homem prudente que "edificou a sua casa sobre a rocha" (Mt.7:24) para resistir à chuva e aos ventos (v.25) edificou sobre Cristo, e não sobre Pedro, porque Jesus é essa rocha indestrutível, e nós estamos nEle.

Por isso também ninguém faz parte do "Corpo de Pedro", mas do "Corpo de Cristo" (Cl.2:17; 1Co.12:27; 1Co.12:12; Ef.5:23; Ef.3:6), porque a rocha principal onde a Igreja (Corpo) está é Jesus, e todos os demais cristãos (incluindo Pedro), estão *nEle*, isto é, são *partes* dEle, são "*petrus*", fragmentos de pedra sobre a rocha principal, *membros* de um Corpo que é de Cristo. Isso explica perfeitamente as citações de Orígenes, que disse que todos nós somos *Petrus*:

"E se nós também dissermos como Pedro, 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo', não como se carne e sangue nos tivesse revelado, mas pela luz do Pai nos céus tendo resplandecido em nosso coração, **nos tornamos um Pedro, e a nós nos poderia dizer o Verbo, 'Tu és Pedro', etc**. Pois é uma pedra cada discípulo de Cristo de quem beberam aqueles que beberam da pedra espiritual que os seguia, e sobre cada pedra assim é edificada cada palavra da Igreja, e o governo de acordo com ela, pois em cada um dos perfeitos, que têm a combinação de palavras e atos e pensamentos que preenchem a bem-aventurança, é a Igreja edificada por Deus"[38]

"**A promessa dada a Pedro não é restrita a ele, mas aplicável a todos os discípulos como ele**. Mas se supões que é somente sobre Pedro que toda a Igreja é edificada por Deus, que dirias sobre João o filho do trovão ou de cada um dos apóstolos? Atrever-nos-emos, de outro modo, a dizer que contra Pedro em particular não prevalecerão as portas do Hades, mas que prevalecerão contra os outros apóstolos e os perfeitos? Acaso o dito anterior, 'as portas do Hades não prevalecerão contra ela', não se sustém em relação a todos e no caso de cada um deles? E também o dito, 'Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja?' São as chaves do reino dos céus dada pelo Senhor só a Pedro, e a nenhum outro dos bem-aventurados as receberá?"[39]

"E também em relação aos Seus outros nomes, os aplicarás a modo de sobrenome aos santos; **e a todos os tais se lhes pode dizer a declaração de Jesus: «Tu és Pedro», etc., até às palavras [não] «prevalecerão contra ela»**"[40]

Há uma analogia muito forte aqui. A Igreja é comparada com um Corpo (Cl.2:17; 1Co.12:27; 1Co.12:12; Ef.5:23; Ef.3:6) e com um edifício (Ef.2:20; 1Co.3:10,11). Esse Corpo é de Cristo, e esse edifício (Igreja) também (Cl.2:17; 1Co.10:32). E a Cabeça (i.e, o principal, o mais importante) do Corpo é Cristo (Ef.4:15), assim como o fundamento (base, pedra angular) do edifício que é a Igreja é Cristo (1Co.3:11). Por isso Pedro não é a Cabeça e nem o fundamento, da mesma forma que a Igreja é chamada de Igreja de Cristo e o corpo é chamado de Corpo de Cristo, e não de corpo ou Igreja de Pedro.

Como estamos falando da mesma coisa (a Igreja) nos dois casos, a analogia deve ter o mesmo significado em ambos. Se Pedro fosse o fundamento da Igreja, onde ela está edificada, então ele seria a Cabeça do Corpo, e não Cristo (Ef.4:15). Consequentemente, não faríamos parte da Igreja de Cristo nem do Corpo de Cristo, mas do de Pedro. Tudo isso nos mostra que, da mesma forma que Cristo é a única Cabeça do Corpo e todos os demais (incluindo Pedro) são *membros* deste corpo, Cristo é o único fundamento da

[38] Comentário sobre Mateus, 10 (ANF 10:456).
[39] Comentário sobre Mateus XII, 11 (ANF 10:456).
[40] ibid.

Igreja (1Co.3:11) e todos nós (incluindo Pedro) somos *pedras secundárias* edificadas sobre a pedra viva, que é Cristo (1Pe.2:4-7).

Finalmente, uma análise no original grego nos mostra com mais precisão que Jesus **não** estava falando *sobre* Pedro até o verso 18, mas começou a falar sobre ele no verso 19, que diz:

"**και** δωσω σοι τας κλεις της βασιλειας των ουρανων και ο εαν δησης επι της γης εσται δεδεμενον εν τοις ουρανοις και ο εαν λυσης επι της γης εσται λελυμενον εν τοις ουρανοις"

Muitas traduções vertem este texto de forma incorreta, colocando um "também" para ligar o verso 18 ao 19, ou ignorando a palavra "και", que significa **"e"**, e não "também". A palavra grega que significa "também" é "αγω", e ela aparece no início do verso 18 para dar ligação àquilo que havia sido anteriormente dito nos versos 16 e 17. Mas no verso 19 Mateus ***muda*** a palavra e emprega "και".

Isso significa que Jesus falava no verso 18 ainda sobre a *petra* (pedra de fé professa em Mateus 16:16), e somente depois do "και" ele passou a falar sobre Pedro. Todo o diálogo era entre Jesus e Pedro, mas nem tudo o que Jesus falou se *referia* a Pedro. Até o verso 18 se referia àquilo que Pedro *disse*, a partir do verso 19 passou a ser sobre aquilo que Pedro *possuiria* – as chaves do reino dos céus, que foram entregues a todos os discípulos (Mt.18:18). E o "και" significa que Cristo estava dizendo algo como: **"quanto a ti, Pedro"** ou **"e tu, Pedro"**, pois o "και" tira o sentido de ser tudo referência a Pedro.

Portanto, o verso 18 se aplica à Igreja construída sobre a confissão de Pedro. "Sobre esta pedra" é uma referência à confissão de fé que diz que Cristo é o Filho do Deus vivo, e sobre esta pedra a *Igreja* estaria edificada, e contra essa *Igreja* as portas do inferno não prevaleceriam – não iria prevalecer contra a *Igreja*, e não contra Pedro em particular. E no verso 19 Jesus aí sim passa a falar sobre aquilo que *Pedro* viria a ser, com as chaves do reino dos céus e o poder de ligar e desligar.

Mas e o aramaico?

Ao chegarmos neste ponto, os católicos, mesmo sem refutarem nada, jogam sobre a mesa a sua última carta na manga, e aposta as suas últimas fichas na sua última cartada: o aramaico. Querendo ignorar tudo o que foi dito sobre o grego, eles dizem:

"Mas Jesus falava em aramaico! E no aramaico não existe distinção entre Pedro (*kepha*) e pedra (*kepha*)"![41]

E é verdade, no aramaico tanto Pedro como pedra são *kepha*. Estaria então provado que todo o nosso aprofundado estudo exegético com base no grego de Mateus 16:18 não vale nada, e que devemos ficar apenas com aquilo que Jesus supostamente teria dito (pois não sabemos as palavras exatas que ele teria usado, apenas aquilo que ele *provavelmente* disse) em aramaico?

É lógico que não. Na verdade, o foco da questão não é a *língua* que Jesus disse, mas a *razão* pela qual o evangelista Mateus teria feito tamanha distinção notável que vimos anteriormente, entre *petrus* e *petra*, entre um *masculino* e um *feminino*. Pois o que Cristo disse no aramaico também é de dupla interpretação. O aramaico assemelha-se fortemente ao hebraico, cujo idioma a palavra tradicionalmente vertida por "esta" é *'el-leh*, que o léxico de Strong traduz como significando "este" (*these*) ou "aquele" (*those*):

'el-leh
ale'-leh
prolonged from 411; these or those: --an- (the) other; one sort, so, some, such, them, these (same), they, this, **those**, thus, which, who(-m). See HEBREW h411.[42]

Sendo assim, o grego não fica muito atrás do hebraico e aramaico neste sentido: as línguas semíticas possuíam palavra para "este" que também podia significar "aquele", ou seja, que podia significar tanto o referencial mais próximo como o referencial mais distante. Por isso, mesmo considerando que Jesus falou em aramaico e usou *kepha* e *kepha*, o "este" não define a questão, pois da mesma forma ele poderia estar se referindo ao antecedente mais remoto (a confissão de Pedro) e não ao antecedente mais próximo (o próprio Pedro).

Mas, se é assim, por que Jesus teria usado *kepha* duas vezes, tanto para Pedro como para pedra? Não seria isso uma prova de que Jesus fez uso proposital de uma mesma palavra para passar uma mesma ideia?

Na verdade, não. Jesus provavelmente fez uso duas vezes da palavra *kepha* em Mateus 16:18, não porque ele quis dizer que Pedro é a própria pedra em questão, mas **por causa da pobreza do aramaico, que não possuía outra palavra para pedra e nem alguma que diferenciasse um do outro**. O aramaico era de todas as línguas semíticas a mais

[41] Em termos gerais, eles repetem este argumento mil vezes, para passar a impressão de que é um bom argumento.
[42] Este significado pode ser conferido no léxico online de Strong neste link: <http://www.bibliaonline.net/bol/sh.cgi?acao=428&lang=pt-BR>

pobre, por isso ela não possuía palavra para diferenciar Pedro de pedra. Mesmo assim, como disse o ex-padre Aníbal Pereira dos Reis, "a identidade morfológica do aramaico entre os vocábulos Pedro e Pedra na homonímia de Kephas não impede a distinção semasiológica, isto é, a diferença de significado entre dois termos *usus loquendi* da língua grega"[43].

E é exatamente aí que entra o texto grego de Mateus e a sua decisiva importância.

Porque Mateus escrevia em grego, idioma mais avançado que o aramaico em muitos sentidos e que já possuía distinção entre Pedro (*petrus*) e pedra (*petra*). Em outras palavras, se o nosso argumento que diz que Jesus usou *kepha* para Pedro e para a pedra por causa da pobreza do aramaico está correto, deveríamos esperar que Mateus, que já escrevia em um idioma mais avançado, fizesse a devida diferenciação que era impossível de ser feita no aramaico. Mas se o argumento católico que diz que Cristo fez uso de *kepha* duas vezes de forma totalmente proposital para indicar que a pedra é Pedro estiver correto, então deveríamos esperar o inverso: que Mateus preservasse essa igualdade entre Pedro e pedra, usando as mesmas palavras para ambos, igualzinho faz o aramaico.

E o que Mateus decidiu?

Ele preferiu, como já observamos, verter o texto por duas palavras distintas, *petrus* e *petra*, ao invés de manter a mesma palavra e dizer que "tu és uma pedra e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja", ou então: "tu és Pedro e sobre este Pedro edificarei a minha Igreja". Se Mateus cresse que Jesus disse *kepha* duas vezes com a intenção proposital de se referir exatamente à mesma coisa, e não por causa da pobreza do idioma aramaico, não teria feito distinção alguma e teria preservado no grego a igualdade de palavras usadas no hebraico, com duas vezes "Pedro" (*Petrus*) ou duas vezes "pedra" (*petra*).

Mas ele fez exatamente o contrário!

O fato de Mateus ter feito uma **clara distinção** entre um termo e outro mostra que, realmente, Jesus usou *kepha* duas vezes não porque queria dizer que uma coisa é exatamente igual a outra, mas porque no aramaico não tinha outra palavra para ser usada. Mas no grego, que já tinha palavra para ser usada e distinguir ambos, o evangelista faz questão de lançar mão de tal diferenciação, com todos os pontos que vimos anteriormente, que distinguem *petrus* de *petra* tanto em palavra, como em gênero, grau e significado.

[43] Aníbal Pereira dos Reis, **"Pedro nunca foi Papa"**, Edições Cristãs, 2ª edição, 2003, São Paulo, págs. 81 a 88.

Alguns católicos, tentando contornar esse fato e oferecer alguma explicação para a distinção de Mateus, afirmam que ele distinguiu *petrus* de *petra* porque foi forçado a isso, para não colocar em Pedro um nome feminino (*petra*). Essa explicação piora ainda mais a situação deles, pois mostra que **o evangelista zelou por preservar a concordância de número e gênero**, pois *petrus* é um nome masculino e *petra* feminino, e, portanto, não pode ter relação com aquele!

Em outras palavras, se o argumento católico que diz que Mateus teria feito essa distinção por causa da diferença de gênero entre um e outro está correto, ele serve para dar um golpe de morte na própria tese romanista, pois, da mesma forma que Mateus não iria colocar em Pedro um nome feminino por causa da concordância de gênero, **ele também não iria relacionar um nome masculino a um demonstrativo feminino, pela mesma razão!**

Como, então, Mateus poderia ter dito que a pedra era Pedro, sem colocar em Pedro um gênero feminino (*petra*)? Ele certamente não teria feito como fez, ligando gramaticalmente um vocábulo masculino a um demonstrativo feminino (*taute petra*), o que é um assassinato da gramática, que seria ainda pior que colocar em Pedro um nome feminino. Se ele quisesse resolver a questão e passar a ideia de que a pedra é Pedro, ele não teria assassinado a gramática relacionando um masculino a um feminino, teria simplesmente escrito:

"Tu és Pedro, e ***sobre ti*** edificarei a minha Igreja..."

Esse "sobre ti" é a tradução do grego "*epi se*", que é usado muitas vezes no Novo Testamento. Quando Jesus entrou em Jerusalém e proferiu sua palavra de condenação à cidade, ele disse:

"Porque dias virão **sobre ti** [*epi se*], em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lado" (Lucas 19:43)

No original grego:

"oti êxousin êmerai **epi se** kai a=parembalousin tsb=peribalousin oi echthroi sou charaka soi kai perikuklôsousin se kai sunexousin se pantothen"

Este "*epi se*" é o equivalente ao português "sobre ti". Seguindo essa mesma lógica, Mateus poderia perfeitamente ter evitado chamar Pedro com um nome feminino ou assassinar a gramática relacionando um demonstrativo feminino a um vocábulo

masculino escrevendo que "su ei petrus kai **epi se** oikodomêsô mou tên ekklêsian" (*tu és Pedro e **sobre ti** edificarei a minha Igreja*).[44]

Mas ele não fez.

Ao invés disso, preferiu traduzir por "tu és Pedro **[masculino]** e sobre esta **[feminino]** pedra **[feminino]** edificarei a minha Igreja", o que obviamente deve se relacionar não ao próprio masculino Pedro, mas sim a algum antecedente feminino no texto, que no caso é a própria confissão de fé de Pedro, no verso 16.

Portanto, vemos que a pergunta que é o cerne da questão não é *se o aramaico diz isso ou aquilo*, mas sim ***por que razão Mateus teria transliterado para o grego com essa distinção***. A verdade é que Mateus entendeu que *kepha* foi usada duas vezes por causa da pobreza do aramaico, e por isso verteu para o grego (um idioma mais avançado, que já tinha distinção entre tais palavras) com duas palavras distintas, de gêneros distintos e de significados distintos, o que só pode ser explicado satisfatoriamente pelo fato de que ele, realmente, entendeu que a "pedra" em questão não era o próprio Pedro (*epi se*), mas um antecedente feminino mais remoto (*taute petra*).

Contra isso, só sobraria aos católicos afirmar que Mateus não escreveu em grego, mas no hebraico ou aramaico (como já vi alguns dizerem). Em resposta a isso, o ex-padre Aníbal Pereira dos Reis expôs oito importantes observações que refutam a tese de que o evangelho de Mateus tenha sido originalmente escrito em outro idioma que não seja o grego:[45]

1º A Comissão Bíblica não define se foi escrito em hebraico ou em aramaico. Reconhece, aliás, que não o faz a Tradição (a outra Fonte de Revelação, além da Bíblia, como ensina a teologia romana). A Tradição não determina se Mateus escreveu em hebraico ou se em aramaico, a língua popular nos tempos de Cristo.

2º Os fragmentos existentes desse suposto original aramaico de Mateus, cognominado "Evangelho segundo os Hebreus", divergem extraordinariamente do texto grego de Mateus.

[44] Antes que algum católico diga que se Mateus colocasse o "sobre ti" (*epi se*) ele estaria traduzindo mal o que Cristo disse, ou corrompendo o que foi dito originalmente, leia o texto de Mateus 10:28 e compare com o mesmo texto que Lucas verte em Lucas 12:4,5. Alguém também poderia alegar que, da mesma forma que Mateus poderia ter dito "sobre ti", também poderia ter dito "sobre essa confissão". Mas isso simplesmente não era necessário, já que a distinção de gêneros entre *petrus* e *petra* já deixa claro que a pedra em questão se trata de um antecedente feminino mais remoto, e não do masculino *petrus*. Ou seja: Mateus 16:18 da forma que já está no grego já é suficiente para provar que a pedra é a confissão de Pedro, e não o próprio Pedro.

[45] Aníbal Pereira dos Reis, **"Pedro nunca foi Papa"**, Edições Cristãs, 2ª edição, 2003, São Paulo, págs. 81 a 88.

3º Naquela época não havia necessidade de Mateus escrever em aramaico, pois o idioma grego, por ser conhecidíssimo também dos judeus, se prestava perfeitamente para Mateus escrever o Evangelho, embora endereçado aos judeus. Por que haveria de ser Mateus a exceção? Aliás, em virtude do conhecimento geral do grego, também entre os judeus, os outros documentos neotestamentários a eles destinados foram escritos em grego, como a Epístola de Tiago às Doze Tribos de Israel, as duas Epístolas de Pedro (conforme admitem também os exegetas católicos) e a Epístola aos Hebreus. Por que Mateus teria que ser a exceção?

4º Torna-se impossível uma versão em aramaico diante da identidade de textos comuns aos três Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas).

5º Entre essas muitas coincidências ocorrem divergências inexplicáveis se o tradutor do suposto texto aramaico para o grego conhecia os dois outros sinóticos. E se a estes ignorava, como se explicam as expressões frequentemente idênticas entre os três?

6º Quando os autores dos Evangelhos citam o VT valem-se do texto hebraico. Mas Jesus Cristo, em suas mensagens, quase sempre cita a Septuaginta, a versão grega do VT. Isto, note-se, também ocorre no Evangelho segundo Mateus, o que nos leva a rejeitar o original aramaico de Mateus e, consequentemente, a admitir o original grego. Se essas citações são extraídas da Septuaginta, logicamente, em grego escreveu Mateus o seu original.

7º Mais ainda: se o atual texto grego fosse realmente a tradução do aramaico, por que haveria o tradutor de se valer do texto grego da Septuaginta para as citações feitas por Jesus? Valer-se-ia do texto hebraico, evidentemente.

8º O texto mateano, aceito como canônico, inclusive pelas exegese e teologia romanas, é o grego. Insustentável, portanto, essa assertiva do original aramaico, a cuja existência se erguem intransponíveis óbices.

Portanto, não há escapatórias para os apologistas católicos. Por mais elaborada que sejam as suas tentativas de refutação ao texto bíblico, elas falham miseravelmente quando postas de frente a uma exegese aprofundada do verso em questão, dentro de seu devido contexto, respeitando as normas da hermenêutica bíblica, analisando o *todo* das Escrituras e a gramática grega. E restam-se apenas lamentações da parte daqueles que tem em Mateus 16:18 o seu último suspiro e esperança em sustentar o insustentável.

12

Agostinho e a pedra de Mateus 16:18

Para reforçar a exegese do capítulo anterior, em que provamos que a pedra em questão é a confissão de fé de Pedro em Cristo, é importante ressaltar a opinião do mais importante Pai da Igreja, o famoso santo Agostinho, bispo de Hipona. Ele ficou bastante conhecido pelas suas obras, em especial "A Doutrina Cristã", onde aborda os métodos exegéticos e interpretativos das Escrituras, respeitando as normas da boa hermenêutica. Sua importância é tão grande que William Jurgens chegou a dizer:

"Se tivermos que lidar com a indesejável proposta de ter de destruir completamente cada uma das obras de Agostinho ou as obras de todos os outros Pais da Igreja e escritores, eu não tenho dúvida que todos os outros teriam de ser sacrificados. Agostinho deveria permanecer. De todos os Pais, Agostinho é quem é o mais erudito, quem teve as mais notáveis percepções teológicas, e quem é efetivamente mais prolífico"[46]

[46] William Jurgens, **The Faith of the Early Fathers**. Collegeville: Liturgical, 1979, Vol.3, p.1.

Como exegeta, Agostinho não deixou de tecer comentários sobre a pedra de Mateus 16:18. Em uma de suas últimas obras publicadas, "Retratações", o santo e doutor da Igreja se retrata de alguns erros que ele havia cometido em suas obras anteriores, após uma análise mais aprofundada no grego e na exegese dos textos bíblicos. E uma dessas questões é a de Mateus 16:18. Após estudar muito sobre o significado dessa passagem e acerca de quem era a pedra, ele chegou à seguinte conclusão:

"Mas eu sei que em seguida expus, muito freqüentemente, as palavras de Nosso Senhor: 'Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja', da forma seguinte: que **a Igreja seria edificada sobre Aquele que Pedro confessou, dizendo: 'Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo'**. Assim Pedro (*Petrus*) que teria tomado o seu nome desta pedra (*petra*), simbolizaria a Igreja que é construída sobre esta pedra e que recebeu as chaves do Reino dos Céus. **Com efeito, não lhe foi dito: Tu és a pedra (*petra*), mas: Tu és Pedro (*Petrus*), pois a Pedra (*petra*) era o próprio Filho de Deus, Cristo**. Simão Pedro, ao confessar Cristo como a Igreja inteira O confessa, foi chamado *Petrus* (Pedro)"[47]

Agostinho faz aqui uma distinção clara que tenta ser desmentida a qualquer custo pelos sites de apologética católica: a distinção entre *petrus* e *petra*! Sempre costumo perguntar aos católicos que negam tal diferença, se eles sabem mais do que santo Agostinho, que foi o maior erudito bíblico que já existiu. Se está tão claro que a pedra é Pedro, como eles dizem, por que o maior exegeta bíblico dos Pais da Igreja pensava o contrário?

Agostinho diz que a Igreja estaria edificada sobre aquele que Pedro confessou, e não no próprio Pedro. Quem Pedro confessou? A resposta é clara no próprio contexto de Mateus 16:18 e no escrito de Agostinho: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo"! E, para fundamentar a sua posição, ele alega que Pedro é *petrus*, que teria tomado o seu nome de uma rocha maior, que é *petra*.

Para Agostinho, a diferença entre *petrus* e *petra* lhe mostrava que não se tratava do mesmo sujeito. Prova disso é que ele diz, logo em seguida, que não foi dito a Pedro que ele era a *petra*, mas sim que ele era *petrus*, pois a *petra* de fundação da Igreja era o próprio Filho de Deus! Portanto, *petrus* é Pedro, mas *petra* (que é a pedra sobre a qual a Igreja está edificada) é o próprio Cristo. Se *petra* e *petrus* fosse a mesma coisa, não faria sentido fazer tal **distinção** claramente evidente, **contrastando** ambas as sentenças. Ele também escreve:

"E eu te digo…'Tu és Pedro, Rochoso, e sobre esta pedra eu edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus. O

[47] Retractações, cap. 21.

que ligares na terra será ligado também nos céus; o que desligares na terra será desligado nos céus' (Mateus 16:15-19). Em Pedro, Rochoso, nós vemos nossa atenção atraída para a pedra. Agora, o apóstolo Paulo diz sobre o povo, 'Eles bebiam da pedra espiritual que os acompanhava; e a pedra era Cristo' (1 Coríntios 10:4). Assim, este discípulo é chamado Rochoso à partir da pedra, como cristão à partir de Cristo. Por que eu quis fazer esta pequena introdução? Para te sugerir que em Pedro a Igreja é para ser reconhecida. **Cristo, você vê, construiu sua Igreja não sobre um homem, mas sobre a confissão de Pedro. Qual é a confissão de Pedro? 'Tu és Cristo, o Filho do Deus vivo'. Lá está a pedra para você, lá está a fundação, lá está onde a Igreja tem sido construída, sobre a qual as portas do inferno não podem prevalecer"**[48]

Agostinho faz novamente a distinção entre *petrus* e *petra*. A primeira, para ele, significava "rochoso", enquanto que a segunda era a "rocha". Ele diz que a nossa atenção é atraída de *petrus* (rochoso) para a *petra* (rocha) fundamental da Igreja. E para reforçar que essa *petra* (rocha) era Cristo, ele apela ao texto de 1ª Coríntios 10:4, que diz que "a pedra (*petra*) era Cristo" (1Co.10:4).

Então, Pedro é *Petrus*, enquanto Cristo é a *petra.* Ele faz a distinção entre o "rochoso" (*petrus*) e a "rocha" (*petra*), dizendo que **o primeiro é derivado do segundo, e não o segundo do primeiro.** Isso é de fundamental importância, pois mostra-nos que, para Agostinho, havia uma considerável importância maior para *petra* do que para *petrus*.

Se *petrus* vem a partir de *petra*, então *petra* é superior a *petrus*, "assim como o cristão a partir de Cristo". Para Agostinho, *petrus* era para com *petra* assim como cristão é para com Cristo. Da mesma forma que ninguém contestaria o fato de que há uma superioridade de Cristo em relação aos cristãos (que *provém* de Cristo), igualmente ninguém deve discutir que há uma superioridade de *petra* para com *petrus*.

Então, Agostinho diz que a Igreja não está edificada sobre um homem (como arrogam os católicos, colocando Pedro como a pedra fundamental da Igreja a partir de sua má interpretação de Mt.16.18), mas sim sobre a confissão de Pedro que era que Cristo era o Filho do Deus vivo. Essa era a *petra*, "lá está a pedra para você, lá está a fundação, lá está onde a Igreja tem sido construída, sobre a qual as portas do inferno não podem prevalecer". Como vemos, essa pedra sobre a qual a Igreja está edificada não é um simples homem, mas Cristo, o Filho do Deus vivo. É por isso que Agostinho diz:

"Mas quem dizeis eles que sou? Pedro respondeu, 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo'. Um de muitos deu a resposta, Unidade em muitos. Então disse-lhe o Senhor, 'Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas: porque não foi carne e sangue que to revelou, mas

[48] The Works of Saint Augustine Sermons, Vol. 6, Sermon 229P.1, p. 327.

Meu Pai, que está nos céus'. Então Ele adicionou, 'e eu te digo'. Como se Ele tivesse dito, 'Porque tu tens dito sobre Mim', 'Tu és o Cristo o Filho do Deus vivo'; 'Eu também te digo, Tu és Pedro'. Porque antes ele era chamado Simão. Agora este nome de Pedro foi lhe dado pelo Senhor, e em uma figura, que ele significaria a Igreja. Porque, visto que Cristo é a pedra (*petra*), Pedro (*petrus*) é o povo cristão. Porque a pedra (*petra*) é o nome original. Então Pedro é assim chamado de pedra; não a pedra de Pedro, como Cristo não é chamado Cristo à partir dos cristãos, mas os Cristãos à partir de Cristo. **'Então', ele diz, 'Tu és Pedro, e sobre esta Pedra', que tu tens confessado, sobre esta pedra que tu tens reconhecido, dizendo, 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo, 'eu edificarei Minha Igreja'; isto é, sobre Mim mesmo, o Filho do Deus vivo, 'eu edificarei Minha Igreja'. Eu a edificarei sobre Mim mesmo, não Eu sobre ela**"[49]

Agostinho reitera aqui a superioridade de *petra* em relação à *petrus* fazendo a mesma analogia de *Cristo* e os *cristãos*. Cristo (*petra*) era a rocha de fundação da Igreja (cristãos), que estava sendo representada por Pedro (*petrus*) naquela passagem. Assim como Cristo não está edificado sobre os cristãos, mas os cristãos sobre Cristo, Pedro estava edificado sobre Cristo, e não Cristo sobre Pedro, pois Pedro estava como uma figura dos demais cristãos.

Então vem o principal da passagem, onde Agostinho diz:

"Então', ele diz, 'Tu és Pedro, e sobre esta Pedra', que tu tens confessado, sobre esta pedra que tu tens reconhecido, dizendo, 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo, eu edificarei Minha Igreja'; isto é, sobre Mim mesmo, o Filho do Deus vivo, 'eu edificarei Minha Igreja'. Eu a edificarei sobre Mim mesmo, não Eu sobre ela"

O **"sobre esta pedra"**, que os católicos dizem que se aplica a Pedro, Agostinho dizia que se aplicava à confissão que havia sido dita no verso 16 – que "tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". Pedro reconheceu Jesus como sendo o Filho de Deus, e Cristo disse que era sobre esta pedra (*petra*) que Pedro (*Petrus*) havia confessado é que a Igreja estaria construída.

Sendo que essa confissão é que Cristo é o Filho de Deus, a conclusão de Agostinho não podia ser outra: **a Igreja está edificada sobre Cristo, e não sobre Pedro!** Era sobre "Cristo, o Filho do Deus vivo" que a Igreja está edificada. Se não fosse assim, Cristo estaria edificado sobre a pedra (*petra*) principal da Igreja, e não a Igreja sobre Cristo.

Isso seria inadmissível, já que a Igreja não pode estar edificada sobre um simples homem sujeito a falhas, erros e desvios, mas somente sobre alguém que não tem pecado

[49] St. Augustin, Sermon XXVI.

e é o Filho de Deus (Cristo Jesus). Além disso, se fosse Pedro a pedra, então Cristo estaria edificado sobre Pedro, e não Pedro sobre Cristo! Como é que pode o Filho do Deus vivo, sem pecado, imaculado, nosso Senhor e Salvador, estar edificado sobre um homem mortal, falível e pecador?

Isso seria completamente antilógico e de todo incoerente. A Igreja só pode estar edificada sobre uma Rocha inabalável, e essa Rocha chama-se Jesus Cristo. Pedro tinha falhas, Jesus não. Pedro era pecador, Jesus não. Pedro seguia Jesus, e não Jesus a Pedro. Da mesma forma que os cristãos estão edificados sobre Cristo e não Cristo sobre os cristãos, Pedro (*Petrus*) estava edificado sobre a *petra* (Cristo), e não Cristo sobre Pedro. "Eu a edificarei sobre Mim mesmo, não Eu sobre ela"! Foi por isso que Agostinho disse:

"Porque **a Pedra (*petra*) era Cristo; e sobre este fundamento foi o próprio Pedro edificado**. Porque outro fundamento não pode ser lançado além do qual já está posto, que é Cristo Jesus (1Co.3:11)"[50]

Agostinho faz uso daquele mesmo texto bíblico de 1ª Coríntios 3:11 para sustentar a sua tese de que Cristo é o único fundamento, e não Pedro. Pedro, portanto, estava edificado sobre Cristo, e não Cristo sobre Pedro. Sobre o fundamento de Cristo, o próprio Pedro foi edificado!

"Porque, 'Tu és Pedro (*Petrus*)' e não 'Tu és a pedra (*petra*)' foi dito a ele. Mas 'a pedra (*petra*) era Cristo', em quem confessando, como também toda a Igreja confessa, Simão foi chamado Pedro"[51]

Finalmente, Agostinho também sustenta a sua tese sob a luz da exegese com base no texto de 1ª Coríntios 1:12, onde ele mostra novamente que a Igreja de Cristo estava edificada sobre Cristo, e não sobre Pedro:

"Porque os homens que desejavam edificar sobre homens, diziam, 'Eu sou de Paulo; e eu de Apolos; e eu de Cefas', que era Pedro. **Mas outros que não desejavam edificar sobre Pedro, mas sobre a Pedra, diziam, 'Mas eu sou de Cristo'**. E quando o Apóstolo Paulo averiguou que ele foi escolhido, e Cristo desprezado, ele disse, 'Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo?' E, como não no nome de Paulo, **assim nem também no nome de Pedro; mas no nome de Cristo: que Pedro deveria ser edificado sobre a Pedra, não a Pedra sobre Pedro**"[52]

[50] Volume VII, St. Augustin, Tractate 124.5.
[51] Saint Augustine, The Retractations Capítulo 20.1.
[52] St. Augustin, Sermon XXVI.1-4, pp. 340-341.

Os coríntios estavam querendo se edificar sobre Paulo, Apolo ou Pedro. Paulo, porém, assim como Agostinho, diz que a Igreja não deveria estar edificada sobre homens – nem mesmo sobre Pedro – mas sobre Cristo – "eu sou de Cristo" (1Co.1:12)! Ele diz que a Igreja não estava edificada nem sobre Paulo, nem sobre Pedro, mas sobre Cristo. Sobre "esta pedra", que é Cristo, o próprio Pedro estaria edificado.

Que o leitor decida?

Diante de tamanhas provas de que Agostinho de Hipona cria que era Cristo ou a confissão de Pedro em Cristo a pedra de Mateus 16:18, os católicos arrumaram uma surpreendente explicação, toda ela baseada na declaração de Agostinho, ao dizer que "o leitor decida qual dessas interpretações é aquela que lhe parece a mais provável"[53]. Então, eles afirmam que Agostinho não sabia ou não estava certo sobre qual é a melhor interpretação ao texto bíblico, de modo que "jogou para o público" essa decisão, e isso seria uma "refutação" aos textos protestantes sobre isso.

Um destes sites católicos que sustentou tal posição alegou isso:

"Note bem o que escreveu o santo: escolha o leitor – das duas interpretações – a que parecer mais provável! Ou seja: ***Santo Agostinho reconhece sua incapacidade em interpretar uma passagem bíblica****, e propõe a seus leitores que escolham a que lhes pareça mais provável!"*

Mas será realmente verdade que Agostinho era um ser incapaz de interpretar uma passagem como a de Mateus 16:18, ao ponto de dizer para o leitor, muito menos culto que o próprio Agostinho, que decidisse qual era o mais provável? Temos muitas razões para crer que não. Em primeiro lugar, porque se Agostinho se reconhecesse **incapaz** de interpretar o texto bíblico, como afirma o católico, ele não teria dedicado tanto tempo argumentando a favor da tese de que a pedra de Mateus 16:18 não era Pedro.

Vimos anteriormente diversas citações que provam que Agostinho empreendeu muito tempo analisando exegeticamente Mateus 16:18 e teceu diversos comentários sobre ele em muitas de suas obras, e é completamente incoerente que ele tenha feito isso no caso de ele se reconhecer "incapaz" de interpretá-lo.

Se o grande bispo e doutor da Igreja, Agostinho de Hipona, se reconhecesse incapaz de interpretar este texto bíblico, por que razão ele interpretou este texto bíblico por tantas vezes? Por que ele se utilizou de diversas passagens bíblicas, como 1ª Coríntios 1:12, 1ª Coríntios 10:4 e 1ª Coríntios 3:11 para sustentar a sua opinião, se ele era incapaz de

[53] Sermão 295.

analisar o texto? Por que ele fez amplo uso da exegese para sustentar a sua posição? Por que ele usou o grego e a diferença entre *petrus* e *petra*, se ele não sabia do que estava falando? Por que ele escreveu tantas vezes sobre um assunto do qual não entendia? Por que ele emitiu uma opinião formada em todos estes textos, se era incapaz de interpretá-lo?

A resposta é óbvia: **a razão pela qual Agostinho disse para o leitor analisar qual posição é a mais plausível é em função do livre exame que cada leitor possui, e não pelo próprio Agostinho ser incapaz de analisar tal passagem.** Note que, antes mesmo do bispo de Hipona afirmar essa frase tão usada pelos católicos, ele estava argumentando extensivamente sobre a sua tese de que Cristo, e não Pedro, era a pedra em questão. Portanto, o que o santo e doutor da Igreja disse se assemelha muito mais com o que eu ou outras pessoas dizem ao terminar um texto sustentando alguma argumentação e, no final, diz para o próprio leitor decidir qual das duas partes está com a razão.

Se eu refuto um católico e no final da minha refutação digo ao leitor para analisar ambos os argumentos e decidir por conta própria quem está com a razão, isso não significa que eu sou incapaz de decidir por mim mesmo se as minhas próprias argumentações estão certas ou erradas, significa apenas que eu estou respeitando o princípio do livre arbítrio e da livre interpretação de cada leitor em poder analisar por si mesmo as duas argumentações (a minha e a dele) e decidir sabiamente qual é a mais plausível.

Isso foi o mesmo que Agostinho fez: sustentou a sua própria argumentação firme do início ao fim, e depois respeitou o princípio do livre exame a fim de que o leitor tirasse as suas próprias conclusões, se as argumentações de Agostinho eram plausíveis ou não. Curiosamente, essa passagem se volta *contra eles mesmos*, uma vez sendo que ela expressa o livre exame adotado por Agostinho e pela Igreja da época, que é exatamente como creem os evangélicos.

O livre exame é a crença de que o leitor tem o direito de examinar e interpretar a Bíblia sem estar condicionado a crer de uma forma imposta por alguma igreja ou por alguma tradição. Os católicos negam o livre exame, pois eles estão proibidos de interpretarem a Bíblia, tendo somente que aceitar aquilo que a Igreja deles crê em seu catecismo. **Se Agostinho fosse católico romano, ele não teria dito para o leitor escolher a interpretação que achar melhor; ao contrário, teria dito que a posição oficial da Igreja é a que Pedro é a pedra e ponto final**.

Mas como Agostinho não era católico-romano, ele pôde se expressar favoravelmente à interpretação de que a pedra era Cristo, e mesmo assim dizer ao leitor para escolher qual é a tese mais provável, porque a Igreja da época adotava o livre exame

dando liberdade aos leitores na interpretação. Ou seja, ele tinha uma opinião formada, que era a de que a pedra era Cristo e não Pedro, e mesmo assim dizia para o leitor escolher a mais provável, respeitando o princípio do livre exame das Escrituras.

Por isso, aqui os católicos dão um duplo tiro no pé, porque provam não apenas que Agostinho cria que Cristo era a pedra de Mateus 16:18, como também que ele adotava o livre exame que é rejeitado com veemência pelos católicos atuais.

E que o leitor decida qual dessas interpretações é a mais provável!

Outros Pais da Igreja sobre Mateus 16:18

Ainda que Agostinho tenha sido o mais importante dos Pais da Igreja e tenha sido o que mais se esforçou em analisar exegeticamente o texto de Mateus 16:18, temos que ressaltar que ele não foi o único comentarista bíblico antigo a afirmar que a pedra em questão era Cristo, e não Pedro. Vários outros Pais da Igreja se uniram a ele em um só coro, escrevendo repetidas vezes que Cristo Jesus é a pedra de fundamento da Igreja e interpretando da mesma forma que nós e Agostinho o texto que estamos tratando.

Para não nos alongarmos demasiadamente nesta parte do livro, apenas passarei as citações sem comentar em torno delas, até porque o fato de que a pedra é Cristo é patentemente óbvio nessas passagens, não precisando de maiores elucidações.

- Orígenes (185 – 253)

"E se nós também dissermos como Pedro, 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo', não como se carne e sangue nos tivesse revelado, mas pela luz do Pai nos céus tendo resplandecido em nosso coração, **nos tornamos um Pedro, e a nós nos poderia dizer o Verbo, 'Tu és Pedro', etc**. Pois é uma pedra cada discípulo de Cristo de quem beberam aqueles que beberam da pedra espiritual que os seguia, e sobre cada pedra assim é edificada cada palavra da Igreja, e o governo de acordo com ela, pois em cada um dos perfeitos, que têm a combinação de palavras e atos e pensamentos que preenchem a bem-aventurança, é a Igreja edificada por Deus"[54]

"**A promessa dada a Pedro não é restrita a ele, mas aplicável a todos os discípulos como ele**. Mas se supões que é somente sobre Pedro que toda a Igreja é edificada por Deus, que dirias sobre João o filho do trovão ou de cada um dos apóstolos? Atrever-nos-emos, de outro modo, a dizer que contra Pedro em particular não prevalecerão as portas do

[54] Comentário sobre Mateus, 10 (ANF 10:456).

Hades, mas que prevalecerão contra os outros apóstolos e os perfeitos? Acaso o dito anterior, 'as portas do Hades não prevalecerão contra ela', não se sustém em relação a todos e no caso de cada um deles? E também o dito, 'Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja?' São as chaves do reino dos céus dada pelo Senhor só a Pedro, e a nenhum outro dos bem-aventurados as receberá? **Mas se esta promessa, 'Eu te darei as chaves do reino dos céus' é comum aos outros, como não o serão também todas as coisas de que anteriormente se falou, e as coisas que estão subordinadas como tendo sido dirigidas a Pedro, ser comuns a eles?"**[55]

"**Esta pedra [Cristo]** é inacessível às serpentes, é ela é mais forte que os portões do inferno em oposição, é por causa disso que **as forças dos portões do Hades não prevalecerão contra ela [Mt 16,18]**; mas a Igreja, como uma construção feita pelo próprio Cristo construindo sua morada, é incapaz de admitir que os portões do Hades prevaleçam sobre qualquer um que esteja **fora desta pedra**, mas não possui forças para tal"[56]

- Afraates, o Sírio (270 - 345)

"A fé é como um edifício que é edificado de muitas peças de artesanato e assim a sua construção se levanta até ao topo. E sabei, meus amados, que nos fundamentos do edifício são colocadas pedras, e assim descansando sobre pedras, toda a construção se levanta até ser aperfeiçoada. Assim também **a verdadeira Pedra, nosso Senhor Jesus Cristo, é o fundamento de toda a fé. E sobre Ele, sobre (esta) Pedra, se baseia a fé**. E descansando sobre a fé toda a estrutura se levanta até ser completada. Pois é o fundamento que constitui o princípio de todo o edifício. **Pois quando alguém é trazido para a fé, é colocado por ele sobre a Pedra, ou seja nosso Senhor Jesus Cristo**. E o Seu edifício não pode ser abalado pelas ondas, nem danificado pelos ventos. Pelos embates da tormenta não cai, porque a sua estrutura está levantada sobre a rocha da verdadeira Pedra"[57]

"E agora ouvi o respeitante à fé que se baseia sobre a Pedra, e o respeitante à estrutura que se levanta sobre a Pedra... Assim também que o homem que se torna uma casa, sim, uma morada para Cristo, preste atenção ao que é necessário para o serviço de Cristo, que se aloja nele, e com que coisas pode agradar-lhe. **Pois primeiro ele constrói o seu edifício sobre a Pedra, a qual é Cristo**. Sobre Ele, sobre a pedra, é edificada a fé ... Todas estas coisas demanda a fé que **se baseia na rocha da verdadeira Pedra, ou seja Cristo**. E se porventura dissesses: «Se Cristo está posto por fundamento, como é que Cristo também mora no edifício quando este se completa?» Pois o bendito Apóstolo disse ambas as

[55] Comentário sobre Mateus XII, 11 (ANF 10:456).
[56] Orígenes, Sobre Mateus,12,11.
[57] Demonstrações Selectas, 1:2-6,13, 19.

coisas. Pois disse: «Eu como perito arquiteto pus o fundamento». E aí ele definiu o fundamento e o tornou claro, pois disse como se segue: «Nenhum homem pode pôr outro fundamento senão o que está posto, o qual é Cristo Jesus» ... E portanto se cumpre aquela palavra, que Cristo mora nos homens, a saber, naqueles que crêem n`Ele, **e Ele é o fundamento sobre o qual se levanta todo o edifício**"[58]

"Com efeito, este homem começou por construir o seu edifício **sobre a rocha, quer dizer, sobre o próprio Cristo**. Sobre essa pedra se baseia a sua fé. O bem-aventurado Paulo faz duas afirmações sobre isso: 'Como sábio arquiteto, assentei o alicerce. Mas ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto: Jesus Cristo' (1Cor 3, 10.11)"[59]

- Tiago de Nisbis (Século IV)

"A fé é composta e compactada de muitas coisas. É como um edifício, porque é construída e completada em muita esperança. Não ignoras que se põem grandes pedras nos fundamentos de um edifício, e então tudo o que é edificado em cima tem as pedras unidas entre si, e assim se levanta até que se completa a obra. **Assim, de toda a nossa fé, nosso Senhor Jesus Cristo é o firme e verdadeiro fundamento; e sobre esta pedra é estabelecida a nossa fé**. Portanto, quando alguém chega à fé, **é posto sobre uma pedra firme, a qual é o nosso Senhor Jesus Cristo**. E, quanto a chamar a Cristo uma pedra, não digo nada por mim mesmo, pois os profetas o chamaram antes uma pedra"[60]

- Ambrosiáster (Século IV)

"Paulo escreve sobre as ordens eclesiásticas; aqui se ocupa dos fundamentos da Igreja. Os profetas prepararam, os apóstolos estabeleceram os fundamentos. Pelo que o Senhor diz a Pedro: **«Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja», isto é, sobre a confissão de fé universal estabelecerei em vida os fiéis**"[61]

- Eusébio de Cesareia (260 - 340)

"Contudo, não cometerás qualquer erro do âmbito da verdade se supores que «o mundo» é na realidade a Igreja de Deus, e que o seu «fundamento» é em primeiro lugar, aquela inefavelmente sólida pedra sobre a qual está fundada, como diz a Escritura: **«Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela»; e em outro lado: «E a pedra era Cristo»**. Pois, como o Apóstolo indica com estas palavras: «Ninguém pode pôr outro fundamento senão o que está posto, o qual é

[58] ibid.
[59] Exposições, n°1 «De la foi», a partir da trad. SC 349, pp. 209ss. rev.
[60] Sermão 1, Sobre a Fé 1,13.
[61] Comentário sobre Efésios (PL 17:380).

Cristo Jesus». Então, também, depois do próprio Salvador, podes retamente julgar que os fundamentos da Igreja são as palavras dos profetas e dos apóstolos, de acordo com a afirmação do Apóstolo: «Edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a pedra angular»"[62]

- Paulo de Constantinopla (Século IV)

"**Sobre esta fé a Igreja de Deus foi fundada**. Com esta expectativa, **sobre esta pedra o Senhor Deus colocou os fundamentos da Igreja**. Quando, então, o Senhor estava indo para Jerusalém, perguntou aos discípulos, dizendo: «Quem dizem os homens que é o Filho do homem?» Os apóstolos dizem: «Alguns que Elias, outros que Jeremias, ou um dos profetas». E Ele diz, mas vós, isto é, meus eleitos, vós que me seguistes por três anos, e vistes o meu poder, e milagres, e presenciastes eu andando sobre o mar, que partilhastes a minha mesa, «Quem dizeis que eu sou?» Instantaneamente, o Corifeu dos apóstolos, a boca dos discípulos, Pedro, **«Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo»**"[63]

- Hilário de Poitiers (315 - 367)

"A fé do Apóstolo penetrou numa região fechada ao raciocínio humano... **E esta é a pedra da confissão sobre a qual a Igreja é edificada...** que Cristo não deve ser somente nomeado, mas crido, como Filho de Deus"[64]

"**Esta fé é aquela que é o fundamento da Igreja**; através desta fé as portas do inferno não podem prevalecer contra ela. Esta é a fé que tem as chaves do reino dos céus. Qualquer coisa que esta fé desatar ou ligar na terra será desatada ou ligada no céu (...) A razão pela qual ele é bendito é que confessou o Filho de Deus. **Esta é a revelação do Pai, este é o fundamento da Igreja**, esta é a segurança da permanência dela. Daí que ela tem as chaves do reino dos céus, daí o juízo no céu e o juízo na terra"[65]

"**Assim o nosso único inabalável fundamento, a nossa única bendita pedra de fé, é a confissão da boca de Pedro, Tu és o Filho do Deus vivo**. Sobre ela podemos basear uma resposta a toda objeção com que o engenho pervertido ou a amarga traição possam atacar a verdade"[66]

- Atanásio de Alexandria (297 - 373)

[62] Comentário sobre os Salmos (PG 23:173, 176).
[63] Homilia sobre a Natividade.
[64] Sobre a Trindade, VI,36 (NPNF2 9:111).
[65] Sobre a Trindade, VI,37 (NPNF2 9:112).
[66] Sobre a Trindade, II,23 (NPNF2 9: 58).

"Por isso devemos buscar antes de todas as coisas, se Ele é Filho, e sobre este ponto esquadrinhar especialmente as Escrituras; pois foi isto, quando os apóstolos foram interrogados, que Pedro respondeu, dizendo: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo' (...) **esta é a verdade e o princípio soberano da nossa fé** (...) **E como Ele é um fundamento, e nós pedras edificadas sobre ele** (...) A Igreja está firmemente estabelecida; **está fundada sobre a pedra**, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (...) E porque e**sta é a fé da Igreja**, que eles de alguma maneira entendam que o Senhor enviou os Apóstolos e lhes mandou **fazer disto o fundamento da Igreja**"[67]

- Gregório de Nissa (330 - 395)

"A calidez dos nossos louvores não se estende a Simão [Pedro] enquanto ele era um pescador; antes se estende **à sua firme fé, a qual é ao mesmo tempo o fundamento de toda a Igreja**"[68]

- Ambrósio de Milão (337 – 397)

"**A fé, pois, é o fundamento da Igreja, pois não foi dito da carne de Pedro (da sua pessoa), mas da sua fé, que «as portas do Hades não prevaleceriam contra ela»** (...) Faz um esforço, portanto, para ser uma pedra! Não procures a pedra fora de ti, mas dentro de ti! A tua pedra é a tua obra, a tua pedra é a tua mente. Sobre esta pedra é edificada a tua casa. **A tua pedra é a tua fé, e a fé é o fundamento da Igreja**. Se fores uma pedra, estarás na Igreja, porque a Igreja está sobre uma pedra. Se estiveres na Igreja as portas do inferno não prevalecerão contra ti"[69]

- Dídimo, o Cego (318 - 398)

"Quão poderosa é a fé de Pedro e **a sua confissão** de que Cristo é o Deus unigênito, o Verbo, o verdadeiro Filho de Deus, e não meramente uma criatura. Embora ele tenha visto a Deus sobre a terra vestido de carne e sangue, Pedro não duvidou, pois estava disposto a receber o que «carne e sangue não te revelaram». Mais, reconheceu o consubstancial e co-eterno renovo de Deus, glorificando deste modo aquela raiz incriada, aquela raiz sem começo, a qual lhe havia revelado a verdade. Pedro creu que Cristo era uma mesma deidade com o Pai; e assim foi chamado bendito por aquele que é só ele o bendito Senhor. **Sobre esta pedra a Igreja foi edificada**, a Igreja à qual as portas do inferno – isto é, os argumentos dos hereges - não vencerão"[70]

[67] Quatro Cartas a Serapião 1:28.
[68] Panegírico sobre Santo Estêvão (PG 46:733).
[69] Comentário sobre Lucas VI,98 (CSEL 32:4).
[70] Sobre a Trindade, I, I,30 (PG 39:416).

- Epifânio de Salamis (315 - 403)

"Isto é, antes de tudo, porque ele confessou que «Cristo» é «o Filho do Deus vivo», e se lhe disse, **«Sobre esta pedra da fé segura edificarei a minha Igreja»** - pois ele claramente confessou que Cristo é o verdadeiro Filho"[71]

- João Crisóstomo (347 - 407)

"Portanto Ele acrescentou isto: **E eu digo-te, tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; isto é, sobre a fé da sua confissão** (...) Pois Cristo não acrescentou nada mais a Pedro, mas como se a sua fé fosse perfeita, disse, que **sobre esta confissão Ele edificaria a Igreja**, porém no outro caso [João 1:49-50] não fez nada parecido, mas o contrário"[72]

- Paládio de Helenópolis (365 - 425)

"«Vós, porém, quem dizeis que eu sou?» Nem todos responderam, mas somente Pedro, interpretando a mente de todos: «Tu és o Cristo, Filho do Deus vivo». O Salvador, aprovando a correção desta resposta, falou, dizendo: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra» - **isto é, sobre esta confissão** - «edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela»"[73]

- Nilo de Ancira (Século IV)

"Se, além disso, um homem do Senhor é significado, o primeiro a ser comparado com o ouro seria Cefas, cujo nome é interpretado «pedra» (...) **que forneceu na sua confissão de fé o fundamento para a edificação da Igreja**"[74]

- Cirilo de Alexandria (Século V)

"Mas por que dizemos que eles são «fundamentos da terra»? **Pois Cristo é o fundamento e a base inabalável de todas as coisas** (...) Mas os seguintes fundamentos, aqueles mais próximos de nós, pode entender-se que são os apóstolos e evangelistas, aquelas testemunhas oculares e ministros da Palavra que foram levantados para o fortalecimento da fé. Pois quando reconhecemos que as suas próprias tradições devem ser seguidas, servimos a uma fé que é verdadeira e não se desvia de Cristo. Pois quando [Pedro] sábia e irrepreensivelmente confessou a sua fé a Jesus dizendo, «Tu és Cristo, Filho do Deus vivo», Jesus disse ao divino Pedro, «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha

[71] Panarion, II-III.
[72] Homilias sobre o Evangelho de João XXI,1 (NPNF 14:73).
[73] Diálogo sobre a vida de João Crisóstomo (PG 47:48).
[74] Comentário sobre o Cântico dos Cânticos (PG 87 [ii]: 1693).

Igreja». **Ora, pela palavra «pedra» Jesus indicou, penso eu, a inamovível fé do discípulo**"[75]

«E eu digo-te, tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela». O apodo, creio, **chama a nada mais senão à inabalável e mui firme fé do discípulo «uma pedra», sobre a qual a Igreja foi fundada** e feita firme e permanece continuamente inexpugnável mesmo em relação às próprias portas do inferno"[76]

- Isidoro de Pelúsio (Século V)

"Cristo, que esquadrinha os corações, perguntou aos seus discípulos: «Quem dizem os homens que eu, o Filho do Homem, sou?». Não porque não soubesse as diversas opiniões dos homens acerca de Ele próprio, mas estava desejoso de ensinar a todos a mesma **confissão** que Pedro, inspirado por Ele, **pôs como a base e fundamento, sobre a qual o Senhor edificou a sua Igreja**"[77]

- Teodoreto de Ciro (393 - 458)

"Que ninguém nesciamente suponha que o Cristo é qualquer outro senão o Filho unigênito. Não nos imaginemos mais sábios que o dom do Espírito. Escutemos as palavras do grande Pedro, «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo». **Escutemos o Senhor Cristo confirmando esta confissão, pois «Sobre esta pedra», diz, «edificarei a minha Igreja** e as portas do inferno não prevalecerão contra ela». Portanto também o sábio Paulo, excelentíssimo arquiteto das igrejas, não fixou outro fundamento senão este. «Eu», diz, «como sábio arquiteto pus o fundamento, e outro edifica sobre ele. Mas que cada um veja como edifica sobre ele. **Pois nenhum homem pode pôr outro fundamento senão o que está posto, o qual é Jesus Cristo**» (...) Portanto nosso Senhor Jesus Cristo permitiu ao primeiro dos apóstolos, **cuja confissão Ele tinha fixado como uma espécie de alicerce e fundamento da Igreja**, que vacilasse, e que o negasse, e então o levantou de novo (...) Certamente ele está **chamando à fé piedosa e à confissão verdadeira uma «pedra»**. Pois quando o Senhor perguntou aos seus discípulos quem dizia o povo que ele era, o bendito Pedro falou, dizendo «Tu és Cristo, o Filho do Deus vivo». Ao que o Senhor respondeu: «Em verdade, em verdade te digo que és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela»"[78]

- Basílio de Seleucia (Século V)

[75] Comentário sobre Isaías IV,2 (PG 70:940).
[76] Diálogo sobre a Trindade IV (PG 75:866).
[77] Epístola 253.
[78] Epístola 146; 77; Comentário ao Cântico dos Cânticos, II,14. (NPNF2 3).

"Em obediência a língua de Pedro se pôs em movimento e apesar de ignorante da doutrina, forneceu uma resposta: «Tu és Cristo, Filho do Deus vivo» (...) Ora, **Cristo chamou a esta confissão uma pedra, e nomeou quem a confessou «Pedro», percebendo a alcunha como apropriada para o autor desta confissão**. Pois esta é a pedra solene da religião, esta é a base da salvação, esta é o muro da fé e o fundamento da verdade: «Pois ninguém pode pôr outro fundamento senão o que está posto, o qual é Cristo Jesus»"[79]

- Cassiodoro (485 - 580)

"«Não será abalada» diz-se acerca da Igreja à qual somente essa promessa foi dada: «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela». Pois a Igreja não pode ser abalada porque **se sabe que foi fundada sobre a pedra mais sólida, a saber, Cristo o Senhor** (...) Deste «fundamento», é inferido retamente Cristo, que é uma pedra inabalável e uma pedra inexpugnável. Acerca disto diz o Apóstolo: «Pois nenhum outro fundamento pode algum homem pôr senão aquele que já está posto, o qual é Cristo Jesus»"[80]

- Isidoro de Sevilha (560 - 636)

"O homem sábio que edificou a sua casa sobre a pedra significa o mestre fiel, que estabeleceu os fundamentos da sua doutrina e vida sobre Cristo (...) Além disso, Cristo é chamado um «fundamento» **porque a fé é estabelecida nele, e porque a Igreja universal é edificada sobre ele**"[81]

- Beda, o Venerável (673 - 735)

"Tu és Pedro e sobre esta pedra da qual tomaste o teu nome, **ou seja, sobre mim mesmo, edificarei a minha Igreja, sobre essa perfeição de fé que tu confessaste edificarei a minha Igreja** de cuja sociedade de confissão se alguém se desviar ainda que em si mesmo pareça fazer grandes coisas, ele não pertence ao edifício da minha Igreja (...) Metaforicamente é dito a ele que **a Igreja há de ser edificada sobre esta pedra, ou seja, o Salvador que tu confessaste**, que concedeu participação ao fiel confessor do seu nome"[82]

- João Damasceno (675 - 749)

[79] Oração XXV,4 (PG 85:297-298).
[80] Exposições sobre os Salmos 45:5 (PL 70:330).
[81] Etimologias VII,2 (PL 82:267).
[82] Homilias 23 (PL 94:260).

"E Pedro, inflamado por um ardente zelo e incitado pelo Espírito Santo, replicou: «Tu és Cristo, o Filho do Deus vivo». Oh, bendita boca! Perfeitos, benditos lábios! Oh, alma teológica! Mente preenchida por Deus e feita digna pela instrução divina! Oh, divino órgão pelo qual Pedro falou! Justamente és bendito, Simão filho de Jonas (...) porque nem carne nem sangue nem mente humana, mas meu Pai no céu revelou esta divina e misteriosa verdade a ti. Pois ninguém conhece o Filho, senão aquele que é conhecido por ele (...) **Esta é a firme e inamovível fé sobre a qual, como sobre a pedra cujo sobrenome carregas, a Igreja está fundada**. Contra esta as portas do inferno, as bocas dos hereges, as máquinas dos demônios – pois eles haverão de atacar - não prevalecerão. Eles pegarão em armas mas não vencerão"[83]

- Pascácio Radberto (785 - 860)

"Há uma resposta de todos sobre os quais a Igreja é fundada e contra os quais as portas do inferno não prevalecerão (...) Tão grande fé não surge exceto da revelação de Deus o Pai e da inspiração do Espírito Santo de modo que **qualquer um que tenha fé, como uma pedra firme, é chamado Pedro** (...) Deve notar-se que qualquer um dos fiéis é uma pedra na medida em que é um imitador de Cristo e é luz na medida em que é iluminado pela luz e por isso a Igreja de Cristo está fundada sobre esses na medida em que eles são fortalecidos por Cristo. **De modo que não só sobre Pedro mas sobre todos os Apóstolos e os sucessores dos Apóstolos** é edificada a Igreja de Deus. Mas estas montanhas **são primeiro edificadas sobre a montanha, Cristo, elevada acima de todas as montanhas e colinas** (...) Esta é certamente a **verdadeira e inviolável fé dada a Pedro** por Deus o Pai, a qual afirma que se não tivesse havido sempre um Filho não teria havido sempre um Pai, **fé sobre a qual a Igreja toda está fundada** e permanece firme, **crendo que Deus é o Filho de Deus**"[84]

Outros diversos Pais da Igreja comentaram sobre Mateus 16:18 dizendo que a confissão de fé de Pedro em Cristo é a pedra em questão, mas essas citações são suficientes. Ao rebater tais argumentos, os católicos geralmente mostram uma outra lista de nomes que disseram que Pedro é pedra, esquecendo-se, porém que:

1º Dizer que Pedro é pedra ou uma rocha não significa crer que ele é a pedra de Mateus 16:18. Eu também posso dizer que Pedro é uma pedra por causa do seu nome ou pela sua fé, o que obviamente não implica que eu creia que, *no contexto específico de Mateus 16:18* (ou seja, sobre quem a Igreja está edificada) Pedro seja a pedra em questão. Alguns exemplos práticos: o nome bíblico Obede significa "servo", mas isso não significa que toda vez que a Bíblia fale de servo ela está se referindo a Obede. Neftali significa

[83] Homilia sobre a Transfiguração (PG 96:554-555).
[84] Comentário sobre Mateus (PL 120:561, 555-556).

"guerreiro", mas isso não significa que toda vez que a Bíblia use esse nome se refira a Neftali. Matias significa "homem de Deus", mas isso não significa que toda vez que ela fale sobre um homem de Deus esteja falando de Matias.

Da mesma forma, Pedro significa "pedra", o que obviamente também não significa que em todo contexto "pedra" se refira a Pedro. Já vimos que em Mateus 16:18 a "pedra" em questão é uma referência à confissão de Pedro, sobre Cristo ser o Filho do Deus vivo. Sendo assim, é muito comum os Pais da Igreja dizerem que Pedro é uma pedra, **sem estarem se referindo ao contexto específico de Mateus 16:18**. Na verdade, estes mesmos textos isolados que os católicos recortam dos escritos dos Pais da Igreja dizendo que Pedro é pedra são dos mesmos que disseram que *no contexto específico de Mateus 16:18* a pedra se tratava de Cristo, ou da confissão de Pedro em Cristo. Este argumento católico, portanto, não passa de uma artimanha para enganar os incautos.

2º Existiram Pais que, no contexto de Mateus 16:18, disseram que a pedra era Pedro, mas não Pedro como pessoa, mas como *confessante*. Agostinho, como vimos, era um deles. Não a pessoa, mas sua qualidade, não a autoridade, mas a convicção. Como disse Waldyr Carvalho Luz, "do contexto parece claro que não se trata de fundamento político, poder e autoridade de senhorio e governo, de dignidade pessoal ou primado pontifício, mas de relacionalidade comungatória, discernimento espiritual, lucidez de crença e firmeza de convicção, polarizada na plena aceitação de Cristo como Senhor, Messias, Salvador"[85]. O contexto dessas declarações deixa claro que se trata da *confissão* de Pedro, e não de Pedro como *pessoa*.

3º Existiram Pais que *no contexto específico de Mateus 16:18* creram que a pedra não era Cristo, nem a confissão de fé de Pedro em Cristo, mas o próprio Pedro como pessoa. Porém, de acordo com as próprias fontes católicas, esse número é insignificante em comparação com aqueles que creram que a pedra de Mateus 16:18 é Cristo ou a confissão de Pedro. Dos 77 Pais da Igreja que escreveram sobre este texto, apenas 17 deles (22%) creram que a passagem se refere a Pedro, e 60 deles (78%) sustentaram que a pedra era Cristo ou a confissão de fé em Cristo.

Estes dados são fornecidos pelos próprios arcebispos católicos. Launoy, por exemplo, declarou que os poucos Pais que sustentaram ser Pedro a pedra jamais se referiram ao bispo de Roma como sendo único sucessor de Pedro. Isso nos mostra que, assim como nos dias de hoje (em que há alguns evangélicos que creem que a pedra de Mt.16:18 é Pedro, embora não creiam na primazia do bispo romano), naquela época também existia uma minoria que cria que a pedra naquele contexto é Pedro, e isso não

[85] Waldyr Carvalho Luz, **"Pedro - Pedra"**. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/comentarios/pedro_pedra_waldyr.htm>. Acesso em: 28/09/2013.

implicava de forma alguma que o bispo de Roma fosse o primaz em termos de autoridade eclesiástica e jurisdição universal.

4° Por fim, creio ser importante ressaltar o brilhante papel que William Webster desenvolveu a este respeito. Através de uma exaustiva e aprofundada análise dos escritos de dezenas de Pais da Igreja, ele refutou uma por uma das alegações católicas em cima de Mateus 16:18 pela patrística, além de expor com maestria que estes mesmos Pais citados pelos católicos criam que a pedra não era Pedro, mas Cristo – aquilo que foi *confessado* por Pedro. Por meio de um trabalho impecável, Webster refutou cada uma das argumentações católicas a este respeito, além de apresentar uma ampla refutação histórica ao artigo católico intitulado *Jesus, Pedro e as chaves*. O seu artigo pode ser lido em inglês no link que estará na nota de rodapé deste livro.[86]

Portanto, nós, evangélicos, estamos apoiados não apenas na exegese do texto grego, nas normas da hermenêutica bíblica, no contexto e na gramática grega, mas também **nos escritos dos próprios Pais da Igreja**, que em sua posição majoritária nunca creu que a pedra *no contexto específico de Mateus 16:18* fosse Pedro, mas ressoaram a verdade incontestável de que a Igreja está edificada sobre Cristo, o Filho do Deus vivo.

É por isso que nós, à diferença deles, não estamos edificados sobre um homem tão falível e pecador quanto qualquer um de nós, mas no Rei dos reis e Senhor dos senhores, arraigados e edificados naquele que é a Cabeça, naquele que é a nossa rocha, naquele que é poderoso para impedir que sejamos destruídos pela tempestade da vida:

"Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um **homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha**. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela não caiu, **porque tinha seus alicerces na rocha**. Mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um **insensato** que construiu a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela caiu. **E foi grande a sua queda**" (Mateus 7:24-27)

Felizmente essa rocha é Cristo, e sobre esta rocha o próprio Pedro está edificado, e sobre esta rocha as portas do inferno não prevalecerão, nem os rios, os ventos e as tempestades serão capazes de nos destruir. Mas para aqueles que ainda insistem em edificar sobre um homem falível e mortal como Pedro, responderemos como Moisés:

"Esqueceste-te da Rocha que te gerou; e em esquecimento puseste o Deus que te formou... Porque a sua rocha não é como a nossa Rocha, sendo até os nossos inimigos juízes disto" (Deuteronômio 32:18,31)

[86] <http://www.the-highway.com/Matt16.18_Webster.html>

...E caiu a chuva, transbordaram os rios, sobraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela caiu.

E foi grande a sua queda.

13

Refutações

Até aqui, já mostramos inúmeras e incontestáveis provas bíblicas e históricas de que Pedro não era um "papa" na Igreja antiga, que o nosso único Sumo Pontífice é Jesus Cristo, que não havia um discípulo superior aos demais e que a pedra de Mateus 16:18 é a confissão de Pedro que aponta para Cristo, o Filho do Deus vivo, e não ele mesmo. Neste capítulo, ofereceremos refutações às alegações católicas mais comuns, que são repetidas à exaustão em sites de apologética católica.

Como veremos, nenhuma delas é uma prova indiscutível de um primado petrino, mas não passam de argumentos superficiais, frágeis, facilmente refutáveis, que no máximo podem enganar pessoas com pouco conhecimento bíblico, mas que não tem nenhum efeito em um debate inteligente. Mais do que isso, veremos também que muitos destes argumentos, quando analisamos melhor, constituem uma prova *contra*, e não a favor do primado de Pedro!

O texto mais usado pelos católicos, o de Mateus 16:18, já foi analisado exaustivamente nos dois últimos capítulos, razão pela qual me reservarei a discorrer sobre os *outros* argumentos que são usados pelos católicos. Sem mais delongas, passarei agora às refutações dos argumentos mais comuns.

1º Pastoreie as minhas ovelhas.

Argumento católico – Jesus disse em João 21:15-17 para Pedro pastorear as ovelhas dele. Isso significa que somente Pedro era pastor de ovelhas e que isso o coloca em uma posição de superioridade sobre todos os demais cristãos, exercendo um primado jurisdicional sobre todos eles.

Refutação bíblica – Este é, de todos os argumentos, provavelmente o mais interessante, pois diz que Pedro seria um pastor de ***ovelhas***, e não um ***pastor de pastores***, como ensina a Igreja Católica! Para eles, Pedro era o Sumo Pontífice, isto é, um pontífice superior a todos os demais pontífices, o "chefe dos apóstolos", o "bispo dos bispos", e, portanto, **pastor de pastores**.

Mas, para Jesus, Pedro era mais um pastor de *ovelhas*, e não pastor de *pastores*. Isso o coloca em seu devido lugar como pastor no mesmo nível dos demais pastores, e não *acima* deles, liderando-os. É por isso que o próprio Pedro indica claramente quem era o "Sumo Pastor" (1Pe.5:4), isto é, o Pastor que está acima em liderança dos demais pastores, apontando para Cristo, e não para ele próprio:

"E, quando aparecer o **Sumo Pastor**, alcançareis a incorruptível coroa da glória" (1ª Pedro 5:4)

Sumo Pastor é uma tradução do grego que diz *archipoimen*. "Arche", como já vimos, expressa liderança[87], e, portanto, *archipoimen* nada mais é senão um *líder* dentre os pastores que pastoreiam a Igreja. E esse líder dos pastores, ou *chefe* deles, não é o próprio Pedro, mas Cristo (1Pe.5:4)! Já vimos também que Jesus é o nosso único Sumo Pontífice, e que o papa é um usurpador do nome e da posição que cabe somente a Jesus (Hb.5:10; 4:14; 8:1; 3:1; 5:1; 5:5; 10:21; 6:20; 4:15; 9:11; 2:17; 7:26), e que não existe um Sumo Pontífice humano na terra, mas apenas Cristo exercendo essa função no Céu.[88]

Além disso, Jesus disse que "a ninguém **na terra** chameis vosso pai, porque um só é vosso Pai, o qual está nos céus" (Mt.23:9), indicando claramente que não haveria na

[87] De acordo com a Concordância de Strong, 746.
[88] Uma abordagem mais extensa sobre isso você pode conferir no capítulo 8 deste livro.

terra um Sumo Pontífice que pudesse ser chamado de "pai" (a palavra "papa" provém da palavra "pai"), no sentido de liderança eclesiástica infalível na terra, como também aponta Norman Geisler:

"O contexto da afirmação de Jesus indica que ele está-se referindo a considerar seres humanos como mestres espirituais *infalíveis*, e não que ele se oponha a termos mentores espirituais falíveis. De fato, Paulo foi um pai espiritual de Timóteo (1 Co 4:15), a quem ele se referiu como sendo seu 'amado filho' (2 Tm 1:2). Entretanto, Paulo teve o cuidado de instruir seus filhos espirituais a que somente fossem seus imitadores 'como eu sou de Cristo' (1 Co 11:1). Demonstrar *respeito devido* ao nosso líder espiritual é uma coisa (cf. 1 Tm 5:17), mas dar-lhe *obediência incondicional* e a reverência que somente a Deus devemos dar, isso é outra coisa"[89]

Outra coisa interessante é que é dever de **todos os pastores da Igreja apascentarem o rebanho**, e não somente de Pedro! Este, como já vimos, se colocou na mesma posição de igualdade aos demais presbíteros ao se dizer "presbítero como vocês" (1Pe.5:1), que é a tradução do grego que diz "*sumpresbuteros*", sendo que este "*sum*" é um prefixo que designa **igualdade**, e não superioridade sobre eles. Portanto, Pedro se considerava um presbítero no mesmo nível dos demais presbíteros, e não *acima* deles em autoridade, o que seria *archipresbuteros*, e não *sumpresbuteros*[90].

E, depois de se colocar no mesmo nível dos demais presbíteros e não "acima" deles, Pedro ainda diz que é dever de **todos eles** apascentarem o rebanho, e não somente dele próprio:

"Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós..." (1ª Pedro 5:2)

Se Pedro tivesse entendido o que Cristo disse a ele sobre apascentar as ovelhas em João 21:15-17 como sendo exclusividade dele em função de um suposto primado que exerceria sobre os demais, ele **nunca** teria dito para que todos os demais presbíteros pastoreassem o rebanho, pois entenderia que aquilo seria exclusividade dele porque somente ele era o papa! Portanto, o fato de Pedro dizer que era para **todos** os presbíteros apascentarem o rebanho de Deus mostra claramente que ele não entendeu que o que Cristo disse a ele em João 21:15-17 se aplicava só a ele, mas **entendeu que se aplicava a todos os pastores (líderes eclesiásticos) que pastoreiam as ovelhas do reino de Deus**, incluindo todos os presbíteros aos quais ele escrevia em 1ª Pedro 5:2.

[89] GEISLER, Norman; HOWE, Thomas. **Manual popular de dúvidas, enigmas e 'contradições' da Bíblia**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999.
[90] Uma abordagem mais extensa sobre isso você pode conferir no capítulo 3 deste livro.

O mesmo ocorre em Atos 20:28, quando Paulo fala para **todos os bispos pastorearem a Igreja de Deus**, e não que isso fosse dever somente de Pedro:

"Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, **para pastorearem a igreja de Deus**, que ele comprou com o seu próprio sangue" (Atos 20:28)

Mas, se isso se aplica a todos os presbíteros e bispos da Igreja, e não somente a Pedro, então por que Cristo se dirigiu especificamente a Pedro naquela ocasião? E por que disse aquilo três vezes?

Isso é muito simples de responder. O Senhor se dirigiu especificamente a Pedro nesta ocasião por causa das suas negações ao Mestre. Pedro ainda não havia tido oportunidade de conversar com Jesus depois de aquilo ter acontecido, provavelmente ainda estava constrangido por tê-lo negado três vezes publicamente, e chorou amargamente depois de Cristo olhar fixamente em sua direção após a terceira negação (Lc.22:61). Ele estava tão abatido que, ao ouvir falar da ressurreição de Jesus, foi o único junto a João que decidiu correr até o sepulcro para confirmar a história, enquanto todos os outros permaneceram em casa (Jo.20:1-10).

Note também que Pedro negou Jesus três vezes, e **este lhe deu a oportunidade de reafirmar seu amor por ele também três vezes**. Nada ocorreu por acaso, nem a escolha de Pedro nesta ocasião nem mesmo a quantidade de vezes que Jesus repetiu a mesma pergunta. Tudo aquilo aconteceu para que Cristo pudesse restaurar Pedro espiritualmente, depois do abalo que este sofreu por tê-lo negado publicamente, tão pouco tempo depois de estar tão autoconfiante ao ponto de ter dito que, ainda que todos o negassem, ele não o negaria (Mc.14:29).

Então, Cristo lhe dá a oportunidade de consertar as coisas, de reafirmar seu amor por seu Mestre também três vezes, de recolocá-lo em seu devido lugar como pastor de ovelhas (pescador de homens) e não mais como um mero pescador de peixes. Quando Cristo viu Pedro pela primeira vez, este estava pescando peixes, como pescador que era junto a seu irmão André e seus sócios, os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João (Lc.5:10). E disse-lhes: "Não temas; de agora em diante serás pescador de homens" (Lc.5:10). Ou seja: a ocupação deles, de agora em diante, não seria mais de pescar peixes, mas de salvar almas, de trazer perdidos à Cristo, de levar a salvação à casa de Israel e aos gentios.

Mas, depois que Jesus morreu, eles caíram no desânimo e tudo parecia que ia voltar a ser como era antes. Cristo disse para pregar o evangelho a toda criatura, mas lá estavam os mesmos discípulos pescando peixes novamente (Jo.21:2,3). Então, Jesus lhes chama como tinha feito no princípio, e reafirma a Pedro o que havia dito antes: que ele

não foi chamado para ser um mero pescador de peixes, como era antes, mas para ser um pescador de homens, um pastor de ovelhas.

Cristo o reergueu novamente e colocou mais uma vez em seu coração o chamado divino de pregar o evangelho a toda criatura, a se tornar pescador de homens, a apascentar o rebanho de Deus, a reafirmar seu amor por Ele, todas essas coisas que são dever de *todos* os cristãos, e não apenas de Pedro (Mc.16:15; 1Pe.5:2; Lc.10:27; At.20:28). Na prática, Cristo estava dizendo: "Não volte a ser o que era antes, você foi chamado para pastorear (pregar o evangelho), e não para pescar"!

Cristo chamou Pedro ao pastoreio, que é o dever de todos os cristãos. Nada de primado foi dito a ele. Se fosse assim, Cristo não teria dito que ele era pastor de ovelhas (como já vimos que *todos* são, e não apenas Pedro – 1Pe.5:2), teria dito que ele era pastor de pastores, exatamente como a Igreja Católica faz com o papa, dizendo oficialmente que ele é o bispo dos bispos. E o próprio Pedro teria se colocado em autoridade superior aos demais presbíteros, e não em igualdade (1Pe.5:1), e ainda teria aproveitado a oportunidade para afirmar que o *archipoimen* era ele mesmo (1Pe.5:4).

2º Pedro é o apóstolo mais citado no Novo Testamento

Argumento católico – Pedro foi o apóstolo mais citado nas páginas do Novo Testamento, e isso deve significar que ele era maior que todo mundo.

Refutação bíblica – Em primeiro lugar, isso é **mentira**. O apóstolo mais citado no Novo Testamento é Paulo, com **210 menções**. Pedro é somente o segundo mais citado, com 190 menções. Se, portanto, o primado deve ser concedido àquele que tem mais citações, Paulo deveria ser "papa" e Pedro um simples "cardeal"!

Em segundo lugar, desde quando o número de citações é algum critério para alguém ser um *Sumo Pontífice*? Ora, já vimos que apenas Jesus é o nosso Sumo Pontífice (Hb.5:10; 4:14; 8:1; 3:1; 5:1; 5:5; 10:21; 6:20; 4:15; 9:11; 2:17; 7:26), que apenas ele é o nosso Sumo Pastor (1Pe.5:4) e que não devemos chamar ninguém de "papa" (pai) como um líder espiritual infalível na terra (Mt.23:9). A isso cabe-se acrescentar que **o terceiro apóstolo mais citado é Judas, mas isso não significa que ele era o terceiro mais importante!**

Paulo aparece em primeiro, Pedro em segundo e Judas em terceiro. Se o número de citações fosse algo decisivo para determinar quem exerce um "primado", então Judas seria mais importante que Tiago, o irmão de Jesus, e mais importante que João, o discípulo amado, pois aparece mais vezes que eles!

Em terceiro lugar, o argumento católico de que Paulo só é citado mais vezes que Pedro porque escreveu mais epístolas é ridículo, porque se ele fosse mais citado que Paulo poderíamos usar a mesma lógica para afirmar que ele só é mais citado porque aparece nos evangelhos enquanto Paulo ainda não era convertido. Ora, é óbvio que Pedro seria mais citado que Paulo em uma época em que Paulo nem convertido era, mas era só mais um anticristão. Se devemos comparar a importância de Pedro em relação a Paulo, devemos analisar o momento em que **ambos já são convertidos e são citados no mesmo livro**, como ocorre em Atos.

Atos dos Apóstolos começa a narrar a conversão de Paulo em Atos 9:3. A partir daí, o escritor de Atos (Lucas) passa a se focar **muito mais no ministério de Paulo do que no de Pedro**, prova disso é que **Pedro desaparece do livro de Atos a partir do capítulo 16**, enquanto Paulo continua sendo mencionado até o fim do livro. Isso significa, obviamente, que Lucas deu **total prioridade ao ministério de Paulo em relação ao de Pedro**, julgando ser mais importante e relevante narrar os acontecimentos do ministério de Paulo do que os de Pedro.

Paulo é citado **179 vezes em Atos**, enquanto Pedro **desaparece na segunda metade do livro**. Lucas não deu a menor importância ao ministério de Pedro em toda a segunda metade do livro, ou seja, desde quando Paulo começou a entrar em cena como cristão convertido. **Pedro passou a ser plano de fundo em relação a Paulo**, que era o foco de todas as atenções. E enquanto Paulo foi citado 179 vezes em Atos, Pedro foi citado neste mesmo livro apenas 70 vezes, bem menos da metade, e **zero vezes** a partir do capítulo 16, quando Lucas se volta inteiramente ao ministério de Paulo, que julgou ser o mais importante!

Portanto, esse argumento católico do número de citações é outro argumento pobre, fútil e superficial, que quando analisado com mais atenção é uma prova muito mais contra do que a favor do primado de Pedro, seja porque esse argumento não prova nada, seja porque Paulo é muito mais citado que Pedro e tem todo o foco das atenções em um período em que ambos poderiam ser destacados, mas só Paulo o foi.

3º Pedro aparece por primeiro na lista de apóstolos

Argumento católico – Em muitas ocasiões vemos Pedro sendo citado por primeiro nas listas de discípulos nos quatro evangelhos, e isso deve implicar que ele era superior a todos os demais, porque os outros só são mencionados depois de Pedro.

Refutação bíblica – Se o fato de Pedro ter seu nome sendo citado por primeiro em algumas ocasiões faz dele o "príncipe dos apóstolos", então o que devemos dizer quando ele ***não*** aparece em primeiro? Que ele perdeu o pontificado? Ora, uma lida em Gálatas 2:9 já é mais que suficiente para desmistificar mais esse mito católico:

"Reconhecendo a graça que me fora concedida, **Tiago, Pedro e João, tidos como colunas**, estenderam a mão direita a mim e a Barnabé em sinal de comunhão. Eles concordaram em que devíamos nos dirigir aos gentios, e eles, aos circuncisos" (Gálatas 2:9)

O raciocínio é simples: se quando Pedro aparece na frente dos outros discípulos é porque ele preside sobre eles, então por que quando Tiago aparece na frente de Pedro o mesmo raciocínio não procede? A argumentação católica demonstra-se de toda falaciosa e circular. Só os versículos que colocam Pedro primeiro valem para validar um primado deste, mas os versos que colocam Pedro por segundo não servem para dizer que Pedro não era o primeiro! Pode isso, Arnaldo?

O mesmo acontece em 1ª Coríntios 1:12 e em 1ª Coríntios 3:22. Paulo aparece em primeiro lugar, Apolo em segundo, e Pedro é apenas o terceiro a ser mencionado. Da mesma forma, vemos em João 1:44 André sendo mencionado antes de Pedro. Portanto, em diferentes passagens vemos Pedro sendo mencionado depois de Tiago, depois de Paulo, depois de Apolo e depois de André. Nenhum argumento em torno de Pedro ser mencionado em primeiro em outras ocasiões deve ser levado a sério, já que pelo mesmo critério Pedro deixaria de ser o primaz em outros vários casos na Escritura.

Além disso, se fôssemos utilizar as listas oferecidas pelos católicos como sendo uma "ordem de importância" na Igreja, então devemos crer que André, o irmão de Pedro, a quem a Escritura muito pouco se refere, é mais importante que Tiago, o primeiro mártir da Igreja, e João, o discípulo amado, escritor de um evangelho, de três epístolas e do Apocalipse. Isso porque André aparece antes destes dois na lista de discípulos em Mateus 10:2-3 e nas outras listas de discípulos nos demais evangelhos.

Ademais, várias vezes a Bíblia costuma citar por primeiro alguém que não é mais importante do que outro alguém que é mencionado depois. A maioria das vezes em que ela se refere a Josué e Calebe, ela põe Calebe à frente, como vemos Números 14:30; 26:36 e 32:12, dentre outros textos. Sabemos que Josué foi muito mais importante que Calebe, tendo se tornado o sucessor de Moisés que entrou na terra prometida, mas é Calebe quem geralmente é mencionado antes em relação a Josué, nos textos bíblicos. Portanto, a simples citação do nome de um personagem bíblico à frente de outro personagem não significa nada, ou teríamos que reformular toda a teologia pela adoção deste novo método "hermenêutico"!

Junto a isso, devemos considerar também que ser mencionado antes em uma sucessão de pessoas é muito diferente de ser mencionado antes em *ordem de importância*. Em Gálatas 2:9, o texto em questão se refere a *colunas* na Igreja, que designa uma posição de *autoridade*. Portanto, em um texto que trata de *autoridade eclesiástica*, Tiago é mencionado antes de Pedro. Já as listas passadas pelos católicos nada falam de autoridade, apenas fazem menções a grupos de pessoas.

Ainda é importante ressaltar que nem Paulo nem Tiago estavam na lista dos doze discípulos de Jesus (o Tiago que aparece na lista foi o primeiro mártir da Igreja, em Atos 12:2, e não o Tiago que permaneceu vivo durante muito tempo e que depois da morte do outro Tiago se tornou o líder do Concílio de Jerusalém em Atos 15:13 e quem escreveu a epístola de Tiago), e eles são, em diferentes ocasiões, citados antes de Pedro (1Co.1:12; 3:22; Jo.1:44; Gl.2:9), até mesmo quando se trata de lideranças eclesiásticas. Sendo assim, é conclusivo que Pedro ***nunca*** foi citado antes de Paulo ou Tiago em uma lista de nomes em qualquer verso bíblico, pois nas poucas vezes em que isso ocorre esses nomes são mencionados antes do de Pedro.

Por fim, vale destacar que, mesmo se Pedro fosse *sempre* citado por primeiro em qualquer contexto de qualquer verso bíblico, isso não implicaria que ele fosse superior a todo mundo, sendo um "bispo dos bispos" ou "Sumo Pontífice", mas poderia no máximo indicar que ele se *destacava* dentre os demais, que poderia ter mais influência, mas não que fosse um papa infalível ou um bispo universal, o que é muito diferente. Alguém pode ser mais importante ou exercer mais influência que outro e mesmo assim não ser uma *autoridade eclesiástica superior* a ele. E nem poderia ser, já que Jesus disse que não haveria algum apóstolo exercendo poder ou domínio sobre os outros:[91]

"Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações **as dominam**, e as pessoas importantes **exercem poder** sobre elas. **Não será assim entre vocês**" (Marcos 10:42)

4º Jesus disse para Pedro confirmar seus irmãos

Argumento católico – Em Lucas 22:32, Cristo disse a Pedro para confirmar seus irmãos, pouco antes de prever que ele o negaria três vezes. Isso deve significar *liderança* sobre todos os outros discípulos.

Refutação bíblica – Isso de modo algum implica em liderança, porque Jesus não usou uma palavra que designa autoridade ou liderança, nem o evangelista Lucas verteu

[91] Uma abordagem mais extensa sobre isso você pode conferir no capítulo 5 deste livro.

para o grego usando algum termo que significasse isso, mas usou a palavra *sterizo*, que significa "fortalecer, tornar firme"[92]. E é dever de *todos* nós fortalecer uns aos outros. O autor de Hebreus diz a todos (não só a Pedro) para "tornar a levantar as mãos cansadas e os joelhos vacilantes" (Hb.12:12), Tiago diz para "fortalecer os vossos corações" (Tg.5:8), Paulo diz para "fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder" (Ef.6:10), para "consolai-vos uns aos outros" (1Ts.4:18) e para "exortai-vos uns aos outros e edificai-vos uns aos outros" (1Ts.5:11).

Portanto, a tarefa que Jesus designou a Pedro não era alguma que os demais discípulos e cristãos não tivessem que praticar ou que fosse de exclusividade a Pedro, mas uma que é dever de *todos* os cristãos. Isaías, ainda nos tempos do Antigo Testamento, não escreveu só ao papa: "Fortalecei as mãos fracas, e firmai os joelhos vacilantes" (Is.35:3). É dever de todos nós "considerarmos uns aos outros para incentivar-nos ao amor e às boas obras" (Hb.10:24).

Jesus disse aquilo a Pedro naquela ocasião por causa de seu contexto imediato, pois havia predito no verso anterior que Satanás o tentaria (v.31), como de fato o fez, o levando a negar Jesus três vezes, como ele próprio diz logo em seguida que aconteceria (v.34). Então, *dentro deste contexto*, Jesus diz que, quando isso tudo passasse, Pedro seria usado por Deus para fortalecer seus irmãos (v.12), fazendo o mesmo que vimos que é dever de *todos* os cristãos, não apenas de Pedro.

Em outras palavras, Cristo diz que Pedro iria cair naquela tentação, mas que depois seria recolocado em seu devido lugar como cristão, junto aos demais "embaixadores de Cristo" (2Co.5:20), para pregar o evangelho a toda criatura (Mc.16:15) e para fortalecer uns aos outros (Lc.22:32; Tg.5:8; Hb.10:24; Is.35:3; Ef.6:10). Ou seja: que ele não ficaria caído para sempre, mas seria restaurado por Ele.

Se Cristo quisesse dizer que Pedro *lideraria* os demais, não teria usado a palavra *sterizo*, que nem em sentido primário nem em sentido secundário significa liderança, mas teria usado a palavra *hegeomai*, que significa "um líder; governante; comandante; ter autoridade sobre"[93], ou então a palavra grega *arche*, que significa "líder"[94], bem como seus derivados: *archegos*, que significa: "um líder principal"[95]; *archieratikos*, que significa: "Sumo Pontífice"[96]; *archipoimen*, que significa: "Sumo Pastor"[97]; *archon*, que significa:

[92] De acordo com a Concordância de Strong, 4741.
[93] De acordo com a Concordância de Strong, 2233.
[94] De acordo com a Concordância de Strong, 746.
[95] De acordo com a Concordância de Strong, 747.
[96] De acordo com a Concordância de Strong, 748.
[97] De acordo com a Concordância de Strong, 750.

"governador, comandante, chefe, líder"[98]; *archo*, que significa: "ser o chefe, liderar, governar"[99]; ou *archomai*, que significa: "ser o chefe, líder, principal"[100].

Mas, por alguma razão misteriosa, essas palavras **nunca são usadas para Pedro em lugar nenhum da Bíblia**, inclusive em Lucas 22:32, onde a palavra usada é *sterizo*, que não designa nada de liderança e que diz algo que deve ser posto em prática por todos os cristãos e não somente por Pedro.

5º Jesus mudou o nome de Pedro

Argumento católico – Pedro chamava-se originalmente Simão, e somente veio a se chamar Pedro depois de Cristo mudar o seu nome em João 1:42. Como Jesus não mudou o nome de nenhum outro discípulo, isso deve significar que Pedro era superior a eles.

Refutação bíblica – Essa afirmação católica já começa **duplamente falsa**, por afirmar que Cristo tenha *mudado* o nome de Pedro e pelo mesmo não ter ocorrido com nenhum outro discípulo de Jesus. Em primeiro lugar, **Cristo não mudou nenhum nome, ele apenas *acrescentou um sobrenome* ao nome Simão**. Tanto é que, já muito tempo depois, em Atos dos Apóstolos, quando Jesus já havia voltado aos céus, Pedro continuava a ser chamado de Simão:

"Envia, pois, a Jope, e manda chamar **Simão**, o que tem por **sobrenome** Pedro; este está em casa de Simão o curtidor, junto do mar, e ele, vindo, te falará" (Atos 10:32)

"E, chamando, perguntaram se **Simão**, que tinha por **sobrenome** Pedro, morava ali" (Atos 10:18)

Portanto, a tese de que Jesus ***mudou*** o nome de Simão para Pedro não passa de mera lenda católica, como muitas outras. O próprio Tiago, no Concílio de Jerusalém em Atos 15, chamou Pedro de Simão:

"**Simão** relatou como primeiramente Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome" (Atos 15:14)

Em segundo lugar, também é igualmente mentirosa a afirmação de que Jesus não tenha mudado o nome (ou acrescentado um sobrenome, como fez com Pedro) de nenhum outro discípulo, pois **ele fez o mesmo com João e Tiago**:

[98] De acordo com a Concordância de Strong, 758.
[99] De acordo com a Concordância de Strong, 757.
[100] De acordo com a Concordância de Strong, 756.

"E a Tiago, filho de Zebedeu, e a João, irmão de Tiago, **aos quais pôs o nome de Boanerges**, que significa: Filhos do trovão" (Marcos 3:17)

Portanto, se o argumento de que Pedro é o chefe dos apóstolos porque Cristo mudou o seu nome (sendo que ele não mudou nome nenhum, mas apenas acrescentou um sobrenome) deve ser levado a sério, então João e Tiago também são "chefes dos apóstolos", porque Cristo também lhes pôs um nome distinto do que já possuíam, chamando-os de "Boanerges".

E, finalmente, o fato de Jesus ter colocado o sobrenome de Pedro, que significa "pedra", **não implica que Pedro seja a pedra de Mt.16:18 ou o príncipe dos apóstolos**, da mesma forma que pelo fato de Jeremias significar "Iahweh exalta" não significa que Jeremias era Deus, que pelo fato de Isaías significar "O Senhor é salvação" não significa que o próprio Isaías era Deus, ou que pelo fato de Oseias significar "Salvador é Deus" não implica em que Oseias seja Deus.

Será que todos os significados destes nomes fazem com que os profetas sejam considerados Deus? Óbvio que não. Da mesma forma, o fato de Pedro significar pedra não faz de Pedro a pedra. Deus mudou o nome de Jacó para Israel, que significa **"que reina com Deus"**, o que não implica que Deus dividia o seu trono com Jacó. Igualmente, adicionar ao nome "Simão" o de "Pedro" não implica que Pedro era a pedra de Mateus 16:18, ou senão em toda a Bíblia onde lemos "pedra" deveríamos entender "Pedro", inclusive nas passagens que deixam claro que a pedra é Jesus!

Como já observamos anteriormente, o fato de Jesus ter colocado um sobrenome a Simão que significa "pedra" não significa que ele é a pedra específica de Mateus 16:18, da mesma forma que o nome bíblico Obede significa "servo", mas isso não significa que toda vez que a Bíblia fale de servo ela está se referindo a Obede; que Neftali significa "guerreiro", mas isso não significa que toda vez que a Bíblia use esse nome se refira a Neftali; que Matias significa "homem de Deus", mas isso não significa que toda vez que ela fale sobre um homem de Deus esteja falando de Matias.

Finalmente, para definirmos de uma vez a questão, deveríamos perguntar aos Pais da Igreja que teceram comentários sobre a adição do nome "Pedro" se eles entenderam que isso estaria exaltando o apóstolo ao patamar de "príncipe dos apóstolos", como sendo a pedra de Mateus 16:18, ou se isso tinha outro significado. João Damasceno (675 – 749), por exemplo, diz claramente que Pedro é um **sobrenome** que era carregado por ele, indicando que não houve substituição, mas uma adição ao nome do apóstolo. E diz que esse sobrenome, que significa "pedra", faz alusão à fé do apóstolo que é o fundamento da Igreja, e não ao apóstolo em si:

"Esta é a firme e inamovível fé sobre a qual, como sobre a pedra cujo sobrenome carregas, a Igreja está fundada. Contra esta as portas do inferno, as bocas dos hereges, as máquinas dos demônios – pois eles haverão de atacar - não prevalecerão. Eles pegarão em armas mas não vencerão"[101]

Ambrósio de Milão (337 – 397) complementa:

"A fé, pois, é o fundamento da Igreja, pois não foi dito da carne de Pedro (da sua pessoa), mas da sua fé, que «as portas do Hades não prevaleceriam contra ela»"[102]

Nilo de Ancira diz que o nome de Pedro significa "pedra", mas, ao invés de complementar dizendo que isso significa que Pedro é a pedra de Mateus 16:18, ele afirma que isso indica que *a sua confissão de fé é* a pedra em questão:

"Cefas, cujo nome é interpretado é 'pedra'... que forneceu na sua confissão de fé o fundamento para a edificação da Igreja"[103]

Portanto, a alegação católica de que a mudança do nome de Simão para Pedro faz alusão ao primado petrino ou a ele ser a pedra no texto de Mateus 16:18 é falha por inúmeras razões, dentre as quais:

1º Cristo não mudou nome nenhum, como fez com os patriarcas na antiga aliança, mas apenas acrescentou um sobrenome, assim como vez com outros apóstolos, como João e Tiago, dando-lhes o nome de Boanerges.

2º O acréscimo do sobrenome em si mesmo não outorga nenhum indício de primado, já que outros discípulos também tiveram sobrenomes dados por Cristo (Mc.3:17).

3º O nome Pedro significar "pedra" não implica que Pedro seja a pedra do contexto específico de Mateus 16:18, conforme diversos outros exemplos de nomes bíblicos que não conferem a eles tal status em qualquer parte na Bíblia onde seu significado aparece em cena. Senão, *todas as vezes* em que aparece a palavra "pedra" no Novo Testamento deveríamos pensar que se refere a Pedro! Por isso também é importante preservar a distinção entre *Petrus* e *petra*. *Petrus* se refere a Pedro, mas *petra* depende de cada contexto, e em sentido espiritual **sempre** apontou para Cristo.

[101] Homilia sobre a Transfiguração (PG 96:554-555).
[102] Comentário sobre Lucas VI,98 (CSEL 32:4).
[103] Comentário sobre o Cântico dos Cânticos (PG 87 [ii]: 1693).

4º O nome Pedro significar pedra também não implica, na visão bíblica e dos Pais da Igreja, em uma exaltação ao que o próprio apóstolo era em si, mas sim à sua fé, que era o foco do discurso de Cristo em Mateus 16:16-18, quando Pedro confessou por revelação divina que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. Tanto é que logo em seguida Pedro repreendeu Jesus e foi chamado de "Satanás" por ser uma "pedra de tropeço" e porque "não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens" (Mt.16:23). Pedro, como pessoa, era instável e falível, mas a sua fé era como uma pedra, razão pela qual Cristo acrescentou o nome *Petrus* ao nome Simão, e não porque Pedro, como pessoa, fosse o "príncipe dos apóstolos" e "bispo dos bispos".

6° Jesus deu as chaves do Céu a Pedro e o poder de "ligar" e "desligar"

Argumento católico – Em Mateus 16:19, Cristo entregou as chaves do reino dos céus a Pedro e disse que o que ele ligasse na terra seria ligado no Céu, e o que ele desligasse na terra seria desligado no Céu. Isso significa que Pedro possuía a infalibilidade papal e governava sobre todos os cristãos.

Refutação bíblica – Se Pedro fosse um papa infalível por possuir as chaves, **então todos os discípulos de Cristo eram papas infalíveis, pois todos eles possuíam as chaves**, e não somente Pedro. Isso fica claro porque no próprio texto de Mateus 16:19 é nos dito que as chaves serviriam para ligar e desligar qualquer coisa no reino dos céus, e a todos os discípulos foi dito o mesmo em Mateus 18:18:

"Em verdade vos digo que tudo o que **vocês ligarem** na terra será ligado no céu, e tudo o que **vocês desligarem** na terra será desligado no céu" (Mateus 18:18)

Portanto, esse poder era de *todos* os discípulos, e não somente de Pedro. Se as chaves fossem sinais de papado ou infalibilidade, então teríamos **doze papas infalíveis na Igreja da época**, já que Cristo disse aquilo em Mateus 18:18 no plural, para todos os seus discípulos e não somente a Pedro. Ele disse especificamente a Pedro em Mateus 16:18 porque foi Pedro quem naquela ocasião recebeu a revelação divina de que Cristo era o Filho do Deus vivo, e não porque somente Pedro fosse detentor das chaves. De fato, o próprio Orígenes já mostrava o quão ridícula e absurda é a tese de que somente Pedro possuía as chaves do reino dos céus e o poder de ligar e desligar:

"**A promessa dada a Pedro não é restrita a ele, mas aplicável a todos os discípulos como ele**. Mas se supões que é somente sobre Pedro que toda a Igreja é edificada por Deus, que dirias sobre João o filho do trovão ou de cada um dos apóstolos? Atrever-nos-emos, de outro modo, a dizer que contra Pedro em particular não prevalecerão as portas do Hades, mas que prevalecerão contra os outros apóstolos e os perfeitos? Acaso o dito

anterior, 'as portas do Hades não prevalecerão contra ela', não se sustém em relação a todos e no caso de cada um deles? E também o dito, 'Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja?' São as chaves do reino dos céus dada pelo Senhor só a Pedro, e a nenhum outro dos bem-aventurados as receberá? **Mas se esta promessa, 'Eu te darei as chaves do reino dos céus' é comum aos outros, como não o serão também todas as coisas de que anteriormente se falou, e as coisas que estão subordinadas como tendo sido dirigidas a Pedro, ser comuns a eles?"**[104]

Antes de Pedro, as chaves estavam sobre o poder dos fariseus (Lc.11:52), e mesmo assim não vemos um "papa" divinamente proclamado pelo Senhor dentre eles. No Novo Testamento, essas chaves **passam a ser de todos os cristãos**, pois foi sobre todos os discípulos que Cristo soprou o Espírito Santo e lhes deu o poder de perdoar ou reter os pecados (Jo.20:23), sobre todos eles que ele disse que o que ligassem na terra seria ligado no Céu (Mt.18:18), e os outros fora dos doze, como Paulo e Barnabé, *também* tinham as chaves para abrir a porta da fé aos gentios:

"Chegando ali, reuniram a igreja e relataram tudo o que Deus tinha feito por meio deles e como **abriram a porta da fé aos gentios**" (Atos 14:27)

Como foi que Paulo e Barnabé "abriram a porta da fé aos gentios"? **Com as chaves!** Portanto, essas chaves não são nem de longe algum "poder papal" para fazer o que quiser aqui na terra, como a fogueira ou as máquinas de tortura da Santa Inquisição, a venda de indulgências para a salvação ou para obrigar Galileu Galilei a negar que a terra é esférica para não ser queimado, mas é a *proclamação do evangelho* para os gentios, isto é, para aqueles povos ainda não alcançados que precisam ouvir do evangelho de Cristo. E essa obrigação, como Cristo disse, é um imperativo "ide" a todos os cristãos (Mc.16:15), pois somos os "embaixadores de Cristo" (2Co.5:20) na terra.[105]

[104] Comentário sobre Mateus XII, 11 (ANF 10:456).

[105] Além disso, o poder das chaves e o "ligar e desligar" está diretamente relacionado ao poder da oração. Em Mateus 18:18 Cristo fala sobre ligar e desligar, e logo no **versículo seguinte** ele diz que, onde dois ou três estiverem orando em Seu nome, ali ele estaria no meio deles. Quando Deus criou o homem, Ele lhe deu a autoridade sobre a terra (Sl.115:16), e confiou todas as coisas às orações dos crentes. Assim, quando oramos pela salvação de alguém, estamos "ligando" essa pessoa aos céus em oração, para que Cristo derrame sobre ela a Sua graça e lhe conceda a salvação através da fé. Mas, quando deixamos de orar, estamos "desligando" esse canal divino com o homem. Este assunto é muito abrangente e por essa razão deixarei para abordar mais quanto a isso em um livro propriamente sobre oração.

14

205 Provas contra o primado de Pedro

Neste capítulo iremos levantar 205 provas contra o primado de Pedro, que buscam mostrar que: **(a)** Pedro não era superior aos outros apóstolos em geral; **(b)** Pedro não era superior a João; **(c)** Pedro não era superior a Paulo; **(d)** Pedro nunca exerceu um primado em Roma.

-Provas de que Pedro não exercia primazia sobre os demais apóstolos

1. Os discípulos perguntaram "quem é o maior no reino dos céus" (Mt.18:1). Jesus, no entanto, não aproveitou a oportunidade para dizer que era Pedro, muito pelo contrário! Se Pedro exercesse uma primazia dentre os apóstolos, não haveria qualquer problema para Jesus terminar logo com a questão respondendo assim como os católicos declaram abertamente – que é Pedro, e fim de papo!

2. O fato dos discípulos disputarem entre si acerca de qual deles era o maior nos mostra que não existia uma primazia entre eles, nem mesmo depois de Mt.16:6 (note que a

disputa veio depois disso, em Mt.18:1). Se os discípulos haviam entendido a declaração de Jesus em Mateus 16:16 (ou qualquer outra) como um indício da superioridade de Pedro sobre os demais, não haveria tal disputa, e nem seria necessário perguntar para Jesus "qual deles era o maior", sendo que já estava decidido que era Pedro! Isso faria tanta lógica quanto um católico perguntar sobre quem exerce maior domínio, se o papa ou os que estão abaixo dele. O próprio fato desta questão ser levantada já nos mostra que não existia tal primazia, e o fato de Jesus ter negado isso acentua ainda mais tal fato.

3. Jesus afirmou que os governantes das nações as dominam e as pessoas importantes exercem poder sobre elas, mas que não seria assim entre os discípulos (Mt.10:42,43). Se Jesus concordasse com o domínio que o papa exerce sobre os demais (bispos e clérigos), ele teria dito exatamente o contrário, isto é, que Pedro era líder dentre eles, assim como os governantes das nações eram líderes dentre eles. O fato de Cristo não acentuar uma igualdade com o que ocorre no mundo secular, mas um *contraste*, nos mostra de forma muito clara que, realmente, não existiria uma superioridade entre eles: "Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações **as dominam**, e as pessoas importantes **exercem poder** sobre elas. **Não será assim entre vocês**" (Mc.10:42).

4. Jesus chamou Pedro de "homem de pequena fé" (Mt.14:31), porque este duvidava (Mt.14:31).

5. Pedro teve a audácia de repreender Jesus (Mt.16:22), e foi repreendido como um demônio (Mt.16:23), por estar atuando como "pedra de tropeço" (Mt.16:23 – NVI; "motivo de escândalo" – ARA).

6. Jesus repreendeu Pedro por "não pensar nas coisas de Deus, mas só nas dos homens" (Mt.16:23).

7. Não era somente Pedro que tinha o poder de "ligar ou desligar", pois esta autoridade foi outorgada por Cristo a todos os discípulos (Mt.18:18). Novamente, Pedro aparece na mesma condição de igualdade aos demais apóstolos, sendo que estes estavam revestidos com a mesma autoridade dele!

8. Pedro não tinha o discernimento espiritual acerca do significado da parábola (Mt.15:15), assim como a multidão.

9. Pedro foi novamente repreendido por Jesus por não ter conseguido vigiar com ele nem por uma hora (Mt.26:40).

10. Enquanto Judas foi o único discípulo que entregou Jesus a morte, Pedro foi o único discípulo que o negou publicamente em sua morte (Mt.26:69,70).

11. Pedro continuou negando Jesus, mesmo depois de se amaldiçoar e jurar (Mt.26:74).

12. Mais uma vez os discípulos haviam discutido entre si acerca de qual deles era o maior (Mc.9:33,34 e Mc.10:41,42). Em ambas as vezes, Jesus em nenhum momento aponta Pedro como sendo este líder, como os católicos fazem sem rodeios. Ao contrário, ele confirma que isso não aconteceria entre eles (Mc.10:43).

13. Pedro continuou demonstrando sua falibilidade, pedindo para Jesus se afastar dele (Lc.5:8), confessando ser "homem pecador" (Lc.5:8). Ele não se destacava por ser mais santo ou justo do que os outros! Note o contraste em relação a outro discípulo, Natanael, em João 1:45.

14. De acordo com a narrativa de João, André foi o primeiro discípulo a seguir Jesus, e não Pedro (Jo.1:40,41). Pedro só o seguiu depois que André o chamou (Jo.1:41).

15. O maior elogio de caráter encontrado nas palavras de Cristo não é direcionado a Pedro, mas a Natanael – um "verdadeiro israelita, em quem não há falsidade" (Jo.1:45).

16. Embora muitas vezes seja Pedro quem se adiante em responder as perguntas de Cristo, outras várias vezes não é ele. Por exemplo, em João 11:26 esse papel ocupa-se na pessoa de Tomé, encorajando todos os demais discípulos a irem até a morte por Cristo (Jo.11:16).

17. Quando os gregos quiseram se dirigir a Jesus, eles não foram procurar o "líder" Pedro como "a boca dos apóstolos" para comunicarem a Cristo. Ao contrário, eles preferiram se dirigir a Filipe (Jo.12:20). Curiosamente, este também não se deu ao trabalho de ir comunicar ao "líder" Pedro, mas sim a André (Jo.12:22). Tampouco este teve a preocupação de transmitir ao "líder" Pedro, mas trouxe a mensagem a Jesus (Jo.12:22). Novamente é desconhecida qualquer autoridade de Pedro sobre os demais discípulos!

18. Jesus disse que "nenhum enviado é maior do que aquele que o enviou" (Jo.13:16). Curiosamente, não era Pedro quem enviava os missionários da igreja, mas ele mesmo que recebia ordens dos demais e era enviado pelos apóstolos: "Os apóstolos em Jerusalém, ouvindo que Samaria havia aceitado a palavra de Deus, **enviaram para lá Pedro e João**" (At.8:14). Portanto, de acordo com as regras de Cristo ("o enviado não é maior do que aquele que o enviou"), Pedro só poderia estar, no máximo, em **igualdade** com os demais apóstolos. Exatamente o que todas as evidências apontam!

19. Não era Pedro "o discípulo a quem Jesus amava", mas João (Jo.13:26).

20. Não foi Pedro quem se reclinou no seio de Jesus, mas João (Jo.13:26; Jo.13:25).

21. Jesus nega a veracidade da declaração de Pedro em João 13:37. Além disso, prevê as suas negações que ocorreriam na sequencia (Jo.13:37,38).

22. É Tomé quem pede orientações sobre o Caminho (Jo.14:5), levando Cristo a fazer a enfática declaração conhecida de João 14:6, de que ele era "o caminho, a verdade e a vida" (Jo.14:6).

23. É Filipe quem pediu que Jesus revelasse o Pai (Jo.14:8).

24. É Judas (não o Iscariotes) quem pergunta sobre a manifestação de Cristo em nossas vidas (Jo.14:22). Novamente vemos que Pedro estava longe de ser unanimidade em todas as vezes que alguém tomava a palavra!

25. Jesus entregou sua mãe, Maria, aos cuidados do discípulo amado, João, e não de Pedro (Jo.19:26,27). Isso deve soar ainda mais forte para os católicos, que elevam às alturas os títulos de Maria, considerando-a "mãe da Igreja". Portanto, de acordo com essa mesma lógica, foi João quem cuidou da "mãe da Igreja", e não Pedro!

26. Pedro não aparece ao pé da cruz, onde estavam o apóstolo João e algumas mulheres descritas em João 19:25, que perseveraram até o fim por amor a Cristo e não desistiram de segui-lo até mesmo ao pé da cruz!

27. O primeiro dos discípulos a chegar ao sepulcro foi João, e não Pedro (Jo.20:4).

28. Não foi Pedro sozinho quem ordenou os presbíteros, mas todos os doze, reunindo todos os discípulos (At.6:2).

29. Pedro não tomou para si a escolha dos "sete homens de bom testemunho" (Jo.6:3,4), mas os apóstolos em comum acordo disseram para "escolherem entre vocês" (v.3) os homens que deveriam ser escolhidos.

30. Não foi Pedro quem escolheu o novo apóstolo que iria substituir Judas Iscariotes, mas eles "lançaram as sortes e caiu sobre Matias, e por **voto comum** foi contado com os onze apóstolos" (At.1:26).

31. Pedro se igualou a Cornélio, se colocando na mesma posição de homem como ele, e não "acima" dele (At.10:25,26).

32. Pedro rejeitou o ato de se prostrarem diante dele (At.10:25,26). Os papas, ao contrário, aceitam que se prostrem aos seus pés e que beijem-lhe as mãos! Quanta diferença de Pedro para os papas! Enquanto Pedro deixava o exemplo a ser seguido pelos cristãos, os papas (usurpando o lugar de Pedro) aceitam todo e qualquer tipo de "reverência" que Pedro jamais aceitou!

33. Não foi a igreja de Roma que enviou Paulo e Barnabé a Antioquia (lembre-se novamente de João 13:16), mas sim a "igreja em Jerusalém" (At.11:22). Levando em conta o argumento católico de que Pedro era bispo de Roma, e a suposição de que Roma (assim como Pedro) exercia primazia sobre as demais comunidades locais, este fato aponta muito mais para a supremacia da igreja em Jerusalém, derrubando mais este mito católico. De duas, uma: Ou Roma não era maior que Jerusalém (e, portanto, Pedro não era maior que Tiago ou o bispo que dirigia a igreja em Jerusalém), ou Pedro não era bispo em Roma!

34. Não era Pedro que enviava os seus "súditos", mas ele próprio que recebia ordens e instruções dos demais (At.8:14). Ele era enviado da mesma forma que Barnabé (At.11:22) e, em seguida, Judas e Silas (At.15:22), que são enviados mais tarde. Não há qualquer indício de que Pedro seja o único responsável das coisas ou uma espécie de "mandatário" da Igreja!

35. Pedro não era o único que tinha as "chaves", pois Paulo e Barnabé "abriram a porta da fé aos gentios" (At.24:27). Todos os apóstolos tiveram a autoridade das chaves para "ligar e desligar" em Mateus 18:18, e os próprios fariseus a detinham, mas não a usavam corretamente (Lc.11:52).

36. O maior concílio da Igreja primitiva não foi realizado em Roma, mas em Jerusalém (At.15:2). Se Roma era a sede de Pedro, e este era o "príncipe dos apóstolos", então logicamente deveria ser a mais indicada para ser a sede de tal concílio. O fato de que este só ocorreu em Jerusalém nos mostra que ou Pedro nunca esteve em Roma como papa, ou então ele de fato não tinha qualquer autoridade em nível superior aos demais apóstolos.

37. Paulo e Barnabé foram tratar dessa questão com "os apóstolos e anciãos" (At.15:2), e não com Pedro de modo especial.

38. Pedro não foi o que abriu o concílio, nem tampouco o que fechou, nem sequer aquele que teve a palavra mais importante!

39. Não foi Pedro quem se levantou primeiro para definir a questão com o seu "dom de infalibilidade", pois ele só se disse algo "depois de muita discussão" (At.15:7).

40. Pedro, ao discursar, não se declarou como "papa", nem sequer como exercendo primazia sobre os outros, nem menos como aquele único que tinha a infalibilidade. Ao contrário, ele apenas ressalta o seu ministério entre os gentios (At.15:7) em função de suas várias viagens missionárias por Samaria (At.8:25), Lida (At.9:32), Cesareia (At.10:1), Jope (At.10:5) e Antioquia (Gl.2:11). Ele não afirma ser "bispo universal", mas apenas ressalta um ministério missionário entre os gentios!

41. Foram os "apóstolos e anciãos" (At.15:6) que trataram deste assunto. Novamente, a supremacia única de Pedro é incógnita!

42. Foi Tiago quem presidiu o Concílio de Jerusalém. Toda a carta enviada aos gentios foi baseada inteiramente nas palavras de Tiago, e não nas de Pedro (At.15:19-21).

43. Quando Tiago tomou a palavra, todos se calaram (At.15:13).

44. Foi Tiago quem fechou o Concílio, e não Pedro. Quando perguntamos acerca de todos os pontos fundamentais pelos quais podemos identificar alguém que preside uma assembleia, Tiago preenche perfeitamente todas as perguntas: *Quem deu a palavra final?* Tiago. *Quem deu o veredicto?* Tiago. *A sugestão de quem foi decidida como a própria carta que seria enviada aos gentios?* Tiago! O papel de Pedro neste Concílio não pode nem de longe ser comparada à liderança de Tiago! Isso derruba as chances de Pedro ser papa, pois, se fosse, seria ele mesmo quem presidiria o Concílio, e faria uso de sua "infalibilidade" para decidir a questão!

45. O parecer final não foi de Pedro, mas sim dos "apóstolos, anciãos e toda a igreja" (At.15:22) em geral. Foram eles que enviaram Paulo e Barnabé a Antioquia (At.15:22) com a resposta, e não Pedro.

46. Também a própria carta enviada aos gentios com a descrição da decisão tomada por parte da liderança da Igreja em nada tem parte com alguma primazia de Pedro, nem ao menos sugere isso. Ela tão somente se limita a dizer que foram "os irmãos apóstolos e presbíteros" (At.15:23), sem fazer média ou status particular para Pedro como "líder máximo"da Igreja.

47. Muitos anos depois, Paulo continuava sem preocupação em visitar a igreja de Roma, mas se mostrava decidido a "com pressa chegar a Jerusalém" (At.20:16). Se fosse Roma e não Jerusalém a Sé Apostólica, onde Pedro atuava como "papa", Paulo certamente iria ter pressa em chegar a Roma, e não a Jerusalém! Ademais, vemos que Paulo foi a Jerusalém com o intuito de visitar Tiago (At.21:18). Se fosse Pedro a autoridade máxima

pela qual Paulo devia submissão, ele iria ter pressa a chegar em Roma e falar com Pedro, fato no qual a Bíblia simplesmente silencia do início ao fim!

48. Quando Pedro foi liberto da prisão, ele pediu que anunciassem isto a Tiago (At.12:17), que evidentemente deveria ser o primeiro a ficar sabendo das coisas.

49. Não é Pedro o indicado como sendo "o líder da seita dos nazarenos" (At.24:5), mas Paulo.

50. Pedro não é apontado como sendo a única coluna da Igreja, mas divide o lugar com outros (Gl.2:9).

51. Paulo destaca Tiago como sendo a primeira coluna da Igreja em Gálatas 2:9, colocando-o antes de Pedro que só aparece em segundo. Além do fato de Pedro não ser a coluna principal da Igreja (como seria caso fosse papa) e de ter que dividir lugar com os outros, ele ainda é mencionado ***atrás*** de Tiago! Ora, a "coluna da Igreja" é um sinal de liderança, de autoridade. Portanto, Pedro nem é o único líder, muito menos o primeiro!

52. A Pedro havia sido confiada a pregação do evangelho aos circuncisos (judeus), assim como Paulo aos incircuncisos (gentios) – Gl.2:6-8. Novamente, nenhum indício de "primado universal" é existente, visto que Pedro não é bispo de gentios e judeus, mas é indicado por Paulo como tendo um ministério voltado para os judeus, enquanto que ele (Paulo) para os gentios. Além do fato de que se Pedro fosse bispo em Roma ele seria dos incircuncisos (gentios), também temos a triste constatação de que ele não ocupa uma jurisdição universal, mas apenas um ministério local no mesmo nível de Paulo (Gl.2:6-8).

53. Jesus é apontado como sendo a única pedra angular da Igreja (Ef.2:20), e nós estamos edificados "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef.2:20), e não de Pedro. Mais uma vez, Pedro não é indicado como o fundamento ou a pedra principal da Igreja, mas apenas um no meio de tantos apóstolos e profetas, edificados sobre aquela única pedra angular que é Jesus Cristo!

54. Mais uma vez, Jesus é apontado como sendo o único fundamento (1Co.3:11). O próprio Pedro declarou que a pedra em questão era Jesus (1Pe.2:4), e que nós somos "pedras vivas" edificadas sobre a pedra principal, que é Cristo (1Pe.2:4-6).

55. Pedro, ao escrever as suas duas epístolas conhecidas, **nunca** se identificou com os termos que a Igreja Católica inadvertidamente atribuiu a ele: papa, príncipe dos apóstolos, chefe, cabeça, bispo dos bispos – são todos termos totalmente desconhecidos para Pedro. Ele simplesmente se identifica do modo que ele era: "apóstolo" (1Pe.1:1), "presbítero" (1Pe.5:1) e "servo" (2Pe.1:1). Por mais que o catolicismo tenha inventado

muitos mitos sobre Pedro que surgiram muito tempo depois, não há nada nos escritos deste mesmo apóstolo que possa indicar uma ostentação maior do que a de apóstolo ou presbítero.

56. Pedro não tinha "nem prata nem ouro" (At.3:6). Os papas, contudo, tem amplas quantias de ambos!

57. Em nenhum momento Paulo ou qualquer outro apóstolo identifica na figura de Pedro uma autoridade máxima em seus escritos. Ao contrário, o que vemos é Paulo afirmando com clareza que Deus "designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres" (Ef.4:11). Note que nem "papa", nem qualquer coisa do tipo, aparece como sendo um cargo na Igreja. Dito em termos simples, Paulo inocentemente se "esquece" justamente daquilo que é o mais importante dentro da Igreja Católica!

58. Quando os irmãos da Judeia ouviram falar que os gentios ouviram a palavra de Deus, criticaram Pedro, por ter comido na casa de homens incircuncisos (At.11:1-3). Dificilmente eles teriam feito isso caso Pedro fosse papa infalível, pois estariam indo contra uma autoridade superior, sendo-lhes subalternos. Pedro também não se defendeu com base em pressupostos infalíveis para si, nem sequer apela para uma autoridade supostamente maior do que a deles, mas passa um longo tempo dando explicações a respeito (At.11:4-7).

59. Se existisse um "papa" (que provém da palavra "pai"), Jesus não teria dito que "a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é vosso Pai, o qual está nos céus" (Mt.23:9).

60. Não é Pedro o Sumo Pontífice, mas Jesus. Assim como os sacerdotes do AT eram uma sombra dos sacerdotes (ministros de Deus) do NT, assim também o sumo sacerdote era uma figura de um sacerdote maior, superior aos sacerdotes "comuns". Se Pedro fosse papa, seria a figura perfeita a ser indicada como sendo esse "Sumo Sacerdote", ou "Sumo Pontífice" (como os próprios católicos lhe atribuem, assim como aos demais papas). Contudo, biblicamente é só Jesus o nosso Sumo Sacerdote (Hb.6:20; 10:21; 7:23-25; 8:4)!

61. Além disso, o pré-requisito para cumprir as figuras do AT e se tornar Sumo Pontífice à luz da Nova Aliança incluía ter um "sacerdócio permanente" e "viver para sempre para interceder por eles" (Hb.7:23-25). Ele também precisava ser "santo, inculpável, puro, separado dos pecadores, exaltado acima dos céus" (Hb.7:26). Todas essas coisas não se encaixam na figura de Pedro, mas somente em Cristo. Portanto, Pedro não era o Sumo Pontífice!

62. Por fim, quando é traçada uma analogia entre o Sumo Pontífice nos céus e o Sumo Pontífice (sacerdote) na terra, não é para falar de Pedro, mas sim dos israelitas que apresentavam as "ofertas prescritas pela lei" (Hb.8:4). Novamente, Pedro não é indicado como sendo o Sumo Pontífice na terra, pois este título só lhe foi atribuído mais tarde pela Igreja Católica, bem como aos demais papas.

63. O Sumo Pastor indicado pelo próprio Pedro não se trata dele mesmo, mas de Cristo (1Pe.5:4).

64. Pedro escreve para que os que pastoreiam não agirem como dominadores do rebanho (1Pe.5:3), exatamente a postura dos papas, que dominam todo o "rebanho" chamado Igreja Católica Romana!

65. Pedro escrevia na posição de "presbítero" (1Pe.5:1). A Igreja Católica declara um presbítero como sendo "inferior ao bispo"[106] e afirma ainda que eles não podem exercer certas funções por serem de ordem inferior[107]. Ora, será que Pedro, escrevendo como "presbítero" (1Pe.5:1), era de ordem inferior? Poderia ele ser papa, já que o presbítero não pode exercer "certas funções"? Eis o testemunho da própria Igreja Católica com relação ao rebaixamento do cargo de presbítero como de "ordem inferior", o que feriria o próprio conceito de Pedro – que era presbítero – como sendo da ordem mais superior existente na Igreja!

66. Ademais, Pedro escrevia aos presbíteros, dizendo que "o faço na mesma qualidade de presbítero como eles" (1Pe.5:1), isto é, em **igualdade** com eles, e não superioridade, como seria no caso de ele exercer um primado sobre todos os demais!

67. É dever de todos os bispos e presbíteros pastorear o rebanho de Deus, e não só de Pedro (1Pe.5:2; At.20:28). Cristo se dirigiu especificamente a Pedro na ocasião de João 21:17 por causa das negações do apóstolo mencionadas anteriormente. Pedro negou Jesus três vezes, e Cristo lhe deu a oportunidade de reafirmar o seu amor por seu Mestre três vezes.

68. Pedro foi repreendido por Paulo face a face em Antioquia, "porque era repreensível" (Gl.2:11). Jamais um católico chamaria o papa de "repreensível", nem tampouco lhe resistiria na face!

[106] Concílio de Trento, Cân.7, 967.
[107] Concílio de Trento, Cân.7, 960.

69. Além disso, Paulo afirma que Pedro "não estava andando de acordo com a verdade do evangelho" (Gl.2:14), e que havia agido com "hipocrisia" (Gl.2:13). Dificilmente um papa infalível em matéria de fé poderia ser classificado desta forma. Se Pedro fosse papa, Paulo teria respeitado a autoridade máxima e infalível de Pedro na decisão que tomasse, ao invés de repreendê-lo em público e em carta, sem mencionar a suposta "autoridade" que Pedro tinha acima dele!

70. Pedro "temia os que eram da circuncisão" (Gl.2:12). Se Pedro fosse papa, seriam os cristãos judeus que deveriam temê-lo!

71. Pedro agiu com dissimulação quando viu que chegavam "alguns da parte de Tiago" (Gl.2:12), passando a se separar dos gentios por causa disso (v.12). Se Tiago estivesse sob a liderança de Pedro, não haveria motivos de temê-lo, nem tampouco para censurar os gentios por medo dos que vieram da parte de Tiago. O episódio não faz lógica na visão de que Pedro era acima de Tiago em autoridade apostólica. Se assim fosse, Pedro não temeria um "inferior" a si mesmo, muito menos os enviados "da parte" dele! Ao contrário, seria o próprio Pedro que daria ordens e manteria a sua posição de autoridade como líder.

-Provas de que Pedro não exercia primazia sobre João

72. João, junto a Mateus, foi o único apóstolo entre os doze que compôs um evangelho.

73. João foi o único apóstolo escolhido pelo Senhor para ter a revelação do Apocalipse, na ilha de Patmos, acerca dos acontecimentos finais e escatológicos.

74. João escreveu mais epístolas que Pedro, além do próprio evangelho e do Apocalipse. Como bem disse Jerônimo, definindo perfeitamente todo esse quadro: "Pedro é um Apóstolo, e João é um Apóstolo - **um é um homem casado**, o outro um virgem; **mas Pedro é somente um Apóstolo, enquanto João é um Apóstolo, um Evangelista, e um Profeta**. Um Apóstolo, porque escreveu às Igrejas como mestre; um Evangelista, porque compôs um Evangelho, coisa que nenhum outro Apóstolo, exceto Mateus, fez; um profeta, porque viu na ilha de Patmos, onde tinha sido desterrado pelo imperador Domiciano como um mártir do Senhor, um Apocalipse contendo os ilimitados mistérios do futuro".[108]

75. De todos os discípulos, João era o único considerado o "discípulo amado" (Jo.13:26; Jo.13:25).

[108] Contra Joviniano.

76. Mesmo quando ele e Pedro corriam para chegar ao sepulcro, há uma clara distinção entre "Simão Pedro e o outro discípulo, a quem Jesus amava" (Jo.20:2), claramente diferenciando que esse "discípulo a quem Jesus amava" era o outro (João), e não o próprio Pedro.

77. João foi o único discípulo que se reclinou sobre o peito de Jesus (Jo.13:23).

78. João foi o único discípulo escolhido por Jesus para saber qual discípulo que lhe iria trair (Jo.13:26).

79. João teve que corrigir por escrito um erro de Pedro que se espalhou entre irmãos, acerca de que ele não deveria morrer (Jo.21:20-24).

80. João foi o primeiro discípulo a chegar ao sepulcro (Jo.20:4).

81. João foi o único discípulo a quem Jesus confiou a sua mãe aos seus cuidados (Jo.19:26,27).

82. João não negou Jesus.

83. João sempre esteve presente nos eventos mais importantes. Ele entrou com Jesus na casa do chefe principal da sinagoga, na ressurreição de Talita (Mc.5:37). Ele foi com Jesus para o Monte das Oliveiras, momentos antes da crucificação (Mc.14:33). Ele estava junto a Jesus na cena da transfiguração no monte, junto a Moisés e Elias (Mc.9:2). Ele subiu a um monte para orar com Jesus (Lc.9:28). Ele foi considerado como uma das principais colunas da Igreja (Gl.2:9). Se Pedro deve ser considerado o "líder máximo" com base em sua presença em eventos importantes como esses, João certamente não poderia deixar de ser também, visto que ele estava junto a Pedro e Tiago em todas essas ocasiões!

84. João foi o único discípulo que seguiu Jesus até o pé da cruz, enquanto todos os outros fugiram, Judas o traiu e Pedro o negou (Jo.19:26).

-Provas de que Pedro não exercia primazia sobre Paulo

85. Paulo viu o Senhor Jesus (At.9:27) e "pregou corajosamente em seu nome" (At.9:27), sendo o apóstolo que mais trabalhou (1Co.15:10).

86. Toda a assembleia dos crentes em Jerusalém (no concílio) ficou em silêncio, enquanto ouvia Paulo e Barnabé falando de todos os sinais e maravilhas que Deus fizera entre os gentios por meio deles (At.15:12).

87. Paulo era um dos profetas e doutores existentes na Igreja, apontados em Atos 13:1.

88. Paulo e Barnabé foram os separados para a obra do Senhor (At.13:2).

89. Paulo é o primeiro a reconhecer e refutar a heresia contra Elimas, o mágico (At.13:9-12).

90. O procônsul da cidade, sendo homem "culto" (At.13:7) e de grande importância na cidade, creu por meio da repreensão de Paulo a Elimas, "profundamente impressionado com o ensino do Senhor" (At.13:12).

91. Paulo foi o único a se levantar para defender o Cristianismo em Antioquia da Pisídia (At.13:14-16).

92. Paulo foi o apóstolo que mais edificou a Igreja com epístolas apostólicas, sendo treze no total. Um número bem maior do que Pedro, por exemplo, com apenas duas.

93. Paulo foi o apóstolo que mais fundou a igrejas na história do Cristianismo primitivo.

94. Paulo foi o único apóstolo que chegou a pregar a uma cidade inteira que se reuniu para ouvir a palavra do Senhor (At.13:44).

95. Grande multidão de judeus e gentios creu por meio da pregação de Paulo na sinagoga judaica (At.14:1).

96. Paulo e Barnabé foram os únicos a se levantarem para defender a fé cristã diante de judeus e gentios em Icônio (At.14:1).

97. Paulo opera um milagre notório em um paralítico (At.14:10), a tal ponto que a grande multidão chegou a pensar que ele era um deus (At.14:11).

98. Paulo pregou as boas novas e fez muitos discípulos em Antioquia e em Icônio (At.14:21).

99. Paulo é o único apóstolo conhecido a intitular presbíteros em cada igreja e os encomendar ao Senhor (At.14:21).

100. Paulo fez uso das "chaves" para "abrir a posta da fé aos gentios" (At.14:27), para que eles também pudessem por meio da sua pregação ouvir a palavra do Senhor, e serem salvos.

101. Paulo fez uso da autoridade do nome de Jesus Cristo para expulsar um espírito maligno, que saiu imediatamente (At.16:18).

102. Os sete filhos do chefe da sinagoga judaica repreendiam os espíritos malignos com base em "Jesus a quem Paulo prega" (At.19:13). Em nenhum momento Pedro é lembrado por eles ou por qualquer outro neste contexto.

103. Existiam duas pessoas na fé cristã que, de tão importantes que eram, se fizeram "conhecidos" de nome até pelo demônio, que fez questão de ressaltá-los. São eles: (1) Jesus; (2) Paulo (At.19:15).

104. Deus intervém a favor de Paulo com terremotos violentos ao ponto de abalar os alicerces de uma prisão (At.16:22-26). Em nenhum outro momento no Novo Testamento Deus intervém na natureza de tal maneira em favor de um apóstolo.

105. Paulo esteve à frente do batismo do carcereiro e de toda a sua família (At.16:33).

106. Paulo é o apóstolo que mais batizou pessoas registradas na Bíblia (At.16:33; 1Co.1:16; At.19:5; At.18:8).

107. Paulo era oficialmente um cidadão romano, que tinha inúmeros privilégios naquele tempo (At.16:38).

108. Paulo estava à frente do encorajamento aos discípulos na fé. Foi ele que se encontrou com os irmãos em Tiatira, e os encorajou a prosseguirem na caminhada da fé (At.16:40).

109. Paulo é o apóstolo que mais entrava nas sinagogas judaicas para debater com os judeus. Por três sábados consecutivos ele foi à sinagoga discutir com eles com base nas Escrituras (At.17:2).

110. Paulo foi o único apóstolo a defender a fé cristã no famoso Areópago em Atenas, de que se tenha registro bíblico (At.17:22).

111. Enquanto alguns apóstolos como Pedro eram casados (1Co.9:5), "Paulo se dedicava exclusivamente à pregação" (At.18:5).

112. Paulo é o único apóstolo de que se tenha registro de ter fortalecido todos os discípulos por toda a região da Galácia e da Frígia (At.18:23).

113. Paulo "argumentava convincentemente acerca do Reino de Deus" (At.19:8), convencendo os judeus de que Jesus era o Cristo.

114. Não se tem registro de um apóstolo mais perseguido do que Paulo. Nas palavras dele: "eu tenho trabalhado mais do que eles e tenho estado mais vezes na cadeia. Tenho sido chicoteado muito mais do que eles e muitas vezes estive em perigo de morte" (2Co.11:23). A partir da leitura de 2ª Coríntios 11:23-29 vemos o testemunho dele mesmo de que era ele o apóstolo mais perseguido na história da Igreja cristã primitiva.

115. Paulo foi o único apóstolo da história da Igreja que pregou para "todos os judeus que viviam na província da Ásia" (At.19:10). Por dois anos, todos eles chegaram a ouvir a palavra do Senhor através da sua pregação. Não se tem registro histórico de algum apóstolo na história da Igreja que tenha conseguido um alcance tão grande em termos de propagação da fé aos não-salvos.

116. Paulo ressuscita o jovem Êutico (At.20:10-12), em mais uma grande demonstração do poder de Deus através da vida dele.

117. Paulo instrui os pastores, bispos e presbíteros da Igreja durante três anos, jamais deixando de advertir cada um deles em sua caminhada cristã (At.20:31).

118. Todos os bispos, pastores e presbíteros fizeram "grande pranto" por Paulo, lançando-se ao pescoço dele e o beijando (At.20:37). É provavelmente a maior demonstração de carinho e consideração de que se tenha notícia em favor de um apóstolo.

119. Deus escolheu Paulo dentre todos os antepassados para fazer conhecer a verdade por meio dele (At.22:14,15), para ver o Justo e ouvir as palavras de sua boca (At.22:14,15).

120. Ele é um dos únicos a receber diretamente de Deus a garantia de "ser testemunha a todos os homens, daquilo que viu e ouviu" (At.22:15).

121. Paulo é o único apóstolo que afirma ter cumprido plenamente a vontade de Deus, "tendo cumprido meu dever para com Deus com toda a boa consciência, até o dia de hoje" (At.23:1).

122. Paulo começa defender a autoridade do seu ministério em sua epístola aos gálatas. Ele escreve dizendo que foi para a Judeia com a finalidade de falar com os que "pareciam

mais influentes" (Gl.2:6). De acordo com o catolicismo, isso certamente deve incluir Pedro. Porém, ele afirma que "o que eram então não faz diferença para mim" (Gl.2.6)! Dificilmente ele teria sido tão "insubordinado" a um cargo acima do dele, como é o de "papa" (caso isso existisse, é claro).

123. Paulo afirma que tais homens mais influentes "não me acrescentaram nada" (Gl.2.6). Eles nada tinham para acrescentar na vida de Paulo, além daquilo que ele já sabia ou já era!

124. Paulo, ao afirmar mais claramente quem eram esses "homens influentes", não diferencia Pedro dos demais, como sendo o mais importante. Ao contrário, ele generaliza junto a Tiago e João. Nem tampouco faz questão de citar Pedro como sendo o primeiro dentre eles, mas coloca Tiago como a primeira coluna da Igreja, na frente inclusive do próprio Pedro (Gl.2:9).

125. Paulo afirma que "a mim havia sido confiada a pregação do evangelho aos incircuncisos, assim como a Pedro, aos circuncisos. Pois Deus, que operou por meio de Pedro como apóstolo aos circuncisos, também operou por meu intermédio para com os gentios" (Gl.2:7,8). Nota-se claramente o tom de igualdade entre Paulo e Pedro. Ele não coloca Pedro acima dele, mas em posição de igualdade, ao afirmar que Deus operou da mesma forma entre eles, igualmente, e não desproporcionalmente a um em detrimento de outro.

126. Paulo foi o escolhido de Deus para "abrir os olhos do seu próprio povo e dos gentios, para convertê-los das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus" (At.26:17,18). Embora essa seja uma função de todos os cristãos, Paulo foi escolhido de Deus para receber esse chamado diretamente dEle.

127. Paulo foi considerado "o principal cabeça da seita dos nazarenos - και ειναι πρωτοστατης της αιρεσεως των Ναζωραι" (At.24:5). A presença do artigo definido e do πρωτοστατην no singular nos mostra claramente que Paulo era considerado o líder dos cristãos apontado pelo famoso advogado Tértulo (At.24:2), com o consentimento dos judeus. Mais uma vez vemos que é Paulo – e não Pedro – o mais indicado para ser "líder da seita dos nazarenos"!

128. Paulo exaltava o seu próprio ministério (Rm.11:13).

129. Cristo realizou por intermédio de Paulo em palavra e em ação (Rm.15:18). Ele foi o único apóstolo de que se tenha registro de ter "proclamado plenamente o evangelho de Cristo" (v.19) desde "Jerusalém e arredores, até o Ilírico" (v.19).

130. Paulo é o único apóstolo que escreve que estava vivendo "na *plenitude* da bênção de Cristo" (Rm.15:19).

131. Paulo usava a autoridade do nome de Jesus Cristo para suplicar a todos os romanos, passando-lhes ordens para que obedecessem "em um só pensamento e num só parecer" (Rm.1:10).

132. O nome de Paulo aparece primeiro em relação a Pedro em Romanos 1:12. Paulo aparece em primeiro lugar, Apolo em segundo, enquanto Pedro é só o terceiro (o último listado). Se os católicos querem mesmo nos convencer que o fato do nome de alguém ser mencionado primeiro quer dizer que este tem primazia sobre os outros que vem depois (como eles constantemente fazem com a lista dos discípulos), então aí está uma baita dor de cabeça que coloca Pedro atrás de Paulo e Apolo!

133. Paulo afirma que eles eram apenas servos por meio dos quais os coríntios vieram a crer (1Co.3:5), de modo que "nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus" (1Co.3:7). De fato, tal quadro não ocorre no catolicismo, onde o papa "possui na Igreja poder pleno, supremo e universal. E ele pode exercer sempre livremente este seu poder".[109]

134. Paulo afirma que foi ele (e não Pedro) quem lançou o alicerce na igreja (1Co.3:10).

135. Ao invés de aduzir ao papa, Paulo indica a si mesmo quando fala acerca dos "pais" (espirituais) que os coríntios tinham (1Co.4:15). Se Pedro fosse o [único] papa, obviamente seria ele o indicado para isso, e não Paulo (lembre-se de que a própria palavra "papa" advém da palavra "pai").

136. Foi Paulo – e não Pedro – quem havia gerado os coríntios na fé, por meio do evangelho (1Co.4:15).

137. Paulo é o único apóstolo que constantemente suplicava para que fôssemos seus imitadores (1Co.4:16; 1Co.11:1; Fp.3:17).

138. Paulo é o único apóstolo que passava mandamentos (1Co.7:10; 1Co.14:37,38)!

139. Paulo é o único apóstolo com caráter "universal", que passava ordens para "todas as igrejas" (1Co.7:17).

140. Paulo reconhece que escrevia sob a inspiração do Espírito Santo (1Co.7:40).

[109] Catecismo Católico, §882.

141. Paulo defende a validade do seu apostolado com os seguintes argumentos (1Co.9:1):

a. Era livre.

b. Viu o Senhor Jesus.

c. Os coríntios eram obra de Paulo no Senhor.

142. Note que nenhum dos argumentos de Paulo a favor da validade e veracidade de seu verdadeiro apostolado (seja em 1Co.9:1, seja em qualquer outro capítulo) se baseia em cima do fato de ser "aceito ou ordenado pelo papa". De duas, uma: ou Paulo ignorava a liderança e autoridade de Pedro, ou então Pedro não era tudo isso como pregam os católicos. O apostolado e autoridade de Paulo era completamente independente de qualquer reconhecimento de Pedro!

143. Paulo mostrava que tinha os mesmos direitos para si que os outros apóstolos tinham, e ele inclui Pedro (1Co.9:5).

144. Paulo se fazia fraco para ganhar os fracos, e forte para ganhar os fortes. Ele se fazia tudo para com todos, para de alguma forma salvar o máximo de pessoas que fosse possível. Em suas próprias palavras, "faço tudo por causa do evangelho, para ser co-participante dele" (1Co.9:22,23). Paulo definitivamente era o apóstolo que mais se empenhava na defesa da fé, ao ponto de se tornar tudo para com todos, para que estes possam receber a Cristo e ver nele um exemplo a ser seguido.

145. As palavras de Paulo não eram meramente instruções, mas "mandamentos do Senhor" (1Co.14:37). Ele afirma categoricamente que se alguém ignorasse as suas palavras, "ele mesmo será ignorado" (1Co.14:38). Em nenhum outro lugar do Novo Testamento vemos um apóstolo escrevendo com tanta autoridade, cujas palavras tinham autoridade de "mandamentos do Senhor".

146. Paulo afirma que trabalhou muito mais do que todos os apóstolos trabalharam. Ele disse: "e a sua graça para comigo não foi vã, antes trabalhei *muito mais* do que todos eles" (1Co.15:10). Como o apóstolo que muito mais trabalha em relação aos outros, ele pode certamente ser considerado o da "linha-de-frente" dentre os apóstolos, o primeiro e que mais levava a mensagem do evangelho.

147. Paulo era "embaixador de Cristo" (1Co.5:20), e afirma que Deus fazia o seu apelo por intermédio dele (1Co.5:20).

148. O único apóstolo que a Bíblia afirma ser "recomendável em tudo" (2Co.6:4) é Paulo.

149. Paulo claramente não defendia a autoridade superior do apóstolo Pedro acima dele mesmo. Prova disso é que ele afirma: "em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos" (2Co.11:5). Como ele poderia ter falado uma coisa dessas, se Pedro era o maior líder terreno da Igreja na face da terra, o "bispo universal"? Sendo que Paulo não era em **nada** inferior aos mais excelentes apóstolos, fica óbvio e patente que ele não era inferior a Pedro ou aos demais, tampouco em termos de autoridade eclesiástica.

150. Paulo novamente defende a sua autoridade apostólica, não se julgando inferior aos demais, através dos fatos de que (2Co.11:22-30):

- Ele também era hebreu (v.22).
- Ele também era israelita (v.22).
- Ele também era descendente de Abraão (v.22).
- Ele era muito mais servo de Cristo (v.23).
- Ele trabalhou muito mais (v.23).
- Ele foi encarcerado mais vezes (v.23).
- Ele foi açoitado mais severamente (v.23).
- Foi exposto muito mais vezes à morte (v.23).
- Passou por muito mais tribulações do que qualquer outro (vs.25-27).
- Por estas coisas é que ele se orgulha (v.30).

151. Paulo continua "se gloriando" (2Co.12:1) com isso, defendendo a sua autoridade como apóstolo. Ele passa as "visões e revelações do Senhor" (2Co.12:1), tendo sido "arrebatado até ao terceiro céu e ouvindo palavras inefáveis, que ao homem não é permitido falar" (2Co.12:4). Paulo foi o único apóstolo que, em vida, foi arrebatado ao terceiro céu!

152. Paulo afirma que deveria ser "louvado por vós" (2Co.12:11), visto que ele em nada foi inferior aos mais excelentes apóstolos (2Co.12:1).

153. Depois de defender a autoridade do seu apostolado, de se comparar até mesmo com os mais excelentes apóstolos e de não se achar em posição inferior a eles (ao contrário, afirma que sofreu e passou por experiências que nenhum deles passou), ele finaliza dizendo que poderia ser "rigoroso no uso da autoridade que o Senhor me deu para edificá-lo, e não para destruí-los" (2Co.13:10).

154. Paulo afirma que o evangelho por ele anunciado "não é de origem humana" (Gl.1:11), pois "não recebi de pessoa alguma nem me foi ele ensinado; pelo contrário, eu o recebi de Jesus Cristo por revelação" (Gl.1:11,12). Isso nos mostra que Paulo não foi doutrinado na doutrina de Pedro, como em submissão a ele como "papa", mas somente e diretamente de Jesus Cristo, sem dependência dos demais apóstolos.

155. Isso explica o porquê que ele, ao se converter, não consultou pessoa alguma (Gl.1:15-17), nem subiu a Jerusalém para ver os que já eram apóstolos antes dele, mas foi direto para a Arábia: "Quando lhe agradou revelar o seu Filho em mim para que eu o anunciasse entre os gentios, não consultei pessoa alguma. Tampouco subi a Jerusalém para ver os que já eram apóstolos antes de mim, mas de imediato parti para a Arábia, e tornei a voltar a Damasco" (Gl.1:15-17). O ministério de Paulo era independente, não estava dependente de Pedro nem da autoridade de nenhum "papa" ou outro apóstolo. Se Pedro fosse papa e líder dos cristãos, seria responsabilidade de Paulo consultá-lo imediatamente, como autoridade suprema que seria.

156. Foi por meio de Paulo que os efésios receberam a dispensação da graça de Deus (Ef.3:2,3).

157. Se alguém pensa que tem razões para confiar na carne, Paulo ainda mais (Fp.3:4).

158. Paulo insiste que os filipenses fossem imitadores dele (Fp.3:17), seguindo o exemplo que tem nele (Fp.3:17).

159. Paulo tudo podia Naquele que lhe fortalecia (Fp.4:13).

160. A palavra que os tessalonicenses receberam da parte de Paulo "não era palavra de homens, mas segundo verdadeiramente é, como palavra de Deus" (1Ts.2:13). Em nenhum outro apóstolo vemos uma declaração como essa!

161. Paulo dava "mandamentos pela autoridade do Senhor Jesus" (1Ts.4:2). Não há nenhum registro – bíblico ou histórico – de algum outro apóstolo dando mandamentos pela autoridade de Cristo.

162. Se alguém não obedece as cartas de Paulo, é marcado e ninguém se associa com ele, para que fique envergonhado (2Ts.3:14).

163. A sã doutrina se vê no evangelho que Deus confiou a Paulo (1Tm.1:11).

164. Paulo é o único apóstolo que teve a autoridade de entregar dois blasfemadores – Himeneu e Alexandre – a Satanás, para que aprendessem a não mais blasfemar (1Tm.1:20).

165. Paulo reconhece o evangelho de Lucas como Escritura divinamente inspirada pelo Espírito Santo (1Tm.5:18).

166. O modelo da sã doutrina que devemos reter se encontrava naquilo que era ensinado por Paulo (2Tm.1:13).

167. Paulo escrevia de tal forma que até o próprio Pedro considerava certas coisas como "difíceis de entender" (2Pe.3:16). Em outras palavras, o "papa infalível" não tinha o total entendimento e compreensão dos escritos de Paulo, e mesmo assim os católicos insistem que o papa é o único que sabe interpretar direito e perfeitamente a Bíblia!

168. Deus fazia pelas mãos de Paulo milagres e maravilhas extraordinárias (At.19:11). Até mesmo os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades deles fugiam, e os espíritos malignos deles saíam (At.19:12). Em nenhum local do Novo Testamento há um apóstolo com tamanho poder e autoridade ao ponto que os próprios demônios são expulsos apenas através de seus lenços e aventais!

169. Quando Deus quis trazer à luz a sua palavra, ele o fez por meio da pregação confiada a Paulo (Tito 1:3).

170. Lucas, o historiador da Igreja e escritor do livro de Atos, não se preocupou em registrar nada sobre o "príncipe dos apóstolos" em seu episcopado em Roma, mas se voltou exclusivamente ao ministério de Paulo entre os gentios. Por mais que Pedro aparecesse com certa frequência nos primeiros capítulos de Atos (enquanto Paulo ainda não era convertido), desde o momento em que Paulo entra em cena e se converte na estrada para Damasco (e até o fim do livro) Lucas se preocupa exclusivamente em narrar os atos do apóstolo Paulo, e deixa Pedro para trás, sem ser mencionado. A lógica é realmente muito simples: Quando Paulo entra em cena, Pedro sai de cena!

-Provas contra o primado de Pedro em Roma

171. Jesus não assinala Roma como sendo o principal ou um dos principais centros do Cristianismo primitivo. Ao contrário, afirma que o evangelho seria pregado "em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra" (At.1:8). Se Roma fosse a principal sede da fé cristã, ela certamente seria inclusa nominalmente por Jesus (assim como Jerusalém, Judeia e Samaria foram), e não apenas por meio da generalização ("confins da terra"). Roma só passou a ser matriz do Cristianismo séculos depois, não por ordenança de Cristo, mas pelo domínio político romano.

172. Os apóstolos não foram dispersos junto aos demais no episódio de Atos 8:1. Portanto, Pedro não foi para Roma, mas continuava em Jerusalém.

173. Quando Pedro e João foram enviados para a Samaria (At.8:14) eles voltaram pregando o evangelho em "muitos povoados samaritanos" (At.8:25), sem passar por Roma.

174. Pedro, atuando como missionário itinerante, se dirigiu a Lida, onde pregou o evangelho (At.9:32). Novamente, Roma está longe do destino de Pedro!

175. Ainda em suas viagens missionárias, Pedro foi visitar Cornélio em Cesareia (At.10:1). Novamente muito, muito longe de Roma!

176. Antes de chegar a Cesareia, Pedro estava em Jope (At.10:5). Ou seja, Pedro nem estava em Roma quando se dirigiu para lá, nem tampouco foi para Roma quando saiu de lá.

177. Já em Atos 11, os irmãos da Judeia criticaram Pedro quando ele voltou a Jerusalém (At.11:1-3) após ter pregado o evangelho em Lida, Jope e Cesareia. Portanto, após as suas missões evangelísticas, Pedro novamente volta a ocupar o seu lugar como apóstolo em Jerusalém, e não em Roma.

178. Pedro não ocupava a "cátedra de Roma", mas, ao contrário, "viajava por toda parte" (At.9:32)!

179. Em Atos dos Apóstolos vemos o historiador da Igreja primitiva, o médico Lucas, escrevendo detalhadamente acerca dos vários lugares onde Pedro esteve. Dentre eles estão Jerusalém (At.8:1), Samaria (At.8:25), Lida (At.9:32), Cesareia (At.10:1), Jope (At.10:5) e também outros lugares que nós vemos através das epístolas paulinas, tais como Antioquia, conforme Gálatas 2:11, onde Paulo repreendeu Pedro na face. Ora, por que a Bíblia mostra Pedro em tantos lugares, mas sobre Roma, no entanto, faz questão de não dizer nada? Ainda mais levando-se em conta que o tempo e o ministério de Pedro em Roma seria, para os católicos, de muito mais importância e relevância do que simples

"viagens apostólicas" aqui ou ali, seria totalmente indispensável que Pedro fosse pelo menos *mencionado* em Roma!

180. Foi a igreja em Jerusalém (e não de Roma) que enviava os missionários, como fez com Barnabé a Antioquia (At.11:22). Se Pedro era papa em Roma que era a sede do Cristianismo apostólico, seria de se esperar que fosse de lá que os missionários fossem enviados e o evangelho fosse centralizado.

181. Não foi em Roma que os cristãos foram chamados por este nome pela primeira vez, mas sim em Antioquia (At.11:26). Inácio de Antioquia, bispo de século I, completa dizendo que foi ali mesmo em Antioquia – e não em Roma - onde os apóstolos estabeleceram as fundações da Igreja: "Isto se cumpriu primeiramente na Síria, pois 'os discípulos eram chamados de cristãos na Antioquia', quando Paulo e Pedro estabeleciam as fundações da Igreja".[110]

182. Há fortes indícios de que Pedro só esteve em Roma para morrer martirizado, chegando lá no fim de sua vida. Por exemplo, Orígenes (séc.II) lança muita luz sobre isso e afirma: "Pedro, *finalmente tendo ido* para Roma, lá foi crucificado de cabeça para baixo". Este "finalmente" nos deixa claro que Pedro não ficou em Roma os 25 anos como querem os católicos, mas apenas no final de sua vida, ***finalmente***, e com a finalidade claramente exposta ali mesmo – de ser crucificado de cabeça para baixo (martirizado).

183. O historiador eclesiástico da Igreja, Eusébio de Cesareia (Séc.III e IV), lança ainda mais luz e afirma com a maior clareza possível: "Pedro, segundo parece, pregou no Ponto, na Galácia e na Bitínia, na Capadócia e na Ásia, aos judeus da diáspora; **por fim** chegou a Roma e foi crucificado com a cabeça para baixo, como ele mesmo pediu para sofrer"[111]. Portanto, os locais onde Pedro mais pregou o evangelho foi exatamente no Ponto, na Bitínia, na Capadócia e na Ásia. Paulo afirma que ele era missionário itinerante (1Co.9:5). Ele não exerceu um primado em Roma! Da mesma forma, ele pregou "aos judeus da diáspora", e não "aos romanos"! Finalmente, Eusébio afirma o tempo quando Pedro chegou a Roma – **"por fim"** – e com a finalidade de morrer martirizado, exatamente como disse Orígenes. Foi apenas no fim de sua vida que Pedro veio a Roma, e não para exercer primado ou atuar como "papa", mas com a clara finalidade de ser martirizado. Isso elimina por completo as pretensões romanistas de colocar Pedro 25 anos em Roma, e ainda por cima como papa!

184. Paulo escreve a Filemom diretamente de Roma, em 60 d.C, local onde supostamente estaria Pedro (segundo o evangelho católico). Contudo, Paulo cita quatro companheiros

[110] Inácio aos Magnésios, Versão Longa, Cap.10.
[111] HE, Livro III, 1:2.

com ele em Roma. São eles: (1)Epafras, (2)Marcos, (3)Aristarco, (4)Demas, e (5)Lucas. Em nenhum momento Paulo cita Pedro em Roma! Este fato nos deixa claro que Pedro não estava lá, porque, se estivesse, a sua presença seria indispensável, junto aos outros cinco nomes que estavam com Paulo (Fl.1:23-25). Paulo não iria ignorar a autoridade de Pedro. Se Pedro lá estivesse, a negação de sua presença seria um claro sinal de insubordinação.

185. Aos filipenses, também em Roma, em 61 d.C, Paulo menciona saudações especiais aos que estão no "palácio de César" (Fp.4:21-23), mas novamente não menciona Pedro ou a sede papal, que seria muito mais importante caso realmente existisse!

186. Escrevendo aos colossenses, ainda em Roma (60 d.C), Paulo desta vez menciona vários nomes. São eles: (1)Tíquico, (2)Onésimo, (3)Aristarco, (4)Marcos, (5)Jesus, (6)Epafras, (7)Lucas e (8)Demas. Novamente, o total silêncio a respeito de Pedro chega a ser constrangedor para os romanistas. É incrível que Paulo passasse oito nomes, mas se "esquecesse" exatamente do mais importante deles: de Pedro!

187. Aos colossenses, Paulo escreve que Marcos e Jesus eram "os únicos da circuncisão que são meus cooperadores em favor do Reino de Deus" (Cl.4:11), em Roma. Curiosamente, Pedro era precisamente "apóstolo da circuncisão" (Gl.2:8,9), assim como Marcos e Jesus, o Justo. Mas apenas estes dois últimos que colaboravam com Paulo em Roma, e ele é preciso em dizer que "estes são os *únicos* que são meus cooperadores" (Cl.4:11). Ao dizer "únicos", ele exclui a possibilidade de "alguém mais". Assim, ou Pedro realmente não ocupava nenhuma "cátedra de Roma", ou então ele não colaborava com Paulo!

188. Escrevendo sua segunda epístola a Timóteo, em Roma (64 d.C), Paulo novamente cita vários nomes como estando com ele naquela cidade (2Tm.4:9-12,21,22). Estes são: (1)Lucas, (2)Êubulo, (3)Prudente, (4)Lino, (5)Cláudia. Mais uma vez, Paulo não cita Pedro!

189. Nessa mesma epístola, no capítulo 4 e versos 9-12, há uma declaração preciosa de Paulo. Ele afirma que Demas o havia deixado, bem como Crescente e Tito. Ele novamente não cita Pedro. Em outras palavras, Pedro não o havia deixado, nem estava com ele. Tudo leva a crer que ele de fato nem sequer estava em Roma, o que dispensa maiores comentários e esclarece todas as coisas.

190. Ainda nessa saudação final, Paulo cita que "só Lucas está comigo" (2Tm.4:11), isto é, mais próximo dele naquela cidade. Ao dizer "só Lucas", ele exclui as chances de que Pedro também estivesse ali, incógnito, invisível, ou em missão secreta. Era Lucas – e somente Lucas – quem estava com ele!

191. Por fim, Paulo afirma que "na minha primeira defesa, todos me desampararam" (2Tm.4:16). Ora, se existia algum líder cristão para os católicos que poderia "salvar a pele" de Paulo, esse alguém certamente seria o papa, Pedro. Contudo, novamente Pedro não aparece fazendo nada por Paulo em Roma! Será mesmo que Pedro estava em Roma, sendo sempre tão indiferente ao apóstolo Paulo?

192. Por um bom tempo os cristãos que foram dispersos não anunciavam o evangelho a ninguém, senão "apenas aos judeus" (At.11:19). Como os romanos não eram judeus, fica difícil conciliar a ideia de que rapidamente Pedro se instalou por lá, procurando algum judeu para pregar o evangelho!

193. O imperador romano Cláudio havia expulsado todos os judeus de Roma em 41 d.C até 54 d.C. Este foi o motivo pelo qual Áquila e Priscila tiveram que sair de lá, "pois Cláudio havia ordenado que todos os judeus saíssem de Roma" (At.18:1,2). Como Pedro era judeu, ele não iria ficar lá sozinho. Cláudio não iria expulsar todos os judeus mas deixar precisamente um dos "principais" por lá, sozinho. Portanto, neste tempo Pedro não poderia de forma alguma ter estado em Roma.

194. Em Gálatas 1:13-18, Paulo afirma ter ido a Jerusalém e conheceu Pedro, estando com ele durante quinze dias. Portanto, sendo que Pedro ainda estava em Jerusalém por esta época, é fato que ele não estava ocupando cátedra nenhuma em Roma.

195. Pedro era "apóstolo aos circuncisos" (Gl.2:8), e não aos gentios. Se Pedro ocupasse a Sé de Roma, ele seria apóstolo aos romanos (gentios), consequentemente seria apóstolo do incircuncisos, assim como Paulo (Gl.2:9,10), pois este atuava entre eles. Paulo era judeu, mas, por ter um ministério entre os gentios, ele era considerado apóstolo dos incircuncisos (Gl.2:7,8). Pedro, também sendo judeu, era contudo considerado "apóstolo aos circuncisos" (Gl.2:8), pois o seu ministério não era entre os gentios (como era o de Paulo), mas entre os próprios judeus! Portanto, Pedro atuava predominantemente em Jerusalém (judeus), e não em Roma (gentios).

196. Paulo afirma que "o evangelho da incircuncisão de fora confiado, como a Pedro o da circuncisão" (Gl.2:7). Se Pedro atuasse como bispo em Roma, seria ele o principal apóstolo da incircuncisão (gentios), e não Paulo! Portanto, de duas, uma: ou Paulo era maior que Pedro, pelo que era o principal apóstolo dos gentios, ainda que Pedro também fosse voltado aos gentios de Roma(!); ou então Paulo era um dos principais dos gentios porque estava entre eles (gentios), enquanto Pedro era um dos principais da circuncisão porque estava entre eles (judeus). Sendo assim, faz lógica afirmar que Pedro ficava predominantemente em Jerusalém (ainda que tivesse viagens missionárias como a de Atos 8:14), enquanto Paulo ficava predominantemente entre os gentios. Mais uma vez, "Pedro bispo de Roma" não passa de um mito muito mais que inventado.

197. Em Gálatas 2:9, Paulo se encontra em Jerusalém com Tiago, Pedro e João (Gl.2:9), o que nos mostra que Pedro (assim como Tiago e João) ainda permanecia em Jerusalém. Além disso, vemos que Paulo continuaria se dirigindo aos gentios, enquanto eles continuariam se dirigindo aos circuncisos: "Eles concordaram em que deveríamos nos dirigir aos gentios, e eles, aos circuncisos" (Gl.2:9).

198. Já em Atos 23:11, vemos o Senhor Jesus dizendo a Paulo ter coragem, pois "assim como você testemunhou a meu respeito em Jerusalém, deverá testemunhar também em Roma" (At.23:11). Ora, onde é que estava Pedro, o papa, que mesmo depois de tantos anos nessa cidade não tornava conhecido o nome de Jesus ali?

199. Em Atos 11:2 Pedro volta a Jerusalém, e por este tempo Herodes lhe prende (At.12). Sendo que este rei morreu bem pouco tempo depois (At.12:23) e que Flávio Josefo afirmou que tal fato (da morte de Herodes Agripa) ocorreu durante o quarto ano do reinado de Cláudio (em 45 d.C), segue-se logicamente que por este tempo Pedro ainda continuava em Jerusalém.

200. Em Gálatas 2:11 Pedro aparece em Antioquia, já em 45 d.C, que se encontra muito, muito longe de Roma, em pleno Oriente!

201. O Concílio de Jerusalém (At.15), que contou com a presença de Pedro, ocorreu nesta cidade e não em Roma. Se Pedro fosse papa em Roma, tal concílio poderia perfeitamente ter se dado por lá, e, se ele estava realmente em Jerusalém, segue-se que em 49 d.C Pedro continuava em Jerusalém, e, portanto, não se encontrava em Roma.

202. Já no final dos Atos dos Apóstolos, pelos anos 60-61 d.C, Paulo chega preso a Roma (At.28:11), e Lucas registra que os irmãos da fé foram até ele (At.28:15). Curiosamente, Pedro não aparece para receber o seu colega de ministério, nem tampouco Lucas se preocupa em narrar Pedro por lá, o que seria da maior importância! Pedro novamente mantém "oculto" o seu ministério em Roma!

203. Quando Paulo chegou a Roma, pelos anos 60-61 d.C, fato este registrado no último capítulo de Atos, os romanos precisavam de informações acerca dos cristãos, pois não tinham maiores informações sobre eles. Eles precisavam ouvir da parte de Paulo o que ele pensava (At.28:22), tendo que se juntar em um certo dia para ouvir a mensagem do evangelho (At.28:23). Se Roma fosse a sede do papa ou o centro do Cristianismo, isso não seria preciso, visto que eles já saberiam muito bem quem são os cristãos!

204. Pedro, ao escrever a sua primeira epístola, afirma estar escrevendo da "Babilônia" (1Pe.5:13). Há várias razões para crer que esse lugar não é Roma, como pregam os católicos.

• Em primeiro lugar, porque se Babilônia é uma linguagem enigmática para Roma, então os católicos terão que admitir que é Roma a Babilônia, desmontando desta forma a crença deles de que Jerusalém é a Babilônia do Apocalipse. Sendo que quase a totalidade dos católicos prega que a Babilônia é Jerusalém, segue-se logicamente que, se a passagem aqui é enigmática ou figurada, deve se tratar de Jerusalém, e não de Roma!

• Mas há várias razões para crer que Pedro não estava empregando uma linguagem misteriosa ou enigmática em 1ª Pedro 5:13. Por exemplo, o apóstolo Paulo escreve abertamente aos romanos, sem enigmas (Rm.1:7). Ele não precisa dizer que estava escrevendo "aos babilônicos", ele simplesmente diz que escrevia para os romanos! Da mesma forma, Lucas, ao escrever Atos mais ou menos na mesma época da epístola de Pedro, não poupa palavras para se dirigir a Roma, de forma transparente e não enigmática (At.28:14; At.28:16; At.19:21; At.23:11; At.18:2). Ele escreve abertamente a respeito desta cidade, por várias vezes. Portanto, não haveria motivos para que Pedro quebrasse toda a regra bíblica e empregasse tal linguagem diferenciada, cujo próprio contexto não a apoia, visto que o contexto não é nem um pouco "enigmático" ou "misterioso"!

• A referência, portanto, diz respeito a cidade da Babilônia situada junto ao Eufrates. Havia uma considerável população judaica na vizinhança de Babilônia, nos primeiros séculos da Era Cristã. Ela permaneceu um foco do judaísmo durante séculos e, portanto, um lugar adequado para Pedro, que era o "apóstolo aos circuncisos" (Gl.2:8), pregar o evangelho. Lendo 1ª Pedro 1:1 e 1ª Pedro 5:13, vemos que Pedro não escreveu nem *de* Roma, nem *para* os romanos!

205. Finalmente, nada melhor do que analisarmos a própria carta de Paulo escrita aos romanos. Se houve uma oportunidade mais que perfeita para citar o "papa Pedro" que supostamente estaria ali, certamente seria essa. Porém, Pedro nem sequer é citado ao longo de todos os dezesseis capítulos da epístola de Paulo aos romanos! E pior: ele nem sequer aparece na lista de saudações extensas que o apóstolo passa no último capítulo, onde ele saúda nominalmente vinte e sete irmãos de Roma, e não cita Pedro do início ao fim! Ora, se Pedro fosse o papa que lá estivesse, sendo uma das figuras mais importantes de todo o Cristianismo, ele deveria ser o primeiro a ser saudado por Paulo! Mas este, do início ao fim, escreve perfeitamente como alguém que não faz a mínima ideia que Pedro estivesse lá. Não lembra o seu nome no início da carta, nem na metade, nem nas saudações finais. Isso, contudo, não o impediu de saudar outras vinte e sete pessoas que ele "lembrou".

15

A Missão Secreta de Pedro

De acordo com as lendas papais, Pedro esteve exercendo seu primado em Roma durante 25 anos até a sua morte, que se deu em 67 d.C. Isso significa que Pedro foi bispo de Roma desde 42 d.C, pregando ali o evangelho como o Sumo Pontífice dos cristãos. Roma, portanto, seria a Sé Apostólica, a sede do papa, e, por conseguinte, da fé cristã – assim como o Vaticano é hoje para os católicos. Mas será isso tudo verdade, à luz da Bíblia? É isso o que iremos analisar a partir de agora.

Pouco antes de sua ascensão aos céus, Jesus disse:

"Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra" (Atos 1:8)

Logo no primeiro capítulo de Atos podemos ver o Senhor Jesus dizendo aos seus discípulos com precisão *onde* eles seriam suas testemunhas. Como o evangelho deveria ser pregado a "toda criatura" (Mc.16:15), ele afirma que seu nome seria anunciado até os "confins da terra" (At.1:8). Mas note que ele citou três locais onde mais precisamente o

evangelho seria ensinado, que seriam os primeiros "centros" do Cristianismo naquela época.

Se Roma tivesse a função de ser a sede do episcopado papal, certamente não poderia deixar de ser mencionada nominalmente em um dos primeiros lugares. Afinal, ela seria nada a mais e nada a menos do que a principal sede de todo o Cristianismo! Mas Cristo não dá **nenhuma ênfase** ao evangelho sendo pregado em Roma, como se viera a ser a "Sé Apostólica", mas cita nominalmente apenas Jerusalém, Judeia e Samaria, e, de forma geral, avançando até os confins da terra.

Mais à frente, no capítulo 8, lemos que, como consequencia da perseguição levantada contra os cristãos, "todos, **exceto os apóstolos**, foram dispersos pelas regiões da Judeia e de Samaria" (At.8:1). Ou seja: nem Pedro e nem qualquer outro apóstolo colocou um pé para fora de Jerusalém até aquele momento! A essa altura, Pedro já deveria estar deixando Jerusalém para se instalar em Roma como Sumo Pontífice durante 25 anos, como ensinam os católicos. Mas ele não saia de Jerusalém.

Foi somente depois que Samaria ouviu o evangelho que os apóstolos tomaram uma decisão: "enviaram para lá Pedro e João" (At.8:14). Pedro e João, então, deixam Jerusalém e se instalam em Samaria. Alguém poderia pensar que foi neste momento que Pedro aproveitou sua partida a Samaria para se dirigir ao Ocidente e se ocupar da cátedra romana. Mas o que ele realmente fez depois de pregar o evangelho em Samaria foi *voltar a Jerusalém*, passando apenas pelos povoados samaritanos, e não partindo em direção a Roma:

"Tendo testemunhado e proclamado a palavra do Senhor, Pedro e João **voltaram a Jerusalém**, pregando o evangelho em muitos povoados samaritanos" (Atos 8:25)

Algum tempo após voltar a Jerusalém, Pedro decide sair em viagens missionárias. Algum católico poderia começar a criar novas esperanças em torno da estadia dele em Roma. Esse seria o momento perfeito para aproveitar e ir pregar em Roma, como querem os católicos. Mas Pedro, "viajando por toda a parte, foi visitar os santos que viviam em Lida" (At.9:32). Ele não foi ocupar um trono em Roma como um papa fixo nesta cidade, mas **viajava por todas as partes**, e mesmo nestas viagens missionárias não vemos qualquer indicação de ter passado por Roma.

Ao contrário: Pedro é mencionado em muitas cidades, tais como **Jerusalém** (At.8:1), **Samaria** (At.8:25), **Lida** (At.9:32), **Cesareia** (At.10:1), **Antioquia** (Gl.2:11) e **Jope** (At.10:5), mas sobre Roma, que seria a principal de acordo com os católicos, onde Pedro foi papa, onde estava a Sé Apostólica, onde supostamente presidiu por 25 anos... **nada!** Será que Lucas, escritor de Atos, teria se "esquecido" de mencionar Pedro onde ele mais

esteve, embora tenha se lembrado de registrá-lo em outras diversas cidades em viagens de menos importância?

Como se não bastasse, após essas viagens missionárias ele não "voltou a Roma" (como se já estivesse lá) ou "foi a Roma" (como se fosse lá que ele ocuparia seu episcopado), mas **subiu novamente a Jerusalém**, onde ele costumava estar:

"Os apóstolos e os irmãos de toda a Judéia ouviram falar que os gentios também haviam recebido a palavra de Deus. Assim, **quando Pedro subiu a Jerusalém**, os que eram do partido dos circuncisos o criticavam, dizendo: 'Você entrou na casa de homens incircuncisos e comeu com eles'" (Atos 11:1-3)

Além disso, Pedro teve que passar um bom tempo se explicando para os irmãos sobre a razão de ele ter entrado na casa de não-judeus e comido com eles, o que era proibido na visão dessas pessoas. Dificilmente elas teriam feito isso caso vissem em Pedro um pontificado absoluto, uma autoridade infalível em matéria de fé, aquele que detém exclusivamente as chaves do reino dos céus. E o próprio Pedro teria feito uso de tais prerrogativas para repreender tamanha insubordinação com o papa, ao invés de ter que se explicar por um bom tempo, desde o verso 4 até o verso 18.

O relato passa claramente a ideia de que Pedro tinha a mesma autoridade eclesiástica dos demais cristãos, e que por isso foi tão criticado e teve que passar tanto tempo se explicando. Um pouco mais à frente, em Atos 15, vemos o famoso relato do Concílio de Jerusalém, onde os cristãos se reúnem para decidir acerca da necessidade da circuncisão à luz da Nova Aliança, já que alguns cristãos estavam ensinando os gentios a guardarem toda a lei de Moisés e a praticarem a circuncisão para serem salvos.

Aqui reside um detalhe interessante, pois este concílio ocorreu por volta dos anos de 48-49 d.C. Pela cronologia católica, Pedro já deveria estar reinando em Roma há pelo menos seis anos, e Roma exerceria uma jurisdição universal sobre todas as outras comunidades locais, incluindo Jerusalém. Mas, ao invés dos outros apóstolos irem a Roma tratar a questão com o "papa" Pedro, **são os outros que tem que vir tratar a questão em Jerusalém**.

Ainda é notável o fato de que em momento nenhum vemos Lucas descrevendo a partida de Pedro saindo de Roma em direção a Jerusalém, mas apenas a narração de Paulo e Barnabé deixando o território dos gentios e vindo a Jerusalém tratar dessa questão com os apóstolos (At.15:4). Isso deixa implícito que Pedro ainda estava em Jerusalém por esta época, e não em Roma. Ele não "chegou a Jerusalém" simplesmente porque não havia saído de lá.

Três capítulos à frente, vemos um valioso depoimento do historiador Lucas, dizendo que o imperador romano Cláudio havia ordenado que todos os judeus saíssem de Roma, razão pela qual Áquila e Priscila deixaram aquela cidade:

"Depois disso Paulo saiu de Atenas e foi para Corinto. Ali, encontrou um judeu chamado Áquila, natural de Ponto, que havia chegado recentemente da Itália com Priscila, sua mulher, pois Cláudio havia ordenado que **todos os judeus saíssem de Roma**" (Atos 18:1,2).

O edito de Cláudio expulsando os judeus durou do ano 41 até 54 d.C. Por esta mesma época, o escritor latino Suetônio escreveu na Biografia do Imperador Cláudio: "*Judacos, impulsore Cresto, assidue tumultuantes Roma expulit*". Que quer dizer: "O Imperador Cláudio expulsou de Roma os judeus que viviam em contínuas desavenças por causa de um certo Cresto (Cristo)".

Ou seja: aqueles judeus que haviam sido expulsos de Roma é uma referência aos **judeus cristãos**. Isso torna obviamente impossível que Pedro, como o líder máximo dos cristãos e como o Sumo Pontífice, que supostamente estaria em Roma por esta época exercendo seu primado universal, fosse deixado em Roma sozinho, incógnito, invisível. Se eles expulsaram os cristãos judeus (e Pedro era um cristão judeu) eles não iriam deixar bem exatamente aquele que seria o mais importante deles, Pedro. Logo, durante todos estes anos Pedro não poderia exercer qualquer primado em Roma.

Mais um pouco à frente (cap.23) vemos as palavras de Jesus ao apóstolo Paulo: "Importa que dês testemunho de Mim também em Roma" (At.23:11). Onde será que estava Pedro, que mesmo depois de tantos anos nessa cidade não tornava conhecido o nome de Jesus? Por que Jesus precisava ser testemunhado em Roma, se Roma era bem exatamente onde estava o Sumo Pontífice dos cristãos, se era a Sé Apostólica, se era a "sede" de todo o Cristianismo da época?

Seria o mesmo que afirmar, em uma linguagem mais atual, que o catolicismo precisa ser pregado no Vaticano. Não tem sentido. Haveria muitos outros lugares que Jesus precisaria ser testemunhado, mas não na própria Roma, que seria a Sé Apostólica, onde Cristo *já teria sido* testemunhado. A não ser que a missão secreta de Pedro tenha sido tão bem sucedida que ele tenha ficado 25 anos naquela cidade sem conseguir testemunhar de Cristo ali. Ou que o catolicismo esteja errado em afirmar que Pedro exerceu um papado em Roma – o que cremos ser muito mais presumível.

No último capítulo de Atos temos outra informação preciosa que nos ajuda a desmistificarmos o mito de Pedro como bispo de Roma. Já estamos nos anos 60-61 d.C, quando Paulo chega preso a Roma (At.28:11-31), e Lucas registra que **os irmãos dali foram vê-lo** (At.28:15). Mas **onde estava Pedro, que não foi receber seu colega de ministério?**

Misteriosamente, Pedro não é mencionado entre os que foram recebê-lo em sua chegada a Roma!

Isso é ainda mais surpreendente quando constatamos que era costume dos líderes das igrejas cristãs locais receberem seus missionários, como aconteceu com o próprio Paulo, quando ele foi pela primeira vez a Jerusalém após sua conversão e é registrado que ele se encontrou com Tiago, o líder daquela igreja (Gl.1:19), e em sua última visita Tiago foi novamente recebê-lo (At.21:18). Portanto, se Pedro fosse o bispo de Roma, certamente devia ter feito como Tiago e ter recebido de braços abertos o seu colega de ministério.

Mas, quando Pedro chega a Roma (At.28:11-31), **nada de Pedro nos é mencionado!** Se Pedro fosse papa em Roma, obviamente seria o primeiro a ser mencionado a receber Paulo! Lucas iria narrar isso sem hesitação, assim como fez quando Tiago foi vê-lo. Mas Pedro não aparece em *nenhum* dos vinte versos que mostram a estadia de Paulo em Roma! Paulo ficou dois anos em sua habitação em Roma (At.28:30), mas nenhuma vez Pedro foi visitá-lo, nem recebê-lo em sua chegada. Ou Pedro era displicente, ou ele não era bispo de Roma.

Ademais, se Pedro era mesmo papa em Roma, seu ministério não era muito bem conhecido, porque os judeus que lá viviam apenas tinham uma leve ideia do que era o Cristianismo, e precisavam de explicações sobre como era essa religião, razão pela qual Paulo testemunhou sobre Jesus da manhã até a tarde com eles:

"Quando chegamos a Roma, Paulo recebeu permissão para morar por conta própria sob a custódia de um soldado. Três dias depois, ele convocou os líderes dos judeus (...) Eles responderam: 'Não recebemos nenhuma carta da Judeia a seu respeito, e nenhum dos irmãos que vieram de lá relatou ou disse qualquer coisa de mal contra você. **Todavia, queremos ouvir de sua parte o que você pensa, pois sabemos que por todo lugar há gente falando contra esta seita**'. Assim combinaram encontrar-se com Paulo em dia determinado, indo em grupo ainda mais numeroso ao lugar onde ele estava. Desde a manhã até à tarde **ele lhes deu explicações e lhes testemunhou do Reino de Deus**, procurando convencê-los a respeito de Jesus, com base na Lei de Moisés e nos Profetas" (Atos 28:16-23)

Eles não tinham um conhecimento firme sobre a fé cristã, razão pela qual apenas sabiam que "por toda lugar há gente falando contra esta seita". Em outras palavras, eles conheciam o Cristianismo só de "ouvir falar", e por essa razão combinaram de se encontrar com Paulo em um dia determinado por eles, para que ele explicasse e testemunhasse sobre a fé cristã. Tudo isso seria paradoxal se Roma fosse a Sé Apostólica,

a "sede" do Cristianismo, onde estaria o episcopado papal, onde residiria o "Sumo Pontífice" dos cristãos.

Mantendo a mesma analogia de antes, seria o mesmo que Paulo entrasse hoje no Vaticano e falasse sobre a fé católica para as pessoas daquele lugar, e elas não soubessem direito o que era o catolicismo e precisassem de explicações a este respeito! Seria muito estranho que Pedro já estivesse, a essa altura, em torno de 20 anos exercendo seu papado em Roma, e mesmo assim os romanos não terem um bom conhecimento sobre a fé cristã! Seria explicável caso houvesse apenas *alguns* cristãos em Roma, para os quais Paulo escreve sua epístola aos romanos, mas não se Roma fosse *a própria Sé Apostólica*, onde o evangelho já deveria estar tão conhecido quanto o catolicismo é famoso hoje no Vaticano.

Aqueles judeus romanos não estariam pedindo que Paulo explicasse o evangelho para eles se já existisse um pontífice romano muito superior a Paulo reinando naquela cidade há mais de vinte anos. Será que não era tempo suficiente para eles conhecerem o evangelho através de Pedro? Ou Pedro não se fazia conhecido por eles? E o próprio Paulo, por que não foi visitar Pedro em Roma? Pois vemos ele dizendo que, quando chegou a Jerusalém, foi visitar Pedro e Tiago, que lá estavam (Gl.1:18.19).

Pelas mesmas razões óbvias, se Pedro ou algum grande Sumo Pontífice dos cristãos estivesse exercendo seu primado em Roma, Paulo iria se dirigir a ele, como costumava fazer em suas viagens missionárias às outras cidades. Mas Paulo chega a Roma sem qualquer menção de Pedro (At.28:15), prega em Roma sem qualquer sinal de Pedro (At.28:23), e ao invés de se dirigir até a "cátedra de Pedro" fica dois anos inteiros em uma casa que tinha alugado (At.28:30,31), sem qualquer alusão a Pedro ir visitá-lo ou de ele mesmo ter ido até ele!

Se ao longo de todo o livro de Atos não há qualquer indício da passagem de Pedro em Roma, desde 42 até 61 d.C, mas fortes sinais de que ele nunca tinha pisado nesta cidade, a situação piora ainda mais para o catolicismo romano quando passamos às epístolas paulinas, em especial a própria carta que ele escreve aos romanos, **onde não há o mínimo sinal, pista ou indício do "papa" Pedro!**

Paulo escreveu aos romanos por volta dos anos 57-58 d.C, enquanto estava em Corinto, na casa de seu amigo Gaio, ao final de sua terceira viagem missionária. Portanto, pela cronologia católica, Pedro já deveria estar em Roma há pelo menos 15 anos. Sua presença ali seria marcante – afinal, era nada menos que o "Sumo Pontífice" dos cristãos, conforme a tese papista. Mas Paulo, escrevendo àquela igreja que estaria sob a jurisdição de Pedro, **não menciona Pedro nem no início, nem no meio e nem no fim da epístola**.

Ele não diz aos romanos que eles tiveram o privilégio de ser a Sé Apostólica e por ser onde reside o episcopado papal. Ele não diz que eles estavam sendo doutrinados por Pedro. Ao contrário, diz que queria "colher algum fruto entre vocês, assim como tenho colhido entre os demais gentios" (Rm.1:13). Onde estava Pedro, o "príncipe dos apóstolos", que não havia colhido fruto entre eles? E por que não há sequer uma *única* menção à liderança de Pedro, ou ao menos à sua pessoa? Por que também não há qualquer referência a Roma ser a "cátedra de Pedro"?

Esses fatos tornam-se ainda mais marcantes em função de que era costume de Paulo citar em suas epístolas os nomes daqueles que exerceram um papel importante em determinada igreja local. Apolo, por exemplo, que teve um importante papel desempenhado na Igreja de Corinto, foi nominalmente citado por Paulo **sete vezes** em sua carta a eles (1Co.3:6; 3:4; 1:12; 3:5; 3:22; 16:12; 4:6). Aos colossenses, Paulo é ainda mais claro em afirmar que "vocês aprenderam o evangelho por Epafras, nosso amado cooperador, fiel ministro de Cristo para conosco" (Cl.1:5-7).

Se Paulo faz isso em relação a Apolo e a Epafras, que eram líderes com muito menos importância que Pedro na visão católica, como poderia não fazer o mesmo com o próprio papa, Sumo Pontífice e bispo dos bispos, omitindo completamente do início ao fim seu nome e sua função em Roma em toda a epístola?

E, se houve algum momento mais perfeito para Paulo citar Pedro, foi na epístola aos romanos, pois nela há **vinte e sete saudações de Paulo aos que estavam em Roma**, coisa que ele não faz com tamanha abrangência em *nenhuma* de suas outras epístolas. Se Pedro fosse papa em Roma, seria completamente imprescindível que ele fosse mencionado nominalmente. Aliás, ele deveria ser o *primeiro* mencionado, pois seria o primaz, o mais importante de todos que estariam ali. Contudo, uma leitura do último capítulo da carta de Paulo aos romanos fulmina as possibilidades de Pedro ter sido bispo dali, visto que ele menciona vinte e sete nomes (muitos deles desconhecidos no restante da Escritura), mas deixa Pedro de fora:

Pessoas lembradas por Paulo aos romanos	Referência
Priscila	Romanos 16:3
Áquila	Romanos 16:3
Epêneto	Romanos 16:5
Maria	Romanos 16:6
Andrônico	Romanos 16:7
Júnias	Romanos 16:7
Ampliato	Romanos 16:8
Urbano	Romanos 16:9
Estáquis	Romanos 16:9
Apeles	Romanos 16:10

Aristóbulo	Romanos 16:10
Herodião	Romanos 16:11
Trifena	Romanos 16:12
Trifosa	Romanos 16:12
Pérside	Romanos 16:12
Rufo	Romanos 16:13
Mãe de Rufo	Romanos 16:13
Asíncrito	Romanos 16:14
Flegonte	Romanos 16:14
Hermes	Romanos 16:14
Pátrobas	Romanos 16:14
Hermas	Romanos 16:14
Filólogo	Romanos 16:15
Júlia	Romanos 16:15
Nereu	Romanos 16:15
Irmã de Nereu	Romanos 16:15
Olimpas	Romanos 16:15

Em compensação...

Pessoas não lembradas por Paulo e que a Igreja Católica diz que era bispo de lá	**Referência**
São Pedro, o papa	Em lugar nenhum

Em resumo, Paulo se lembra de mencionar vinte e sete pessoas, a grande maioria das quais não se tem notícia em mais lugar nenhum da Bíblia, sendo meros anônimos, mas daquele que a Igreja Romana arroga ser o mais importante, a pedra sobre a qual a Igreja está edificada, o príncipe e chefe dos apóstolos, o bispo universal, o bispo dos bispos, o Sumo Pontífice e papa infalível, que é Pedro... **absolutamente nada!**

Se isso não é suficiente para mostrar que Pedro não era bispo de Roma sob nenhuma circunstância, não sabemos que argumento poderia ser capaz de abrir os olhos espirituais daqueles que "tem seus olhos tampados, e não conseguem ver; e suas mentes fechadas, e não conseguem entender" (Is.44:18). De fato, tal evidência é tão forte que obrigou os apologistas católicos a mudarem de estratégia e a chegarem aos maiores absurdos e malabarismos teológicos para conciliarem a ideia de que Pedro era bispo de Roma e não ter sido citado por Paulo aos romanos, nem mesmo quando ele saúda nominalmente vinte e sete pessoas lá presentes.

Como fruto do mais puro desespero, alguns deles inventaram teses mirabolantes, dentre elas a de que **Paulo não saudou os romanos na carta aos romanos, mas os asiáticos!** Surpreendentemente, esse foi o jeito que eles encontraram para salvar suas

teses em um primado de Pedro em Roma. Então, eles se apegam a *um único versículo* para tentarem "provar" a tese deles. Trata-se deste aqui:

"As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetuosamente no Senhor Áqüila e Priscila, com a igreja que está em sua casa" (1ª Coríntios 16:19)

Paulo escreve dizendo que Áquila e Priscila tinham uma igreja na Ásia. Até aí, nada de mais. Mas eles juntam essa passagem com a saudação de Paulo aos romanos, onde ele diz:

"Saudai a Priscila e a Áqüila, meus cooperadores em Cristo Jesus" (Romanos 16:3)

Então, os apologistas católicos "ligam os pontos" e descobrem que Paulo mandou os romanos saudarem as igrejas da Ásia Menor, onde Áquila e Priscila estavam. Este é o método pelo qual eles chegaram a essa brilhante "conclusão". Porém, eles se esquecem de ler o livro de Atos, onde Lucas escreve que Áquila e Priscila eram originalmente de Roma!

"E, achando um certo judeu por nome Áqüila, natural do Ponto, que havia pouco tinha **vindo da Itália**, e Priscila, sua mulher (pois Cláudio tinha mandado que todos os judeus **saíssem de Roma**), ajuntou-se com eles" (Atos 18:2)

Notem que Áquila e Priscila eram da Igreja de Roma, na Itália**.** Eles só haviam saído de lá *temporariamente*, isso porque o imperador romano Cláudio havia mandado expulsar todos os judeus de Roma. Como Áquila e Priscila (assim como a maioria dos demais cristãos lá residentes) eram judeus, eles tiveram que sair de lá por força bruta e se estabeleceram em outro lugar, na Ásia, até que o decreto de Cláudio chegasse ao fim. Ora, o decreto de Cláudio durou de 41-54 d.C. Depois disso, os judeus estavam liberados para voltar lá, incluindo Áquila e Priscila**.**

Paulo escreveu sua primeira epístola aos coríntios em Éfeso, onde ficou dois anos (At.18:11,18-23-19.1). Sendo que Paulo chegou em Éfeso em 54 d.C e ficou lá até 55 d.C, e a primeira epístola aos coríntios foi escrita ali, ela é datada nessa época entre 54-55 d.C. Ora, neste tempo o decreto de Cláudio não havia chegado ao fim, ou, se foi em 55 d.C, ele havia mal acabado de terminar.

Neste período em que Paulo escreveu 1ª Coríntios, Áquila e Priscila ainda estavam na Ásia Menor esperando o decreto acabar para poderem voltar à Roma, onde originalmente haviam se estabelecido. Mas quando Paulo escreveu aos romanos, em 58 d.C, o decreto de Cláudio já havia acabado e os judeus (incluindo os cristãos) já estavam liberados a voltar à Itália, incluindo Áquila e Priscila.

Em outras palavras: quando Paulo escreveu 1ª Coríntios, Áquila e Priscila ainda estavam estabelecidos na Ásia por causa do decreto de Cláudio expulsando os judeus de Roma. Mas quando Paulo escreveu aos romanos, anos mais tarde, o decreto já havia chegado ao fim e Áquila e Priscila já puderam voltar para casa. Foi por isso que Paulo enviou saudações a eles. **Não por estarem ainda na Ásia Menor, mas porque já haviam voltado a Roma e poderiam receber as saudações de Paulo que escrevia aos romanos**.

Outro ponto no mínimo curioso é o fato de que Paulo escreveu sua epístola aos romanos em Corinto. Corinto era uma cidade que ficava na Grécia, localizada aproximadamente *entre* Roma e a Ásia, de acordo com o mapa geográfico da época. A cidade de Roma ficava a *oeste* de Corinto, enquanto que a Ásia ficava a *leste* de Corinto. Dito em termos simples, Corinto ficava entre a Itália e a Ásia, como podemos ver pelo mapa bíblico do Novo Testamento:

Paulo escrevia aos romanos em Corinto. Se ele realmente estivesse mandando os romanos enviarem saudações aos asiáticos, quando ele escreve "saúdem Áquila e Priscila" (a exemplo das demais saudações), ele estaria dizendo nada a mais e nada a menos que aqueles romanos **contornassem o mapa mundi da época, atravessassem a Macedônia, chegassem perto de Corinto (onde o próprio Paulo escrevia a carta!), e pegassem um navio direto para a Frígia, na Ásia!**

Será mesmo que o apóstolo Paulo seria tão maluco ao ponto de escrever uma carta aos romanos, e não saudar nenhum romano, ao contrário: mandar que estes

saudassem os asiáticos, que viviam no outro lado do mundo da época, que saíssem do Ocidente para o Oriente, que contornassem a Macedônia, que pegassem o navio e entregassem as cartas de "saudações" a estes asiáticos?

Isso é absurdo e ridículo, mas é exatamente isso o que pretendem os apologistas católicos com estes argumentos fracassados. Eles dizem que Paulo não estava saudando os romanos, mas estava mandando os romanos saudarem os asiáticos (como se estes vivessem do lado de Roma!). Isso é um absurdo quando vemos que os asiáticos viviam no outro lado do mundo da época, e os romanos não poderiam dar conta de saudar cada uma das várias pessoas que Paulo escreveu na carta! Mesmo na *suposição* de que Áquila e Priscila continuassem na Ásia e que Paulo tenha escrito para os romanos saudarem eles, como é que os romanos iriam conseguir tal feito, visto que teriam que atravessar o mundo para lograrem êxito?

Para ter uma noção mais precisa das coisas, seria o mesmo que um europeu escrevesse uma carta para você aqui do Brasil, e além de não saudar nem você nem os demais brasileiros, ainda manda que os brasileiros enviem saudações aos chineses! Dá pra acreditar? Pois é, mas é esse o malabarismo que eles fazem para salvar a crença do episcopado de Pedro em Roma. Eles dizem que Pedro escreveu aos romanos, mas não saudou o seu bispo maior (Pedro), nem nenhum romano, mas mandou que os romanos saudassem cristãos que viviam no outro lado do mundo da época, sem nenhum tipo de tecnologia ou acessibilidade para isso!

E pior: Paulo escrevia em Corinto, que ficava *mais próximo da Ásia Menor do que a distância que os romanos tinham em relação a eles*. Como já foi demonstrado, Corinto ficava entre a Ásia e a Itália. Ficaria muito mais fácil e acessível, pela distância, que o próprio Paulo saudasse aqueles cristãos que viviam na Ásia do que dizer para os romanos contornassem o planeta para os saudarem!

Portanto, não há escapatórias. Por maior que sejam os malabarismos exegéticos dos apologistas católicos, desesperados em encontrarem algum contra-argumento ao indiscutível e irrefutável fato de que Pedro nunca foi bispo de Roma, eles não se sustentam à luz de uma exegese séria, crítica e pontual.

Além de Romanos, outra epístola de grande valia na nossa investigação sobre o ministério apostólico de Pedro é a de Gálatas. Nela, vemos Paulo dizendo que, depois de três anos desde a sua conversão, "subi a Jerusalém para conhecer Pedro pessoalmente, e estive com ele quinze dias" (Gl.1:18). Curiosamente, quando Paulo teve o desejo de conhecer Pedro, **ele não se dirigiu a Roma, mas a Jerusalém**. Definir quando isso se passou não é muito difícil, pois ao que tudo indica se deu depois da dispersão dos

apóstolos, pois Paulo afirma que "não vi nenhum dos outros apóstolos, a não ser Tiago, irmão do Senhor" (Gl.1:19).

A dispersão dos apóstolos se deu tardiamente, já que no início os apóstolos permaneceram em Jerusalém e somente os demais cristãos foram dispersos para pregar o evangelho em outras nações (At.8:1). A essa altura, Pedro já deveria estar em Roma exercendo seu primado papal, mas Paulo deixa claro que, conquanto todos os outros apóstolos tivessem sido dispersos, **Pedro e Tiago eram os únicos que não haviam sido, e permaneciam em Jerusalém!**

E, por fim, ele declara que Pedro era apóstolo aos judeus (circuncisos) enquanto ele era apóstolo aos não-judeus (incircuncisos):

"Ao contrário, reconheceram que a mim havia sido confiada a pregação do evangelho aos incircuncisos [não-judeus], **assim como a Pedro, aos circuncisos [judeus]**" (Gálatas 2:7)

Isso fulmina de uma vez por todas com as últimas chances de Pedro ter sido papa em Roma, pois Roma era um território gentílico, isto é, um território não-judeu, predominantemente habitado por cidadãos romanos e não por judeus. E Paulo deixa claro que **a Pedro não havia sido confiado o evangelho para os incircuncisos, mas para os judeus!** Ora, se Pedro fosse papa em Roma, então estaria entre os incircuncisos e consequentemente seria apóstolo dos não-judeus.

A antítese entre Paulo e Pedro que é aqui estabelecida, com a afirmação categórica de que Paulo era apóstolo aos não-judeus e Pedro aos judeus, deixa óbvio que Pedro não exercia um primado em Roma, que é um território não-judaico, habitado por incircuncisos. Paulo estaria mentindo descaradamente ao dizer que ele era apóstolo aos não-judeus e Pedro apóstolo aos judeus, caso Pedro *também* fosse apóstolo aos não-judeus, porque seu ministério seria em Roma! A isso, Paulo acrescenta nos versos seguintes:

"Pois Deus, que operou por meio de Pedro como **apóstolo aos circuncisos**, também operou por meu intermédio para com os gentios. Reconhecendo a graça que me fora concedida, Tiago, Pedro e João, tidos como colunas, estenderam a mão direita a mim e a Barnabé em sinal de comunhão. Eles concordaram em que devíamos nos dirigir aos gentios, **e eles, aos circuncisos**" (Gálatas 2:8,9)

Novamente, a confirmação da parte de Paulo: Pedro era apóstolo e pregador do evangelho **aos circuncisos [judeus]**, enquanto ele era apóstolo aos incircuncisos [não-judeus]. Por que razão Paulo era apóstolo dos gentios e não dos judeus? **Simples, porque Paulo atuava entre os gentios.** Se Pedro também atuasse entre os gentios (Roma) então

necessariamente deveria ser considerado apóstolo como Paulo: aos incircuncisos – aos gentios!

É lógico que Paulo jamais imaginou que Pedro assim como ele também atuasse entre os gentios. Ele não faria essa distinção tão nítida presente nesse contraste entre o ministério dele e o de Pedro se o de Pedro não fosse realmente voltado aos judeus, e não aos estrangeiros. Podemos, a partir da descrição paulina, traçar um paralelo que define bem onde atuavam alguns dos principais nomes do Cristianismo primitivo:

Paulo e Barnabé	**Tiago, Pedro e João**
Ministério entre os gentios [não-judeus] – Gl.2:9	Ministério entre os judeus [circuncisos] – Gl.2:9

Corrobora com isso também o fato bíblico de que é evidente que Tiago atuava entre os circuncisos (judeus), em Jerusalém (Gl.1:19; At.21:18), que é igualmente claro que Paulo atuava entre os gentios, os não-judeus (At.18:6), e Pedro, igualmente com Tiago, era "apóstolo aos circuncisos" (Gl.2:8), a quem havia sido "confiada a pregação do evangelho aos circuncisos" (Gl.2:7), ou seja, aos judeus. Isso explica o porquê de Pedro encontrar-se em Jerusalém (e não em Roma) quando Paulo desceu para lá (Gl.1:18). Embora boa parte dos apóstolos já tivessem sido dispersos (Gl.1:19), Tiago e Pedro permaneciam em Jerusalém (Gl.1:18,19; 2:7-9), com seu ministério entre eles.

Essa constatação final é, como podemos definir, o "*fatality*" no mito de Pedro em Roma. E ela é ainda mais apoiada pelo contexto imediato, que nos mostra a despedida de Paulo com eles e que marca a distinção entre o ministério deles e o de Paulo:

"...Eles concordaram em que **devíamos nos dirigir aos gentios, e eles, aos circuncisos**. Somente pediram que nos lembrássemos dos pobres, o que me esforcei por fazer" (Gálatas 2:9,10)

Ou seja, tal situação marcou uma separação: **Paulo voltou aos gentios; Tiago, Pedro e João permaneceram em Jerusalém.** Os três pediram que Paulo se lembrasse dos pobres da *sua* localidade, onde atuariam (Jerusalém), o que Paulo se esforçou por fazer, tanto é que pede assistência na coleta aos crentes pobres de Jerusalém (Rm.15:25:2,26).

Os três (Tiago, Pedro e João) disseram a Paulo para que ele (que estaria entre os gentios) se lembrasse dos pobres da *sua* localidade (Jerusalém). Portanto, em Gálatas podemos ver que Pedro tinha um ministério em Jerusalém, que tinha sido chamado por Deus não aos incircuncisos (gentios, como os de Roma), mas para os circuncisos

(ministério entre os judeus), e que, após a partida de Paulo, ele permaneceu com seu ministério em Jerusalém, e não em Roma.

Finalmente, as evidências finais de que Pedro não exercia nenhum ministério em Roma são as próprias cartas que Paulo escreveu *em* Roma, mencionando os irmãos na fé que estavam junto a ele naquela cidade, **mas nunca mencionou Pedro dentre essas pessoas**. As cartas de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom foram escritas por Paulo no mesmo período (60-61 d.C), enquanto esteve em prisão domiciliar registrada em Atos 28:14-31. Ele estava em uma casa alugada, onde por dois anos esteve livre para compartilhar o evangelho com todos os que se achegassem a ele.

Já a segunda epístola a Timóteo foi escrita nos anos 64 d.C, após o incêndio em Roma, quando Paulo esteve preso pela segunda vez. Em absolutamente nenhuma delas Pedro é sequer mencionado. Paulo costumava saudar as pessoas ao final de suas cartas, e também costumava mencionar pessoas que estavam junto a ele. Se Pedro estivesse em Roma, ele certamente seria mencionado em todas essas cinco cartas que Paulo escreveu em Roma. Afinal, quem seria mais importante a ser mencionado senão o próprio papa da Igreja cristã? Mas vamos analisar como foram as saudações enviadas pelo apóstolo ao final de suas cartas em Roma:

"**Epafras**[1], meu companheiro de prisão por causa de Cristo Jesus, envia-lhe saudações, assim como também **Marcos**[2], **Aristarco**[3], **Demas**[4] e **Lucas**[5], meus cooperadores. A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o espírito de todos vocês" (Filemom 1:23-25)

Aqui vemos a menção de cinco pessoas que lá estavam por essa ocasião: Epafras (que também foi citado em outra carta de Paulo escrita em Roma - 1Cl.1:5-7), que estava junto a ele na prisão, e mais quatro que estavam livres: Marcos, Aristarco, Demas e Lucas. Pedro não é citado por Paulo nem entre aqueles que estavam presos com ele, nem entre aqueles que estavam livres e eram seus cooperadores em Roma, em prol do reino de Deus. Seria um absurdo e um disparate inferir que Paulo simplesmente "se esqueceu" de mencionar Pedro, que era o mais importante, mas sempre se lembrou de citar todos os outros bem menos relevantes que o papa!

Em outra de suas cartas escritas em Roma, Paulo diz:

"Saúdem a todos os santos em Cristo Jesus. Os irmãos que estão comigo enviam saudações. Todos os santos lhes enviam saudações, especialmente os que estão no **palácio de César**[1]. A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o espírito de vocês. Amém" (Filipenses 4:21-23)

Na epístola aos Filipenses, Paulo prefere generalizar ao invés de citar nome por nome como fez em Filemom. Ele cita apenas "os irmãos que estão comigo" (v.21) enviando saudações, sem mencioná-los nominalmente. Mas perceba um detalhe de crucial importância: Paulo faz questão de ressaltar os que estão no "palácio de César". Ora, por que razão ele faz menção ao palácio de César (um centro político e pagão), mas não faz menção nenhuma ao episcopado papal (ou a "Cátedra de Roma"), que seria muitíssimo mais importante, sendo nada a mais e nada a menos do que a própria sede e centro de todo o Cristianismo, como querem os católicos?

Seria muio mais presumível que Paulo fizesse menção a Cátedra de Roma em lugar de (ou junto com) o palácio de César. Não estou diminuindo a importância daqueles que estavam no palácio de César, mas apenas acentuando o caráter de muito maior valor que seria a sede do Cristianismo romano caso lá realmente residisse o papa. É inadmissível, portanto, crer que Paulo se lembraria dos que estavam no palácio de César mas se esqueceria daqueles que estavam na "Cátedra de São Pedro"! Vejamos também como o apóstolo conclui a sua carta aos colossenses:

"**Tíquico**[1]lhes informará todas as coisas a meu respeito. Ele é um irmão amado, ministro fiel e cooperador no serviço do Senhor. Eu o envio a vocês precisamente com o propósito de que saibam de tudo o que se passa conosco, e para que ele fortaleça os seus corações. Ele irá com **Onésimo**[2], fiel e amado irmão, que é um de vocês. Eles irão contar-lhes tudo o que está acontecendo aqui. **Aristarco**[3], meu companheiro de prisão, envia-lhes saudações, bem como **Marcos**[4], primo de Barnabé. Vocês receberam instruções a respeito de Marcos, e se ele for visitá-los, recebam-no. **Jesus, chamado Justo**[5], também envia saudações. Estes são os **únicos da circuncisão** que são meus cooperadores em favor do Reino de Deus. Eles têm sido uma fonte de ânimo para mim. **Epafras**[6], que é um de vocês e servo de Cristo Jesus, envia saudações. Ele está sempre batalhando por vocês em oração, para que, como pessoas maduras e plenamente convictas, continuem firmes em toda a vontade de Deus. Dele dou testemunho de que se esforça muito por vocês e pelos que estão em Laodicéia e em Hierápolis. **Lucas**[7], o médico amado, e **Demas**[8], enviam saudações" (Colossenses 4:7-14)

Oito pessoas podem ser identificadas na carta que Paulo escreveu de Roma aos colossenses, como estando junto a ele (em Roma). Ele cita Tíquico, Jesus e Onésimo, e mais cinco nomes que já estavam com ele antes, e já tinham sido mencionados em sua carta a Filemom: Aristarco, Marcos, Epafras, Demas e Lucas. Dois fatos saltam aos olhos: o primeiro é que Pedro novamente não é mencionado em Roma pela terceira vez consecutiva, o que anula as possibilidades de Paulo ter amnésia em relação a presença de Pedro em Roma. E a segunda é que ele cita no verso 11 quais eram os **únicos** que eram da circuncisão que cooperavam com ele em favor do reino de Deus em Roma.

Ele diz que os "únicos da circuncisão" (i.e, os únicos *judeus*) que estavam com ele em Roma eram Tíquico, Onésimo, Aristarco, Marcos e Jesus. Pedro era judeu de nascença, então deveria estar no grupo dos circuncisos que estavam com Paulo em Roma. Mas ele faz questão de dizer que aqueles que ele havia citado (sem mencionar Pedro) eram os **únicos** da circuncisão que eram seus cooperadores em Roma (v.11). Portanto, ao dizer "únicos", ele *exclui* a possibilidade de haver algum judeu além daqueles citados que estivesse com ele em Roma. Então, não é apenas por Paulo *não citar* Pedro, mas por ele deixar claro a *impossibilidade* de Pedro estar em Roma assim como ele, senão ele não diria "únicos", que exclui a possibilidade de haver alguém mais além dos citados.

Por fim, a segunda epístola de Paulo a Timóteo aniquila de uma vez por todas com o mito de Pedro como papa em Roma porque esse tal papa que a igreja Católica diz que existia novamente não é mencionado:

"Procure vir logo ao meu encontro, pois **Demas**[1], amando este mundo, abandonou-me e foi para Tessalônica. **Crescente**[2] foi para a Galácia, e **Tito**[3], para a Dalmácia. **Só Lucas**[4] **está comigo**. Traga **Marcos**[5] com você, porque ele me é útil para o ministério. Enviei **Tíquico**[6] a Éfeso (...) Procure vir antes do inverno. **Êubulo**[7], **Prudente**[8], **Lino**[9], **Cláudia**[10] e todos os irmãos enviam-lhe saudações. O Senhor seja com o seu espírito. A graça seja com vocês" (2ª Timóteo 4:9-12, 21,22)

Nessa última carta de Paulo escrita em Roma, já na sua segunda prisão (64 d.C), quando Pedro já devia estar há 22 anos no poder a essa altura, há notáveis diferenças em relação a carta escrita por ele a Filemom e a carta por ele escrita aos colossenses. Nestes sete anos que se passaram, houve algumas mudanças no cenário: Demas, que o havia acompanhado nas duas últimas ocasiões, já o havia abandonado (v.9), e mais duas pessoas tinham tomado rumos diferentes: Crescente e Tito. Apenas Lucas continuava junto a Paulo. Ao dizer **"só Lucas"**, ele exclui as chances de haver mais algum outro além dele.

Além disso, nenhum dos quatro irmãos que enviaram saudações a Timóteo (Êubulo, Prudente, Lino e Cláudia) era Pedro. Assim, vemos que Pedro nunca estava com Paulo em Roma, e nem ao menos enviava saudações a alguém!

Quando os católicos se deparam com todas essas evidências bíblicas esmagadoras contra a tese do primado de Pedro em Roma, eles são obrigados a dizer que "Pedro estava de viagem". Quando Paulo não cita Pedro em Roma aos filipenses, é porque "Pedro estava viajando". Quando Paulo não cita Pedro em Roma aos colossenses, é porque "Pedro estava viajando". Quando Paulo não cita Pedro em Roma a Filemom, é

porque "Pedro estava viajando". E quando Paulo não cita Pedro em Roma em 2ª Timóteo, é porque "Pedro estava viajando"!

Em outras palavras, durante dois anos pregando a palavra em Roma sem impedimento algum (At.28:30,31), Paulo não viu Pedro porque **este esteve viajando o tempo todo! Ele nunca estava em Roma!**

Mas essa tese de que Pedro nunca estava em Roma e estava sempre viajando também não se sustenta à luz do texto que acabamos de conferir, o de 2ª Timóteo 4:10, pois Paulo **fala quais eram aqueles que saíram de viagem** em alguma missão evangelística e cita Crescente e Tito, e aqueles que o deixaram simplesmente por apostasia, como Demas. Mais uma vez, Pedro não aparece em nenhuma parte, nem mesmo entre aqueles que o deixaram ou saíram de viagem!

Portanto, a conclusão óbvia e inequívoca que podemos chegar é que **Pedro não estava em Roma e nem havia saído de viagem!**

Por tudo isso, se Pedro tinha mesmo um ministério em Roma ele era secreto, incógnito, invisível, escondido, disfarçado, camuflado e oculto, o que só pode nos levar a concluir que **Pedro estava em Roma em missão secreta.**

Ou então que ele nunca foi bispo de Roma.

16

De que "Babilônia" Pedro escrevia?

"Aquela que está em Babilônia, também eleita, envia-lhes saudações, e também Marcos, meu filho" (1ª Pedro 5:13)

Este verso tem sido tradicionalmente interpretado pelos católicos como sendo a evidência bíblica que eles precisavam para dizer que Pedro era bispo de Roma. Ainda que o texto não fale nada de Roma. Na verdade, o texto somente diz que Pedro escrevia da "Babilônia", que *os católicos entendem como sendo Roma*. Em outras palavras, pela falta de alguma passagem bíblica que coloque Pedro em Roma, eles precisam pegar uma passagem que diz uma coisa totalmente diferente, que fala da Babilônia e não de Roma, que não diz uma vírgula sobre Pedro estar em Roma e dizem que ela é a prova que faltava para provar que Pedro escrevia em Roma!

Para tanto, eles apelam para a simbologia apocalíptica de João em torno da figura enigmática da Babilônia espiritual, que sabemos que se trata de uma outra cidade. De fato, como evangélico, creio que em *linguagem apocalíptica* essa cidade é uma referência a Roma, mas seria mesmo correto usar essa mesma lógica para dizer que Pedro se referia

a Roma quando escreveu 1ª Pedro 5:13? Temos muitas razões para acreditar que **não**.

Em primeiro lugar, porque a linguagem apocalíptica de João é totalmente diferente do conteúdo não-enigmático e literal empregado por Pedro. João escreve um livro alegórico, repleto de simbologias, altamente metafórico, onde é totalmente presumível que Babilônia seja uma referência a algo igualmente não-literal, assim como *todo o contexto que o rodeia*. Mas Pedro não escreve um livro apocalíptico ou alegórico: ele escreve um livro de conteúdo literal e doutrinário, uma epístola apostólica assim como as de Paulo, Tiago, Judas e as três de João.

Portanto, deduzir que a Babilônia que aparece em Apocalipse é exatamente a mesma Babilônia que aparece em 1ª Pedro é um absurdo, pois estaria assemelhando livros diferentes, em épocas diferentes e em contextos e linguagens inteiramente distintas. Estaria misturando *alhos* e *bugalhos*. Estabelecendo um critério lógico e consistente, a Babilônia de Apocalipse deve ser uma alegoria porque todo o contexto é alegórico e aponta para isso, e a Babilônia de 1ª Pedro deve ser literal porque todo o contexto é literal e aponta para isso.

Em segundo lugar, não há qualquer indício de que o termo "Babilônia" tenha sido utilizado como figura de Roma antes da escrita do Apocalipse. Todas as evidências históricas que possuímos apontam unanimemente que o Apocalipse foi escrito por João em torno de 95 d.C[112], enquanto 1ª Pedro foi escrita por esse apóstolo em torno de 64 d.C. Portanto, temos pelo menos trinta anos de distância entre um escrito e outro, e nenhum sinal histórico de alguém que tenha usado o codinome *Babilônia* para a cidade chamada *Roma*.

E isso nos leva ao terceiro ponto: se Babilônia já era usada como codinome para Roma já na época de 1ª Pedro (64 d.C), então a identidade da Babilônia no Apocalipse de João não seria um **"mistério"**, como ele deixa claro (Ap.17:5), pois *já teria sido desvendada* há muito tempo. Afinal, para os católicos, os cristãos já criam que Babilônia era Roma pelo menos trinta anos antes de João escrever o Apocalipse, então não haveria "mistério" nenhum ali, mas algo óbvio para qualquer cristão que existisse.

E, se era realmente um "mistério", como João nos diz claramente, isso nos mostra que **até aquela época ninguém sabia qual era o codinome para a Babilônia espiritual**, o que derruba as possibilidades de algum cristão comum ler a epístola de Pedro e saber do que se trata. Se era um mistério em 95 d.C, certamente não era algo claro em 64 d.C. E se esse "mistério" não havia sido desvendado, ninguém poderia saber que a Babilônia era Roma, tornando inócuo e sem sentido escrever dizendo estar na Babilônia se isso não

[112] <http://heresiascatolicas.blogspot.com.br/2012/11/manual-de-como-esmagar-o-preterismo-com.html>

seria entendido por cristão nenhum (e nem poderia ser, pois deixaria de ser "mistério"!).

Em quarto lugar, isso criaria um dilema escatológico muito sério ao próprio catolicismo romano, que é adepto da doutrina preterista do Apocalipse, que afirma que os acontecimentos como a grande tribulação, o derramamento da ira divina, o surgimento do anticristo e a condenação da "Babilônia" já aconteceu em 70 d.C, na batalha entre Jerusalém e Roma. Assim, eles creem que a Babilônia espiritual seja um codinome para **Jerusalém**, que seria a "prostituta do Apocalipse" na visão deles, distinguindo-se da visão protestante tradicional, baseada na interpretação *futurista* do Apocalipse e onde a Babilônia espiritual seria Roma.

Em outras palavras, os católicos estariam criando um dilema contraditório consigo mesmos ao afirmarem que Babilônia é um codinome para Roma, se eles creem escatologicamente que Babilônia não é um codinome para Roma, mas para Jerusalém. Vale ressaltar que os preteristas questionam a data histórica do Apocalipse e apontam para meados da década de 60 d.C, o que nos leva indubitavelmente para muito próximo do período em que o próprio Pedro escrevia sua primeira epístola, em 64 d.C. Dito em termos simples, se dois apóstolos escreveram ao mesmo tempo com a mesma figura de linguagem sobre a Babilônia, é incoerente e até absurdo pensar que eles estivessem se referindo a coisas tão distintas. Obviamente, um deve seguir a mesma linha do outro, e não contradizê-lo.

Diante deste dilema tão grande, recordo-me de certo debatedor católico que afirmava em alto e bom som em todas as comunidades de debates em que participava, dizendo que Pedro escrevia de Roma baseando-se nessa passagem de 1ª Pedro 5:13, e dizendo que a Babilônia era Roma. Mais tarde, ele criou um site católico sobre o preterismo e foi questionado sobre este mesmo tema. Se Babilônia é Roma, como dizem os católicos, por que para João (na visão católica preterista) é Jerusalém?

Sem conseguir se desvincular desse paradoxo, ele foi forçado a afirmar que Pedro escrevia *em Jerusalém* essa epístola, e que Babilônia era um codinome para Jerusalém, e não para Roma. Ele preferiu salvar a tese católica preterista e afundar a tese católica no primado de Pedro em Roma do que o inverso. Isso mostra a volubilidade de tais apologistas católicos, que são forçados a reverem suas crenças à luz de sua escatologia, e ter que lidar com o dilema entre derrubar uma crença ou derrubar outra, entre salvar o primado de Pedro ou salvar o preterismo. De qualquer forma, um católico não pode escapar desse dilema sem deixar de ser imparcial ou sem afundar um dos dois para salvar o outro.

Em quinto lugar, há um detalhe muito importante nessa passagem que é pouco percebido por muitos, que é quanto Pedro fala que a Babilônia era **igualmente eleita**, o

que indica, nitidamente, que não pode se tratar da Babilônia espiritual em um sentido alegórico, pois a Babilônia espiritual não era um sinônimo de espiritualidade, mas de tudo aquilo que era satânico e corrompido:

Em 1ª Pedro 5:13:

"Aquela que está em Babilônia, **também eleita**, envia-lhes saudações, e também Marcos, meu filho" (1ª Pedro 5:13)

No Apocalipse:

"E ele bradou com voz poderosa: 'Caiu! Caiu a grande Babilônia! Ela se tornou **habitação de demônios** e antro de **todo espírito imundo** antro de **toda ave impura e detestável**, pois todas as nações beberam do vinho da fúria da sua prostituição. Os reis da terra se prostituíram com ela; à custa do seu luxo excessivo os negociantes da terra se enriqueceram'. Então ouvi outra voz do céu que dizia: '**Saiam dela, vocês, povo meu, para que vocês não participem dos seus pecados**, para que as pragas que vão cair sobre ela não os atinjam! Pois **os pecados da Babilônia acumularam-se até o céu, e Deus se lembrou dos seus crimes**. Retribuam-lhe na mesma moeda; paguem-lhe em dobro pelo que fez; misturem para ela uma porção dupla no seu próprio cálice'" (Apocalipse 18:2-6)

É claro que não se trata da mesma coisa. Em um texto, não há nada negativo sendo dito sobre a Babilônia; ao contrário: é dito apenas que ela é igualmente ***eleita***. Já no outro, vemos ela sendo descrita como uma prostituta que é habitação de demônios e de todos os espíritos imundos e aves detestáveis, e um clamor para que o povo de Deus saia dela, pois seus pecados e crimes se acumularam até o Céu.

Já vimos que é altamente inconsistente crer que João se referisse a uma Babilônia espiritual e Pedro também, mas que, ainda assim, estivessem se referindo a Babilônias diferentes. E vimos também que é ainda mais incoerente crer que as duas Babilônias sejam a mesma. A única solução é que a Babilônia relatada em 1ª Pedro não é uma alegoria ou uma "Babilônia espiritual", mas uma Babilônia literal, como um local físico, enquanto João sim estaria se referindo a uma Babilônia espiritual.

E isso nos leva ao sexto ponto: será mesmo que Pedro estava sendo enigmático ao escrever 1ª Pedro 5:1? Já vimos que todo o contexto de 1ª Pedro não é alegórico como o Apocalipse, mas literal; que não existem indícios históricos do termo "Babilônia" sendo usado de forma alegórica e não literal antes de 95 d.C na escrita do Apocalipse; que a tradição católica preterista do Apocalipse afirma ser Jerusalém a Babilônia espiritual, e não Roma; e que a distinção entre a Babilônia de 1ª Pedro 5:13 e a do Apocalipse deixa nítido que não se trata de uma mesma Babilônia literal ou uma mesma Babilônia

alegórica, mas de uma Babilônia literal e uma Babilônia alegórica, e a alegórica seria a do Apocalipse.

Assim sendo, sobraria a nós o mais provável: que a linguagem expressa por Pedro em 1ª Pedro 5:13 ao se referir à Babilônia não é uma linguagem enigmática, mas literal. Pedro estava *realmente* na Babilônia geográfica, e não passando um "enigma" a ser desvendado por seus leitores. Ora, sabemos que a Babilônia histórica existia no século I d.C como cidade pequena à beira do Eufrates. Alguns poderiam afirmar que ela fica em uma região muito afastada, mas temos que lembrar que Pedro "viajava por todas as partes" (At.9:32).

Além disso, existiam outros locais geográficos na época que poderiam ser literalmente identificados como a Babilônia, como a Babilônia *egípcia*, que era um posto militar, ou a Babilônia da Mesopotâmia. Qualquer uma dessas três possibilidades seria mais provável do que a da Babilônia como sendo uma figura enigmática que indicaria a Roma, pois, como vimos, todas as evidências apontam para um contexto literal e não enigmático para 1ª Pedro 5:13.

Isso tudo nos leva ao sétimo e último ponto importante a ser destacado: **por que razão Pedro empregaria uma linguagem metafórica onde poderia perfeitamente ter feito uso de uma linguagem real?** Os católicos afirmam que é porque Pedro estaria temendo uma possível "perseguição" ou "represália" da parte das autoridades romanas caso citasse o nome de Roma ali, de tal modo que era necessário que ele usasse tal linguagem enigmática. Isso, contudo, carece de confirmação bíblica ou ao menos lógica.

Primeiramente, porque os apóstolos estavam dispostos a pagarem o preço para seguirem a Cristo até o fim, custe o que custar e não importando as circunstâncias. A História nos conta que Pedro morreu martirizado, crucificado de cabeça para baixo por escolha própria. Sendo assim, é incoerente e totalmente sem sentido que ele fosse até a morte por Cristo sem medo da cruz e nem das autoridades romanas, aceitando a morte por crucificação, mas tivesse medo de uma simples *palavra* que pudesse empregar em 1ª Pedro 5:13!

Segundo, porque, mesmo se este fosse o caso, aquela citação não estava em um contexto onde Pedro estaria falando *mal* de Roma. Diferente de João, que escreveu repetidas vezes que a Babilônia espiritual que ele se referia era uma prostituta demoníaca que seria destruída no fogo, Pedro nada de mal fala a respeito da Babilônia; ao contrário, a única coisa que ele diz a seu respeito era que ela era **igualmente eleita por Deus**, como vimos anteriormente. Assim sendo, como Pedro poderia temer represálias das autoridades romanas se ele nada falou de mal sobre Roma em 1ª Pedro 5:13, mas, ao contrário, a elogia?

E, em terceiro, se era necessário por alguma razão que Pedro deixasse de mencionar "Roma" em seus escritos, então por que **todos os outros escritores bíblicos escreveram sobre Roma sem rodeios?** Interessante é notar que Lucas escreveu o livro de Atos em torno de 62 d.C, data muito próxima da escrita de 1ª Pedro, em 64 d.C. Mas Lucas nunca precisou omitir o nome da cidade de Roma, ou dizer "Babilônia" no lugar de "Roma", mas a cita várias vezes, abertamente e sem rodeios:

"Ali encontramos alguns irmãos que nos convidaram a passar uma semana com eles. **E depois fomos para Roma"** (Atos 28:14)

Lucas não disse que depois eles foram a Babilônia, mas a Roma, sem rodeios, sem mistérios, sem enigmas a serem desvendados. E ele cita Roma várias vezes em seu livro – todas elas em um contexto que não envolve Pedro – em pelo menos **vinte e uma ocasiões**, como o leitor poderá conferir: Atos 19:21; 28:14; 28:16; 23:11; 18:2; 2:10; 28:15; 25:5; 16:38; 16:12; 22:28; 28:17; 22:26; 16:21; 22:27; 21:31; 26:15; 16:37; 23:27; 22:29; 22:25.

Devemos ressaltar que Lucas escrevia *na mesma época* que Pedro, e mesmo antes disso os cristãos **já eram perseguidos**, razão porque eles foram dispersos de Jerusalém (At.8:4), que Estêvão foi apedrejado até a morte (At.7:58-60), que Cláudio expulsou os judeus de Roma (At.18:2), que os apóstolos foram açoitados por pregarem a ressurreição de Cristo (At.5:40), que Paulo era perseguido e preso ao longo de toda a vida desde que se converteu. Os cristãos já eram perseguidos, mas mesmo assim isso nunca impediu qualquer um deles em mencionar Roma abertamente, sem impedimento ou medo algum.

É por essa razão que Paulo nunca escreveu uma "Carta aos Babilônicos", mas sim uma Carta aos Romanos, e que nessa carta ele cita Roma e os romanos diversas vezes, sem qualquer problema. O mesmo apóstolo Paulo citou nominalmente Roma novamente em 2ª Timóteo 1:17, por volta de 67 d.C, quando já estava próximo da morte e no ápice da perseguição de Nero aos cristãos.

Finalmente, se Pedro temesse colocar o nome de "Roma" em sua carta porque as autoridades romanas poderiam "confiscar" a carta, ele nem teria escrito a carta, visto que esse nome não passaria de um mero detalhe sem importância, em comparação com o conteúdo geral que permeia toda a epístola, onde ele prega o evangelho e condena o pecado. Se ele temesse mencionar Roma, temeria muito mais escrever todas as verdades cristãs que existem nela, que é o que *realmente* poderia causar estranhamento das autoridades romanas, mas não um simples *nome* apenas, e que, como vimos, está em um contexto *benéfico* e não depreciativo à Babilônia! Se a carta inteira pôde ser escrita, então obviamente a saudação final, com a simples menção a um nome, também poderia ser escrita.

Assim, não há qualquer lógica, sentido ou razão em afirmar que Pedro iria agir diferente de todos os outros escritores bíblicos e se omitir em relação a Roma. Mas faz todo o sentido que apologistas desesperados em conseguirem algum argumento façam uso de toda a sua imaginação para encontrar Pedro exercendo um episcopado em Roma.

17

Pedro nunca foi bispo de Roma

"Pedro só chegou a Roma nos últimos anos da sua vida, e a sua função de bispo não passa de uma lenda. Prova disso é que seu nome não aparece nas listas mais antigas da sucessão episcopal" (Peter De Rosa, HISTORIADOR, "Vicars of Christ")

Nos últimos dois capítulos, analisamos se as evidências históricas presentes no amplo testemunho da Sagrada Escritura oferecem alguma base para a tese de que Pedro foi bispo de Roma, e descobrimos exatamente o contrário da tese católica: que Pedro nunca foi bispo de Roma, muito menos pelos 25 anos que a Igreja Católica atribui a seu primado. Além disso, conferimos também que o lugar de onde Pedro escrevia sua epístola também não era um codinome para Roma, mas uma Babilônia literal e geográfica, antes que alegórica e simbólica que representasse outra cidade.

Todas as evidências apresentadas ressoam o fato indiscutível de que, biblicamente, é um absurdo colocar Pedro como bispo de Roma. Mas, quando todos os seus argumentos bíblicos são neutralizados e quando eles se deparam com o fato de que

a Bíblia nega do início ao fim que Pedro tivesse sido bispo de Roma, os católicos apelam para o testemunho histórico dos Pais da Igreja, que viveram séculos depois de Pedro.

Então, se é com fontes históricas extra-bíblicas que os apologistas católicos querem debater, é isso o que eles terão.

As obras históricas primitivas negam o primado de Pedro em Roma

Iremos abordar a partir de agora as fontes primitivas que em sua totalidade atestam que Pedro nunca esteve em Roma como papa, mas que apenas *morreu crucificado* naquele lugar, sem exercer um *bispado* ali. Em outras palavras, dizemos que Pedro nunca foi papa, que ele nunca foi *bispo* de Roma, muito menos durante "25 anos", e que, de acordo com a tradição dos Pais da Igreja, ele foi para lá somente ao final de sua vida, para ser martirizado – e não para se tornar bispo daquele lugar.

Para isso, podemos analisar duas fontes históricas antigas:

(1) Os livros apócrifos escritos por cristãos nos primeiros séculos.

(2) As obras dos Pais da Igreja dos primeiros séculos.

O que iremos analisar primeiramente são as obras cristãs apócrifas dos primeiros séculos. Não irei levar em consideração aquelas que foram escritas por gnósticos ou não-cristãos, ou por pessoas que militavam contra o evangelho e que frequentemente inventavam estórias. Irei me limitar a passar aqui as fontes históricas vindas de livros que, embora não tenham sido reconhecidos como parte integrante do cânon e não devam ser tomados como *regra de fé e doutrina*, podem ser levados em consideração como um importante conteúdo *histórico*.

Alguém poderia alegar que não seja correto usar livros apócrifos do Novo Testamento para provar alguma coisa, porque eles não fazem parte do cânon. O problema com este argumento é que, usando essa mesmíssima lógica, deveríamos então rejeitar inteiramente os escritos dos Pais da Igreja como fonte histórica, pois tais escritos *também* não fazem parte do cânon, e, portanto, os católicos também não poderiam fazer uso deles.

O fato é que livros apócrifos escritos por cristãos podem ser levados em consideração em aspectos ***históricos*** (assim como qualquer outro livro de História ou livro antigo), mas não em aspecto ***doutrinário*** (pois carece de inspiração do Espírito Santo para isso). Eu poderia tranquilamente escrever em um livro que Brasília é a capital do Brasil e

que Barack Obama é o presidente dos Estados Unidos – que nada mais é do que a apresentação de dados verdadeiros. Não há nenhum problema em fazer isso, pois são fatos históricos e sociais, e não *doutrina*. Porém, se eu quisesse lançar as bases de uma *doutrina* que seja estranha à Escritura, estarei condenado por causa disso.

A mesma coisa ocorre com os livros apócrifos. Como eles não foram divinamente inspirados (o que os diferenciam da Escritura canônica), eles não podem ser levados em conta pelo aspecto doutrinário. Porém, como qualquer outro livro, eles podem ser levados em consideração em fatores culturais ou históricos, assim como os escritos dos Pais da Igreja, que, mesmo sem serem divinamente inspirados e sem fazerem parte do cânon, nós os respeitamos e os levamos em conta quando divergimos acerca de algum fato histórico ou cultural, o qual eles relatam com detalhes.

Tendo em vista isso, vamos começar com a análise dos "Atos de Paulo", escrito por volta de 160 d.C. Note que a data é muito mais próxima da era apostólica do que a grande maioria das obras citadas pelos católicos – portanto, é de maior confiança em função de sua maior *proximidade* a eles. Nele, podemos ver que os cristãos guardavam o fato histórico de que, quando Paulo chegou a Roma, só havia Lucas e Tito a sua espera, contrariando a tese romana de que Pedro também o esperava, como papa:

"Ora, **havia em Roma, à espera de Paulo, Lucas da Galácia, e Tito da Dalmácia**. Com os irmãos, ele ensinou a palavra da verdade, e ele tornou-se propalado no exterior e muitas almas foram acrescentadas ao Senhor, de modo que houve um boato por toda a Roma, e muitas pessoas vinham ter com ele na casa de César, e creram, e houve grande alegria"[113]

Por que Pedro novamente não é sequer *citado*? Simplesmente porque ele não estava em Roma à espera de Paulo. Isso não se deu por causa de um desprezo de Pedro com relação a Paulo, evitando dar as boas vindas ao seu colega de ministério. Ao contrário, ocorreu simplesmente porque **Pedro realmente não estava em Roma**!

Era comum os cristãos conhecidos de uma cidade virem receber os seus irmãos em Cristo que iam para lá. Como já mostramos, quando Paulo foi a Jerusalém foi recebido por Tiago (At.21:18). Se Pedro fosse papa em Roma, ele certamente teria recebido Paulo junto a Lucas e Tito, que eram os únicos que o acompanharam em Roma.

Mas não foi somente na hora de receber o seu colega de ministério que Pedro parece inexistente em Roma. Também ao longo de todo o livro – até a conclusão e o martírio – Pedro simplesmente é absolutamente omitido da história. Até mesmo quando

[113] Atos de Paulo – O Martírio, 10:1.

Paulo profetiza acerca de quem estaria próximo à sua sepultura, apenas Lucas e Tito são mencionados, novamente deixando Pedro de fora:

"Vem depressa até minha sepultura de manhã e achareis dois homens orando, **Tito e Lucas**"[114]

"O centurião foi no início da manhã e se aproximou com medo da sepultura de Paulo. E, quando chegou lá, viu dois homens orando **[Lucas e Tito]**, e Paulo entre eles"[115]

Do início ao fim da obra, vemos que Pedro não estava em Roma quando Paulo foi conduzido para lá, o que ocorreu por volta dos anos 61-62 d.C, e, portanto, Pedro já deveria estar como "papa" lá a aproximadamente vinte anos, de acordo com a cronologia católica!

Em outra obra apócrifa, também não vemos qualquer menção de Pedro em Roma junto ao apóstolo Paulo. Tudo o que vemos é a menção de "alguns irmãos", sem a citação de Pedro, que também não aparece do início ao fim da estadia de Paulo em Roma, conquanto que novamente tenham sido mencionados outros irmãos com ele:

"Ele [Paulo] levou com ele **alguns irmãos que estavam com ele em Roma**, embarcando em um navio no Ostrium, e pelos ventos foram levados em segurança para o céu da Espanha"[116]

Finalmente, a confirmação de que Pedro só chegou a Roma no final de sua vida (portanto, como "visitante", e não como "bispo" dali) podemos ver claramente nos Atos de Xantipas, que remete ao terceiro século d.C:

"Enquanto ela disse essas palavras, aqueles que a estavam arrastando andaram com pressa e, vindo para a costa, eles contrataram um navio e viajaram para a Babilônia, pois aquele que a levou tinha um irmão lá, um governante de um distrito. Mas o vento soprava contra eles, de modo que não poderiam continuar por causa dela, e eles ficaram a remo no mar, quando o grande apóstolo do Senhor, Pedro, foi passado em um navio à vela, sendo incitado por um sonho **ir a Roma**, pois **quando Paulo partiu para a Espanha** tinha entrado em Roma um enganador e mágico, chamado Simão, e tinha quebrado a igreja que **Paulo havia estabelecido**"[117]

[114] Atos de Paulo – O Martírio, 10:5.
[115] Atos de Paulo – O Martírio – 10:7.
[116] Apócrifo de Atos, Cap.29.
[117] Atos de Xantipas, Polyxea e Rebeca, Cap.24.

Note que o "sonho" de Pedro em ***ir a Roma*** só ocorreu ***depois*** de Paulo ter ido para a Espanha. Algumas evidências nos mostram que Paulo foi liberto da prisão em 63 d.C e que visitou a Espanha, como ele próprio afirma em Romanos 15:24. O livro apócrifo de Pedro (Séc.II) também narra a visita de Paulo a Espanha, que ocorreu por volta de 63-64 d.C, antes de ele ser novamente julgado pelos romanos e ser executado em Roma. Portanto, tendo em vista que o sonho de Pedro em visitar Roma ocorreu **depois que Paulo partiu para a Espanha**, é totalmente impossível que isso tenha ocorrido antes de 64 d.C, como a Igreja Católica alega.

Ademais, note que Pedro tinha o "**sonho de ir a Roma**". Se Pedro *já fosse* bispo de Roma, tal "sonho" seria completamente sem sentido. Seria o mesmo que afirmar que o papa tem o sonho de visitar o Vaticano (onde já estaria há quase vinte e cinco anos!). Vale ressaltar também que, segundo o texto, antes de Pedro sonhar em ir a Roma Paulo já havia estabelecido as bases daquela igreja local. Sabemos que Paulo só chegou a Roma pela primeira vez por volta de 61-62 d.C, e ainda deveria ter levado um tempo considerável até que Simão destruísse todo o trabalho de Paulo. Portanto, a passagem de visita de Pedro a Roma só pode ter se dado bem depois disso.

De qualquer forma, podemos observar nas obras históricas cristãs dos primeiros séculos que:

1º Quando Paulo chegou a Roma, Pedro não estava lá, nem para recebê-lo em sua chegada, nem tampouco no momento de seu julgamento (veja também os textos de 2ª Timóteo 4:11 e 16).

2º Pedro só teve o "sonho de ir a Roma" ***depois*** que Paulo partiu para a Espanha; ou seja, após 64 d.C (pouco tempo antes do ano da sua morte).

3º Pedro não era bispo de Roma, mas tinha o *desejo* de um dia ir para lá de *passagem*.

4º Quando Pedro criou o desejo de visitar Roma, Paulo já havia estabelecido as bases daquela igreja (portanto, após 62 d.C), e ela já havia sido quebrada pelo mágico Simão (o que também deve ter levado alguns anos até que isso ocorresse).

Tudo isso corrobora juntamente com o fato óbvio e presente ao longo de toda a Escritura: que Pedro nunca foi papa em Roma, muito menos foi bispo de lá durante 25 anos. Ao contrário, todas as evidências históricas juntamente nos apontam que Pedro só chegou a Roma no ***final de sua vida***, para ser martirizado (*depois* que Paulo já havia lançado as bases daquela igreja), e não para ser papa por 25 anos!

Os escritos dos Pais da Igreja negam o primado de Pedro em Roma

O nosso próximo passo a partir de agora será analisar a única fonte utilizada pelos católicos: os Pais da Igreja. Segundo eles, tais bispos e escritores eclesiásticos teriam guardado "provas" do bispado de Pedro em Roma. Nada mais longe da verdade. Veremos que a própria patrística desmente por completo o mito do primado de Pedro em Roma, começando pelo fato de que, de acordo com eles, Pedro era bispo de Antioquia, e não de Roma:

"Ao mesmo tempo adquiriram notoriedade Papias, bispo da igreja de Hierápolis, e Inácio, o homem mais célebre para muitos ainda hoje, segundo a obter a **sucessão de Pedro no episcopado de Antioquia**"[118]

Para os Pais da Igreja, Pedro era bispo de Antioquia, e não de Roma. Eles relatam Pedro em Roma no período final de sua vida, próximo ao martírio, mas não com a função de bispo, tampouco durante os 25 anos propostos pelo catolicismo. Alguns alegam que Pedro foi primeiro bispo de Antioquia, mas *depois* passou a ser bispo de Roma. Essa tentativa de refutação, na verdade, não passa de uma mera desculpa – um pretexto absurdo que os papistas inventaram para disfarçar o fato incontestável de que Pedro não dirigia a Igreja de Roma.

Várias razões nos levam a crer que Pedro de modo algum deixou de ser bispo de Antioquia para se tornar bispo de Roma. Em primeiro lugar, **porque absolutamente em lugar nenhum da história da Igreja primitiva alguém deixa de ser bispo de algum lugar para se transferir a outro ou se tornar bispo de dois lugares diferentes ao mesmo tempo!**

Com isso, é evidente que eu não estou dizendo que os apóstolos ficavam trancados dentro de uma única cidade sem poderem sair de lá. Ao longo de toda a Escritura podemos ver que Pedro, Paulo e praticamente todos os apóstolos constantemente viajavam para inúmeras regiões. O que eu estou dizendo é que ninguém *deixava de ser bispo de uma comunidade para se tornar de outra*! Em outras palavras, o bispo de Jerusalém podia viajar muito para outras regiões do mundo, **mas não deixava de ser o bispo de Jerusalém** por causa disso.

Da mesma forma ocorre com o bispo de Alexandria, com o de Roma, com o de Antioquia, etc. Cada sede metropolitana cristã era dirigida por um bispo, que continuava sendo bispo dela até o fim de sua vida, ainda que viajasse também para outros lugares

[118] Eusébio de Cesareia, História Eclesiástica, Livro III, 36:2.

para pregar o evangelho ou sofresse o martírio em algum outro lugar. A lenda de que Pedro primeiro foi bispo de Antioquia e depois passou a ser bispo de Roma é tão falsa que o próprio Concílio de Niceia, no século IV, tratou de desmentir isso nas seguintes palavras:

"Bispos, presbíteros e diáconos não se transferirão de cidade para cidade, mas deverão ser reconduzidos, se tentarem fazê-lo, para a igreja para a qual foram ordenados... Os presbíteros ou diáconos que desertarem de sua própria igreja **não devem ser admitidos em outra**, mas devem ser **devolvidos à sua própria diocese**. A ordenação **deve ser cancelada se algum bispo ordenar alguém que pertence a outra igreja**, sem consentimento do bispo dessa igreja. Nem presbíteros, nem diáconos, **nem qualquer outro registrado no Clero, que não tenha ante si o temor de Deus**, nem atenda ao Cânon Eclesiástico, poderá temerariamente **retirar-se de sua própria igreja, conseguindo por qualquer meio ser aceito por outra igreja**. Toda persuasão deverá ser aplicada para **reconduzi-los a suas próprias paróquias; e, se não voltarem, deverão ser excomungados**"[119]

O Concílio de Niceia deixa bem claro que bispos, presbíteros, diáconos ou "qualquer outro registrado no Clero" **não poderiam se transferir para outra diocese, deixando aquela em que estavam antes**. De fato, aqueles que saíam de sua diocese, querendo se tornar bispo de outra, não deveriam ser nelas admitidos. Eles deviam ser reconduzidos a sua própria diocese, ou então seriam excomungados! Isso elimina as chances de Pedro ter sido primeiro bispo de Antioquia, mas depois ter deixado Antioquia e ter se tornado bispo de Roma. Isso é uma aberração histórica!

Alguém não poderia deixar uma diocese para ocupar um cargo eclesiástico em outra. Se Pedro tivesse trocado Antioquia por Roma (como dizem os católicos), então ele estaria incluído entre aqueles que, de acordo com o Concílio, seriam ***excomungados*** da Igreja! Convenhamos: se Pedro, que os católicos dizem ter sido o primeiro papa, tivesse dado o "ótimo exemplo" de se transferir de diocese, será mesmo que o Concílio de Niceia seria tão veementemente contrário a isso, a tal ponto de punir com excomunhão aqueles que assim fizessem?

Será que eles iriam contrariar a autoridade e atitude do primeiro papa, aquele que os católicos dizem ser o "chefe dos apóstolos"? É claro que não. Na verdade, como diz o Cânon XV deste mesmo concílio, essa moda de trocar de diocese era um **costume atual** (i.e, um costume que eles consideravam inadequado e que estava sendo praticado por alguns daquela época), e não algo que sempre tivesse sido praticado na Igreja.

[119] Cânon XV e XVI do Concílio de Nicéia, 325 d.C.

Se desde Pedro (um dos primeiros apóstolos) já estivesse sendo praticada a troca de dioceses (sendo o próprio Pedro um exemplo disso), então isso não seria um problema *daqueles tempos* (i.e, séc.IV, quando o Concílio de Niceia proibiu por decreto esta prática), mas sim algo que já era feito *desde os primórdios* (pelo menos desde Pedro).

Isso quebraria com toda a ordem, a lógica e o bom senso. Apenas para listar alguns dos sérios problemas que o catolicismo enfrenta ao tentar conciliar o fato de que os Pais da Igreja falam claramente em Pedro ter sido bispo de Antioquia, tentando juntar isso ao primado romano com algum passe de mágica, podemos incluir:

1º Que não existe absolutamente nenhum relato de algum apóstolo ou de qualquer bispo do primeiro ou segundo século que tenha trocado de diocese, se tornando bispo de outra. Os católicos querem mesmo que acreditemos que bem exatamente Pedro é a única exceção, pois esta é a única forma de adequarem a História às suas lendas!

2º Mesmo que Pedro tivesse sido uma excepcional exceção sem igual na História da Igreja no primeiro século, o Concílio de Niceia desmente isso, pois afirma que isso era um costume atual, corrente nos dias deste concílio. Em outras palavras, se desde Pedro já fosse praticada a troca de diocese, então eles não iriam dizer que isso era um problema "atual"! Afinal, desde os primórdios já ocorreriam exemplos disso, deixando o cânon XV do concílio nulo e sem sentido.

3º Ainda que Pedro tivesse sido uma excepcional exceção e que os bispos que tomaram as decisões do Concílio de Niceia tivessem passado por uma amnésia coletiva, esquecendo-se totalmente do exemplo de Pedro, mesmo assim os católicos terão que explicar como é que eles proibiram com o anátema da excomunhão algo que foi praticado naturalmente pelo próprio papa!

Se Pedro realmente foi papa e verdadeiramente foi bispo de Roma, então ele estaria incluído no número daqueles que, se estivessem naqueles dias, passariam pela excomunhão. Será mesmo que este concílio se equivocaria a tal ponto, de condenar o próprio papa?

Devemos deixar claro novamente que cada bispo era bispo de uma única diocese. O caro leitor pode pesquisar em qualquer acervo histórico da Igreja primitiva que não vai achar Inácio deixando Antioquia e se tornando bispo de Jerusalém, ou Cirilo deixando Jerusalém e se tornando bispo de Antioquia. Por mais que o católico procure, não achará Clemente deixando Roma e se tornando bispo de Alexandria, Cipriano deixando Cartago e se tornando bispo de Milão, ou Agostinho deixando Hipona e se tornando bispo do Egito.

Cada um era bispo de uma única diocese, e ficava nela até o fim de sua vida. Ele podia visitar outras, podia viajar pelo mundo, *podia ser martirizado em Roma*, mas em termos técnicos e eclesiásticos continuava fiel como bispo de sua metrópole. Aconselho a todos a leitura do livro "História Eclesiástica", de Eusébio de Cesareia (265-339 d.C). Nele, o autor nos mostra que cada bispo administrava uma única diocese, e também deixou claro quem dirigia qual diocese, tais como:

Jerusalém – Tiago
Alexandria – Marcos
Antioquia – Pedro
Roma - ???

Sendo que é nos dito claramente que Pedro foi bispo de Antioquia e que não existia essa história de mudar de diocese para se tornar bispo de alguma outra, devemos perguntar: quem foi, então, o primeiro bispo de Roma? Ora, essa o mesmo Eusébio responde lucidamente:

"Depois do martírio de Paulo e de Pedro, **Lino foi designado como primeiro bispo de Roma**. Ele é mencionado por Paulo quando escreve de Roma a Timóteo, na despedida ao final da carta"[120]

Lino, e não Pedro, foi o primeiro bispo de Roma! Este verso de Eusébio fala por si mesmo. Depois do tempo em que Paulo e Pedro passaram pelo martírio em Roma, foi Lino o primeiro e oficial bispo daquela igreja local. Alguns católicos tentam distorcer o sentido claro do texto de Eusébio dizendo que Pedro abandonou o bispado de Antioquia e se tornou bispo de Roma, sem ninguém ficar sabendo disso. Então, eles tentam dizer que o que Eusébio realmente quis dizer é que Lino foi o ***segundo*** bispo de Roma, e não o primeiro (porque o primeiro para eles foi Pedro).

Esta interpretação é uma distorção escandalosa da passagem do historiador eclesiástico Eusébio de Cesareia. Ele estava relatando quem foi designado **primeiro** bispo de Roma, e não o segundo! Se Pedro tivesse sido o primeiro bispo de Roma e Lino foi somente o segundo, então o texto ficaria assim:

"...Lino foi designado o ***segundo*** bispo de Roma..."

Porém, ele foi designado o **primeiro**, porque é ele quem aparece em primeiro lugar na lista de bispos romanos. Veremos mais adiante que os historiadores eclesiásticos

[120] História Eclesiástica, Livro III, 2:1.

que viveram nos primeiros séculos atestavam que Anacleto foi o segundo, Clemente foi o terceiro, e assim por diante, **sempre começando a contar a partir de Lino**. A contagem começa com Lino – primeiro bispo de Roma – e não com Pedro.

Outros católicos tentam escapar dessa evidência alegando que Lino foi o segundo porque Eusébio diz que ele foi bispo de Roma "depois do martírio de Paulo e de Pedro". Então, eles tentam dizer: "Veja aí, Pedro foi o primeiro, Lino foi depois"!

Essa tentativa de refutação, contudo, carece inteiramente de fundamento. Eusébio só está dizendo que o primeiro bispo de Roma, Lino, só passou a ocupar o seu cargo depois dos famosos martírios dos apóstolos. Ele não está dizendo que Paulo e Pedro foram bispos ***antes*** dele (se fosse assim, ele teria sido o "segundo" ou "terceiro" designado como bispo de Roma, e não o "primeiro"), mas sim que ***o martírio*** de Paulo e Pedro ocorreu antes. Seria o mesmo que eu dissesse:

"Depois que Dom Pedro II foi exilado, Deodoro da Fonseca foi designado como primeiro presidente do Brasil"

Será que o fato de Deodoro da Fonseca ter sido designado o primeiro presidente *depois* do exílio de Dom Pedro II significa que não foi Deodoro o primeiro presidente da República, mas Dom Pedro II? É claro que não. Da mesma forma, o fato de Lino ter sido o primeiro bispo de Roma *depois* das mortes de Paulo e Pedro não significa que Paulo e Pedro foram bispos antes dele.

Em ambos os casos, o acontecimento anterior está apenas elucidando o tempo ou acontecimento em que se deu o segundo. O "depois" de Dom Pedro II está relacionado ao seu ***exílio***, e não ao fator de primeiro ***presidente*** da República, o que ele nunca foi. Da mesma forma, o "depois" de Paulo e Pedro está relacionado ao seu ***martírio***, e não ao cargo de bispo, o qual Lino foi o primeiro. Se estivesse relacionado aos seus cargos de *bispos de Roma*, então o texto deveria ser corrigido para ficar desta maneira:

"Depois que Pedro foi bispo de Roma, Lino foi designado como o segundo bispo de Roma"

Porém, como vemos, a menção de Pedro (e de Paulo) não tem nada a ver com eles serem ***bispos de Roma*** (o que contrariaria a sequencia direta do verso que mostra que Lino foi o primeiro), mas sim com o fato deles terem sido ***martirizados*** em Roma. Muitos – incluindo Inácio de Antioquia e o apóstolo Paulo – sofreram o martírio na cidade de Roma, mas nunca foram bispos de Roma!

E ainda que essa defeituosa interpretação feita por alguns católicos estivesse correta e a gramática estivesse errada, mesmo assim as coisas só iriam *piorar* para o lado deles. Isso porque Eusébio não cita Pedro *sozinho*, mas o cita junto ao apóstolo Paulo, e pior: coloca Paulo antes de Pedro!

Em outras palavras, confirmando a interpretação clara e correta anteriormente apresentada, se Eusébio estivesse querendo dizer que Pedro foi o primeiro e Lino foi o segundo, ele teria mencionado simplesmente Pedro – sozinho – e não o apóstolo Paulo, já que **a Igreja Católica nunca admitiu que Paulo tivesse sido bispo de Roma!** Se a primeira parte do verso tem relação à função de bispo *antes de Lino*, então não somente Pedro, mas o próprio Paulo (que também é mencionado juntamente com Pedro, e antes deste) deveria ter ocupado a "cátedra de Roma".

Portanto, o fato de que Paulo é mencionado junto a Pedro demonstra que Eusébio não estava dizendo que eles foram os primeiros bispos antes de Lino (pois Paulo nunca foi bispo de Roma), mas simplesmente que eles foram martirizados ali, e Lino foi o primeiro bispo de Roma. Eusébio segue uma ordem lógica dos acontecimentos. Sabendo-se que Paulo chegou a Roma em 61-62 d.C e que Pedro só chegou a Roma *depois* disso (possivelmente pouco antes de ter sido martirizado), Eusébio cita Pedro *depois* de Paulo, porque estava relatando uma ordem de acontecimentos na qual *Paulo aparece antes de Pedro.*

Se ele quisesse dizer que Pedro foi o primeiro bispo, teria descartado Paulo do mesmo verso (pois este não foi bispo de Roma), e colocado Lino como sendo o segundo. Os católicos surpreendentemente enxergam o seguinte quando lêem aquele mesmo verso:

"Depois que Paulo e Pedro **[foram bispos de Roma e]** sofreram o martírio, Lino foi designado o **[terceiro]** bispo de Roma"

Seguindo a lógica, se a primeira parte do verso se refere ao bispado de quem foi *antes* de Lino, então isso deveria ser atribuído também ao apóstolo Paulo (antes do próprio Pedro que é mencionado *depois*) e, consequentemente, Lino teria sido o ***terceiro*** (estaria depois de Paulo e Pedro), Anacleto o *quarto*, Clemente o *quinto*, etc. Felizmente, é nos dito que **Anacleto foi o segundo e Clemente foi o terceiro, confirmando o fato de que Lino foi o primeiro:**

"Paulo também atesta que **Clemente** - instituído **terceiro bispo da Igreja de Roma** - foi seu colaborador e companheiro de luta"[121]

[121] História Eclesiástica, Livro III, 4:9.

Fazendo as contas:

1º Lino
2º Anacleto
3º Clemente

Se Pedro tivesse sido o *primeiro* bispo de Roma, então Eusébio estaria novamente se enganando e sequer estaria conseguindo contar até três, errando essa conta simples e esquecendo-se de que de Pedro (o 1º) até Clemente daria 4, e não 3! **Será mesmo que Eusébio não sabia contar até três?**

Mesmo que os católicos pensem que Eusébio foi um péssimo matemático, infelizmente eles terão que aceitar o fato de que, se Clemente é o terceiro, então **Lino foi o primeiro** e Anacleto o segundo. A contagem não começa com Pedro, simplesmente porque **Pedro nunca foi bispo de Roma!**

Eusébio ainda confirma em outra citação que o primeiro bispo de Roma foi Lino, depois Anacleto:

"**O primeiro foi Lino**, e depois dele, Anacleto"[122]

Não há qualquer sombra de dúvida quanto a isso. Eusébio em momento *nenhum* afirma que "o primeiro bispo de Roma foi Pedro", que "Lino foi o *segundo* bispo de Roma" ou que Pedro esteve em Roma **na função de bispo daquela diocese.** O que o leitor poderá encontrar em toda a extensa obra de Eusébio é a menção de que Pedro veio a Roma ***no final de sua vida***, para ser martirizado:

"Pedro, segundo parece, **pregou no Ponto, na Galácia e na Bitínia, na Capadócia e na Ásia, aos judeus da diáspora; *por fim* chegou a Roma e foi crucificado com a cabeça para baixo**, como ele mesmo pediu para sofrer"[123]

Prestem atenção na expressão perfeitamente aplicada por Eusébio:

"...*por fim* chegou a Roma"

Como teria Pedro abandonado a diocese de Antioquia "do nada" para ficar **25 anos como papa em Roma**, se Eusébio afirma que só **"por fim"** que Pedro chegou a

[122] História Eclesiástica, Livro III, 21:1.
[123] História Eclesiástica, Livro III, 1:2.

Roma? Ele é claro em afirmar categoricamente os lugares onde Pedro mais pregou o evangelho, e não cita Roma:

"...pregou no Ponto, na Galácia e na Bitínia, na Capadócia e na Ásia"

Se Pedro tivesse predominantemente ficado 25 anos como bispo de Roma, o mais provável é que ele tivesse afirmado que...

"...pregou em Roma e ficou lá por vinte e cinco anos"

Porém, os lugares apontados por Eusébio como sendo aqueles nos quais Pedro mais pregou o evangelho sequer incluem Roma! A continuação do verso é por demais clara, mostrando ***para quem*** que Pedro pregou:

"...aos judeus da diáspora"

Aos judeus da diáspora, e não aos romanos gentios! E, finalmente, ele aponta quando foi que Pedro *finalmente* chegou a Roma – **"por fim"** – e acompanha com a descrição da ***finalidade*** pela qual ele chegou lá no final de sua vida: "...e foi crucificado de cabeça para baixo". Ou seja:

(1) Os lugares onde Pedro mais pregou o evangelho foram:
a. Ponto.
b. Galácia.
c. Bitínia.
d. Capadócia.
e. Ásia.

(2) Os seus principais ouvintes foram:
a. Judeus da diáspora.

(3) Quando ele chegou a Roma:
a. "Por fim".

(4) Qual a finalidade da sua ida a Roma no fim:
a. Para ser crucificado de cabeça para baixo.

Uma exegese simples nos responde claramente a todas as nossas principais questões, com uma grande facilidade de entendimento. O ensinamento claro da Escritura é basicamente o mesmo ensinado pelos Pais. Se Pedro sempre tivesse sido o bispo de

Roma, Eusébio também não teria dito que ele **"chegou"** a Roma para ser martirizado, afinal, ele ***sempre esteve lá***, não é mesmo?

Por exemplo, se eu ficasse vinte e cinco anos morando em São José dos Pinhais e depois morresse, será que alguém diria que eu **"cheguei"** a São José dos Pinhais para ser morto? É claro que não. Simplesmente por uma razão muito simples: eu ***já estava lá*** – e a longos "vinte e cinco anos"! Portanto, todas as evidências nos historiadores que viveram nos primeiros séculos atestam e confirmam que Pedro não foi bispo de Roma. Ele *chegou* a Roma, no *fim* de sua vida, *depois* de ter pregado em inúmeros lugares da Ásia, aos judeus da diáspora, e não em Roma ou aos romanos.

Orígenes (185-253 d.C) expressou o mesmo parecer quando ele disse:

"Pedro, ***finalmente*** tendo ido para Roma, lá foi crucificado de cabeça para baixo"[124]

Este **"finalmente"** nos deixa claro que Pedro não ficou em Roma os 25 anos como querem os católicos, mas apenas no final de sua vida, ***finalmente***, e com a finalidade claramente exposta ali mesmo – de ser crucificado de cabeça para baixo (morrer martirizado). A mesma coisa aconteceu com Paulo, como o próprio Eusébio atesta:

"E o que dizer de **Paulo**, que desde Jerusalém até o Ilírico cumpriu com a pregação do Evangelho de Cristo e **finalmente sofreu martírio em Roma** sob Nero?"[125]

Exatamente o mesmo que é dito com relação a Pedro, é dito com relação a Paulo! Podemos fazer a mesma ligação com respeito a este outro apóstolo, de acordo com aquilo que foi dito por Eusébio:

(1) Os lugares onde Paulo mais pregou o evangelho foram:
a. De Jerusalém até o Ilírico.

(2) Quando ele chegou a Roma:
a. "Por fim".

(3) Qual a finalidade da sua ida a Roma no fim:
a. Sofrer o martírio sob Nero.

A situação de ambos era basicamente *a mesma*: ambos pregaram o evangelho em muitos lugares, no final de suas vidas chegaram a Roma, e lá foram martirizados. E, da

[124] Fragmento de Orígenes preservado em "História Eclesiástica", disponível também neste site católico: <http://agnusdei.50webs.com/test7.htm>. Acesso em: 02/10/2013.
[125] História Eclesiástica, Livro III, 1:3.

mesma forma, sabemos que Paulo nunca foi bispo de Roma, mas lá chegou de passagem (como um prisioneiro), para ser julgado, condenado e morto. Quando Pedro chegou a Roma, também no final de sua carreira, foi detido pelos romanos por estar pregando o evangelho junto a Marcos, conforme atesta Eusébio de Cesareia, foi julgado, e foi condenado a morte por crucificação.

A semelhança é marcante entre ambos, e nos mostra que Eusébio sabia o que estava fazendo ao relatar que Pedro só chegou a Roma por fim, pois escreveu exatamente o mesmo com relação a Paulo, *que realmente só chegou a Roma no final de sua carreira*! Lactâncio (240-320 d.C) acrescenta que Pedro **só veio a Roma quando Nero já estava reinando**:

"Seus apóstolos eram nesse tempo em número de onze, os quais agregaram Matias, no lugar de Judas o traidor, e em seguida Paulo. Depois se dispersaram através de toda a terra pregando o Evangelho, como o Senhor e Mestre lhes havia ordenado; durante 25 anos até o início do reino do Imperador Nero, eles se ocuparam em assentar as bases da Igreja em cada província e cidade. E enquanto **Nero** reinava, o apóstolo Pedro **veio** a Roma"[126]

Segundo a tradição católica, Pedro foi bispo de Antioquia por sete anos, obtendo depois disso o bispado de Roma, onde esteve durante vinte e cinco anos. De acordo com essa teoria, então, Pedro teria sido o primeiro papa em Roma desde o ano 42 d.C até a sua morte, em 67 d.C. Portanto, durante 25 anos. O incrível é que essas datas são tão inventadas que os próprios católicos entram em contradições consigo mesmos.

Por exemplo, eles dizem que Evódio (o segundo bispo de Antioquia, sucessor de Pedro) começou a ocupar o cargo de bispo daquela diocese em 53 d.C, sendo que Pedro teria sido bispo dali de 37 d.C a 53 d.C (quando Evódio passou a assumir o cargo). Porém, pelas mesmas contas católicas, Pedro já estaria em Roma desde 42 d.C! Sabe o que isso significa? Significa simplesmente que *durante onze anos Pedro era bispo de dois lugares ao mesmo tempo*! De 37 d.C a 53 d.C ele esteve sendo bispo de Antioquia, mas desde 42 d.C ele já estava como bispo em Roma!

Ou seja, durante onze anos havia duas "cátedras de Pedro" (uma em Antioquia e outra em Roma), e uma mesma e única pessoa ocupando um mesmo e único cargo em dois locais diferentes! Lactâncio, porém, desmente isso afirmando que Pedro **"veio a Roma"** no reinado de Nero, como vimos anteriormente. Vale a pena repetir:

"...E enquanto **Nero** reinava, o apóstolo Pedro **veio** a Roma"

[126] Carta a Donatus – A Maneira pela qual os Perseguidores Morreram – Cap.II.

Se quando Pedro veio a Roma Nero já estava reinando, então segue-se logicamente que **durante pelo menos doze anos que os católicos colocam Pedro em Roma era impossível que ele estivesse lá!** Sabemos que Nero começou a reinar em 54 d.C. Se Pedro se tornou papa em Roma em 42 d.C, então Lactâncio teria dito que Pedro veio a Roma no final do reinado de Calígula (41 d.C) ou no início do reinado de Cláudio (42 d.C), mas nunca somente no reinado de Nero, o que eliminaria praticamente a metade dos anos que os católicos equivocadamente colocam Pedro em Roma!

Este fato pode não estar de acordo com as cronologias católicas, mas certamente estão em conformidade com as cronologias bíblicas e evangélicas. Pedro só chegou a Roma no final de sua vida; **portanto, quando Nero estava reinando**. Nero reinou até 68 d.C, Pedro foi morto em 67 d.C. Quando Pedro chegou a Roma, Nero já estava em Roma. Pouco tempo depois ele foi julgado e morto por ordem deste imperador romano. Como sempre, a matemática católica se mostra deficiente em relação aos fatos apresentados pela patrística e pelas obras históricas dos primeiros séculos – além da própria Sagrada Escritura.

Por fim, devemos destacar que Eusébio também confirma que Paulo, enquanto escrevia de Roma, **não tinha a companhia do seu "papa" Pedro**. Ele atesta que no momento em que Paulo escrevia a sua segunda carta a Timóteo, em Roma, somente Lucas que o acompanhava, enquanto que na sua primeira defesa, nem sequer este:

"Pois bem, **na segunda carta das que enviou a Timóteo afirma que, no momento em que a escrevia, somente Lucas o acompanha, enquanto que, quando fez sua primeira defesa, nem sequer este**. De onde se deduz que Lucas provavelmente concluiu os Atos dos Apóstolos neste tempo, havendo narrado o que sucedeu enquanto esteve com Paulo"[127]

Por que Eusébio não citou Pedro junto? Será que este abandonou Paulo, largando-o sozinho para ser julgado? É claro que não. O fato é que Pedro nem sequer estava em Roma, motivo pelo qual não tinha como ajudar o seu amigo Paulo. Eusébio sabia disso, e descreveu o fato nas mesmas palavras do próprio apóstolo. Se Pedro estivesse em Roma, alguém tão importante como ele não poderia passar tão despercebido, e ele poderia ajudar Paulo, ou no mínimo estar junto a ele. Porém, nem uma coisa nem outra acontecem, simplesmente porque Pedro ainda não havia chegado a Roma.

Pedro não ficou predominantemente em Roma, pois Eusébio afirma quais foram os lugares onde ele mais pregou o evangelho, e não inclui Roma nisso:

[127] História Eclesiástica, Livro II, 22:6.

"Pelas palavras de Pedro em sua Carta, da qual já dissemos que é aceita, e que escreve aos hebreus da diáspora, moradores do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia, **percebe-se claramente em que províncias ele pregou a Cristo e transmitiu a doutrina do Novo Testamento aos que procediam da circuncisão**"[128]

De acordo com Eusébio, Pedro escreveu a sua primeira carta exatamente para aqueles que estavam nas regiões onde ele mais pregou Cristo, transmitindo a doutrina do Novo Testamento. Porém, **ele não faz qualquer menção de Roma ou aos romanos**, mas somente ao Ponto, a Galácia, a Capadócia, a Ásia e Bitínia, aos da circuncisão (judeus). É incrível que Eusébio tenha se "esquecido" daquele lugar tão importante no qual os católicos insistem em colocar Pedro como um papa reinando durante vinte e cinco anos: **Roma!**

Refutando os argumentos católicos

Como acabamos de ver, os Pais da Igreja não tinham qualquer ligação com a tese do catolicismo referente ao primado de Pedro em Roma. Antes, eles se limitavam a dizer que Pedro chegou a Roma no final de sua vida, depois de ter pregado o evangelho em inúmeras regiões da Ásia como bispo de Antioquia, sendo martirizado no final do reinado do imperador Nero.

Tendo em vista que Pedro veio a Roma no período final de sua vida e lá foi martirizado, é comum encontrarmos muitas evidências patrísticas de que ele foi martirizado em Roma. Os católicos ficam cheios de esperança quando passam as suas "evidências" do bispado de Pedro em Roma, mas qualquer um que analisar honestamente os textos verá que nenhum deles tem qualquer ligação com *bispado*, muito menos com vinte e cinco anos de estadia em Roma, mas somente a um martírio naquele lugar, o que poucas pessoas contestam, visto que era muito comum naquela época os cristãos serem conduzidos a Roma para serem julgados e mortos.

Tal é o caso do apóstolo Paulo (que nunca foi bispo de Roma) e de Inácio de Antioquia (que também nunca foi bispo de Roma). Vejamos:

"Se, de fato, sou culpado de ter feito algo que mereça pena de morte, não me recuso a morrer. Mas se as acusações feitas contra mim por estes judeus não são verdadeiras, ninguém tem o direito de me entregar a eles. Apelo para César! Depois de ter consultado seus conselheiros, Festo declarou: 'Você apelou para César, para César irá!'" (Atos 25:11-12)

[128] História Eclesiástica, Livro III, 4:2.

Paulo foi transferido para Roma onde ele seria julgado pelo imperador romano em vigência (o "César"). Algum tempo depois ele seria condenado naquele mesmo lugar e ser martirizado no reinado de Nero, que era um imperador cruel ao extremo com os cristãos. O mesmo aconteceu com Inácio de Antioquia, já não mais sob Nero e já no início do segundo século (107 d.C): foi transferido para a cidade de Roma para ali ser martirizado pelos romanos. Vejamos a descrição de Eusébio de Cesareia quanto a isso:

"Ao mesmo tempo adquiriram notoriedade Papias, bispo da igreja de Hierápolis, e Inácio, o homem mais célebre para muitos ainda hoje, segundo a obter a sucessão de Pedro no episcopado de Antioquia. Uma tradição refere que este foi **trasladado da Síria à cidade de Roma** para ser alimento das feras, em testemunho de Cristo"[129]

Há uma inumerável quantidade de referências históricas de pessoas que foram martirizadas em Roma no final de sua vida, ***sem nunca terem sido bispos de Roma***! O mesmo aconteceu com Pedro, pelo o que várias passagens utilizadas pelos católicos em nada servem para pôr Pedro em Roma como bispo por 25 anos; ao contrário, somente confirmam aquilo que está sendo dito ao longo de todo este estudo. Vejamos algumas dessas passagens, começando pela carta de Clemente aos coríntios:

"Todavia, deixando os exemplos antigos, examinemos os atletas que viveram mais próximos de nós. Tomemos os nobres exemplos de nossa geração. Foi por causa do ciúme e da inveja que as colunas mais altas e justas foram perseguidas e lutaram até a morte. Consideremos os bons apóstolos. Pedro, pela inveja injusta, suportou não uma ou duas, mas muitas tribulações e, depois de ter prestado testemunho, foi para o lugar glorioso que lhe era devido. Por causa da inveja e da discórdia, Paulo mostrou o preço reservado à perseverança. Sete vezes carregando cadeias, exilado, apedrejado, tornando-se arauto no Oriente e no Ocidente, ele deu testemunho diante das autoridades, deixou o mundo e se foi para o lugar santo, tornando-se o maior modelo de perseverança"[130]

Este é um texto utilizado pelos católicos em que eles milagrosamente enxergam nestas linhas que Pedro esteve em Roma por vinte e cinco anos, largou Antioquia, virou papa e chefe dos apóstolos! Eu posso recomendar ótimos oftalmologistas para os apologistas católicos tratarem o seu problema de miopia, pois não há absolutamente nada neste texto que sequer indique de maneira indireta ou misteriosa que Pedro tenha sido papa em Roma por 25 anos!

[129] História Eclesiástica, Livro III, 36:2.
[130] Primeira Carta de Clemente aos Coríntios, 5:1-7.

O que Clemente fazia nada a mais era senão recordar os feitos heróicos de Pedro e de Paulo como um exemplo de perseverança, assim como o autor de Hebreus fez exaustivamente ao longo do capítulo 11 de Hebreus, na galeria dos heróis da fé. O autor de Hebreus utiliza exemplos dos profetas do Antigo Testamento, mas Clemente se utiliza de exemplos mais recentes, como os de Paulo e Pedro, que eram dois dos principais apóstolos. Embora cremos que Pedro foi martirizado em Roma, nem sequer isto o texto chega a dizer!

E, finalmente, se há algo de primado aí com relação a Pedro, então também deveríamos presumir o mesmo com relação a Paulo, já que ele é citado juntamente a Pedro no mesmo contexto! Será que existiam "dois papas" em Roma? É claro que não! Porém, vamos analisar as outras tentativas que vão daí para pior:

"Tudo isso eu não vos ordeno como Pedro e Paulo; eles eram apóstolos, e eu sou um condenado"[131]

Por Inácio ter dito isso (que não tinha a autoridade de Pedro e de Paulo para dar ordens), os católicos concluem, de alguma forma, que Pedro era bispo em Roma! É claro que Inácio não estava dizendo que Pedro era papa em Roma, este assunto nem sequer foi tratado ao longo de toda a carta. Inácio estava apenas reconhecendo que a sua autoridade era inferior à autoridade apostólica de Pedro e de Paulo. Eu poderia fazer a mesma coisa hoje e dizer que eu não tenho autoridade de dar ordens no mesmo nível de Pedro e Paulo. E daí? Será que eu estou reconhecendo Pedro como papa por causa disso? Será que eu estou tornando Pedro o "bispo de Roma" por essa razão? Óbvio que não.

Se o texto está mesmo se referindo ao papado, então Paulo também era papa, visto que Pedro não é mencionado sozinho! E se de alguma forma o verso citado tem alguma relação a vinte e cinco anos de primado de Pedro em Roma, então por que com Paulo deveria ser *diferente*, já que Paulo é citado exatamente *junto a Pedro*?

Sabemos que Paulo só chegou a Roma no período final de sua vida, que nunca foi papa e muito menos bispo de Roma. Se o que Inácio disse não serve para fazer de Paulo tudo isso, então por que razão deveria indicar tudo isso para Pedro, já que Pedro é citado ***juntamente*** com Paulo? Dois pesos, duas medidas! Vamos analisar agora alguns textos que eles utilizam nos escritos de Orígenes:

"Pedro, ao ser martirizado em Roma, pediu e obteve que fosse crucificado de cabeça para baixo"[132]

[131] ad Rom., c IV.
[132] Com. in Genes., t. 3.

"Pedro, finalmente tendo ido para Roma, lá foi crucificado de cabeça para baixo"[133]

Mais uma vez, vemos que o primeiro texto não coloca Pedro como *bispo* de Roma, mas apenas afirma o seu *martírio*. O segundo complementa o primeiro e afirma quando é que Pedro veio a Roma (*"finalmente tendo ido para Roma"*), ou seja, no período final de sua vida. Estes dois textos, completamente longe de validar qualquer afirmação católica, servem apenas para confirmar novamente aquilo que já está sendo dito este tempo todo neste capítulo.

Eles também se utilizam de fragmentos de Tertuliano, que disse:

"Feliz Igreja, na qual os Apóstolos verteram seu sangue por sua doutrina integral!

E falando da igreja em Roma:

"Onde a paixão de Pedro se fez como a paixão do Senhor"

Tertuliano também afirmou:

"Nero foi o primeiro a banhar no sangue o berço da fé. Pedro então, segundo a promessa de Cristo, foi por outrem cingido quando o suspenderam na Cruz"[134]

Novamente, em todos os textos tudo o que vemos é sobre o **martírio** de Pedro e Paulo, nada sobre a **primazia** de algum deles, muito menos sobre ser **bispo** de Roma! Se eles estivessem falando acerca de *bispado*, as citações ficariam possivelmente deste jeito:

"Tudo isso eu não vos ordeno como Pedro e Paulo; Pedro era papa, Paulo não" (Pseudo-Inácio)

"Pedro, depois de ocupar o episcopado em Roma por vinte e cinco anos, pediu e obteve que fosse crucificado de cabeça para baixo" (Pseudo-Orígenes)

"Nero foi o primeiro a banhar no sangue o berço da fé. Pedro então, segundo a promessa de Cristo, foi bispo de Roma por vinte e cinco anos" (Pseudo-Tertuliano)

Será que foi deste jeito que eles se expressaram? Objetivamente não. Eles apenas relatavam o *martírio* dos apóstolos (Pedro e Paulo), e geralmente associavam Pedro a

[133] Fragmento conservado em HE, III, 1.
[134] Scorp. c. 15.

Paulo em igualdade. Nada é nos dito sobre primado, sobre bispado em Roma ou sobre os tais "vinte e cinco anos" da fantasia católica. Eles querem enxergar aquilo que simplesmente não há no texto, para manipular os leitores mais simples.

Outro texto utilizado frequentemente pelos católicos é o do bispo de Corinto chamado Dionísio, que certa vez disse:

"Tendo vindo ambos a Corinto, os dois apóstolos Pedro e Paulo nos formaram na doutrina do Evangelho. A seguir, indo para a Itália, eles vos transmitiram os mesmos ensinamentos e, por fim, sofreram o martírio simultaneamente"[135]

Segundo eles, aí está a prova concreta de que Pedro assumiu a cátedra de Roma como bispo de lá por vinte e cinco anos! Não tão cedo. O que Dionísio afirma, na realidade, apenas serve para *destruir* as pretensões católicas, uma vez que ele afirma claramente que ***Pedro e Paulo vieram juntos para a Itália***. Ora, sabemos pelo livro de Atos (At.28:14-31) que Paulo só chegou a Roma relativamente no final de seu ministério, já pelos idos de 62 d.C! Sabe o que isso significa? Significa que, já que Dionísio afirma que eles vieram juntos a Itália, que durante pelo menos vinte anos em que a Igreja Católica colocou Pedro como bispo de Roma ele simplesmente não poderia estar lá!

Se Dionísio pensasse que Pedro era bispo de Roma (e Paulo não) e que estava naquela cidade há vinte e cinco anos (e Paulo não), simplesmente teria mencionado Pedro *sozinho*, ou como tendo chegado à Itália muito *antes* de Paulo. Porém, ele menciona os dois *juntos*, porque a citação não tem nada a ver com papado, episcopado ou qualquer coisa do tipo que os católicos enxergam onde não há nada a seu favor.

Além disso, Dionísio pode ter interpretado erroneamente os fatos históricos, uma vez sendo que o próprio livro de Atos nos deixa mais do que claro que Paulo não foi junto com Pedro a Roma, mas embarcou a Roma junto a Lucas e alguns outros, sem qualquer menção de Pedro (At.17:1-44; At.28:14-31). Será que Lucas esqueceria completamente que Pedro estava junto a eles no barco, viajando para Roma? É claro que não!

Portanto, a tradição de que Pedro e Paulo vieram juntos a Roma e lá fundaram aquela igreja local foi provavelmente uma tradição errônea, pois a igreja de Roma já existia muito antes do apóstolo Paulo ter chegado lá. Foi por isso que ele afirmou em sua epístola aos Romanos:

"Porque desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais confortados. Isto é, para que juntamente convosco eu seja consolado pela fé mútua,

[135] Evas. Hist. Eccl. II 25.

assim vossa como minha. Pois não quero que ignoreis, irmãos, como muitas vezes me tenho proposto ir ter convosco. Eu queria recolher algum fruto entre vós, como entre os outros pagãos, **mas até agora tenho sido impedido**" (Romanos 1:11-13)

Note que o apóstolo deixa claro que ele desejava vê-los, o que não havia sido possível até aquele momento em que ele escrevia aquela carta. Ele estava, até aquele momento, sendo *impedido* de visitar Roma. Isso significa que aquela igreja local já havia sido "fundada" antes de Paulo chegar lá; portanto, Paulo não pôde ter fundado aquela igreja. Paulo escreveu a sua epístola aos romanos aproximadamente entre 55-57 d.C, e nela vemos claramente que ela já existia antes mesmo do apóstolo Paulo chegar lá!

Portanto, a tradição de que Pedro e Paulo chegaram juntos a Roma e lá fundaram a Igreja é uma tradição tardia e errônea, se interpretada da maneira pela qual os papistas interpretam. Paulo nunca pretendeu "fundar" igreja nenhuma em Roma, mas apenas passar ***de visita***, como ele claramente diz em Atos e em Romanos:

"Depois dessas coisas, Paulo decidiu no espírito ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e pela Acaia. Ele dizia: Depois de haver estado ali, é necessário também que eu vá **visitar** Roma" (Atos 19:21)

"A ele suplico, se for de sua vontade, conceder-me finalmente ocasião favorável de vos **visitar**" (Romanos 1:10)

Portanto, Paulo queria chegar a encontrar os irmãos de Roma, não para ocupar o episcopado ou fundar aquela igreja (até porque ela já existia antes de Paulo chegar lá), mas para fazer uma *visita*, como todos os textos bíblicos atestam e o próprio apóstolo confirma várias vezes. Sendo assim, o "fundar" no texto de Dionísio não tem nada a ver com ser *bispo* daquela igreja (o que Paulo nunca foi), mas sim no mesmo sentido que todos os outros Pais da Igreja e a Escritura confirmam: no sentido de dar seu sangue pela doutrina de Cristo naquele lugar.

Fundar tem o sentido de "edificar, estabelecer, erigir". Os apóstolos Paulo e Pedro estabeleceram a fé dos irmãos de Roma ao serem martirizados. Como o próprio Tertuliano uma vez disse: *"sanguis martyrum est sêmen christianorum"* – *"o sangue dos mártires é semente de novos cristãos"*. Em outras palavras, os cristãos eram fundados sobre a ***semente do martírio***. Pedro e Paulo "fundaram" (i.e, edificaram, estabeleceram) a igreja de Roma com o seu próprio sangue, que era a semente da Igreja. Os cristãos de Roma, em especial, tinham a honra de que dois dos maiores apóstolos – Pedro e Paulo – derramaram o seu sangue naquele território.

Por isso a menção de "fundar" aquela igreja, que não está no sentido habitual de uso, mas sim no sentido que os cristãos primitivos usavam. Se o "fundar" ali está relacionado ao episcopado, então os católicos teriam que dividir o cargo de papa de Pedro com Paulo também. Afinal, Dionísio, no texto que eles usam, é muitíssimo claro em dizer que "os dois [Pedro e Paulo] nos formaram a doutrina do evangelho", e que "sofreram [no plural] o martírio simultaneamente". O mesmo podemos ver em **todos** os outros textos utilizados pelos católicos, especialmente naqueles que eles mais usam, os do presbítero Gaio, que no final do século II disse:

"Nós aqui em Roma temos algo melhor do que o túmulo de Filipe. Possuímos os troféus dos apóstolos fundadores desta igreja local. Ide à Via Ostiense e lá encontrareis o troféu de Paulo; ide ao Vaticano e lá vereis o troféu de Pedro"[136]

"Posso mostrar-vos os troféus (túmulos) dos Apóstolos. Caso queirais ir ao Vaticano ou à Via Ostiense, lá encontrareis os troféus daqueles que fundaram esta Igreja"[137]

Os "troféus", de acordo com todas as interpretações antigas, diz respeito aos túmulos de Pedro e de Paulo, que sofreram o martírio naquele lugar. Em outras palavras, o "fundar" não diz respeito ao *episcopado*, mas sim ao *martírio*.

Se "fundar" estivesse no sentido de "episcopado" (como os católicos insistem para defender o episcopado de Pedro em Roma), então deveríamos conceder o mesmo também a Paulo, já que tanto Dionísio (Evas. Hist. Eccl. II 25), quanto Irineu (Adv. haer.cf. III, I), como também Gaio (Hist. Eccl., II, XXVIII) proclamam a mesma mensagem em colocar Pedro **junto a Paulo** em absolutamente todas as ocasiões.

Em resumo, se os católicos fossem criteriosos aqui, teriam que conceder o mesmo também a Paulo, que é mencionado junto a Pedro em todos os textos citados por eles. Porém, como vemos pela Bíblia, pelos Pais da Igreja e pela confissão dos próprios católicos, conferimos que:

-Paulo só chegou a Roma no período final de sua vida.
-Paulo nunca foi bispo de Roma.
-Paulo nunca ocupou o episcopado em Roma por 25 anos.
-Paulo foi martirizado em Roma.

O mesmo também é igualmente aplicado a Pedro, que:

[136] Fragmento conservado em "História Eclesiástica", de Eusébio de Cesareia.
[137] ibid.

-Só chegou a Roma no período final de sua vida.
-Nunca foi bispo de Roma.
-Nunca ocupou o episcopado em Roma por 25 anos.
-Foi martirizado em Roma.

De qualquer forma, ainda que os católicos discordem da interpretação evidente dos textos, teriam que largar o critério, a lógica e o bom senso se quiserem propor com aqueles textos acima que Pedro era papa em Roma. Afinal, todos eles, sem exceção, colocam Paulo junto a Pedro. Logo, se Pedro era papa por causa daqueles textos, Paulo não poderia deixar de ser. Se Pedro esteve vinte e cinco anos no episcopado de Roma, Paulo também.

E, se Pedro ficou 25 anos em Roma, por que Paulo não teria ficado? Por que aqueles textos que misteriosamente "provam" que Pedro foi bispo de Roma não servem para provar que Paulo também era? Os dois são mencionados juntamente, no mesmo contexto e na mesma ocasião. Se a deturpação católica em cima de tais textos da patrística estivesse correta, então pelo bom senso teríamos que atribuir a mesma interpretação para Paulo, o que a própria Igreja Católica não admite.

Mas, se aqueles textos não servem para colocar Paulo em Roma por 25 anos, como bispo ou chefe dos apóstolos, então certamente não deve valer também para Pedro, que é mencionado junto a ele! Finalmente, vale a pena mencionar um texto que constantemente aparece em cena em muitos sites católicos, de tal forma que eu não poderia deixar passar essa sem nenhuma consideração de tamanha adulteração. Roda pela internet um texto **falsamente atribuído a Eusébio**, que diz:

"Pedro, de nacionalidade Galileia, o primeiro pontífice dos cristãos, tendo inicialmente fundado a Igreja de Antioquia, se dirige a Roma, onde, pregando o Evangelho, continua vinte e cinco anos Bispo da mesma cidade" (Eusébio, História Eclesiástica)

Este é um texto **mentiroso, farsante, adulterado** e que possui 450 resultados na pesquisa do Google só de sites católicos divulgando essa mentira! Qualquer pessoa com um mínimo de interesse no livro de Eusébio de Cesareia percebe com facilidade que essa passagem simplesmente não existe no seu livro. Podem até pesquisar na "procura" por qualquer palavra-chave ("Pontífice", "Pedro", "Roma", "Antioquia", ou qualquer outra) que **não irá encontrar absolutamente nada parecido com isso**!

Outro fato interessante é que *absolutamente todos* estes sites católicos que divulgam essa farsa não passam a referência de onde Eusébio disse isso. A grande maioria não coloca nada, e outros inventaram simplesmente que está na "História Eclesiástica". Este foi um método mais fácil que os farsantes utilizaram, já que a História Eclesiástica de

Eusébio é composta de **10 livros**, nestes livros há **inúmeros capítulos** e nestes capítulos há outros **incontáveis versos**! Em outras palavras, eles se utilizaram de um método muito simples para camuflarem a sua adulteração descarada, que não é encontrada em parte alguma dos escritos de Eusébio.

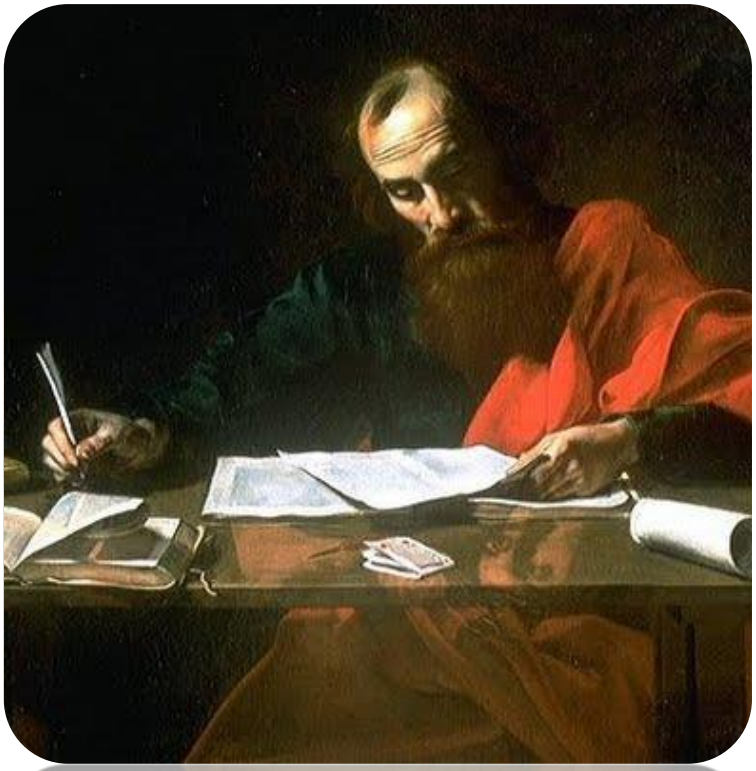
Curiosamente, as outras passagens sempre tem referência exata, *mas quando chega neste texto falsamente atribuído a Eusébio, as referências somem!* Essa foi uma medida mais desesperada que os papistas se utilizaram para tentarem, em última instância, salvarem a tese católica dos "25 anos de Pedro em Roma". Sabendo eles que todos os textos anteriores são facilmente refutáveis e que carecem de uma interpretação criteriosa da parte deles, tiveram que apelar para a falsificação de um mais direto que realmente provasse a tese deles, mas que infelizmente é completamente adulterado.

É digno de nota que a primeira vez em que essa tese entra em cena é no século V depois de Cristo, ou seja, **quase quatrocentos anos depois da morte de Pedro!** Todos os Pais da Igreja que viveram antes deste tempo (e que foram mostrados aqui neste estudo detalhado sobre o tema), incluindo historiadores da Igreja primitiva (como Eusébio) e outros que viveram próximos aos apóstolos, unanimemente negavam a crença do primado de Pedro em Roma, alegando sempre que Pedro só chegou a Roma de passagem no fim de sua vida, já sob o reinado de Nero, para ser crucificado de cabeça pra baixo.

O primeiro a pregar o primado de Pedro e sua estadia em Roma por 25 anos foi Jerônimo, já no princípio do século V, sendo seguido por Sulpício Severo. O mais curioso é que *estes autores são da mesma época*, o que evidencia claramente que foi neste período em que alguém influente dentro da Igreja (provavelmente o próprio Jerônimo) passou a inventar essa lenda que se divulgou facilmente nos séculos seguintes.

18

Cronologia histórica da vida de Pedro



Seguindo os dados de tudo o que foi apresentado até aqui, tanto das evidências bíblicas como das evidências extra-bíblicas, podemos traçar uma cronologia fiel da vida de Pedro, desmistificando a ilusão de que ele tenha estado em Roma por vinte e cinco anos como Sumo Pontífice de todos os cristãos.

[37 – 43 d.C]

1. Segundo a própria tradição católica, Pedro passa a ocupar o episcopado da igreja de Antioquia (HE, Livro III, 36:2). Os Pais da Igreja e os concílios cristãos nos ensinam que um episcopado era **irrevogável**; portanto, ele não poderia ter se transferido e se tornado bispo de uma *outra diocese*, o que é repudiado pelo Concílio de Niceia sob a pena de excomunhão (Cânon XVI de Niceia).

2. Pedro é citado estando em muitas cidades, tais como Jerusalém (At.8:1), Samaria (At.8:25), Lida (At.9:32), Cesareia (At.10:1), Jope (At.10:5) e Antioquia (Gl.2:11); porém absolutamente nada é nos dito sobre a estadia dele ***em Roma***, até o momento de Lucas concluir o livro de Atos, já em plena década de 60 da primeira era cristã, quando Pedro supostamente estaria no episcopado de Roma invisivelmente há 18 anos!

3. Os apóstolos não foram dispersos junto aos demais no episódio de Atos 8:1. Portanto, Pedro não foi para Roma, mas continuava em Jerusalém.

4. Quando Pedro e João foram enviados para a Samaria (At.8:14), eles voltaram pregando o evangelho em "muitos povoados samaritanos" (At.8:25), sem passar por Roma.

5. Pedro não ocupava a "cátedra de Roma", mas, ao contrário, "viajava por toda parte" (At.9:32)!

[44 – 45 d.C]

6. Por um bom tempo, os cristãos que foram dispersos não anunciavam o evangelho a ninguém, senão "apenas aos judeus" (At.11:19). Como os romanos não eram judeus, fica difícil conciliar a ideia de que rapidamente Pedro se instalou por lá, procurando algum judeu para pregar o evangelho!

7. Pedro não foi ocupar a catedral de Roma, pois ele é narrado ***em Jerusalém*** sendo preso por Herodes com a intenção de matá-lo, sendo liberto por intervenção divina (At.12:2-17).

8. Pouco tempo depois, Herodes é morto (At.12:23), sendo tal fato narrado por Flávio Josefo como tendo ocorrido no quarto ano do reinado do imperador romano Cláudio. Sabemos historicamente que este imperador romano começou a reinar em 41 d.C. Sendo que a morte de Herodes (que ocorreu na sequencia da libertação milagrosa de Pedro, em Jerusalém) ocorreu no quarto ano deste imperador, então se deu em 45 d.C. Logo, **em 45 d.C Pedro permanecia em Jerusalém, e não em Roma**.

9. Pouco tempo depois, Paulo se encontra com Pedro em Antioquia, tendo que repreendê-lo face a face por sua "atitude condenável" (Gl.2:11). Isso se deu ***após*** o seu encontro com ele em 44 d.C em Jerusalém (Gl.2:1), o que nos mostra que depois de 44 d.C Pedro continuava sendo bispo ***em Antioquia***, e não sumido para ir ocupar a catedral de Roma! Antioquia fica no Oriente: **muito, muito longe de Roma!**

[48 – 52 d.C]

10. Em 48 d.C, Paulo vai a Jerusalém e se encontra com Pedro, Tiago e João. Pedro, portanto, ainda se encontra em Jerusalém, estendendo a mão direita a Paulo e Barnabé, para a missão evangelística deles, em sinal de comunhão (Gl.2:9).

11. Ainda nessa reunião, em 48 d.C, Paulo relata que ele e Barnabé deveriam se "dirigir aos gentios, e eles [Pedro, Tiago e João] aos circuncisos [judeus]" (Gl.2:9). Portanto, tendo em vista a decisão deles mesmos, fica claro que Pedro, Tiago e João permaneceriam tratando com os circuncisos (judeus), e não com os gentios (como os romanos). Essa decisão deve ter perdurado durante um bom tempo, de modo que **depois de 48 d.C ficou decidido que Pedro continuaria se dirigindo aos judeus, e não aos romanos (gentios)**.

12. A conversão de Paulo ocorreu em 35 d.C, sendo que ele afirmou ter estado 14 anos depois em Jerusalém, onde diz ter se encontrado pessoalmente com Pedro (Gl.2:1). De 35 d.C a 49 d.C, temos exatamente estes 14 anos. Portanto, **em 49 d.C Pedro continuava em Jerusalém**.

13. No Concílio de Jerusalém, liderado por Tiago (At.15:13-21), todos os apóstolos, Paulo, Barnabé e alguns fariseus convertidos ao Cristianismo se reúnem **em Jerusalém** para tratar de questões acerca da lei para os gentios. Dois fatos são marcantes aqui: o primeiro, é que Pedro continua em Jerusalém, e não em Roma. E o segundo, é que, se Pedro fosse papa e Roma fosse a principal catedral da fé cristã (como hoje ocorre no catolicismo), tal Concílio ocorreria em Roma (a sede do papa), e não em Jerusalém, há muitos e muitos quilômetros de distância. Portanto, ou Pedro não era papa, ou ele não dirigia a igreja de Roma, ou as duas coisas.

[54 – 57 d.C]

14. O imperador Cláudio, que reinou de 41-54 d.C, expulsou todos os judeus de Roma (At.18:2), motivo pelo qual Áquila e Priscila foram obrigados a deixar Roma (At.18:1,2). Será que Pedro, um judeu, da circuncisão, iria ser deixado em liberdade em Roma, sozinho, pregando o evangelho? É claro que não! Suetônio, na biografia do imperador Cláudio, confirma que "o imperador Cláudio expulsou de Roma os judeus que viviam em contínuas desavenças por causa de um certo Cresto (Cristo)". Sendo que eles foram expulsos de Roma por causa de Cristo, Pedro não teria continuado lá, ainda mais se fosse o líder máximo dos cristãos como os católicos alegam! Portanto, são **mais vários anos em que era impossível Pedro estar em Roma *sozinho*, sendo o único judeu cristão que não foi expulso!**

15. Lactâncio afirma que Pedro só veio a Roma quando Nero já estava reinando (Carta a Donatus, Cap.II). Sendo que Nero reinou de 54 d.C a 68 d.C, fica claro que ele não veio a Roma ***antes*** disso, como a Igreja Católica alega. Pedro só chegou a Roma no período daquele imperador romano que o martirizou quando ele lá chegou ao final de sua vida.

16. Pedro é mencionado como evangelista itinerante por Paulo (1Co.9:5). Foi neste período em que ele realizou as suas diversas viagens ao longo de toda a província da Ásia, no Ponto, na Galácia, na Capadócia e na Bitínia, a quem ele destinou a sua primeira carta (1Pe.1:1). Portanto, estava **viajando por diversas partes da Ásia por um longo tempo, sem estar nem perto de Roma!**

17. Entre 54-57 d.C, Paulo escreve a sua epístola aos romanos, **não menciona Pedro ao longo de toda a carta**, e no final saúda nominalmente pelo menos 27 pessoas, **mas não faz nem menção de Pedro!** Pessoas como Estáquis, Apeles, Aristóbulo, Trifena e Trifosa são lembradas por Paulo (Rm.16:10,12), mas o suposto "papa" infalível é simplesmente ignorado! Será mesmo que Paulo se lembrou de tanta gente e foi inventar de esquecer bem exatamente do suposto "papa"? É claro que não. Paulo se "lembraria" de Pedro, assim como se lembrou do trabalho de Apolo entre os Coríntios (1Co.3:6), do trabalho de Epafras entre os Colossenses (1Cl.1:5-7) e do trabalho de outros 27 irmãos de Roma (Rm.16). **Paulo foi se "esquecer" bem de Pedro simplesmente porque este ainda não havia chegado a Roma!**

18. Paulo escreveu Gálatas entre 55-60 d.C, e faz menção de que ele era "apóstolo aos gentios" e de que Pedro, em contraste, era "apóstolo aos circuncisos" (Gl.2:8). Ele afirma que a pregação do evangelho aos incircuncisos [não-judeus] lhe havia sido confiada, e a pregação aos circuncisos [judeus] havia sido confiada a Pedro (Gl.2:7). Tendo em vista isso, é óbvio que Pedro, como apóstolo aos judeus ("circuncisos"), iria se dirigir aos judeus, não apenas em Jerusalém, mas onde havia centros do judaísmo, tal como a província de Babilônia de onde ele escreve a sua primeira epístola (1Pe.5:13), **e não em Roma que era predominantemente gentia, incircuncisa e pagã!**

19. É importante vermos as palavras de Jesus ao apóstolo Paulo: "Importa que dês testemunho de Mim também em Roma" (At.23:11). Incrível! Onde será estava Pedro, que não tornava conhecido o nome de Jesus nesta cidade, a ponto de ser necessário Jesus levantar o apóstolo Paulo para que o seu nome tivesse testemunho ali? Se Pedro fosse essa liderança tão importante, já estando testemunhando do Senhor nesta cidade há mais de vinte anos (conforme os cálculos dos católicos), então o nome do Senhor já teria testemunho naquele lugar. Portanto, cabe pensar que **em 54-57 d.C ainda não havia tal testemunho de Pedro.**

[61 – 62 d.C]

20. Em 61-62 d.C, Paulo chega como prisioneiro a Roma, **mas Pedro não é mencionado recebendo o seu colega de ministério**. Considerando que era bem comum o gesto respeitável de receber os irmãos que estavam vindo à sua província, como Tiago fez com Paulo (At.21:18), é estranho que Pedro não tenha feito o mesmo com ele e recebê-lo em seu território. Mais estranho ainda é ver que durante dois anos em que Paulo esteve mantido em custódia em uma casa alugada em Roma, Pedro não o foi visitar nenhuma vez (At.28:30).

21. Os "Atos de Paulo" relatam que apenas Lucas e Tito estavam junto a Paulo em Roma (10:1). Até momentos antes de seu martírio, são apenas estes dois que o acompanham em Roma, sem qualquer menção de Pedro (10:5).

22. Ainda analisando a chegada de Paulo a Roma, quando Pedro já deveria estar tornando o evangelho conhecido naquela cidade, é nos dito que os que lá estavam não tinham conhecido o evangelho, ao ponto de terem de marcar um dia determinado com Paulo, para que este lhes expusesse o testemunho do Reino de Deus naquele lugar (At.28:23-25). Se Pedro já estivesse há mais de vinte anos pregando ali, eles já estariam doutrinados e não desconheceriam a doutrina que lhes era anunciada por Paulo.

23. As cartas de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom foram escritas por Paulo no mesmo período (60-61 d.C), enquanto ele estava em território romano. Porém, em **absolutamente nenhuma delas é relatado Pedro junto a ele, em Roma**. Ao contrário, o que vemos é que:

---Na carta a Filemom, são relatadas cinco pessoas junto a Paulo em Roma: (1)Epafras; (2)Marcos; (3)Aristarco; (4)Demas; (5)Lucas – Fl.1:23-25. Misteriosamente, Pedro não aparece.

---Na epístola aos filipenses, Paulo menciona os do "palácio de César" (Fp.4:22), sem fazer qualquer alusão a Pedro ou dos da "cátedra de Pedro".

---Na carta aos colossenses, são mencionados: (1)Tíquico; (2)Onésimo; (3)Aristarco; (4)Marcos; (5)Jesus; (6)Epafras; (7)Lucas; (8)Demas – Cl.4:7-14. Além de Pedro não ser mencionado aí de novo, também é nos dito que os cinco primeiros (de Tíquico a Jesus) eram **"os únicos da circuncisão** que são meus cooperadores em favor do Reino de Deus" (Cl.4:11). Sabemos que Pedro também era do grupo da circuncisão (Gl.2:7,8); porém, Paulo menciona estes cinco como sendo os **únicos** que estavam colaborando com

ele em Roma pelo Reino de Deus. **Portanto, Pedro não estava em Roma, muito menos como bispo!**

[64 d.C]

24. Paulo escreve de Roma a sua segunda epístola a Timóteo, onde afirma expressamente que "**só** Lucas está comigo" (2Tm.4:11). Se Lucas era o **único**, então Pedro **não** estava com ele em Roma! Nessa mesma carta, ele envia saudações de vários irmãos, incluindo Êubulo, Prudente, Lino e Cláudia (2Tm.4:21,22), **mas novamente não menciona Pedro**.

25. Pedro escreve a sua primeira epístola, não de Roma, mas da Babilônia (1Pe.5:13). Alguns autores católicos tentam inutilmente sustentar a hipótese de que Babilônia era Roma (para salvar a tese do papado), mas falham miseravelmente ao não conseguirem conciliar diversos fatos incontestáveis, tais como:

---A linguagem enigmática com relação à cidade de Roma não aparece em nenhum lugar na história antiga senão no Apocalipse, escrito por João em 95 d.C. Antes disso, não há absolutamente nenhum relato de Roma como sendo a "Babilônia"!

---Em absolutamente **todas** as vezes em que algum autor bíblico ou secular fala acerca de Roma, o diz abertamente, sem rodeios. Foi assim ao longo de **todo** o livro de Atos, que foi escrito por esta mesma época, e que fala de Roma abertamente, sem "mistérios" ou "códigos" a serem desvendados através de "outros nomes" (At.28:14; At.28:16; At.19:21; At.23:11; At.18:2). Quando Paulo escreve aos romanos, alguns anos antes, ele não emprega "linguagem enigmática" e muito menos diz estar escrevendo "aos babilônicos". Ao contrário, ele declara abertamente estar escrevendo ***aos romanos*** (Rm.1:15).

---O mesmo acontece também quando Paulo escreve **nesta mesma época** a sua segunda epístola a Timóteo, falando de Roma com transparência, sem mistérios (2Tm.1:17). Portanto, se os autores bíblicos que escreveram na mesma época de Pedro **não** usaram linguagem enigmática para tratar de Roma, mas falaram abertamente sobre ela, por que então Pedro iria trocar "Roma" por "Babilônia"? Não faz lógica alguma, além de mutilar e esquartejar o critério bíblico, a lógica textual e o bom senso. As regras de exegese simplesmente aniquilam as pretensões católicas "enigmáticas".

---Um outro fator essencial e de profunda relevância é o fato de que, de acordo com a esmagadora maioria dos católicos, **a "Babilônia" do Apocalipse é Jerusalém, e não Roma!** Algum tempo atrás, um preterista católico negou que em 1Pe.5:13 Pedro estivesse se referindo a Roma. Para salvar a sua tese preterista de que Babilônia é Jerusalém, ele teve que admitir que era uma referência a Jerusalém, e não a Roma. O mesmo fazem os

outros apologistas católicos que estão despertando neste sentido. Eles estão percebendo que a tese preterista deles do Apocalipse vai por água abaixo quando dizem que em 1Pe.5:13 a simbologia diz respeito a Roma, porque isso significaria que é Roma a Babilônia espiritual, o que eles não admitem em hipótese alguma.

---Portanto, os católicos têm que ser criteriosos aqui: se a referência é direta e clara, então é realmente da província da Babilônia que Pedro escreve a sua carta. Mas, se a linguagem é figurada e enigmática, então eles têm que seguir as suas crenças de que a Babilônia *espiritual* é Jerusalém, e não Roma. De um jeito ou de outro, a tese de que Pedro escrevia de Roma vai direto para o espaço sideral. Ou, senão, é o *critério* católico que vai para o espaço.

---Inúmeros eruditos católicos tem percebido a total ilógica desta tentativa frustrada de colocar Pedro em Roma, e tem voltado atrás em sua interpretação de que a "Babilônia" de onde Pedro escrevia tratava-se de Roma. Dentre eles, podemos destacar Pedro de Marca, João Batista Mantuan, Miguel de Ceza, Marsile de Pádua, João Aventin, João Leland, Charles du Moulin, Luís Ellies Dupin e Desidério (Gerhard) Erasmo. Dupin, um historiador eclesiástico, foi além e disse:

"A Primeira Epístola de Pedro é datada de Babilônia. Muitos dos antigos compreenderam este nome como significando Roma; **mas não aparece nenhum motivo que pudesse induzir S. Pedro a mudar o nome de Roma para o de Babilônia**. Como poderiam aqueles a quem escreveu entender que Babilônia significava Roma?"

---Diante do contexto, vemos que Pedro não estava retratando um cenário enigmático ou misterioso, como um código a ser desvendado pelos seus leitores. Sabemos que a "Babilônia" que João se refere no Apocalipse é enigmática porque todo o *contexto* apocalíptico é enigmático. Porém, o mesmo não se aplica no caso de 1Pe.5:13, que é simplesmente uma narração comum feita de modo simples, claro e direto, dizendo o nome [real] dos irmãos que estavam com ele, e da cidade [real] que ele estava escrevendo sua carta. Portanto, se os católicos querem enfiar goela abaixo que a Babilônia é Roma, terão além de tudo que distorcer o próprio contexto para favorecerem as suas teorias!

---Portanto, a Babilônia citada por Pedro diz respeito a uma cidade *real*, não uma enigmática a ser desvendada por um enigma que fere a lógica, o bom senso e o contexto, mas sim a cidade da Babilônia situada junto ao Eufrates. A evidência histórica nos mostra que foi de lá que Pedro escreveu, pois havia uma considerável população judaica na vizinhança da Babilônia, nos primeiros séculos da era cristã. A própria Enciclopédia "The International Standard Bible" diz:

"Babilônia permaneceu **um foco do judaísmo oriental durante séculos**, e, das discussões nas escolas rabínicas ali foi elaborado o Talmude de Jerusalém no quinto século de nossa era, e o Talmude de Babilônia, um século depois"

---Pedro quis dizer ***exatamente o que ele escreveu***. Ele era o "apóstolo aos circuncisos" (Gl.2:8), pois a evangelização dos judeus foi confiada a Pedro, enquanto que a dos não-judeus foi confiada a Paulo (Gl.2:7-9). Paulo deveria se dirigir aos gentios, e Pedro aos judeus (Gl.2:9). Portanto, Pedro trabalhou neste centro do judaísmo, como era a Babilônia, durante algum tempo, em que ele esteve escrevendo a sua primeira epístola, dirigida àqueles a quem ele anteriormente havia pregado o evangelho extensivamente na província da Ásia durante muitos anos (1Pe.1:1).

---Desta forma, Pedro, ao pregar em um centro do judaísmo, estava cumprindo o seu papel de apóstolo aos judeus, diferentemente de Roma, em que ele estaria pregando aos pagãos, tarefa esta que era atribuição de Paulo (Gl.2:7-9). Pedro não escreveu nem ***de*** Roma, nem ***para*** os romanos!

26. De acordo com os Atos de Xantipas, Pedro só cria o desejo de ir a Roma ***depois*** que Paulo partiu para a Espanha, e ***depois*** que ele já havia estabelecido a igreja de Roma e dela ter sido ameaçada pelo mago Simão (Cap.24). Sendo que o primeiro fato se deu entre 63-64 d.C e o segundo por volta de 61-62 d.C (adicionando mais um tempo considerável até Simão ter quebrado aquela igreja com doutrinas estranhas), fica claro que no *mínimo* até 64 d.C Pedro não havia chegado a Roma. Foi somente por esta época que ele criou o *sonho* de ir um dia visitar Roma, o que se consumaria alguns anos depois com o seu martírio naquele lugar.

27. Eusébio faz uma lista dos lugares por onde Pedro mais pregou Cristo e transmitiu a doutrina do Novo Testamento aos que procediam da circuncisão, e não inclui Roma em momento algum, conquanto que tenha mencionado outras cinco diferentes províncias (HE, Livro III, 4:2).

[66 – 67 d.C]

28. Segundo relatos patrísticos, Pedro chega a Roma no final de sua vida (66-68 d.C) para ser martirizado, após ter pregado a palavra de Deus no Ponto, na Galácia e na Bitínia, na Capadócia e na Ásia, durante a maior parte de sua vida (HE, Livro III, 1:2).

19

A primazia do bispo romano através dos séculos

Ao longo de todo este livro, nos dedicamos a refutar os mitos papistas relativos à pessoa de Pedro, como sendo o "bispo dos bispos", "chefe dos apóstolos", "bispo universal", "príncipe dos apóstolos", "cabeça da Igreja" e "Sumo Pontífice", todos estes termos técnicos para designar a pessoa de Pedro, como sendo o "papa" que liderou a Igreja de Roma por vinte e cinco longos anos – outro mito facilmente refutado pela Bíblia e pela História.

Ocorre que a Igreja Católica Romana alega não apenas que Pedro era tudo isso, mas que **ele tinha sucessores (bispos romanos) que também eram e são tudo isso que Pedro era**. Se Pedro não era nada disso, então obviamente seus "sucessores" também não têm este poder. Além disso, se Pedro nunca foi bispo de Roma (como comprovamos biblicamente e historicamente), então os bispos romanos não são "sucessores de Pedro".

Mas para não deixar este assunto sem uma refutação histórica, irei ser o mais breve possível na exposição das evidências históricas de que os bispos romanos não exerciam um primado universal sobre todos os demais bispos da Igreja, assim como Pedro não exerceu uma jurisdição universal sobre todos. O assunto tratado neste capítulo é amplo, e seria necessário escrever um livro inteiro apenas sobre isso para tratarmos apropriadamente todas as provas, coisa essa que faremos em outra oportunidade, já que aqui pretendemos tratar mais diretamente da pessoa de Pedro, especificamente.

Portanto, passarei aqui apenas *algumas* das evidências históricas contra o primado do bispo romano, pois este capítulo não tem por objetivo esgotar este tema, o que certamente será feito em um livro onde eu abordo especificamente a primazia do bispo romano nos primeiros séculos da Igreja cristã.

Inácio de Antioquia reconhecia o primado de um bispo romano?

Um dos primeiros bispos que escreveu sobre a organização eclesiástica da Igreja primitiva foi Inácio (35 – 107 d.C), bispo de Antioquia. Ele escreveu pelo menos sete cartas reconhecidas como autênticas pelos historiadores antigos e contemporâneos, inclusive uma aos romanos. Se existia um bispo de Roma exercendo um primado universal sobre todos os demais, certamente ele seria o primeiro a mencionar isso, sem a menor hesitação.

Contudo, vemos ele deixando claro, repetidas vezes, que a nossa submissão deve ser aos diáconos, aos presbíteros e aos bispos locais, **sem nunca ter mencionado uma submissão a um Sumo Pontífice ou bispo universal (romano)**, o que seria de se esperar caso a Igreja da época fosse a Igreja Romana e o bispo de Roma fosse um "papa infalível" com poderes de jurisdição universal, como autoridade suprema a todos os bispos, de acordo com o ensino tardio da Igreja de Roma.

Vejamos alguns exemplos:

-Inácio aos Magnésios (Versão Curta):

"Por isto vos peço que estejais dispostos a fazer todas as coisas na concórdia de Deus, sob a presidência do **bispo**, que ocupa o lugar de Deus, dos **presbíteros**, que representam o colégio dos apóstolos, e dos **diáconos**, que são muito caros para mim, aos quais foi confiado o serviço de Jesus Cristo, que antes dos séculos estava junto do Pai e por fim se manifestou"[138]

[138] Inácio aos Magnésios, 6:1.

"Assim como o Senhor nada fez, nem por si mesmo nem por meio de seus apóstolos, sem o Pai, com o qual ele é um, também vós não façais nada sem o **bispo** e os **presbíteros**"[139]

"Procurai manter-vos firmes nos ensinamentos do Senhor e dos apóstolos, para que prospere tudo o que fizerdes na carne e no espírito, na fé e no amor, no Filho, no Pai e no Espírito, no princípio e no fim, unidos ao vosso digníssimo **bispo** e à preciosa coroa espiritual formada pelos vossos **presbíteros** e **diáconos** segundo Deus"[140]

-Inácio aos Tralianos:

"Quando vos submeteis ao **bispo** como a Jesus Cristo, demonstrais a mim que não viveis segundo os homens, mas segundo Jesus Cristo, que morreu por nós, a fim de que, crendo em sua morte, possais escapar da morte. É necessário, portanto, como já o fazeis, nada realizar sem o bispo, mas também submeter-vos ao **presbítero**, como aos apóstolos de Jesus Cristo, nossa esperança, no qual nos encontraremos em toda a nossa conduta. É preciso, também, que os **diáconos**, ministros dos mistérios de Jesus Cristo, agradem a todos e de todos os modos. Com efeito, não é de comida e bebida que eles são ministros, e sim servidores da Igreja de Deus. É preciso, portanto, que eles evitem qualquer tipo de repreensão, como se evita o fogo"[141]

"Da mesma forma, todos respeitem os **diáconos** como a Jesus Cristo, e também ao **bispo**, que é a imagem do Pai, e os **presbíteros** como à assembleia dos apóstolos. Sem eles, não se pode falar de Igreja. Tenho certeza que pensais do mesmo modo a respeito disso. Com efeito, recebi e tenho comigo um exemplar de vosso amor ao vosso bispo: a postura dele é grande ensinamento e sua mansidão é uma força. Penso que até os ateus o respeitam"[142]

"Cuidado, portanto, com essas pessoas. Fazei-o sem vos encher de orgulho, permanecendo inseparáveis de Jesus Cristo Deus, do bispo e dos preceitos dos apóstolos. Aquele que está dentro do santuário é puro, mas aquele que está fora do santuário não é puro; ou seja, aquele que age sem o **bispo**, sem o **presbítero** e os **diáconos**, esse não tem consciência pura"[143]

"O amor dos esmirniotas e dos efésios vos saúda. Em vossas orações, lembrai-vos da Igreja da Síria, da qual não sou digno de ser parte, pois sou o último dentre eles. Passai

[139] Inácio aos Magnésios, 7:1.
[140] Inácio aos Magnésios, 13:1.
[141] Inácio aos Tralianos, 2:1.
[142] Inácio aos Tralianos, 3:1.
[143] Inácio aos Tralianos, 7:1.

bem em Jesus Cristo, submissos ao **bispo** como ao mandamento, e igualmente ao **presbitério**. Todos, individualmente, amai-vos uns aos outros, de coração não dividido"[144]

-Inácio a Policarpo:

"Atendei ao bispo, para que Deus vos atenda. Ofereço minha vida para os que se submetem ao **bispo**, aos **presbíteros** e aos **diáconos**. Possa eu, com eles, ter parte em Deus. Trabalhai uns com os outros e, unidos, combatei, lutai, sofrei, dormi, despertai, como administradores, assessores e servidores de Deus"[145]

-Inácio aos Efésios:

"Possa eu encontrar sempre a minha alegria em vós, caso eu seja digno disso. É preciso glorificar de todos os modos a Jesus Cristo, que vos glorificou, a fim de que, reunidos na mesma obediência, submetidos ao **bispo** e ao **presbítero**, sejais santificados em todas as coisas"[146]

"Vós, amados, sede atentamente sujeitos ao **bispo**, e aos **presbíteros** e aos **diáconos**. Porque aquele que lhes é sujeito, é obediente a Cristo que os ordenou; mas aquele que lhes é desobediente, é desobediente a Cristo Jesus"[147]

"Não cedais, irmãos, na fé em Jesus Cristo, e em Seu amor, em Seu sofrimento, e em Sua ressurreição. Sigamos todos juntos em comunhão, e individualmente, pela graça, em uma só fé em Deus o Pai, e em Jesus Cristo Seu unigênito Filho, e 'o primogênito de toda a criação', mas da semente de Davi conforme a carne, mantendo-nos sob a orientação do Consolador, em obediência ao **bispo** e ao **presbitério** com mente não dividida, partindo um e o mesmo pão"[148]

-Inácio aos Filadelfienses:

"Ele [Jesus] é minha alegria eterna e duradoura, sobretudo se os seus fiéis permanecerem unidos com o**bispo**, com os **presbíteros** e os **diáconos** que estão com ele, estabelecidos conforme o pensamento de Jesus Cristo, o qual, segundo sua própria vontade, os fortificou e confirmou com o seu Espírito Santo"[149]

[144] Inácio aos Tralianos, 13:1.
[145] Inácio a Policarpo, 6:1.
[146] Inácio aos Efésios, 2:2.
[147] Inácio aos Efésios, 5:3.
[148] Inácio aos Efésios, 20:1.
[149] Inácio aos Filadelfienses, Saudações.

"Alguns quiseram me enganar segundo a carne, mas não se engana o espírito que vem de Deus. De fato, ele sabe de onde vem e para onde vai, e revela os segredos. Estando no meio de vós, gritei, disse em alta voz, uma voz de Deus: Permanecei unidos ao **bispo**, ao **presbitério** e aos **diáconos**!"[150]

-Inácio aos Erminiotas:

"Segui todos ao **bispo**, como Jesus Cristo segue ao Pai, e ao **presbitério** como aos apóstolos; respeitai os **diáconos** como à lei de Deus"[151]

Como vemos, em **todas** as vezes Inácio menciona somente a submissão a três autoridades (cargos eclesiásticos) existentes na Igreja, sendo eles o de bispo, de presbíteros e de diáconos. Ele **absolutamente nunca mencionou um Sumo Pontífice**, o que obviamente seria uma autoridade eclesiástica e tanto que os cristãos deveriam prestar submissão, se realmente existisse um!

O fato de Inácio sempre em suas epístolas se reservar a mostrar submissão apenas aos três grupos, formados por diáconos (no plural), presbíteros (no plural) e ao bispo (no singular, por se tratar do bispo de cada igreja local) e sempre ignorar a suposta figura de um "bispo dos bispos", "bispo universal" ou "Sumo Pontífice" que a Igreja Romana alega para o seu próprio bispo, nos demonstra claramente que Inácio não tinha qualquer noção de uma primazia jurisdicional universal de um bispo sobre todos os outros bispos, de um bispo maior, de um Sumo Pontífice. Isso é criação tardia da Igreja de Roma para si mesma.

Nunca foi crida por Inácio, que jamais fez menção a tal cargo ou função na Igreja, o que seria da maior importância caso realmente existisse! Vale ressaltar que na única vez em que Inácio fez menção a um **"bispo de todos"**, isto é, de um Sumo Pontífice, não foi para falar do bispo romano, mas de Jesus Cristo:

"Convém que não abuseis da idade do vosso bispo, mas, pelo poder de Deus Pai, lhe tributeis toda reverência. De fato, eu soube que vossos santos presbíteros não abusaram de sua evidente condição juvenil, mas, como gente sensata em Deus, se submetem a ele, não a ele, mas ao **Pai do bispo de todos, Jesus Cristo**"[152]

Na verdade, a coisa fica ainda mais misteriosa quando vemos que, quando Inácio escreveu aos romanos, **ele nem sequer fez menção do bispo dali!** Convenhamos: se o bispo de Roma fosse não apenas um bispo como os demais, mas o bispo dos bispos, o Sumo Pontífice da Cristandade, será que Inácio iria passar despercebido dessa tão grande

[150] Inácio aos Filadelfienses, 7:1.
[151] Inácio aos Erminiotas, 8:1.
[152] Inácio aos Magnésios, Versão Curta, 3:1.

autoridade na Igreja? É claro que não! O fato de Inácio nem sequer citar o bispo de Roma é somente uma consequência do fato de que tal bispo não era nem nunca foi superior a todos os demais bispos.

Ele cita o bispo local das outras igrejas sempre ao escrever a todas elas:

-O bispo de Éfeso é citado por ele na Carta aos Efésios treze vezes: 1:3 (duas vezes); 2:1; 2:2; 3:2; 4:1 (duas vezes); 5:1; 5:2 (duas vezes); 6:1 (duas vezes); 20:2.

-O bispo de Esmirna é citado por ele na Carta aos Erminiotas nove vezes: 8:1 (três vezes); 8:2 (duas vezes); 9:1 (três vezes); 12:2.

-O bispo de Filadélfia é citado por ele na Carta aos Filadelfienses oito vezes: 1:1; 3:2; 4:1; 7:1; 7:2; 8:1; 10:2; e mais uma vez na saudação.

-O bispo de Magnésia é citado por ele na Carta aos Magnésios doze vezes: 2:1 (duas vezes); 3:1 (duas vezes); 3:2; 4:1; 6:1; 6:2; 7:1; 13:1; 13:2; 15:1.

-O bispo de Trália é citado por ele na Carta aos Tralianos nove vezes: 1:1; 2:1; 2:2; 3:1; 3:2; 7:1; 7:2; 12:2; 13:2.

Como vemos, ele costumava citar muitas vezes os bispos locais de cada cidade para quem ele escrevia, dizendo que os membros daquela igreja lhe deviam submissão e reconhecendo a autoridade daquele bispo local. Isso aconteceu diversas vezes em todas as epístolas que Inácio escreveu às outras igrejas, mas quando escreve aos romanos, que teoricamente teriam o *maior de todos os bispos*, o Sumo Pontífice, o bispo dos bispos, o bispo universal, o chefe de toda a Igreja apostólica... **ele não o menciona nem uma única vez em toda a carta!**

A palavra "bispo" aparece duas vezes na epístola dele aos romanos, mas nunca para se referir ao próprio bispo de Roma. Em 2:2 ela é uma referência ao *bispo da Síria*, e em 9:1 ela se refere ao próprio Inácio de Antioquia, falando de sua igreja local, onde humildemente diz que, "em meu lugar, tem somente Deus por pastor"[153]. Portanto, vemos que, em vez de dizer que os romanos tinham o privilégio de ter como bispo o "bispo dos bispos" e "Sumo Pontífice" da Igreja de Cristo, **ele não o menciona nem uma única vez**, mas menciona diversas vezes bispos que seriam "inferiores" ao romano (na visão católica) em suas epístolas às outras igrejas locais.

[153] Inácio aos Romanos, 9:1.

Como pode Inácio sempre se lembrar de mencionar inúmeras vezes a autoridade dos bispos locais das outras igrejas, mas **nunca** fazer menção à autoridade superior de toda a Igreja, que seria a de um Sumo Pontífice romano, **nem mesmo na própria epístola aos romanos?**

A resposta é óbvia: o bispo de Roma não era Sumo Pontífice coisa nenhuma!

Inácio não reconhecia nenhuma autoridade universal de um bispo romano, razão pela qual vemos ele dizendo aos romanos que Roma presidia **sobre Roma, e não universalmente:**

"Inácio, também chamado Teóforo, à Igreja que recebeu a misericórdia, por meio da magnificência do Pai Altíssimo e de Jesus Cristo, seu Filho único; à Igreja amada e iluminada pela bondade daquele que quis todas as coisas que existem, segundo fé e amor dela por Jesus Cristo, nosso Deus; **à Igreja que preside na região dos romanos**, digna de Deus, digna de honra, digna de ser chamada feliz, digna de louvor, digna de sucesso, digna de pureza, que preside **no amor**, que porta a lei de Cristo, que porta o nome do Pai; eu a saúdo em nome de Jesus Cristo, o Filho do Pai"[154]

Inácio diz que aquela igreja, a quem ele escrevia, *presidia*. Se você perguntar aos romanistas, eles dirão que Roma presidia **universalmente**, pois defendem a tese do **primado universal** do bispo de Roma. Porém, Inácio esmaga essa teoria ao dizer que Roma presidia na região dos romanos. Em outras palavras, a jurisdição de Roma **se limitava ao próprio território romano**, não se estendia ao mundo inteiro, como pretendem os papistas. Inácio destrói a tese romana com uma simples frase!

Ademais, ao invés de dizer que Roma presidia universalmente em autoridade eclesiástica, ele afirma que ela presidia "no amor". Convenhamos: será que Inácio iria perder a oportunidade de ressaltar a suposta primazia universal autoritativa dos romanos, caso eles realmente a detivessem? É claro que não! Porém, Inácio nada diz sobre primazia jurisdicional. Ele realmente não tinha a menor ideia de uma jurisdição universal, mas cria que Roma se limitava a presidir sobre Roma!

Alguns católicos teimam em dizer que Inácio reconhecia a autoridade "universal" do bispo de Roma porque ele elogiou bastante os romanos em sua carta. Será que isso é realmente um argumento? Se esse argumento tivesse que ser levado a sério, deveríamos fazer o mesmo com a Igreja de Éfeso, já que **ele elogiou muito mais os efésios do que os próprios romanos:**

[154] Inácio aos Romanos, Saudações.

"Inácio, também chamado Teóforo, à Igreja que foi grandemente abençoada com a plenitude de Deus Pai, predestinada antes dos séculos para existir sempre, para uma glória que não passa, inabalavelmente unida, escolhida na paixão verdadeira, pela vontade do Pai e de Jesus Cristo, nosso Deus. À Igreja digna de ser chamada feliz, que está em Éfeso, na Ásia, as melhores saudações em Jesus Cristo e numa alegria irrepreensível. Acolhi em Deus vosso amadíssimo nome, que adquiristes por justo título natural, segundo a fé e o amor em Cristo Jesus, nosso Salvador. Imitadores que sois de Deus, reanimados pelo sangue de Deus, realizastes até o fim a obra que convém à vossa natureza"[155]

Inácio diz que a Igreja de Éfeso era grandemente abençoada por Deus, que foi predestinada eternamente, que tinha uma glória eterna, que era unida, apaixonada por Deus, digna, amada, enfim, encheu a bola dos efésios. E depois disse que ele encontrava neles (nos efésios) a sua alegria, que eles eram glorificados e santificados:

"Possa eu encontrar sempre a minha alegria em vós, caso eu seja digno disso. É preciso glorificar de todos os modos a Jesus Cristo, que vos glorificou, a fim de que, reunidos na mesma obediência, submetidos ao bispo e ao presbítero, sejais santificados em todas as coisas"[156]

Fora isso, ele declara também que era "vítima expiatória" dos efésios, que se oferecia em sacrifício por eles, que eles eram uma igreja formosa pelos séculos, e que desejava ressuscitar para se encontrar com os cristãos de Éfeso:

"Sou vossa vítima expiatória, e me ofereço em sacrifício por vós, efésios, Igreja famosa pelos séculos"[157]

"Fora dele, nada tenha valor para vós. Eu carrego as correntes por causa dele. São as pérolas espirituais com as quais eu gostaria que me fosse dado ressuscitar, graças à vossa oração. Desta desejo sempre participar para me encontrar na herança dos cristãos de Éfeso, que estão sempre unidos aos apóstolos pela força de Jesus Cristo"[158]

Algo semelhante fez Cirilo de Alexandria em seu discurso pronunciado no Concílio de Éfeso:

"Salve, cidade de Éfeso, mais formosa que os mares, porque em vez dos portos da terra, marcaram encontro em ti os que são portos do céu! Salve, honra desta região asiática

[155] Inácio aos Efésios, 1:1.
[156] Inácio aos Efésios, 2:2.
[157] Inácio aos Efésios, 8:1.
[158] Inácio aos Efésios, 11:2.

semeada por todos os lados de templos, como preciosas jóias, e consagrada, no presente, pelos benditos pés de muitos santos Padres e Patriarcas! Com sua vinda, cumularam-te de toda bênção, porque onde eles se congregam, aumenta e multiplica-se a santidade: religiosos fiéis, anjos da terra, afugentam eles, com sua presença, todo satânico poder e toda afeição pagã. Eles, repetimos, confundem toda heresia e são glórias de nossa fé ortodoxa"[159]

Por fim, é digno de nota que, para Inácio, a Igreja cristã não havia sido fundada *em Roma*, mas na Síria, mais especificamente na cidade de Antioquia, onde os discípulos foram pela primeira vez chamados "cristãos":

"Devemos, portanto, provar a nós mesmos que merecemos o nome que recebemos (=cristãos). Quem é chamado por outro nome além deste não é de Deus, pois não recebeu a profecia que nos fala a respeito disso: 'O povo será chamado por um novo nome, pelo qual o Senhor os chamará, e serão um povo santo'. Isto se cumpriu **primeiramente na Síria**, pois 'os discípulos eram chamados de cristãos em Antioquia', **quando Paulo e Pedro estabeleciam as fundações da Igreja**. Abandonai, pois, a maldade, o passado, as influências viciadas e sereis transformados no novo instrumento da graça. Permanecei em Cristo e o estranho não obterá o domínio sobre vós"[160]

Portanto, torna-se indiscutível que Inácio jamais reconheceu uma autoridade universal do bispo de Roma, mas, ao contrário, cria que os romanos presidiam "na região dos romanos", e não "no mundo inteiro", e que foi na Síria que a Igreja foi "fundada". Os elogios que ele fez aos romanos de modo nenhum induzem algum tipo de primazia deles, porque ele elogiou muito mais os efésios, e nenhum católico crê que a Igreja de Éfeso dividia a "primazia universal" com a Igreja de Roma sobre todas as demais. O próprio Inácio foi considerado "o mais abençoado bispo da Igreja apostólica"[161] pelos de sua época. Onde estava o papa de Roma?

Clemente, Policarpo e Irineu

Para os católicos, a carta que Clemente (35 – 97 d.C), bispo de Roma, escreveu aos coríntios em torno de 95 d.C é uma "prova" de que ele exercia liderança sobre a Igreja de Corinto. Nada mais longe da verdade, visto que era muito comum os bispos daquela época exortarem os de outras comunidades cristãs, como fez Inácio de Antioquia com outras seis igrejas, incluindo a romana, e como por essa mesma época fez Policarpo (69 –

[159] Discurso de São Cirilo de Alexandria pronunciado no Concílio de Éfeso.
[160] Inácio aos Magnésios, Versão Longa, Cap.10.
[161] Epístola de Maria a Inácio, "Saudações".

155 d.C), bispo de Esmirna, que escreveu uma epístola aos filipenses, também demonstrando grande autoridade.

O próprio apóstolo Paulo fez isso diversas vezes, incluindo duas vezes aos próprios coríntios e uma carta aos romanos. Se exortar outras comunidades cristãs fosse sinal de autoridade sobre elas, então Paulo era papa, porque ele escreveu à Igreja de Roma, e o mesmo deveria ser concedido igualmente a todos os outros que uma vez fizeram o mesmo a outras comunidades cristãs que não eram de sua jurisdição. Teríamos dezenas de "papas" reinando simultaneamente, por este ponto de vista.

Paulo escrevia a outras igrejas com tanta autoridade ao ponto de ser o único apóstolo que passava mandamentos (1Co.7:10; 1Co.14:37,38), e dizia que aquele que não obedecesse às suas cartas deveria ser marcado e ninguém poderia se associar com ele, para que ficasse envergonhado (2Ts.3:14). Além disso, Clemente **em momento nenhum diz estar escrevendo como papa ou como uma autoridade superior a deles**. Muito pelo contrário, o que vemos muitas vezes é Clemente afirmando que Cristo é o nosso único Sumo Pontífice[162], ao invés de dizer que ele mesmo era um Sumo Pontífice terreno.

O mesmo podemos dizer do que eles afirmam em torno de Irineu (130 – 202 d.C), bispo de Lyon, que escreveu dizendo que a Igreja situada em Roma era a "maior e mais antiga igreja conhecida por todos"[163], o que em nada significa que ela detinha uma primazia jurisdicional que se estendia a todas as demais igrejas, mas simplesmente que naquele momento que ele escrevia ela era a maior em tamanho, pois ficava na capital do império romano, que dominava o mundo da época, era onde se concentrava o maior número de cristãos àquela altura e "a mais antiga", porque Jerusalém (que era a primeira e a que inicialmente tinha a maior concentração de convertidos) já havia sido destruída pelos romanos em 70 d.C.[164]

O próprio Irineu não aceitava a ideia de uma jurisdição universal do bispo de Roma, o que pode ser comprovado facilmente através da controvérsia da páscoa, em que Irineu **rejeita a tradição do bispo romano**. Nas palavras de Samuelle Bacchiocchi:

"Por um lado, o Bispo Vitor de Roma (189-99 A.D.) liderou o costume do Domingo de Páscoa (isto é, a celebração da festa no domingo geralmente seguinte à data da páscoa judaica) e ameaçou excomungar as comunidades cristãs recalcitrantes da província da Ásia que se recusavam a seguir suas instruções. Por outro lado, Polícrates, bispo de Éfeso e representante das igrejas da Ásia, fortemente advogou a data tradicional da páscoa

[162] 1ª Carta de Clemente aos Coríntios, 61:1-3; 64:1.
[163] Irineu de Lião, *Contra Heresias*, livro 3, capítulo 3.
[164] Uma abordagem mais completa sobre este texto de Irineu o leitor pode conferir neste link: <http://www.e-cristianismo.com.br/en/apostolic/262-irineu-e-a-igreja-em-roma>. Acesso em: 04/10/2013.

judaica de 14 de Nisã, comumente chamada 'Páscoa Quartodecimana'. Polícrates, reivindicando possuir a genuína tradição apostólica transmitida à ele pelos apóstolos Filipe e João, recusou amedrontar-se em sua missão às ameaças de Vitor de Roma"[165]

Irineu interveio como mediador e, nas palavras de Eusébio de Cesareia, "também restam as expressões que empregaram para pressionar com grande severidade a Vitor. Entre eles também estava Irineu"[166].

Hans van Campenhausen definiu a questão nas seguintes palavras:

"Quando Vítor de Roma aceitou ser persuadido a romper relações eclesiásticas com as igrejas da Ásia Menor, por causa das diferenças duradouras sobre a festa da Páscoa, **Irineu lhe escreveu uma vigorosa carta na qual condenava esta ação ditatorial** de uma maneira conveniente"[167]

Tentando impor a sua decisão, o bispo de Roma quis excomungar os bispos de todas as igrejas que eram contrárias a ele. Se ele fosse mesmo o "bispo dos bispos" e o "bispo universal", ele certamente teria esse direito, e sua decisão seria levada adiante, queiram os outros bispos ou não. Mas o que realmente aconteceu, nas palavras de Eusébio, foi isso:

"Ante isto, Victor, que presidia a igreja de Roma, tentou separar em massa da união comum todas as comunidades da Ásia e as igrejas limítrofes, alegando que eram heterodoxas, e publicou uma condenação por meio de cartas proclamando que todos os irmãos daquela região, sem exceção, estavam excomungados. Mas **esta medida não agradou a todos os bispos**, que por sua parte exortavam-no a ter em conta a paz e a união e a caridade para com o próximo. Conservam-se inclusive as palavras destes, **que repreendem Victor com bastante energia**"[168]

Ao invés de Victor conseguir excomungar todos os bispos que eram contrários a ele, o que ele conseguiria se fosse o Sumo Pontífice e bispo universal acima de todos os demais bispos, **foram os outros bispos que repreenderam Victor com bastante energia**. Essa é a prova mais forte de que o bispo de Roma estava no mesmo patamar de autoridade de todos os outros bispos, pois se ele fosse superior aos outros não seria repreendido por eles; ao contrário, teria a sua decisão aceita, pois seria o primaz, o maior de todos os bispos, cuja autoridade deveria ser obedecida em qualquer discussão.

---

[165] BACCHIOCCHI, Samuelle. **"Roma e a controvérsia da Páscoa"**. Disponível em: <http://www.nossasletrasealgomais.com/2011/07/roma-e-controversia-da-pascoa.html>. Acesso em: 04/10/2013.
[166] Eusébio de Cesareia, HE, Livro V cap. XXIV.
[167] Hans van Campenhausen, Os Pais da Igreja, pág.24.
[168] Eusébio de Cesareia, HE, Livro V, 24:9.

Além disso, vemos que "essa medida não agradou a todos os bispos", o que passa claramente a ideia de que a decisão do bispo romano não era autoritativa suficiente para decidir a questão por si mesmo, mas que ele **precisava da aprovação de todos os outros bispos**, pois não detinha uma autoridade acima da deles. Se ele fosse o papa infalível, bispo dos bispos e Sumo Pontífice universal, sua decisão deveria ser acatada por todos os outros bispos "inferiores" queiram eles ou não, mas o episódio deixa nítida a noção de que não existia uma supremacia do bispo de Roma sobre todos os demais.

Algo muito semelhante ocorreu com Policarpo. Em 155 d.C, esse bispo de Esmirna, já idoso, teve algumas desavenças com o bispo de Roma, Aniceto, sobre o dia da celebração da páscoa. Se Aniceto fosse o bispo universal, supremo em relação a todos os outros bispos (incluindo o próprio Policarpo), é óbvio que a decisão dele deveria ser aceita. Mas o que ocorreu foi justamente o inverso:

"E encontrando-se em Roma o bem-aventurado Policarpo nos tempos de Aniceto, **surgiram entre os dois pequenas divergências**, mas em seguida estavam em paz, sem que sobre este capítulo se querelassem mutuamente, **porque nem Aniceto podia convencer Policarpo a não observar o dia** - como sempre o havia observado, com João, discípulo de nosso Senhor, e com os demais apóstolos com quem conviveu -, nem tampouco Policarpo convenceu Aniceto a observá-lo, **pois este dizia que devia manter o costume dos presbíteros seus antecessores**. E apesar de estarem assim as coisas, mutuamente comunicavam entre si, e na igreja **Aniceto cedeu a Policarpo a celebração da eucaristia**, evidentemente por deferência, e em paz se separaram um do outro; e toda a Igreja tinha paz, tanto os que observavam o dia como os que não o observavam"[169]

No fim das contas, Eusébio diz que **"Aniceto cedeu a Policarpo"**, isto é, que o bispo de Roma se sujeitou ao de Esmirna, e não o contrário. É certo que essa divergência entre Aniceto e Policarpo foi muito menor e menos grave do que a entre Victor e Irineu, mas ambos os casos nos mostram claramente que **os bispos de Roma careciam de autoridade para impor alguma prática ao resto da Igreja**.

Na obra "O Bispo de Roma", bispo Kaye comenta sobre estes acontecimentos nas seguintes palavras:

"Nossa mais antiga familiaridade com aquela Sé nos apresenta com a **autoridade superior de Policarpo**, na própria Roma, em manter a doutrina apostólica e suprimindo heresia (...) Aniceto era um piedoso prelado **que nunca sonhou em declarar um clamor superior como o chefe depositário da ortodoxia apostólica**, e cujo belo exemplo nas questões

[169] Eusébio de Cesareia, HE, Livro V, 24:16-17.

pascoalinas discutidas entre Policarpo e si mesmo, **é uma outra ilustração da independência das igrejas irmãs**, naquele período. Nem é indigno de notar, que o próximo evento, na história ocidental, estabelece um princípio similar contra aquele outro menos digno ocupante da Sé Romana, de quem temos falado. **Irineu repreende Vítor por seu dogmatismo sobre a Páscoa, e o reprova partindo do exemplo de seus predecessores na mesma Sé**"[170]

Todos estes testemunhos primitivos entram em direto contraste com aquilo que o papa Pio X disse na encíclica "Como amar o Papa", de 18 de Novembro de 1912, dizendo que **"não se discute sobre o que ele manda ou exige"**, que **"não se objeta a ele"**, que **"não se põem em dúvidas as suas ordens"** e que não se pode omitir opiniões que **"diferem da opinião do papa"**:

"É por isso que, quando se ama ao Papa, **não se fica a discutir sobre o que ele manda ou exige, a procurar até onde vai o dever rigoroso da obediência, e a marcar o limite desta obrigação**. Quando se ama o Papa, **não se objeta** que ele não falou muito claramente, como se ele estivesse obrigado a repetir diretamente no ouvido de cada um sua vontade e de exprimi-la não somente de viva voz, mas cada vez por cartas e outros documentos públicos. **Não se põem em dúvida suas ordens**, sob fácil pretexto, para quem não quer obedecer, de que elas não dimanam diretamente dele, mas dos que o rodeiam! **Não se limita o campo onde ele pode e deve exercer sua autoridade; não se opõe à autoridade do Papa a de outras pessoas, por muito doutas que elas sejam, que diferem da opinião com o Papa**. Por outro parte, seja qual for sua ciência, falta-lhes santidade, pois não poderia haver santidade onde há dissentimento com o Papa"[171]

Ele deveria explicar isso a Policarpo, que não cedeu ao bispo romano Aniceto, a Irineu e os demais bispos que **"repreenderam Victor com bastante energia"** e rejeitaram a excomunhão dos bispos que ele tinha ordenado excomungar, ao apóstolo Paulo que repreendeu Pedro em Antioquia e lhe resistiu na cara porque era repreensível (Gl.2:11), e a tantos outros casos que mostraremos mais adiante.

Tertuliano e Clemente de Alexandria

Tertuliano (160 – 220 d.C) foi o maior teólogo dos primeiros duzentos anos da Igreja cristã, e é muito usado pelos católicos em muitos livros e artigos. O que eles deveriam saber é que ele **nunca reconheceu um primado do bispo de Roma**, razão pela qual escreveu em sua obra "Contra Práxeas" que o bispo de Roma importunadamente

[170] O bispo de Roma, cap. i. p. 597.
[171] Papa Pio X, "Como amar o Papa", Alocução aos Padres da Confraria "A União Apostólica", de 18 de Novembro de 1912.

fez falsas acusações contra os profetas e suas igrejas e o chamou implicitamente de "diabo":

"Pois depois que o **Bispo de Roma** concordou com as dádivas proféticas de Montano, Priscila e Maximilla, e em consequência à concordância, tendo concedido sua paz às igrejas da Ásia e Frígia, ele, **importunadamente urgindo falsas acusações contra os próprios profetas e suas igrejas**, e insistindo na autoridade dos predecessores dos bispos na sé, o compeliu a revogar as cartas pacíficas que ele tinha enviado, bem como desistir de seu propósito de concordar com as ditas dádivas. **Assim este Práxeas fez um duplo serviço para o diabo em Roma**: ele afugentou a profecia, e introduziu a heresia; ela afastou o Espírito e crucificou o Pai"[172]

Essas fortes acusações de Tertuliano ao bispo de Roma contêm um fundo histórico que foi comentado pelo bispo Kaye:

"Vítor 'admitiu os dons proféticos de Montanus', e manteve comunhão com as igrejas Frígias que os adotaram: mas pior que isto, ele agora parece apadrinhar a heresia patripassionista, sob a compulsão de Práxeas. Isto Tertuliano diz, **quem certamente não tinha nenhuma idéia de que o Bispo de Roma era o infalível juiz de controvérsias**, quando ele lembrou os fatos desta estranha história. Assim, nós descobrimos **o próprio fundador do 'Cristianismo Latino', acusando um contemporâneo Bispo de Roma de heresia e apadrinhamento de heresia**"[173]

Clemente de Alexandria (150 – 215 d.C) também não tinha qualquer ideia de um primado do bispo romano, razão pela qual ele diz que Pedro, Tiago (o discípulo) e João não tomaram para si a honra de se tornarem bispos de Jerusalém, mas elegeram Tiago (irmão do Senhor, conhecido como "o Justo"):

"Porque -dizem - depois da ascensão do Salvador, Pedro, Tiago e João, mesmo tendo sido os preferidos do Salvador, não tomaram para si esta honra, mas elegeram como bispo de Jerusalém Tiago o Justo"[174]

Se fosse Roma a principal diocese cristã do século I, Clemente não diria que a maior honra caberia a Tiago como bispo de Jerusalém, mas que a maior honra caberia a Pedro como bispo de Roma. Contudo, ele diz que nem mesmo Pedro "*tomou a honra*" de se tornar bispo de Jerusalém, o que só pode significar que a cidade onde Pedro se tornou bispo não era tão importante quanto a de Tiago. Em nenhuma vez vemos um concílio todo se reunindo para definir quem será o próximo bispo de Roma, mas vemos isso

[172] Tertuliano, Contra Práxeas, 1.
[173] O bispo de Roma, cap. i. p. 597.
[174] Clemente Alexandrino, Llivro VI das *Hypotyposeis.*

acontecendo quando se trata do bispo de Jerusalém, por ser a sede mais importante do Cristianismo naquela época, até a sua destruição em 70 d.C pelos romanos:

"Depois do martírio de Tiago e da tomada de Jerusalém, que se seguiu imediatamente, é tradição que os apóstolos e discípulos do Senhor que ainda viviam reuniram-se de todas as partes num mesmo lugar, junto com os que eram da família do Senhor segundo a carne (pois muitos deles ainda viviam), e todos celebraram um conselho sobre quem seria considerado digno de suceder a Tiago, e todos, por unanimidade, decidiram que Simeão era digno do trono daquela igreja"[175]

Cipriano

Cipriano (200 – 258 d.C) foi um importante bispo de Cartago, na África. Ele presidiu o Concílio de Cartago que ocorreu no ano 255, onde disse:

"Pois **nenhum de nós coloca-se como um bispo de bispos**, nem por terror tirânico alguém força seu colega à obediência obrigatória; visto que cada bispo, de acordo com a permissão de sua liberdade e poder, tem seu próprio direito de julgamento, **e não pode ser julgado por outro mais do que ele mesmo pode julgar um outro**. Mas esperemos todos o julgamento de nosso Senhor Jesus Cristo, que é **o único** que tem o poder de nos designar no governo de Sua Igreja, e de nos julgar em nossa conduta nela"[176]

Não há a menor ideia da primazia de um bispo, seja ele quem for, sobre todos os demais. Cipriano diz explicitamente que **não existia um bispo dos bispos**, que cada bispo tem sua própria autoridade e que não pode ser julgado por outro mais do que ele mesmo pode julgar um outro. Isso é um verdadeiro golpe de morte na teologia romana que afirma que o bispo romano tinha mais autoridade que os demais bispos locais e podia julgá-los!

E ao invés de apontar um suposto Sumo Pontífice em Roma que liderasse sobre todos os demais, ele afirma que é o Senhor Jesus Cristo o **único** que tem o poder de governar a Igreja com autoridade superior a todos. Não era a visão de um Sumo Pontífice no Céu e outro na terra, mas somente de um que está no Céu – Jesus Cristo. Curiosamente, algum tempo mais tarde se reuniu um outro concílio em Cartago, quando o bispo romano estava tentando usurpar o poder dos bispos locais, colocando-se acima deles, e ficou decidido que:

[175] Eusébio de Cesareia, HE, Livro III, 11:1.
[176] Sétimo Concílio de Cartago, presidido por Cipriano.

"Igualmente decidimos que os Presbíteros, Diáconos e outros Clérigos inferiores, nas causas que surgirem, se não quiserem se conformar com a sentença dos bispos locais, **recorram aos bispos vizinhos, e com eles terminem qualquer questão...** E que, se ainda não se julgarem satisfeitos e quiserem apelar, **não apelem senão para os Concílios Africanos, ou para os Primazes das próprias Províncias: - e que, se alguém apelar para a Sé Transmarina (de Roma) não seja mais recebido na comunhão**"[177]

Não somente Roma não é vista como uma autoridade superior a todas as demais igrejas, como também é nos declarado que aqueles que apelassem para Roma deveriam ser excomungados da Igreja! Os bispos vizinhos (locais) e os concílios africanos tinham a mesma autoridade de Roma, não havia uma autoridade superior da Sé Romana sobre as demais dioceses.

Cipriano também chamou posteriormente o bispo Estêvão, de Roma, de **"amigo de hereges e inimigo dos cristãos"**:

"Dá gloria a Deus quem, sendo **amigo de hereges e inimigo dos cristãos**, acha que os sacerdotes de Deus que suportam a verdade de Cristo e a unidade da Igreja, devem ser excomungados?"[178]

Estêvão tinha uma divergência com Cipriano sobre a necessidade de rebatismo para os hereges. Mais uma vez, não vemos Cipriano se dobrando diante da decisão do bispo de Roma, mas o vemos rejeitando com tanta veemência ao ponto de chamá-lo de **herege e inimigo dos cristãos**, além de reunir o Concílio de Cartago (que acabamos de conferir), onde ele não apenas rejeita a intervenção de Estêvão, como também diz que **não existe ninguém que seja "bispo dos bispos"** (como os católicos declaram com relação ao papa) que possa dar ordens aos demais bispos, mas afirma que cada um dos bispos, em todas as dioceses cristãs, tem seu próprio direito de julgamento, liberdade e poder, **sem poder ser julgado por nenhum outro mais do que ele mesmo pode julgar um outro.**

Em outras palavras, a autoridade de todos os bispos era rigorosamente ***a mesma***. Não existia ninguém que tivesse uma autoridade maior do que os demais para julgá-los ou dá-los ordens. Não existia um "bispo universal" ou "bispo dos bispos" na Igreja. Tais títulos soberbos e orgulhosos foram fruto da ambição de poder, temporal e espiritual, dos bispos de Roma, séculos mais tarde.

Cipriano escreve aqui exatamente para condenar as decisões de Estêvão, bispo de Roma na época. Portanto, ele não cria que Estêvão tivesse uma autoridade maior do que

[177] Concílio de Cartago, ano 418.
[178] Epístola 74.

a dele próprio ou a de qualquer outro bispo, não cria que o bispo de Roma fosse bispo universal ou bispo dos bispos, nem que tivesse que receber ordens daquele a quem ele próprio chamava de **"amigo de hereges e inimigo dos cristãos"**.

Alguém poderia ainda alegar que o fato de Cipriano ter dito que o bispo de Roma é sucessor de Pedro significa que ele cria em primazia do bispo romano. Duas coisas devem ser consideradas aqui. Primeiro, que eles criam que praticamente todas as dioceses cristãs foram fundadas por apóstolos. A Igreja de Antioquia, por exemplo, também teria sido fundada por Pedro, o que não implica de modo nenhum em alguma primazia dessa igreja local sobre todas as demais.

Se Roma devesse ser considerada a primaz por Pedro ter sido bispo de lá na visão católica, então por que Antioquia também não deveria ser primaz, já que, pela tradição, **Pedro foi bispo de Antioquia?** Dois pesos, duas medidas. Ou Roma e Alexandria dividem o primado por causa de Pedro, ou que vá para o lixo este argumento.

Segundo, que Cipriano cria que **todos os bispos eram sucessores de Pedro**, não apenas o bispo de Roma. Podemos ver isto na introdução de sua Epístola 33:

"Nosso Senhor, cujos preceitos e admoestações nós devemos observar, descrevendo a honra de um bispo e a ordem de sua Igreja, fala no Evangelho dizendo a Pedro: 'Eu te digo, Tu és Pedro, e sobre esta pedra eu edificarei minha Igreja; e os portões do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus, o que for que você ligar na terra será ligado no céu e o que for que você desligar na terra será desligado no céu'. Por isto, através das mudanças dos tempos e sucessões, a ordenação de bispos e o plano da Igreja continuam fluindo, de forma que a Igreja é **fundada sobre os bispos**, e cada ato da Igreja é **controlado por estes mesmos governantes**"[179]

Note que, para Cipriano, a Igreja não está fundada sobre o bispo de Roma somente, ou sobre Pedro unicamente, mas **"sobre os bispos"**. Não sobre um bispo em específico, muito menos sobre o bispo de Roma! São os bispos que governam a Igreja e fazem com que a sucessão dos bispos continue existindo. Para Cipriano, Pedro é um representante de ***todo o episcopado***, e não de apenas um bispo em especial. E este episcopado é representado por cada bispo de cada igreja (não somente pelo bispo romano), como ele esclarece em "Da Unidade da Igreja":

"E esta unidade nós devemos firmemente manter e declarar, especialmente aqueles de nós que somos bispos que presidem na Igreja, para que nós também possamos provar que o próprio episcopado é uno e indiviso. Que ninguém engane a irmandade com uma

[179] Epístola 33 de Cipriano, parágrafo 1.

falsidade, que ninguém corrompa a verdade da fé com prevaricações perfidiosas. **O episcopado é uno, cada parte do qual é mantido por cada um para o todo**"[180]

Na epístola 66, Cipriano também traz estas palavras:

"Pedro fala ali, sobre quem a Igreja foi construída, ensinando e mostrando em nome da Igreja, que apesar de uma multidão rebelde e arrogante daqueles que não ouvem e obedecem podem se separar, a Igreja não se afasta de Cristo; e eles são a Igreja que é o povo unido ao sacerdote e o rebanho unido ao pastor. **De onde você deve saber que o bispo está na Igreja e a Igreja no Bispo**; e se alguém não estiver com o bispo, ele não está na igreja, e que se bajulam em vão aqueles que se esgueiram, não tendo paz com os sacerdotes de Deus, pensando estar comunicando secretamente com alguns; enquanto que a Igreja, que é Católica e una, não é cortada ou dividida, mas é de fato conectada e ligada pelo cimento dos sacerdotes que coerem uns com os outros"[181]

Pedro aqui representa os bispos, e não o bispo de Roma exclusivamente. É a submissão ao bispo *local* o critério para a filiação à Igreja, e não ao bispo de Roma. O "cimento dos sacerdotes" é a coerência e união entre os bispos locais, e não um governo central localizado em Roma e governado por um único bispo.

Para conciliar a tese do primado do bispo romano com tentas evidências que deixam claro que Cipriano jamais creu nisso, alguns católicos adulteraram os escritos de Cipriano com citações falsas ou com traduções manipuladas. Tal é o caso da epístola de Cipriano "Da Unidade da Igreja"[182] e das famosas frases de que "os romanos não podem errar na fé" e que "Roma é a matriz e trono da Igreja Católica"[183].

A primeira é uma tradução mal feita do original e a segunda é uma interpolação que é fruto de uma adulteração vergonhosa no texto de Cipriano, que sequer usou a palavra "Roma" ou "trono" naquela citação. Sobre todos estes textos, o leitor poderá encontrar informação mais detalhada em meus sites, nos respectivos artigos que estarão na nota de rodapé deste livro.

[180] Da Unidade da Igreja, Cap. 5.
[181] Epístola 66 de Cipriano, parágrafo 8.
[182] Sobre essa epístola, confira uma explicação mais detalhada no artigo intitulado: "Cipriano de Cartago e a Cátedra de Pedro": <http://www.apologiacrista.com/index.php?pagina=1087029193>.
[183] Confira como e por quem estes textos foram adulterados neste link: <http://heresiascatolicas.blogspot.com.br/2012/09/adulteracoes-catolicas-nos-escritos-de.html>.

Jerônimo

Alguns católicos se utilizam dos escritos de Jerônimo para apoiar a tese do primado jurisdicional da Igreja de Roma. É verdade que muitas vezes Jerônimo colocava o bispo de Roma em um patamar de honra e autoridade na Igreja, mas não é verdade que ele o classificava como estando acima dos demais. Como podemos ter certeza disso? Simplesmente porque Jerônimo considerava os outros bispos também como **"papas"**, e vai além e diz ao bispo de Alexandria que ele era **"o mais abençoado papa"** da Igreja:

"Jerônimo para **o mais abençoado papa Teófilo** [Alexandria]"[184]

Isso prova que ele não considerava o bispo de Roma como sendo o único "papa", mas considerava em igualdade todos os bispos, como merecedores deste título. Ademais, será que pelo fato de que ele disse que Teófilo, bispo de Alexandria, era "o mais abençoado papa", significa que ele estava em um patamar de superioridade em relação a todos os outros bispos, que era infalível em *ex cathedra* ou que era um "bispo dos bispos"? É claro que não.

Se isso vale para Teófilo, por que razão deveria ser diferente com o bispo romano? De fato, se Jerônimo cresse que o bispo romano fosse a cabeça de toda a Igreja e estivesse em um patamar autoritativo de superioridade em relação a todos os outros bispos, ele não teria escrito que Teófilo era o papa mais abençoado da Igreja, pois o maior seria o próprio bispo de Roma. Porém, Jerônimo vai além e diz ao bispo de Alexandria:

"Jerônimo, para **o mais abençoado papa, Teófilo**. A letra da sua santidade me deu um duplo prazer, em parte porque pelo o que ela trouxe aos seus portadores, os estimáveis homens, bispo Ágato e diácono Atanásio, e em parte porque tem mostrado o seu zelo pela fé contra uma heresia das mais perversas. **A voz da sua santidade tem tocado em todo o mundo, e para a alegria de todas as igrejas de Cristo as sugestões venenosos do diabo foram silenciadas** (...) Ao mesmo tempo peço que se você tem qualquer influência sobre o assunto dos decretos sinodais, que você encaminhe a mim, para que, **fortalecido com a autoridade de um prelado tão grande**, eu possa abrir minha boca para Cristo com mais liberdade e confiança. O presbítero Vincent chegou de Roma há dois dias e o saúda humildemente. Ele me diz uma e outra vez que **Roma e quase toda a Itália devem a sua libertação, depois de Cristo, às suas cartas**. Prova de diligência, portanto, do **mais amoroso e mais abençoado papa**, e sempre que tiver oportunidade de escrever aos bispos do Ocidente não hesite em suas próprias palavras - para cortar com uma foice afiada os brotos do mal"[185]

[184] Jerônimo, Letter 63, To Theophilus.
[185] Jerônimo, Letter 88, To Theophilus.

Ele não apenas chama Teófilo de "o papa mais abençoado", como também afirma que a voz dele tem ressoado pelo mundo inteiro, silenciando as sugestões venenosas do diabo. Como se não bastasse, ele reafirma também a "autoridade de um prelado tão grande" e declara que os próprios romanos deviam a sua libertação a este bispo de Alexandria, e não o contrário! No final, ele o chama de "o mais amoroso e mais abençoado papa". Onde foi parar a tal "primazia" do bispo de Roma?

Em outro momento, quando ele acusa as heresias de Orígenes, ele pede que uma carta seja enviada para ele e para o bispo de Constantinopla, **mas não cita o bispo romano:**

"Uma carta sinodal deve ser **enviada para mim e para o bispo de Constantinopla**, e para quaisquer outros que você acha que se encaixam, expressando a condenação de Orígenes por consenso universal e condenando também a heresia infame, a qual ele era o autor"[186]

O interessante é que ele diz que a condenação das heresias de Orígenes deveria ser um "consenso universal" na Igreja, e, de acordo com os católicos, o bispo de Roma era um "papa universal" que mandava em toda a Igreja com poderes plenos, supremos e absolutos. Portanto, o bispo de Roma deveria, por esta lógica, ser o primeiro a ser notificado destas coisas, o primeiro a receber as cartas sinodais a este respeito.

Contudo, ele nem sequer aparece aqui. Jerônimo apenas faz referência à autoridade dele mesmo e do bispo de Constantinopla, mas não do bispo de Roma, que para os católicos teria autoridade para resolver tudo sozinho, pois seria supostamente o "bispo dos bispos". Isso explica o porquê que Jerônimo não aceitava que o costume adotado em Roma servisse de padrão para todas as demais igrejas cristãs:

"Mas você vai dizer: como, então, que **em Roma** um presbítero é ordenado apenas na recomendação de um diácono? Ao qual eu respondo como se segue. Por que você apresenta um **costume que existe em uma única cidade?** Por que você **se opõe às leis da Igreja uma exceção insignificante que deu origem à arrogância e orgulho?**"[187]

Se Roma tivesse autoridade suprema e universal na Igreja, então ela que deveria impor os costumes e regras na Igreja, e não o contrário. Se a autoridade romana fosse universal (e não apenas sobre o território romano), então as medidas que ela adotaria deveriam ser adotadas em toda a Igreja.

[186] Jerônimo, Letter 90, From Theophilus to Epiphanius.
[187] Jerônimo, Letter 146, To Evangelus, Cap.2.

Porém, não apenas vemos que as demais comunidades cristãs da época não aceitavam nem adotavam o costume aceito pelos romanos, como também vemos Jerônimo se referindo a eles como sendo um "costume que existe em *apenas uma única cidade*". Nota-se claramente aqui como que Jerônimo não cria que Roma tivesse um papel supremo e universal a tal altura. "Uma única cidade" mostra claramente que o poder de Roma não era extensivo sobre todas as demais igrejas locais. Roma era apenas "uma exceção", não passava de "uma única cidade", e não uma autoridade universal e infalível. É por isso que ele diz que aquilo era uma "exceção insignificante" que deu origem a "arrogância e orgulho".

Se Jerônimo cresse na primazia jurisdicional da Igreja Romana, não chamaria aquilo de "exceção insignificante", pois seria da maior importância, visto que Roma supostamente seria a maior de todas as igrejas cristãs da época. Porém, ele se ***opõe*** ao costume adotado em Roma e não considera que Roma tenha autoridade sobre todas as demais igrejas, mas a chama de "uma única cidade", diz que era uma "exceção insignificante" e ainda afirma que aquilo conduzia à "arrogância e orgulho"! Como que Jerônimo cria na primazia romana?

Além disso, o mesmo afirma que era Policarpo o **"chefe de toda a Ásia"** em sua época:

"Policarpo, discípulo do apóstolo João e por ele ordenado bispo de Esmirna **era chefe de toda a Ásia**, onde ele viu e teve como professores alguns dos apóstolos e das pessoas que tinham visto o Senhor"[188]

Os católicos afirmam que o bispo romano tinha primazia universal, isto é, autoridade suprema sobre o mundo inteiro, sobre todas as igrejas cristãs locais (o que evidentemente incluiria a Ásia, é claro). No entanto, Jerônimo diz que era Policarpo, e não o bispo de Roma, o **"chefe de toda a Ásia"** em sua época, ou seja, aquele que tinha a maior autoridade naquela importante região, a tal altura. Portanto, a autoridade do bispo romano se limitava a Roma – não se estendia à Ásia, não era uma "primazia universal"!

Eusébio e João Crisóstomo

Já comentamos neste livro diversas passagens do historiador da Igreja primitiva Eusébio (265 – 339 d.C), bispo de Cesareia, que nos diz que a pedra de Mateus 16:18 é a confissão de Pedro em Jesus, que Pedro nunca foi bispo de Roma, que narra os conflitos

[188] De Viris Illustribus, 17.

entre os bispos locais com os bispos de Roma e que nega a primazia jurisdicional do bispo romano. É interessante notar que, em seus dez livros que compõem sua famosa "História Eclesiástica", **nunca** o vemos dizendo que a Igreja possui um Sumo Pontífice terreno, que seria o bispo de Roma, o "papa".

Ao contrário, ele diz que o **único** Sumo Pontífice (=Sumo Sacerdote) de todo o Universo é Jesus Cristo:

"Além disso, a tradição nos faz saber igualmente que também alguns profetas foram convertidos em Cristos, figuradamente, por meio da unção com o óleo, de forma que todos estes fazem referência ao verdadeiro **Cristo**, o Verbo divino e celestial, **único sumo Sacerdote do universo**, único rei de toda a criação e, entre os profetas, único sumo Profeta do Pai"[189]

Convenhamos: Eusébio **nunca** fala de um Sumo Pontífice terreno, em todas as vezes que fala sobre um Sumo Pontífice aponta para Cristo[190], e ainda por cima diz que ele (Jesus) é o **único** Sumo Pontífice de todo o Universo. Será mesmo que ele cria que o bispo de Roma era um Sumo Pontífice? Lógico que não.

Além disso, ele chama de "papa" o bispo Heraclas, de Antioquia:

"Logo, depois de dizer algumas coisas sobre todas as heresias, acrescenta: 'Eu recebi esta regra e este modelo de nosso bem-aventurado **papa Heraclas**'"[191]

Essa é a primeira vez que este título é concedido ao bispo de Alexandria. O bispo de Cartago, Cipriano, também recebia este título pelos presbíteros de Roma, mas o próprio bispo romano ainda tardaria em recebê-lo. Somente muitos séculos mais tarde, quando os bispos de Roma ambiciosos pelo poder temporal e espiritual sobre toda a Igreja quiseram usurpar a autoridade dos demais bispos, é que eles arrogaram para si mesmos o título de "papa" em *exclusividade*. É por isso que na Igreja Católica atual não se vê nenhum deles chamar algum bispo no Brasil, na África, na Ásia ou em qualquer outro lugar de "papa", pois este título é conferido exclusivamente ao pontífice romano, como resultado de sua ambição e arrogância.

João Crisóstomo (347 – 407 d.C), por sua vez, foi além e disse ao bispo de Antioquia:

[189] Eusébio de Cesareia, HE, Livro I, 3:8.
[190] Eusébio de Cesareia, HE, Livro IV, 15:35; Livro I, 3:8.
[191] Eusébio de Cesareia, HE, Livro V, 7:4.

"Quando se trata de preeminências, aspirais ao primeiro lugar em toda a terra, por ter sido a vossa cidade [Antioquia] a primeira que se coroou com o nome de 'cristão'"[192]

Como vemos, esse que tem **"preeminência"**, que aspira o **"primeiro lugar"** em toda a terra e que foi onde se coroou pela primeira vez com o nome "cristão" não é o bispo de Roma, mas o de Antioquia. Essa passagem choca-se frontalmente com aqueles que ensinam que a única proeminente é Roma, que estaria acima de todas as demais dioceses cristãs, liderando sobre elas. Se João Crisóstomo também tivesse este conceito, não teria dito que Antioquia aspirava o **primeiro lugar** em toda a terra, pois este "primeiro lugar" já estaria mais que definido que seria de Roma e de mais ninguém.

Gregório Magno

O bispo de Roma Gregório Magno (540 – 604 d.C) é o maior exemplo de um bispo romano que rejeitou o título de bispo universal por considerá-lo um "título de blasfêmia", como fica claro em sua epístola a Maurício César:

"Os próprios mandamentos de nosso Senhor Jesus Cristo são transtornados pela **invenção de uma certa orgulhosa e ostensiva frase**, que seja o piedosíssimo senhor a cortar o lugar da chaga, e prenda o paciente remisso nas cadeias da augusta autoridade. Pois ao atar estas coisas justamente alivias a república; e, enquanto cortas estas coisas, provês o **alargamento do teu reinado** (...) O meu companheiro sacerdote João, pretende ser chamado **bispo universal**. Estou forçado a gritar e dizer: Oh tempos, oh costumes! (...) Os sacerdotes, que deveriam chorar jazendo no chão e em cinzas, buscam para si **nomes de vanglória**, e se gloriam em **títulos novos e profanos** (...) Quem é este que, contra as ordenanças evangélicas, contra os decretos dos cânones, **ousa usurpar para si um novo nome?** O teria se realmente por si mesmo fosse, **se pudesse ser sem nenhuma diminuição dos outros** – ele que cobiça ser universal (...) Se então qualquer um nessa Igreja toma para si esse nome, pelo qual se faz a cabeça de todo o bem, **segue-se que a Igreja universal cai do seu pedestal** (o que não permita Deus) **quando aquele que é chamado universal cai**. Mas longe dos corações cristãos esteja esse **nome de blasfêmia**, no qual é **tirada a honra de todos os sacerdotes**, no momento em que é loucamente arrogado **para si por um só**"[193]

Nestas linhas vemos o bispo romano Gregório Magno afirmando que o título de "bispo universal", que hoje é comumente usado pelos católicos para o papa, é na

[192] Homília sobre Castidade, Matrimônio e Família. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/Biblioteca/pais_da_igreja/s_joao_crisostomo_vida_e_obra.html>. Acesso em: 04/10/2013.
[193] Epístola XX a Maurício César (NPNF 2 12:170-171).

verdade:

1º Uma invenção orgulhosa.

2º Uma frase ostensiva.

3º Um alargamento do reinado, *além* daquilo que realmente possui.

4º Um nome de vanglória.

5º Um título novo e profano.

6º Uma usurpação.

7º Uma diminuição da autoridade dos outros bispos.

8º Um nome que faz com que toda a Igreja caia se esse "bispo universal" cair.

90 Um nome de blasfêmia.

10º Um nome que tira a honra dos outros sacerdotes.

Os católicos afirmam que Gregório Magno não condenou o título de "papa universal" para si próprio, mas condenou este título somente quando aplicado a João, bispo de Constantinopla, quando este queria se tornar o único "bispo dos bispos". Porém, isso não é verdade. É fato que João, bispo de Constantinopla, queria usurpar este título e tomá-lo para si somente, em singularidade. Mas não é verdade que Gregório Magno tenha rejeitado este título ***somente ao bispo de Constantinopla, mas não para si mesmo***, pois ele próprio afirmou:

"Agora eu digo com confiança que todo aquele que chama a si mesmo, ou deseja ser chamado, Sacerdote Universal, **é em sua exaltação o precursor do Anticristo**, porque ele **orgulhosamente se coloca acima de todos**. E pelo orgulho ele é levado ao erro, pois **como perverso deseja aparecer acima de todos os homens**. Por isso, todo aquele que ambiciona ser chamado único sacerdote, **exalta-se acima de todos os outros sacerdotes**"[194]

Gregório Magno afirma categoricamente que **"todo aquele"** que se chama a si mesmo de "Sacerdote Universal" é o precursor do anticristo. Este **"todo"** obviamente

[194] Gregório Magno, a Maurícius Augustus.

não se refere somente ao bispo de Constantinopla. Ao contrário, Gregório estava estipulando um princípio universal – "todo aquele" se refere a *todos* os bispos, a qualquer um deles! Ele declara que este título, seja aplicado a quem quer que seja:

1º É uma exaltação de um precursor do anticristo.

2º É fruto do orgulho de quem se coloca acima dos demais.

3º É um perverso que só quer aparecer acima de todos.

4º Exalta-se acima de todos os outros sacerdotes.

Dá para perceber como que ele não era uma figura muito simpática ao título de "papa [ou bispo] universal". Notem que, embora isso tenha *começado* por um bispo de Constantinopla, ele repete o **"todo aquele"** pelo menos duas vezes na citação acima. Era uma forma de reiterar com ainda mais força o fato de que qualquer bispo que seja, tomando o título de papa universal, torna-se um precursor do anticristo, pois seria um título soberbo e orgulhoso.

Curiosamente, os católicos afirmam que, por esta mesma época, o próprio Gregório Magno (bispo de Roma) seria um "bispo universal" ou "bispo dos bispos"! Ou seja, Gregório estaria chamando o título que ele mesmo possuiria como sendo um orgulho e um precursor do anticristo! Ele não condena o bispo de Constantinopla por estar se levantando contra Roma; ao contrário, ele o condena por estar se usurpando contra *todos* os bispos, por tomar este título soberbo. Foi por isso que ele disse:

"Que dirás tu João a Cristo que é cabeça da Igreja universal no prestar de contas no dia do juízo final? Tu que te esforças de te antepor a todos os teus irmãos bispos da Igreja universal e que com um **título soberbo** queres pôr debaixo dos teus pés o seu nome em comparação do teu? **Que vais tu fazendo com isso, senão repetir com Satanás: Subirei ao céu e exaltarei o meu trono acima dos astros do céu de Deus?** Vossa fraternidade quando despreza (os outros bispos) e faz todos os esforços possíveis para os subjugar, não faz senão repetir quanto já disse o velho inimigo: Me exaltarei acima das nuvens mais excelsas (...) Possa pois tua Santidade reconhecer **quanto é grande o teu orgulho pretendendo um título que nenhum outro homem verdadeiramente pio jamais se arrogou**"[195]

Gregório diz aqui que somente Cristo é cabeça da Igreja Universal – não o papa – e declara também que se colocar como "bispo universal" seria tomar para si um título de

[195] Gregório Magno, Epistolarum V, Ep. 18, PL 77, pag. 739-740.

soberba que o colocaria acima de todos os outros bispos da Igreja. Ele afirma que quem se coloca como bispo universal está **repetindo com Satanás** o mesmo orgulho que causou a sua queda, que seria fruto de uma exaltação indevida. Mas o mais importante é o que ele afirma logo em seguida: **que nenhum outro homem jamais arrogou tal título para si**.

Isso é uma refutação de peso para aqueles que pensam que tal título era pertencente em exclusividade aos bispos romanos desde séculos. Se nenhum outro homem jamais se colocou como bispo universal, então nem os próprios bispos romanos (nem o próprio Gregório) eram detentores de tal título. Se assim fosse, o texto ficaria sem sentido, ao dizer que nenhum outro homem verdadeiramente pio foi detentor de tal título, o que no mínimo seria dizer que os bispos romanos não eram "verdadeiramente pios", pois supostamente detinham tal título!

Em outro momento, ele diz:

"Pois se um só, como ele supõe, é o bispo universal, ***isso implica*** que vocês não são bispos"[196]

Gregório afirma que colocar alguém como bispo universal ***implica*** em dizer que os demais não eram bispos. Em outras palavras, há aqui um quadro de causa e efeito. Quando alguém se coloca como bispo ou papa universal, necessariamente está rebaixando os demais bispos. Infelizmente, foi exatamente isso que os romanos fizeram mais tarde, e que, aliás, continuam fazendo até hoje. Eles não seguem as instruções do próprio Gregório, que disse:

"Vossa Bem-aventurança também foi cuidadoso em declarar que não faz agora uso de **títulos orgulhosos, que brotam de uma raiz de vaidade**, ao escrever a certas pessoas, e se dirige a mim dizendo, «Como tu o ordenaste». Esta palavra, ordenar, lhe rogo **que a afaste dos meus ouvidos**, já que sei quem sou eu e quem sois vós. Pois **em posição sois meus irmãos**, em caráter meus pais. Eu não ordenei, então, mas estava desejoso de indicar o que me parecia ser benéfico. Contudo, não acho que Vossa Bem-aventurança tenha estado disposto a recordar perfeitamente esta mesmíssima coisa que trago à sua memória. **Pois eu disse que nem a mim nem a mais ninguém devia escrever alguma coisa do gênero**; e eis que no prefácio da epístola que me dirigiu a mim que **me recuso a aceitá-lo**, considerou apropriado fazer uso de um **apelido orgulhoso, chamando-me Papa Universal**. Mas rogo à sua dulcíssima Santidade que **não volte a fazer tal coisa**, já que o que é concedido a outro para lá do que a razão exige é subtraído de você mesmo. Pois, quanto a mim, não busco ser prosperado por palavras, mas pela minha conduta. **Nem considero uma honra aquilo pelo qual sei que meus irmãos perdem a honra deles**. Pois a

[196] Epístola LXVIII.

minha honra é a honra da Igreja universal; a minha honra é o sólido vigor dos meus irmãos. Então sou verdadeiramente honrado quando não é negada a eles a honra devida a todos e cada um. **Pois se Vossa Santidade me chama a mim Papa Universal, nega que seja você o que me chama a mim universalmente. Mas longe esteja isto de nós. Fora com as palavras que inflam a vaidade e ferem a caridade**"[197]

Quando o bispo de Alexandria escreveu a Gregório dizendo que este havia "ordenado" algo a ele, Gregório prontamente **rejeita tal atitude**, pois reconhecia que ele **não estava em um patamar de superioridade sobre o bispo de Alexandria**. Foi por isso que ele disse:

"Ao escrever a certas pessoas, e se dirige a mim dizendo, «Como tu o ordenaste». Esta palavra, ordenar, lhe rogo **que a afaste dos meus ouvidos**, já que sei quem sou eu e quem sois vós. Pois **em posição sois meus irmãos**, em caráter meus pais"

Gregório rejeita o entendimento do bispo de Alexandria de que ele estava passando-lhe "ordens", pois não estava em posição para fazer tal coisa. E ele diz que "sei quem sou eu e quem sois vós". Essa seria uma ocasião perfeita para declarar aquilo que os católicos assumem abertamente nos dias de hoje: que o bispo de Roma está *acima* do de Alexandria e de todos os demais. Porém, o que Gregório faz é exatamente o inverso. Ele diz que **"em posição sois meus irmãos"**.

Em outras palavras, em posição (autoridade) na Igreja, o bispo de Alexandria era "irmão" (igualdade) do bispo romano, e não seu servo. **O bispo de Alexandria não estava em inferioridade autoritativa em relação ao bispo romano, mas em igualdade!** E, em seguida, ele afirma abertamente aquilo que todos os católicos insistem em negar: que Gregório Magno rejeitou o título de "papa universal" não somente para o bispo de Constantinopla, mas também para si mesmo:

"Pois eu disse que **nem a mim nem a mais ninguém** devia escrever alguma coisa do gênero; e eis que no prefácio da epístola que me dirigiu a mim que **me recuso a aceitá-lo**, considerou apropriado fazer uso de um **apelido orgulhoso, chamando-me Papa Universal**"

O bispo de Alexandria o havia carinhosamente chamado de "bispo universal", mas **Gregório Magno rejeitou vigorosamente tal título**, e se recusou a aceitá-lo, pois disse que aquilo era um "apelido orgulhoso", que não deveria ser concedido **nem a ele e nem a mais ninguém**. Isso explica o porquê que ele ficou tão bravo com o bispo João de Constantinopla quando este fez uso de tal "título de blasfêmia". Não era porque este

[197] Gregório Magno, Epístola 8.30, a Eulógio, bispo de Alexandria.

"título de blasfêmia" era dele (Gregório) e não de João, mas porque era algo que não deveria ser dado nem a ele próprio (i.e, nem ao bispo de Roma) e nem a mais ninguém!

Isso desfaz as interpretações católicas de "apologistas" que dizem que Gregório somente rejeitou o título de bispo universal porque estava sendo aplicado ao bispo de Constantinopla, e não ao bispo de Roma. Um deles chegou a dizer:

"São Gregório se 'opunha' ao titulo justamente para aqueles que não o mereciam, ***pois não eram bispos de Roma****, portanto só ao bispo de Roma compete esta autoridade"*

Além do fato de que o sujeito católico que fez essa afirmação colocou o "opunha" entre aspas, quando Gregório Magno ***realmente se opôs*** prontamente a tal título, ele ainda afirma que ele se colocava contra somente para com aqueles que não eram bispos de Roma, mas não para si próprio. O que acabamos de ver, da citação do próprio Gregório, é uma categórica refutação a esta "interpretação", pois vimos que Gregório Magno rejeitava este título **até mesmo para si próprio, e não somente para aqueles que não eram bispos de Roma.**

A verdade é que qualquer um que fizesse uso deste título em singularidade estaria se colocando como o "precursor do anticristo", por aceitar este "apelido orgulhoso". Até ele mesmo, pois ele próprio rejeitou tal título quando o bispo de Alexandria quis respeitosamente chamá-lo de tal coisa. Mais a frente, vemos Gregório dizendo:

"Mas rogo à sua dulcíssima Santidade que **não volte a fazer tal coisa**, já que o que é concedido a outro para lá do que a razão exige é subtraído de você mesmo"

Aqui vemos que Gregório Magno **não apenas rejeitou tal título, como também insistiu para que não voltassem a cometer o erro de chamá-lo deste modo**. E o mais importante é o que ele diz na sequencia: que, se ele fosse chamado de "papa universal", segue-se que os outros não seriam "papas universais", e, desta forma, tal título seria subtraído dos demais bispos, para ser exclusivamente do bispo de Roma.

Isso não faz lógica para os católicos, pois, para eles, é exatamente esse o sentido de tal título: exclusividade e superioridade do bispo de Roma. Porém, Gregório afirma que tal título não poderia ser aplicado a ele por ser "para lá o que a razão exige", e porque, se fosse assim chamado, os outros bispos estariam isentos de tal título. Isso é prova de que todos os bispos estavam em **igualdade de autoridade**, e não em superioridade de um em detrimento dos demais. Foi por isso que Gregório disse:

"Nem considero uma honra aquilo pelo qual sei que meus irmãos perdem a honra deles"

Para Gregório, se ele fosse chamado de "papa universal", os outros bispos (das outras igrejas) perderiam a honra deles! Ora, se só o bispo romano fosse reconhecido na época como sendo um "bispo universal" ou "bispo dos bispos", então ele ser chamado em exclusividade por este termo não seria um demérito aos outros bispos, pois realmente só caberia ao bispo de Roma, em função de sua suposta primazia jurisdicional universal. Porém, como o fato é que todos os bispos tinham igual autoridade na Igreja, chamar algum deles singularmente (como o bispo romano) de "universal" seria desmerecer e rebaixar os demais. Por isso Gregório rejeitou prontamente tal título. E ele termina dizendo:

"Então sou verdadeiramente honrado quando não é negada a eles a honra devida a todos e cada um. Pois se Vossa Santidade me chama a mim Papa Universal, **nega que seja você o que me chama a mim universalmente**. Mas longe esteja isto de nós. Fora com as palavras que inflam a vaidade e ferem a caridade"

Para Gregório, todos os bispos tinham igual autoridade. Não existia uma primazia universal de alguma das igrejas cristãs locais sobre todas as outras. Isso explica o porquê de ele ter dito que, "se chama a mim papa universal, nega que seja você o que me chama a mim universalmente". Em outras palavras: se o patriarca de Alexandria concedesse este título a Gregório, ele estaria se reconhecendo como em uma posição *inferior* a ele. E esta não era a intenção, visto que a autoridade e liberdade de todas as igrejas era a mesma.

Os católicos dos dias de hoje afirmam abertamente que o patriarca de Alexandria não é um papa universal, mas o bispo de Roma sim. Já Gregório considerava todos os bispos em igualdade, motivo pelo qual todos são "universais", ou então nenhum deles. Pois chamar apenas um (em exclusividade) de "universal" seria rebaixar todos os demais, e dizer que estavam submissos a Roma – "Mas longe esteja isto de nós; fora com as palavras que inflamam a vaidade e ferem a caridade".

Isso se complementa ao que ele disse em sua epístola XX a Maurício César: que, se existe um bispo universal, então a integridade de toda a Igreja depende deste único bispo. Assim, se este bispo ou a igreja deste bispo cai em heresia, toda a Igreja cairia em heresia. Mas, se não existe um bispo universal ou "bispo dos bispos", então mesmo que um deles caia em heresia a Igreja continuaria de pé, por causa da igualdade em autoridade de todos os bispos e de nenhum deles depender da autoridade de outro:

"Se então qualquer um nessa Igreja toma para si esse nome, pelo qual se faz a cabeça de todo o bem, **segue-se que a Igreja universal cai do seu pedestal** (o que não permita Deus) **quando aquele que é chamado universal cai**. Mas longe dos corações cristãos esteja esse nome de blasfêmia, no qual é tirada a honra de todos os sacerdotes, no momento em que é loucamente arrogado **para si por um só**"

E é exatamente neste erro condenado por Gregório que a Igreja Romana caiu. Por orgulho, tomou para si com exclusividade o título de "bispo universal", como se a integridade da Igreja de Cristo dependesse de Roma. Assim, a Igreja deles "caiu" do pedestal, como já previa Gregório, mas a *verdadeira Igreja*, que é o invisível Corpo de Cristo, a reunião de todos os cristãos eleitos no mundo inteiro, que não possuem um bispo universal terreno, continua subsistindo, para a glória de Deus.

Gregório não diria que esse é um nome de blasfêmia que tira a honra de todos os sacerdotes se existisse realmente um papa universal, que é o romano. Ele não teria dito que seria loucura que houvesse **um só** bispo universal na Igreja, se *realmente existisse* um único papa universal, que é o que está em Roma. Jamais teria afirmado para o bispo de Alexandria que em posição de autoridade eles eram iguais, ou que este título era algo novo e profano, ostensivo e fruto de vanglória, uma "invenção orgulhosa" para alargar o reinado, que tira a honra dos outros sacerdotes e que diminui a autoridade dos outros bispos. **Isso porque a Igreja da época não tinha nada de "apostólica romana", como conhecemos hoje!**

Os Concílios da Igreja

De acordo com a Enciclopédia Católica Popular, um Concílio Ecumênico é "a reunião de todos os bispos, **convocado e presidido pelo papa**, destinado a dirimir questões de doutrina e disciplina para a Igreja universal"[198]. Porém, o que a História nos mostra é que, por séculos, os bispos romanos limitaram-se à administração de sua própria diocese, sem interferirem na jurisdição das demais, e por isso muitas heresias que foram julgadas nos primeiros séculos por concílios foram formados por bispos que não eram da Igreja de Roma, como, por exemplo:

1º Os Carpocrates, que negavam a divindade do Senhor Jesus.
2º Marcião, que negava a autoridade do Antigo Testamento e de Jesus.
3º Os gnósticos, que negavam que Cristo se fez carne e ressuscitou dos mortos.
4º Os milagres de Apolônio de Thiana.
5º Os Ebionitas e sua teologia dualista.
6º Saturnino e sua teologia da criação.
7º Os Valentinianos e suas teorias gnósticas.
8º Basílide de Alexandria, que negava a redenção.

[198] Código de Direito Canônico, 337.341.

O próprio Concílio de Niceia, provavelmente o mais famoso concílio da história da Igreja antiga, se deu sob a presidência do imperador romano Constantino, e não do bispo de Roma Silvestre[199]. Mesmo quando um bispo de Roma dirigia um concílio, raramente o vemos dirigindo *sozinho*, exclusivamente, mas ao lado de outros bispos de outras dioceses, que também presidiam, como é o caso do Concílio de Calcedônia:

"Confirmando também nós, as decisões e as fórmulas de fé do concílio reunido outrora em Éfeso (431) que **presidiram** Celestino (bispo) dos romanos **e Cirilo (bispo) dos alexandrinos**, de santíssima memória, definimos que tem que resplandecer a exposição da reta e descontaminada fé, feita pelos 315 Santos e bem-aventurados padres reunidos em Nicéia (325), **sob o Imperador Constantino**"[200]

Eusébio de Cesareia, em sua História Eclesiástica, cita vários concílios que ocorreram na história da Igreja cristã até então, mas **não menciona nem um único que tenha sido presidido pelo bispo romano**. Ao contrário: dentre os que mais se destacaram em um concílio, ele nem sequer fez *menção* ao bispo de Roma!

"Entre eles, **os que mais sobressaíram foram: Firmiliano, bispo de Cesaréia da Capadócia; os irmãos Gregório e Atenodoro, pastores das igrejas do Ponto; e depois deles, Heleno, da igreja de Tarso, e Nicomas, da de Iconio. Mas não somente eles, como também Himeneo, da igreja de Jerusalém; e Teotecno, da de Cesaréia, limítrofe desta; e além destes, Máximo, que dirigia também com muito brilho os irmãos de Bostra**. E não seria muito difícil enumerar muitíssimos outros reunidos junto com os presbíteros e diáconos pelo mesmo motivo na citada cidade; **mas de todos, pelo menos os mais destacados eram estes**. Todos pois, reuniram-se para o mesmo, em diferentes e repetidas ocasiões. E em cada reunião levantavam-se razoamentos e perguntas: os partidários do samosatense, tentando ocultar ainda e dissimular o que houvesse de heresia; os outros, de sua parte, pondo todo seu empenho em desnudar e trazer à vista a heresia e a blasfêmia daquele contra Cristo"[201]

O concílio ecumênico de Calcedônia (381 d.C) é outro caso interessante, pois **não teve o bispo de Roma naquela assembleia nem um só representante sequer**, e foi presidido pelo imperador Teodósio. Por fim, o caso mais marcante e decisivo nessa questão é a análise do epítome do Cânon VI de Niceia, que diz:

[199] A Definição de Calcedônia, realizada pouco mais de um século depois de Niceia, deixa bem claro que o Concílio de Niceia foi presidido pelo imperador Constantino, e sequer faz qualquer menção ao bispo romano Silvestre.
[200] Definição de Calcedônia, ano 451.
[201] Eusébio de Cesareia, HE, Livro VII, 28:1-2.

"O bispo de Alexandria terá jurisdição sobre o Egito, Líbia e Pentápolis; **assim como o bispo romano sobre o que está sujeito a Roma**. Assim, também, o bispo de Antioquia e os outros, **sobre o que está sob sua jurisdição**. Se alguém foi feito bispo contrariamente ao juízo do Metropolita, não se torne bispo. No caso de ser de acordo com os cânones e com o sufrágio da maioria, se três são contra, a objeção deles não terá força"[202]

Note que cada bispo de cada igreja local (incluindo Roma) tinha autoridade delimitada a certos territórios, **nenhum tinha autoridade universal**. O bispo de Alexandria tinha jurisdição até **maior** que a do bispo romano, visto que presidia sobre o Egito, sobre a Líbia e sobre Pentápolis, enquanto o bispo romano somente presidia sobre Roma. E o concílio afirma na sequencia que **a mesma regra valia também para todas as demais igrejas**. Nisso fica claro que a autoridade romana não era diferente das demais nem tampouco se estendia acima delas; ao contrário, era uma jurisdição delimitada como a de todas as demais igrejas. Cada uma tinha autoridade somente sobre aquilo que estava **"sob a sua jurisdição"**, nenhuma tinha uma autoridade que se estendia à jurisdição das demais igrejas.

Se o concílio diz claramente que era o bispo de Alexandria que tinha a jurisdição sobre o Egito, a Líbia e Pentápolis, e que cada um só podia presidir sob a sua própria jurisdição, então estas províncias eram controladas eclesiasticamente pelo bispo de Alexandria, e não pelo bispo de Roma. Logo, a jurisdição romana não era universal. Era local e territorial – em Roma – assim como os demais bispos das demais igrejas cristãs locais, como a de Alexandria e a de Antioquia. Sobre esse cânon de Niceia, Paul Empie e Austin Murphy oportunamente ressaltaram:

"Parece **limitar a autoridade de Roma às sedes suburbicárias**. Isto pode refletir a situação real jurisdicional no final do século I. Niceia pressupõe uma liderança **regional** de Roma, mas não indica nada mais. Por conseguinte, conclui-se através do Concílio de Niceia, que **um primado romano de jurisdição universal não existe nem como uma construção teórica nem como prática de fato aguardando interpretação teórica**"[203]

Assim sendo, é impensável a ideia de um primado jurisdicional universal do bispo de Roma, que, de fato, tinha uma jurisdição *regional*, que se limitava à própria Roma. O máximo que os Pais da Igreja (ou os concílios) chegaram alguma vez a mencionar foi um "primado de honra" do bispo romano, em função de ser o bispo da cidade que era a capital do império, e não um primado jurisdicional de autoridade sobre as outras dioceses cristãs. É assim que até hoje a Igreja de Roma é considerada pelas Igrejas Ortodoxas,

[202] Concílio de Nicéia, Cânon VI.
[203] Paul Empie and Austin Murphy, Ed., Papal Primacy and the Universal Church (Augsburg: Minneapolis, 1974), Lutherans and Catholics in Dialogue V, pp. 72, 77.

como *primus inter pares* (primeiro entre iguais). Não que o seu bispo fosse o "chefe" soberano de toda a Igreja, mas que tinha a honra de ser o bispo da capital do império.

Isso explica perfeitamente o porquê que quando a capital do império passou a ser Constantinopla, séculos mais tarde, o bispo dessa cidade pela mesma razão passou a ter um primado de honra a seguir do bispo romano, como nos mostra claramente o Cânon 28 de Calcedônia:[204]

"Nós também promulgamos e decretamos as mesmas coisas sobre os privilégios da Santíssima Igreja de Constantinopla, que é a nova Roma. Pois os Padres justamente concederam privilégios ao trono de Roma antiga, **porque era a cidade real**. E os cento e cinqüenta religiosissímos bispos deram privilégios iguais ao santíssimo trono da Nova Roma, justamente julgando que a cidade é honrada com a Soberania e do Senado e goza de **privilégios iguais com a antiga Roma imperial**"[205]

Isso nos confirma em termos claros que essa "primazia" da Sé Romana em nada tinha a ver com algum status de "jurisdição universal" ou por possuir um "bispo universal", o que refutamos exaustivamente ao longo de todo este estudo com abundantes provas históricas. Tinha relação, sim, com um *primado de honra*, não por alguma autoridade divina, mas *por ser a capital do império*. Em outras palavras, se essa capital fosse qualquer outra, essa outra também teria um "primado de honra", e é por isso que o Cânon 28 de Calcedônia diz que Constantinopla teria **privilégios iguais** aos de Roma e era a "Nova Roma": porque a capital do império havia sido transferida a Constantinopla!

Isso fez com que Karl Joseph Hefele (1809 – 1893), a maior autoridade católica do século XIX, admitisse:

"Não posso entender como é possível, depois de ler as atas precedentes, imaginar-se sequer por um instante que os bispos deste Concílio considerassem os direitos em discussão como de origem divina, e que o ocupante da Sede de Roma fosse, jure divino, supremo sobre todos os pontífices. É bem possível, claro está, afirmar, como alguns fizeram, que as atas tais como as temos foram mutiladas, mas o argumento implica não só muitas dificuldades mas também não poucos absurdos; e não obstante não posso senão pensar que até esta hipótese extrema é preferível a qualquer tentativa de reconciliar as atas como as temos agora com a aceitação por parte dos membros do

[204] Uma abordagem mais aprofundada sobre esse Cânon 28 de Calcedônia pode ser conferida neste link: <http://conhecereis-a-verdade.blogspot.com.br/2010/11/o-canon-28-de-calcedonia.html>. Acesso em: 04/10/2013.
[205] Cânon 28 de Calcedônia.

concílio da doutrina de uma supremacia papal jure divino tal como é agora sustentada pela Igreja Latina"[206]

Quando, porém, o bispo de Roma, inflamado pelo orgulho e arrogância, quis se sobrepor a todos os demais bispos, ostentando para si o "título de blasfêmia"[207] que o próprio Gregório Magno havia rejeitado porque considerava ser do "precursor do anticristo"[208], houve o Cisma do Oriente:

"Ao contrário do que alguns historiadores afirmam, **o cisma é realmente 'do Ocidente', visto que foi a Igreja Romana quem se separou da comunhão de Fé das Igrejas Irmãs** (...) De fato, a Igreja de Roma, graças a fatores essencialmente políticos, de ambição do poder temporal, desenvolveu a partir da Idade Média, a doutrina da primazia do Papa (título, aliás, dado aos Patriarcas de Roma e de Alexandria) como último e, depois, como único recurso em matéria de Fé. Ora, isto era, é e será, completamente estranho à Tradição da Igreja dos Apóstolos, dos Mártires, dos Santos e dos Sete Concílios Ecumênicos"[209]

E também:

"Toda esta divergência de pontos de vista entre Roma, considerando-se única detentora da verdade e da autoridade, e as restantes Igrejas Irmãs, que desejavam manter-se fiéis ao espírito da Tradição herdada dos Apóstolos, acabou por resultar nos trágicos acontecimentos de 1054 e 1204. No dia 16 de julho de 1054, os legados do Papa de Roma entraram na Catedral de Santa (em Constantinopla, capital do Império), um pouco antes de começar a Sagrada Liturgia, e depositaram em cima do altar uma bula que excomungava o Patriarca de Constantinopla e todos os seus fiéis. **Esta separação oficial, decidida pela Igreja Romana, teria sua confirmação em 1204, quando os cruzados, que se intitulavam cristãos, assaltaram Constantinopla, saquearam e pilharam, fizeram entrar as prostitutas que traziam consigo para dentro do santuário de Santa, sentaram uma delas no trono do Patriarca, destruíram a iconostase e o altar, que eram de prata. E o mesmo aconteceu em todas as igrejas de Constantinopla**"[210]

A Igreja Católica Romana caiu pela mesma razão daquele que disse:

[206] Hist Conc 3:428 (citada em NPNF2, 14:295).
[207] Epístola XX de Gregório Magno a Maurício César (NPNF 2 12:170-171).
[208] Gregório Magno, a Maurícius Augustus.
[209] "O Cristianismo Ortodoxo em Perguntas e Respostas". Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/igreja_ortodoxa/o_cristianismo_ortodoxo_em_perguntas_e_respostas.html>. Acesso em: <04/10/2013.
[210] ibid.

"Subirei aos céus; erguerei o meu trono acima das estrelas de Deus; eu me assentarei no monte da assembleia, no ponto mais elevado do monte santo. Subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo" (Isaías 14:13,14)

Nada mais próprio para tratar do papado ao longo dos séculos do que aquilo que Salomão já havia escrito há milênios: "o orgulho precede a queda" (Pv.16:18).

20

O título de blasfêmia do precursor do anticristo

Como vimos, o bispo romano Gregório Magno rejeitou o título de "papa universal" porque, segundo ele, tal coisa tratava-se de um "título de blasfêmia"[211] de um "precursor do anticristo"[212]. Mal sabia ele que, alguns séculos mais tarde, os *próprios bispos romanos* iriam fazer aquilo que o bispo de Constantinopla estava arrogando para si mesmo naquela época: o título de bispo universal. Como o próprio Gregório previa, esse título não viria sem razão: viria para **preceder o anticristo**. E qual é o maior objetivo do anticristo? Paulo responde:

"O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus" (2ª Tessalonicenses 2:4)

"Se assentar como Deus no trono de Deus, fingindo-se de Deus".

[211] Epístola XX de Gregório Magno a Maurício César (NPNF 2 12:170-171).
[212] Gregório Magno, a Maurícius Augustus.

Será que algum papa fez isso?

Por incrível que pareça, é isso o que aparece explicitamente na encíclica promulgada pelo papa Leão XIII em 20 de Junho de 1894, dizendo:

"Nós detemos nesta terra **o lugar de Deus Todo-Poderoso**"[213]

O leitor que duvida da autenticidade do texto pode conferir o discurso completo do papa Leão XIII no link que estará disponível na nota de rodapé deste livro.[214]

O Quinto Concílio de Latrão, ocorrido entre os anos de 1512-1517 e convocado pelo papa Júlio II, declara exatamente as mesmas coisas expressas pelo papa Leão XIII séculos mais tarde: **de que o papa é Deus**. Foi com essas palavras que Christopher Marcellus se referiu ao papa durante o concílio recém-mencionado:

"Cuidemos não perder aquela salvação, aquela vida e fôlego os quais tu nos tem dado, pois tu és nosso pastor, tu és nosso médico, tu és nosso governador, tu és nosso esposo, **finalmente tu és outro Deus, sobre a terra**"[215][216]

Outro antigo documento católico, denominado *O Brilho dos Extravagantes* (do papa João XXII), se refere ao papa como: **"Nosso Senhor Deus o papa"** – no latim: ***"Dominum Deum Nostrum Papam"***:

"Crer que **nosso Senhor Deus, o papa**, não tem poder para decretar assim como ele tem decretado, deve ser considerado heresia"[217]

Century XIV.

ZENZELINUS DE CASSANIS.

Credere autem Dominum Deum nostrum Papam—conditorem dictae decretalis, et istius, sic non potuisse statuere, prout statuit, haereticum censeretur.—Gloss. in Extrav. Jo. xxii. Tit. 14, c. 4, in fin., col. 140, F., T. 3, Corp. Jur. Can.

But to believe that our Lord God the Pope, the establisher of said decretal, and of this, could not decree, as he did decree, should be accounted heretical.

[213] Papa Leão XIII, em *Praeclara Gratulationis Publicae.*

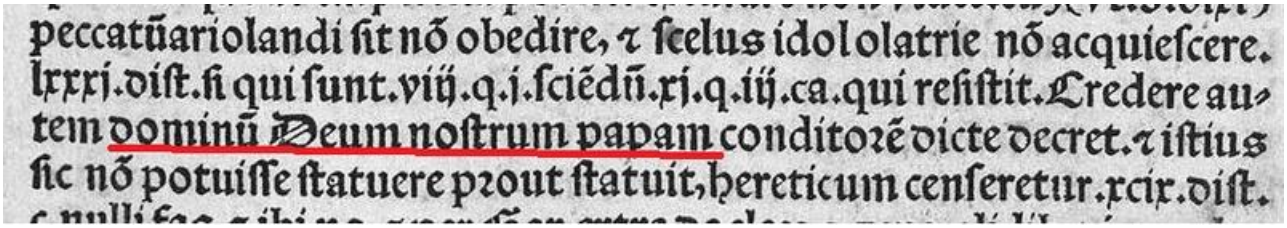
[214] <http://www.users.qwest.net/~slrorer/ReunionOfChristendom.htm>. A citação está no início do quinto parágrafo.

[215] Quinto Concílio de Latrão, ano 1512; Do Latim em Mansi SC, Vol. 32, col. 761.

[216] Também disponível online em: <http://books.google.ca/books?id=XykEAAAAQAAJ&pg=PA91&lpg=PA91#v=onepage&q&f=false>.

[217] O Brilho dos Extravagantes do papa João XXII, Inter, título 14, capítulo 4, "*Ad Callem Sexti Decretalium*", Coluna 140, Paris, 1685.

Aqui está um close do mesmo documento, impresso em 1543:


peccatũariolandi ſit nõ obedire, ꝛ ſcelus idololatrie nõ acquieſcere.
lxxxj.diſt.ſi qui ſunt.viij.q.j.ſciẽdũ.xj.q.iij.ca.qui reſiſtit.Credere au-
tem dominũ Deum noſtrum papam conditorẽ dicte decret.ꝛ iſtius
ſic nõ potuiſſe ſtatuere ꝓout ſtatuit,hereticum cenſeretur.xcix.diſt.

Outra forte evidência de que os papas jamais rejeitaram tais ***títulos de blasfêmia*** está no fato de que eles mesmos proclamam que a sujeição ao Pontífice Romano é absolutamente necessária para a salvação de toda criatura. Foi isso o que disse o papa Bonifácio VIII em 1302 em uma carta à Igreja Católica:

"Além disso, nós declaramos e definimos que é **absolutamente necessária para a salvação** que toda criatura humana esteja sujeita ao Pontífice Romano"[218]

A encíclica papal completa também poderá ser lida no link que estará disponível na nota de rodapé deste livro.[219]

O interessante é que biblicamente o único pré-requisito à salvação é se submeter a Jesus; **nunca** a Bíblia diz que é necessário se submeter a Pedro para ser salvo, o próprio Pedro negou isso em Atos 4:12, dizendo que há um único nome pelo qual devemos ser salvos, e em momento nenhum faz qualquer alusão a ele próprio, mas somente a *um único nome*, que é o de Jesus Cristo.

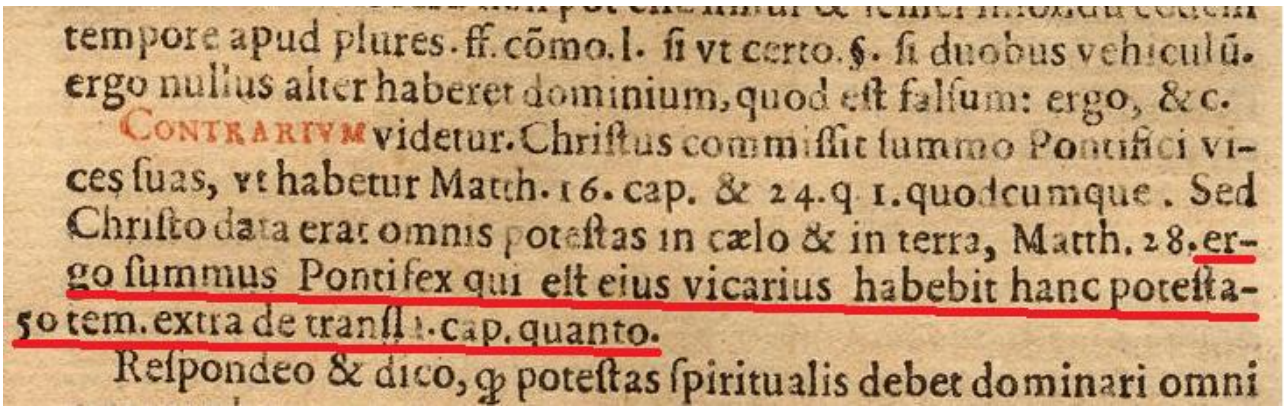
Em *Cruzando o Limiar da Esperança*, o papa João Paulo II declara que nomes como "Santo Padre" são aplicáveis ao papa, **ainda que chamá-lo assim seja contra o evangelho:**

"Não tenha medo quando as pessoas me chamam de 'Vigário de Cristo', quando dizem a mim 'Santo Padre' ou 'Sua Santidade', ou usam títulos semelhantes a estes, **que pareçam até mesmos hostis ao evangelho**"[220]

Isso quando não dizem que o papa **tem todo o poder no Céu e na terra assim como Deus:**

[218] Papa Bonifácio VIII, *Unam Sanctam*, Rome: 1302.
[219] <http://www.papalencyclicals.net/Bon08/B8unam.htm>
[220] Papa João Paulo II, "Cruzando o Limiar da Esperança": New York, 1995.

"Cristo confiou sua Igreja para o Sumo Pontífice (Mat 16:18; Mat 24:45), e todo o poder no Céu e na terra foi dado a Cristo (Mat 28:18). Portanto, o Sumo Pontífice, que é o seu vigário, tem esse poder"[221]


tempore apud plures. ff. cõmo. l. ſi vt certo. §. ſi duobus vehiculũ.
ergo nullius alter haberet dominium, quod eſt falſum: ergo, &c.
CONTRARIVM videtur. Chriſtus commiſſit ſummo Pontifici vices ſuas, vt habetur Matth. 16. cap. & 24. q 1. quodcumque. Sed
Chriſto data erat omnis poteſtas in cælo & in terra, Matth. 28. ergo ſummus Pontifex qui eſt eius vicarius habebit hanc poteſta-
50 tem. extra de tranſl. 1. cap. quanto.
Reſpondeo & dico, q̃ poteſtas ſpiritualis debet dominari omni

Essa tese, de que o papa tem todo o poder no Céu e na terra, provém de outra tese, como já vimos, de que o papa é o **vigário** de Cristo. Vigário significa ***substituto***. Portanto, quando dizem que o papa é o vigário de Cristo, nada a mais estão dizendo senão que o papa *substitui* Cristo aqui na terra, ou, como disse o papa Leão XIII: "ocupa o lugar de Deus Todo-Poderoso", porque Jesus é o Deus Todo-Poderoso!

Sendo assim, é normal vermos os próprios papas escrevendo que o Sumo Pontífice romano detém todos os poderes de Cristo sobre o Céu e a terra, pois é o substituto (vigário) dele. Isso é biblicamente uma **blasfêmia**, pois o único verdadeiro substituto que Cristo nos deixou foi o Espírito Santo (Jo.16:7), e não o papa. Desta forma, o papa não pode ser considerado "vigário" (nome que o próprio João Paulo II reconheceu que é hostil ao evangelho), mas ***usurpador*** de um título que não lhe foi confiado.

Uma famosa citação que está incluída no *Corpus Juris Canonici* do papa Inocêncio II declara que o pontífice romano "detém o lugar na terra, não de um mero homem, mas do verdadeiro Deus"[222]. Os documentos que formaram os Decretos foram reunidos por Graciano, que lecionava na Universidade de Bolonha no ano de 1140. Seu trabalho foi acrescentado e reeditado pelo papa Gregório IX em uma edição publicada em 1234. Outros documentos apareceram nos anos seguintes, incluindo os *Extravagantes* (que já conferimos aqui), que foram acrescentados ao final do século XV.

Todos estes, com o *Decretum* de Graciano, foram publicados como o *Corpus Juris Canonici*, em 1582. O papa Pio X autorizou a codificação em Direito Canônico em 1904, entrando em vigor em 1918. A citação abaixo é de quando Inocêncio III era papa:

[221] Extravagantes, Decretal. Greg. IX. de Transl. lib. i. tit. 7. c. 3. *'Quanto personam,'* Pope Innocent III.
[222] *Corpus Juris Canonici.*

"Aqueles quem o papa de Roma separou, **não foi um homem que os separou, mas Deus**. Pois o Papa detém um lugar na terra, **não simplesmente de um homem mas do verdadeiro Deus...** ele dissolve, não por autoridade humana, mas também por autoridade divina... **Eu sou em todos e sobre todos, logo o próprio Deus e eu, o sacerdote de Deus, temos ambos uma essência, e eu sou capaz de fazer quase tudo o que Deus pode fazer...** portanto, se estas coisas que eu digo **não são realizadas por um homem, mas por Deus, o que vocês fazem de mim senão Deus?** Novamente, se aos cardeais da Igreja, **Constantino os chama de deuses**, eu então estou acima de todos os cardeais, visto por esta razão que **estou acima de todos os deuses**"[223]

Depois de tudo o que vimos aqui, podemos chegar à conclusão de que títulos como estes abaixo não passam de nomes de blasfêmia e usurpação papal:

- **Vigário de Cristo**
- **Pontífice Máximo (ou Sumo Pontífice)**
- **Bispo ou Papa Universal**
- **Bispo dos Bispos**

O nome "vigário" de Cristo induz que o papa substitui Jesus Cristo aqui nesta terra, e, como Jesus era Deus, alguns papas creram, por conseguinte, que eles eram "outro Deus sobre a terra", com os mesmos poderes que Jesus Cristo exercia enquanto esteve entre nós. Trata-se, portanto, de um título blasfemo e de gravíssima heresia. O titulo de "bispo universal" ou "bispo dos bispos" é uma usurpação aos demais bispos, que na Igreja primitiva estavam em pé de igualdade com o bispo de Roma, e não em inferioridade.

Jesus não disse que Pedro exerceria domínio e autoridade sobre todos os demais; ao contrário, disse que entre os discípulos não haveria superioridade de ninguém sobre ninguém:

"Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações **as dominam**, e as pessoas importantes **exercem poder** sobre elas. **Não será assim entre vocês**" (Marcos 10:42)

Portanto, ***diferentemente das nações seculares***, as quais têm um governante que exerce poder e autoridade sobre as pessoas, no Cristianismo de Jesus não seria assim.

[223] *Decretales Domini Gregorii Papae IX* (Decretos do Senhor Papa Gregório IX), *liber 1, de translatione Episcoporum* (na transferência dos bispos), título 7, cap. 3; *Corpus Juris Canonici* (2ª edição Leipzig, 1881.), col. 99, (Paris, 1612), tom. 2, Decretales, col. 205.

Um somente é o nosso Chefe (que exerce liderança), que é o próprio Jesus, e todos os demais são "irmãos", isto é, no mesmo grau de autoridade:

"Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque **um só é o vosso Mestre**, a saber, o Cristo, e **todos vós sois irmãos**" (Mateus 23:8)

"Também não sereis chamados de líderes, **pois um só é vosso líder, o Cristo**" (Mateus 23:10)

E o título de "Pontífice Máximo" talvez seja o pior de todos eles, pois, além de colocar o bispo de Roma como superior a todos os demais bispos e de usurpar o título que biblicamente compete única e exclusivamente a Jesus Cristo, ainda é fruto de um **sincretismo pagão**, pois era o título usado pelos imperadores romanos da época:

ROMA
Aqui esta uma moeda na coleção do museu britânico, cunhada em 71 A.D. durante o reinado de Vespasiano (69-79A.D.) declarando-o como pontifice máximo (titulo que depois foi adotado pelo Papa). A qual descreve a cidade de Roma, Como uma deusa sentada em sete montes e como uma loba alimentando Rômulo e Remo.
(A foto acima foi extraída do livro The Prophetic Faith of Our Fathers de Le Roy E. Froom, Volume I, pág. 160, Copyright 1950 pela Review and Herald Publishing Assoc., Washington D.C.)

(Na descrição podemos ler: "Aqui está uma moeda na coleção do museu britânico, cunhada em 71 d.C durante o reinado de Vespasiano (69 – 79 d.C), declarando-o como pontífice máximo (título que depois foi adotado pelo papa). Ele descreve a cidade de Roma como uma deusa sentada em sete montes e como uma loba alimentando Rômulo e Remo)

MARTINVS · V · COLVMNA · PONT · MAX ·
QVEM · CREANT · ADORANT ·
ROMÆ

EVGENIVS · IIII · PONT · MAX ·
QVEM · CREANT · ADORANT ·
ROMÆ

LEO · X · PONTIFEX · MAX ·
QVEM · CREANT · ADORANT ·
ROMÆ

As medalhas acima ilustram a coroação do papa. O lema inverso é: **"QVEM CREANT ADORANT ROMAE"**, que significa: **"A QUEM ELES CREEM E ADORAM EM ROMA"**. Como se vê, até mesmo as próprias moedas papais mostram claramente a usurpação, paganismo e idolatria em torno do papa. A verdade é óbvia e incontestável, e exatamente por isso que quem a rejeita é indesculpável no juízo de Deus.

"Pois o coração deste povo se tornou insensível; de má vontade ouviram com os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos. Se assim não fosse, poderiam ver com os olhos, ouvir com os ouvidos, entender com o coração e converter-se, e eu os curaria" – Mateus 13:15

"Pois o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo" – 2ª Coríntios 4:4

Considerações Finais

Depois da leitura de todo este livro, é possível que um católico permaneça sendo católico, mas não é possível uma coisa: que honestamente continue acreditando no primado de Pedro em Roma e na primazia dos bispos romanos através dos séculos. Mas, se Pedro nunca foi papa e se os papas atuais não são sucessores de Pedro e não tem nem de longe todo o poder e autoridade que arrogam para si mesmos, como alguém poderá crer que estes mesmos papas instituíram dogmas "infalíveis", e que a doutrina da Igreja Romana nunca se desviou nem caiu em apostasia?

Ora, a doutrina do primado de Pedro e do bispo romano é fundamental para a sobrevivência das demais doutrinas. É um pilar principal, sobre o qual todas as outras doutrinas católicas estão dependentes. Se cai esse pilar, caem todos os outros, como em um efeito dominó. Se o primado jurisdicional de Pedro e dos bispos romanos nunca existiu, então toda a autoridade da Igreja Católica Romana é destituída, visto que ela errou bem exatamente naquilo que havia de mais importante, onde não poderia errar.

Se o "Sumo Pontífice" é uma farsa, e não o *verdadeiro Sumo Pontífice*, pois nosso único Sumo Pontífice é Jesus Cristo, então todos os outros dogmas e ensinos da Igreja Romana são igualmente falhos, com ampla possibilidade de serem falsos, assim como o seu próprio Sumo Pontífice é. A Igreja Católica não estaria sob a direção de um Sumo Pastor infalível, mas falível. Não estaria sobre uma pedra inabalável, mas abalável. Não estaria edificada sobre a Rocha, mas sobre a areia movediça.

Se o papa não é o vigário de Cristo que todo mundo pensa, mas um impostor que está no lugar de Deus não por escolha divina, mas por usurpação, então toda a Igreja Católica Romana está à deriva, seguindo os rumos que a soberba e o orgulho de seus bispos a levaram, acrescentando cada vez mais doutrinas antibíblicas com o passar dos séculos e se escondendo atrás de um falso manto de infalibilidade, que nada mais é do que uma falibilidade revestida de vaidade, altivez e vanglória.

Se o papa não é o representante de Deus na terra, mas um «precursor do anticristo», sua Igreja não é de Cristo, é apóstata. Se o "bispo universal" não é uma terminologia apropriada ao bispo romano, mas um «título de blasfêmia», os papas não são piedosos servos de Deus a serviço dos santos, mas lobos que conduzem o rebanho para a perdição. Alguns podem até demonstrar simpatia, santidade e humildade como *pessoa*, mas como *bispo* prega doutrinas perniciosas, a serviço do "deus deste século, que cegou o entendimento dos descrentes" (2Co.4:4).

Se os papas não são infalíveis chefes da Igreja, eles são hereges que se passam por isso. Segue-se, então, que «toda a Igreja universal cai do seu pedestal, quando aquele que é chamado universal cai». Se ser "bispo dos bispos" não é um título verdadeiro, mas um «título de soberba», ele está diminuindo a importância de todos os demais bispos, tirando-lhes a sua devida honra.

Se o nosso «único Sumo Pontífice do Universo» é Jesus Cristo, então todos os papas de Roma que já tomaram para si este nome estão usurpando o nome que cabe somente a Deus, apoderando-se daquilo que pertence exclusivamente a Cristo, blasfemando contra ele, tentando se apossar daquilo que é de Deus, querendo se fazer ele próprio um deus, igual os imperadores romanos faziam no passado.

Da mesma forma que os imperadores romanos pagãos eram chamados "Deus" pelo povo, os bispos de Roma são chamados "vigários" (substitutos) de Deus na terra, e por vezes reconhecidos abertamente como "um deus", com poderes plenos, supremos e universais na Igreja. Da mesma forma que os imperadores romanos pagãos tomaram para si o título de *Pontifex Maximus*, os bispos de Roma usurparam este título posteriormente. Da mesma forma que os imperadores romanos pagãos perseguiram, torturaram e mataram milhares de cristãos por três séculos[224], os bispos de Roma empregaram a Santa Inquisição para perseguir, torturar, queimar e matar milhões de cristãos por três séculos.[225]

E aquele mesmo orgulho ostentado pelos imperadores romanos, de quererem conquistar o mundo todo e se colocarem acima de todas as outras nações e de todos os outros reis, que fizeram de Roma a "grande cidade que reina sobre os reis da terra" (Ap.17:18), é o mesmo espírito que reina nos bispos de Roma, que ostentam para si mesmos a primazia, o primeiro lugar, o pontificado máximo, o poder sobre todos, o domínio sobre todos, o primado sobre todos e a autoridade sobre todos, e fizeram da Igreja Romana "a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra" (Ap.17:5).

E, por serem a capital do império, ostentaram a mesma posição de poder que jamais foi dada por Jesus Cristo a algum bispo: o de Sumo Pontífice, assim como os imperadores romanos. O espírito daquele que quis subir mais alto que as nuvens e ser como o Altíssimo (Is.14:14) está vivo, e está entre nós. Ele ostenta o primeiro lugar. Ele quer ser como Deus, quer o lugar de Deus, quer ser o *substituto* dele, o seu *vigário* sobre a terra.

[224] A perseguição do império romano aos cristãos durou desde a fundação da Igreja no início da era cristã até o Édito de Constantino, em 321 d.C, que concedeu liberdade religiosa aos cristãos.
[225] A perseguição do outro "império romano", o da Igreja papal medieval, teve o seu apogeu de 1229 até o século XVI, embora tenha prosseguido formalmente até 1821.

Se Cristo é o Sumo Pontífice celestial, ele quer ser o terreno. Se Jesus tem todo o poder no Céu e na terra, ele diz possuir na Igreja "poder pleno, supremo e universal, e ele pode exercer sempre livremente este seu poder"[226]. Se Cristo é o fundamento da Igreja, ele quer que esse fundamento seja *ele* mesmo. Se Cristo é Deus no Céu, ele quer ser Deus na terra. Se o reino de Cristo não é deste mundo (Jo.18:36), ele quer um reino neste mundo[227], para competir com o Reino dos céus. Se a um só devemos chamar "pai" na terra, que é Deus (Mt.23:9), ele quer um "papa" terreno. Se um só deve ser o líder, que é Cristo, e todos os demais irmãos (Mt.23:8), ele quer ser um chefe da Igreja.

Se as pessoas se prostravam aos pés de Cristo enquanto esteve na terra, ele aceita e deseja que se prostrem diante dele e beijem as suas mãos. Se o trono de Deus e a cidade celestial são feitos de ouro puro (Ap.21:8), ele também quer se sentar em um trono de ouro, vestindo-se com linhos finos e adornado com ouro e pedras preciosas (Ap.18:16), possuindo literalmente a instituição mais rica do mundo. E, se Cristo tem o seu povo eleito espalhado na terra, ele quer reunir o máximo de seguidores para o seu lado.

Então, a questão principal não é se um católico pode continuar católico após a leitura deste livro. É se ele deixará que a verdade que liberta execute seu trabalho, ou se seguirá resistindo ao Espírito Santo pelo orgulho – pela mesma razão que causou a queda de Satanás e dos pontífices romanos – em vez de dar ouvidos Àquele que diz:

"Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas" (Apocalipse 18:4)

Por Cristo e por Seu Reino,
Lucas Banzoli.

[226] Catecismo Católico, §882.
[227] Estado do Vaticano.

-Visite meus sites e blogs:

-Apologia Cristã (apologiacrista.com)
-Artigos de apologética cristã sobre doutrina e moral.

-Desvendando a Lenda (desvendandoalenda.blogspot.com)
-Refutando a imortalidade da alma.

-Heresias Católicas (heresiascatolicas.blogspot.com)
-Artigos sobre o Catolicismo Romano.

-Preterismo em Crise (preterismoemcrise.blogspot.com)
-Artigos sobre preterismo e escatologia.

-O Cristianismo em Foco (ocristianismoemfoco.blogspot.com)
-Reflexões cristãs e estudos bíblicos.